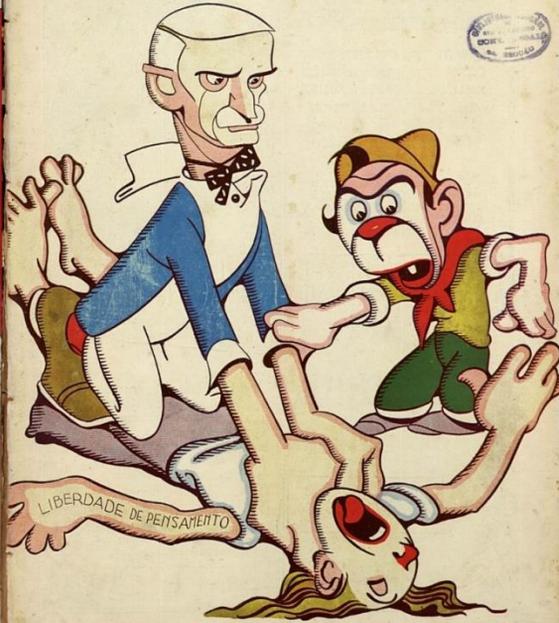


À BEIRA DO TUMULO

BORGES DE MEDEIROS: — Cidade! Se aproveitar outra carta por ali, dá estaca a cauda!



O ESTRANGULADOR

ANTONIO CARLOS: — Mare, domada! Mare, ...



O INSUCESSO DO CANTADOR

GETULIO: — ...Nunca volte loco volar, na minha vida!

  
Coleção  
Documentos  
**95**

# A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA O MALHO

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

  
EDIÇÕES BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE

  
BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALIANÇA LIBERAL E O  
ANTAGONISMO DE PARTE DA  
REVISTA ILUSTRADA E  
HUMORÍSTICA *O MALHO*





## Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

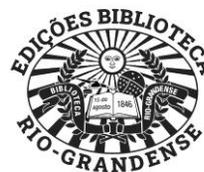
# A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA *O MALHO*



- 95 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande  
2024

Ficha Técnica

Título: A Aliança Liberal e o antagonismo de parte da revista ilustrada e humorística *O Malho*

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 95

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: O MALHO. Rio de Janeiro, 5 out. 1929; 19 out. 1929; e 2 nov. 1929.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Dezembro de 2024

ISBN – 978-65-89557-96-8

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

## ÍNDICE

Aliança Liberal e *O Malho*: dois brevíssimos históricos / 9

*O Malho* e o antagonismo para com a Aliança Liberal (1929) / 49



ALIANÇA LIBERAL E *O MALHO*:  
DOIS BREVÍSSIMOS HISTÓRICOS

O ano de 1929 teria o significado de um ponto de inflexão na formação histórica brasileira, oriundo tanto de fatores internos quanto da conjuntura mundial estabelecida a partir daquele momento. A crise estrutural internacional que fazia sentir seus efeitos cada vez mais drasticamente trazia consigo um processo pelo qual os apoios a um projeto de mudança ganhavam terreno, na busca de uma via alternativa às dificuldades que se antepunham. No contexto da época, notadamente na América Latina, tendo em vista “o impacto político da depressão”, os “governos ou partidos governantes” caíam “como paus de boliche à medida que o colapso nos preços mundiais de seus produtos básicos de exportação quebrava suas finanças”<sup>1</sup>.

Nesse quadro, “o problema principal consistia em saber de que modo a economia brasileira enfrentaria uma crise de tão graves proporções e de efeitos tão profundos”<sup>2</sup>. Tratava-se de uma “crise catastrófica”, ainda mais tendo em vista “a estrutura econômica do país, baseada na monocultura cafeeira”, a qual cada vez mais se tornava “extremamente vulnerável, por depender de um único produto de exportação, em um mundo” que tendia crescentemente “à autarquia e ao protecionismo”<sup>3</sup>. Além disso, tal crise afetou “o Brasil de maneira profunda”, de modo que “a agricultura, a indústria e as finanças” sofreram “o impacto da

---

<sup>1</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 109.

<sup>2</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da burguesia brasileira*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 247.

<sup>3</sup> FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1976. p. 93.

situação, principalmente a primeira delas”, ainda mais porque “a economia brasileira” era “voltada para a exportação de matérias-primas”<sup>4</sup>.

Terminado o conturbado governo de Arthur Bernardes, ele foi substituído por Washington Luís, com a retomada da alternância “café-com-leite” e mantendo o pacto estabelecido em 1921, com a posse do novo Presidente em novembro de 1926. Nesse meio tempo, surgiria uma dissidência em meio à oligarquia paulista, com a formação do Partido Democrático<sup>5</sup>. Os tenentes viam o seu principal inimigo conseguir encerrar o seu mandato e, em fevereiro de 1927, a Coluna Prestes – Miguel Costa optaria pelo exílio na Bolívia. No sul, várias mudanças ocorriam no cenário regional, pois Borges de Medeiros, impedido de buscar mais uma reeleição, viria a ser substituído por uma jovem presença política do partido governista gaúcho. Tratava-se de Getúlio Vargas, que desenvolveria intensa ascensão política, primeiro no quadro estadual, e depois no nacional, chegando a Deputado Federal, em 1926, para depois ocupar o Ministério da Fazenda do governo Washington Luís e, em 1928, transformar-se no governador gaúcho, substituindo Borges de Medeiros.

Getúlio Vargas, portanto, tivera a sua formação política alicerçada no sistema castilhistaborgista, embasado em um modelo autoritário e de centralização político-administrativa. Diante da crise que avançava no seio da economia gaúcha, Vargas encontrou um ambiente razoavelmente favorável

---

<sup>4</sup> CARONE, Edgard. *Brasil – anos de crise (1930-1945)*. São Paulo: Ática, 1991. p. 14.

<sup>5</sup> PRADO, Maria Lígia Coelho. *A democracia ilustrada (o Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934)*. São Paulo: Ática, 1986.

para amainar as históricas disputas partidárias regionais, e conseguir uma reaproximação, ainda que instável, das forças políticas gaúchas. A situação econômica do país passava por amplas dificuldades, revelando que o sistema oligárquico já dava sinais de extenuação. Havia também um clima de conturbação social, com manifestações e greves espocando, despertando a conseqüente repressão governamental. Diante disso, se estabeleceria uma conjuntura propícia à formação de mais uma ruptura oligárquica por ocasião do processo sucessório de Washington Luís, com o surgimento de uma nova dissidência, a Aliança Liberal.

Assim a mais importante ruptura oligárquica da República Velha foi representada pela formação da candidatura oposicionista conhecida como Aliança Liberal. A indicação da candidatura de Júlio Prestes, um representante de São Paulo, de parte do Presidente Washington Luís, temerário da não continuidade da política de valorização do café, com maior ênfase a partir dos efeitos da Crise de 1929, levou ao rompimento por parte da oligarquia mineira, esperançosa em ver o seu governante, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, guindado à condição de candidato oficial. Tratava-se de uma ruptura entre as oligarquias centrais, e à mineira somou-se a dissidência paulista, representada pelo Partido Democrático e várias oligarquias periféricas, dentre elas algumas nordestinas e a gaúcha.

O estabelecimento da Aliança Liberal, com a união de mineiros, paulistas dissidentes e várias oligarquias periféricas, que passaria a sustentar a campanha do gaúcho Getúlio Vargas e do paraibano João Pessoa, parecia a

grande oportunidade de vitória contra o candidato situacionista. A formação dessa frente, entretanto, não constituiu um processo de simples execução, havendo uma série de articulações, avanços e recuos, até que resultasse na edificação definitiva do bloco aliancista. A oligarquia rio-grandense, mormente por meio de Getúlio Vargas, ainda mais depois da formação de uma Frente Única Gaúcha, representaria importante papel nessas tratativas, revelando, inclusive, as tantas incertezas que cercaram tais acordos.

Entre os sul-rio-grandenses havia um receio latente que se repetissem os episódios da campanha da Reação Republicana, a qual, no início dos anos vinte, colocara o Rio Grande do Sul e outras oligarquias periféricas em oposição ao candidato situacionista apoiado pelas oligarquias centrais. Naquela oportunidade, a existência de uma chapa oposicionista foi também um incentivo à proliferação do tenentismo, movimento da jovem oficialidade de combate às estruturas da República Velha. Com a derrota da Reação Republicana e o acirramento das rebeliões tenentistas, os dissidentes tiveram muito trabalho para desprender-se de qualquer cumplicidade com a revolta militar, sustentando que sua postura oposicionista encerrara-se com a apuração do resultado das urnas. Para os gaúchos, a participação na Aliança Liberal parecia uma oportunidade para chegar ao poder central, mas permaneciam sérios receios em relação ao passado recente e, mais ainda, havia muita desconfiança quanto aos aliados de última hora.

Essas idas e vindas até a culminância do lançamento da Aliança Liberal, podem ser observadas por uma série de correspondências trocadas por Getúlio

Vargas e acordos estabelecidos<sup>6</sup>. Dentre elas esteve a carta enviada por Vargas a João Neves da Fontoura, representante da oligarquia gaúcha responsável pelas articulações no centro do país, a 15 de junho de 1929. A abertura da correspondência já revelava que as negociações eram então travadas sigilosamente, quase que como um segredo de Estado, tanto que o próprio Vargas afirmava que ficara “apreensivo com os teus telegramas cifrados”, chamando atenção para que Fontoura não lançasse “mão desses recursos para comunicação de tal natureza”, uma vez que “tais despachos podem, facilmente, ser traduzidos no telégrafo”, havendo “mesmo especialistas destacados para esse serviço, nas épocas de crise”.

Na mesma direção, Getúlio Vargas recomendava que João Neves da Fontoura se utilizasse de cartas, enviadas a partir de pessoas de confiança, indicando assim que, “embora mais demorado, convém manter a correspondência epistolar”. Especificamente sobre a situação política do momento, Vargas afirmava que não acreditava “no êxito de uma candidatura lançada só por Minas”, mas avisava que levantar “um nome do Rio Grande como candidato de luta não é aconselhável”. Para ele, tal candidatura deveria ser evitada “no interesse geral”, afirmando: “nem eu aceitaria, porque não sou candidato; quer dizer, não pleiteio essa posição, não a desejo”; alinhavando ainda que “só aceitaria se obtivesse o concurso das correntes políticas

---

<sup>6</sup> Todos os documentos observados a partir de: A REVOLUÇÃO DE 30: TEXTOS E DOCUMENTOS. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.; BONAVIDES, Paulo & AMARAL, Roberto. *Textos políticos de História do Brasil*. 3.ed. Brasília: Senado Federal, 2002. v. 4.; e SILVA, Hélio. *1926: a grande marcha*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

dominantes”, pois, “por um acordo secreto com Minas, nem é viável”. Getúlio Vargas já apresentava uma das marcas registradas de sua carreira política em nível nacional, buscando demonstrar-se desinteressado, sem desejar o poder, mas esperando a melhor oportunidade de abocanhá-lo.

As tratativas continuaram e, em seguida, a 17 de junho de 1929, ficou estabelecido o “Acordo entre Minas Gerais e Rio Grande do Sul para a sucessão presidencial”, acertado entre os líderes da bancada mineira e gaúcha, José Bonifácio de Andrada e Silva e João Neves da Fontoura, ficando determinados vários pressupostos de execução. De acordo com tal aliança, “se o Presidente da República propuser inicialmente como candidato à Presidência um nome de político mineiro, o Rio Grande apoiará esse nome”; mas, “se o Presidente inicialmente propuser qualquer outro nome, a política mineira proporá, impugnando a sugestão, o nome do Dr. Getúlio Vargas”. A tentativa de garantias ficava expressa em outra determinação do Acordo, pela qual, uma vez proposto o nome de Vargas, “a política mineira não mais o abandonará, dispondo-se, inteiramente, a lutar por ele até o final”.

O Acordo mineiro-gaúcho propunha ainda que “a situação rio-grandense dominante obriga-se a fazer sua, ao lado de Minas, a candidatura” de Vargas, “ficando inteiramente presos os dois estados a essa solução, da qual não poderão afastar-se a não ser de mútuo acordo”. Além disso, a aliança previa que ficava “armado entre os dois estados o compromisso de agirem em solidariedade e completa identificação” no que tange “à marcha dos acontecimentos políticos”. Tal acerto estabelecia também que, no caso da escolha “de outro nome de

político mineiro” que não fosse o de Antônio Carlos, este só aceitaria, caso a vice-presidência coubesse à indicação gaúcha. Finalmente, para não arranhar o ego da velha liderança política rio-grandense, o Acordo estipulava que todas as garantias ali estabelecidas em relação a Vargas, se estenderiam a Borges de Medeiros, “cuja candidatura Minas sentirá a maior satisfação em sustentar, ao lado do Rio Grande do Sul”, tendo em vista “o grande apreço em que tem as suas virtudes republicanas e os seus inestimáveis serviços ao regime”.

Apesar de tal mecanismo, carregado de medidas de segurança de parte a parte, revelando as desconfianças mútuas, Vargas continuaria a sustentar incertezas, como o fez em nova carta a João Neves da Fontoura, de 26 de julho de 1929. Na missiva, o político se referia à ruptura entre paulistas e mineiros, mas demonstrava dúvidas quanto à própria realidade sul-rio-grandense e à fragilidade de uma frente única que reunia situacionistas e oposicionistas, separados até então por décadas de ódios e paixões partidárias. Nesse sentido, Getúlio fazia alusão a um “assunto muito mais sério”, afirmando não confiar “na nossa frente única diante do choque provável”, já que havia “velhas prevenções e rivalidades difíceis de apagar entre os dois partidos”.

Nessa linha, desconfiado dos alcances da Frente Única Gaúcha, Vargas destacava que entre os oposicionistas rio-grandenses, “em algumas localidades, a intransigência é tal que o próprio diretório central não teria forças para impor uma mudança de atitudes”. De acordo com o político, diante de tais condições, poderia haver até mesmo a desistência da oposição, abandonando a coesão para a aliança com Minas Gerais. Getúlio Vargas esclarecia ainda que outros

elementos lhe traziam preocupações, acrescentando aos fatores de ordem regional, “a corrupção paulista, a promessa de compensações, a pressão sobre o funcionalismo”, entre outros que “poderiam acarretar sensíveis modificações no nosso equilíbrio político”. Dando vazão a suas incertezas, Vargas afirmava que caso seu nome não viesse a evitar “nem mesmo a fragmentação política do Rio Grande”, perderia “sua principal força de expressão e o maior esteio de ordem moral que justificaria” sua atitude, crescendo as dúvidas em relação ao âmbito nacional.

Outro político ascendente da oligarquia gaúcha, Osvaldo Aranha, que também trabalhou na construção da candidatura varguista, mostrou-se bem mais entusiasta e confiante. Em correspondência para Getúlio Vargas, de 26 de julho de 1929, Aranha tecia apreciações acerca da situação política nacional e afirmava que a candidatura de Vargas seria lançada por Minas e “a vitória será nossa afirmação”. Nesse sentido, propunha que se organizasse “imediatamente a batalha”, a qual traria “todas as promessas de vitória”, uma vez que, além de Minas e Rio Grande, havia “elementos em todo o país”, de modo que “somos fortes e estamos decididos”. Osvaldo Aranha ainda sentenciava que “teremos luta e bravía”, mas “a capitulação é que será a nossa vergonha e a eliminação definitiva do Rio Grande da vida política do Brasil”.

Mantendo o tom de confiança e de exortação, Osvaldo Aranha afirmava que “o nosso futuro está em um acordo digno ou em uma luta bravía”. Revelando as relações coronelísticas de predomínio unipessoal, Aranha exclamava a Vargas: “És o árbitro. Aguardo a tua palavra. Imagino a tua situação. Estou,

entretanto, tranquilo e confiante. Conheço-te”. Ainda a esse respeito, Osvaldo Aranha dizia saber que Vargas decidiria “com acerto e dignidade, medindo os homens, os horizontes e as consequências”. Sustentando um discurso que caracterizaria a ação política de Getúlio, voltada a um propalado e pouco provável desinteresse pelo poder, Osvaldo Aranha conclamava: “Nada pedes para ti, mas nada podes deixar de fazer para o Rio Grande”, de modo que “chegamos a uma situação em que a tua pessoa é o nosso presente e o nosso futuro.” Ao encerrar a missiva, Aranha voltava a incorrer em conclamação reveladora do poder unipessoal, afirmando: “É um grande destino resumir tanta responsabilidade. Só tu serás capaz de carregá-lo sem vacilações neste momento. Decide, resolve e ordena”.

Pouco depois, a 29 de julho de 1929, o mesmo Osvaldo Aranha reforçava sua postura otimista, em nova missiva endereçada a Vargas. Ao descrever as possíveis adesões à Aliança, o político gaúcho mais uma vez exortava Getúlio Vargas a seguir em frente, afirmando que “a proclamação da tua candidatura por Minas é o começo da ação decisiva”, de modo que “já não pensamos mais em abrir mão do teu nome”, pois tal ato “seria abrir mão da vitória”. Novamente tecendo rasgados elogios à liderança política de Getúlio, Aranha dizia a ele que “qualquer outro nome não teria resistido”, uma vez que “teria sido enterrado vivo”, de maneira que “não há outro nome”, pois Vargas teria vencido “a anarquia”, de modo que “ninguém poderá deter tua vitória, depois de passada a provação”.

Nessa conjuntura, outra correspondência foi a enviada por Getúlio Vargas ao antigo líder político gaúcho Borges de Medeiros, datada de 31 de julho de 1929. Nela Vargas relatava a “marcha que tiveram os acontecimentos relativos à sucessão presidencial da República”, explicando que “reunida em Belo Horizonte, a executiva do Partido Republicano Mineiro” homologara, “por unanimidade, a candidatura rio-grandense, que se torna, assim, candidatura de Minas”. Além disso, informava que “a Paraíba aderiu a nós”, estando “conosco, igualmente, as oposições de quase todos os estados”. Complementando o quadro de formação da Aliança Liberal, em termos nacionais, Vargas esclarecia que “os democráticos de São Paulo comprometeram-se, também, a votar na chapa liberal”.

Na carta a Borges, Getúlio Vargas fazia também referências ao contexto regional, destacando que naquele momento iria se pronunciar a oposição sul-rio-grandense, de modo que, “se nos for favorável a sua decisão, como o espero, à vista de opiniões que conheço, o Rio Grande apresentará assim uma confortadora unanimidade”. Confirmada tal perspectiva, Vargas considerava que disso adviriam “benefícios, também, para o completo apaziguamento das paixões entre nós”, sendo essa “esperança o que mais ainda” animava suas expectativas. Concluindo seu parecer, Getúlio apreciava que “o balanço geral das forças eleitorais, em todo o país, nos é favorável”, mas ressaltava que os adversários situacionistas contavam, “sobretudo, com os elementos decorrentes da circunstância de terem ao seu lado o poder central”, quadro diante do qual se

abria “a perspectiva de uma luta áspera, que não desejo, de consequências imprevisíveis”.

No mesmo dia 31 de julho de 1929, Getúlio Vargas enviava carta para Osvaldo Aranha, demonstrando sua posição diante dos acontecimentos. Na correspondência, Vargas admitia ter “grande apreço” pelo Presidente Washington Luís, considerando-o como “um homem digno e merecedor de todo acatamento”, mas que aquela contingência não poderia ser resolvida “por motivos pessoais”. Mantendo o tom de que aquela candidatura estava além de suas próprias vontades, Vargas propalava: “Eu não me apresentei candidato. Fui apresentado pelo estado de Minas” em sua “unanimidade”, de modo que “à Minas é que cabe decidir”. Diante disso, Getúlio argumentava que, caso houvesse um acordo entre o Presidente e os mineiros, ele estaria “pronto a abrir mão da candidatura”, dizendo que o faria “sem pesar, antes com a satisfação de quem tira dos ombros um pesado fardo”. Revelando suas verdadeiras intenções, Vargas concluía destacando que: “Se isso não for possível, iremos à luta esboçada”.

Já quase em meados de agosto de 1929, no dia 12, Getúlio Vargas enviava nova carta para Osvaldo Aranha, na qual ainda ficava bem demarcado o espírito da incerteza. Na correspondência Vargas revelava que “apesar das aparências, as coisas não marcham em mar de rosas”. De acordo com Getúlio, a campanha situacionista e oposicionista encontrava-se em um “estado de equilíbrio de forças”, de modo que lhe parecia que, “com o tempo e o esforço os nossos adversários tendem a melhorar”, uma vez que dispunham “de mais recursos e

contam com a força avassaladora do poder central”. Nesse sentido, o líder gaúcho continuava em dúvidas quanto aos alcances da candidatura oposicionista.

Ao contrário de Neves da Fontoura e Osvaldo Aranha, outro político que fazia parte do staff varguista, Lindolfo Collor, não se mostrava tão otimista, como expressava em carta a Vargas, de 12 de agosto de 1929. Nessa linha, Collor afirmava que iria dizer “sem subterfúgios” o que pensava, explicando estar “certo de que em uma eleição honesta o nosso triunfo seria indiscutível como a luz do sol”, mas que tinha “dúvidas sobre a lisura do pleito” prevendo “que o Governo Federal não poupará meios para evitar a nossa vitória, num simulacro de eleição”. De acordo com tal perspectiva, Lindolfo Collor não acreditava que o regramento eleitoral brasileiro poderia permitir uma vitória oposicionista, advindo daí seus receios. Além disso, Collor tivera de lidar alguns anos antes com os efeitos da derrota da Reação Republicana, sendo ele, inclusive, o responsável por justificar a posição do Partido Republicano Rio-Grandense nas páginas do jornal oficial da agremiação partidária.

Nesse sentido, Lindolfo Collor citava que todos tinham “bem recente na memória e na experiência, o desfecho da Reação Republicana”, de modo que dela deveriam ser recolhidos “vários ensinamentos”. Segundo Collor, “toda a coligação de esforços tendente apenas à conquista de poder é por de mais precária, não sobrevive ao fragor da derrota e causa males” irreversíveis “aos estados que nela se aventuram”. Ele explicava que “os aliados da véspera tornam-se os piores inimigos, divididos por injustos e recíprocos

ressentimentos e retaliações”, de maneira que “o que começou mal, à falta de um forte laço de idealidade, acaba pior ainda”. A respeito da participação dos tenentes, Collor declarava que “a intromissão de elementos extremistas na coligação e a crescente exacerbação de ânimos” poderia conduzir “a uma situação em que talvez nos seja impossível evitar a desordem material”. Lindolfo Collor chegava a prever a possibilidade de uma revolução, da qual não tinha certeza sobre quem recolheria “o fruto da vitória material”.

Apesar de tantas dúvidas, o caminho da continuidade da chapa oposicionista foi mantido. A crença maior estava vinculada ao fato de que a vitória da oposição poderia se desencadear a partir do racha entre as oligarquias centrais e da conjuntura internacional. Contavam os aliancistas com o apoio de mineiros, dissidentes paulistas e várias oligarquias periféricas, além de imaginar que os efeitos da Crise de 1929 seriam indeléveis para a derrocada do regime vigente. Vargas e seus seguidores lançaram uma plataforma para a campanha presidencial, prevendo um programa amplo e difuso, que vislumbrava interesses de vários segmentos da sociedade brasileira, tendo em vista os desígnios do largo espectro de apoiadores. A campanha se desenvolveu, mas o resultado eleitoral revelaria que as incertezas expressas por Vargas em meio às correspondências trocadas tinham razão de ser. A estrutura vigente comprovara que o único caminho viável era a vitória situacionista. Para a chegada ao poder, restou a opção revolucionária, para o qual, mais uma vez desencadeou-se uma série de tratativas, com idas e vindas, avanços e recuos, dúvidas e incertezas.

A chapa da Aliança Liberal apresentava-se como diferenciada em relação ao regime oligárquico vigente, ainda que a maior parte de seus membros estivesse até então vinculada ao modelo reinante. A ideia fundamental era apresentar uma proposta de mudança, a qual ficaria sintetizada na perspectiva da modernização em vários setores da vida nacional, fundamentalmente no que tange à economia, com um projeto de reordenar o gerenciamento econômico do Brasil, vislumbrando outros interesses regionais que não apenas os das oligarquias centrais. O ideário modernizador visava a também buscar alternativas para o combalido modelo econômico que vigorou ao longo da República Velha, ainda mais diante da crise sem precedentes que se fazia sentir. Apenas para exemplificar as dificuldades econômicas do Brasil, a cotação da saca de café, mais importante produto de exportação do país, era de 200.000 réis em agosto de 1929, mas, após os graves efeitos da Crise deste ano, em janeiro de 1930, a mesma saca passaria a valer apenas 21.000 réis.

As tendências que intentavam trazer mudanças para a República Brasileira tiveram “seu momento mais expressivo em 1930”, pois, “de todas as sucessões foi a mais perturbada e a única que deu um resultado de fato diferente” aquela iniciada em 1929, que, de campanha eleitoral, se transformaria em movimento armado contra o regime. Nessa época, “as instituições vinham sendo criticadas com violência crescente”, além de haver “elementos novos, como o tenentismo e a ação do proletariado”, vindo a ocorrer uma “campanha viva, com mais traumas que a de 1922”<sup>7</sup>. A formação da Aliança Liberal, “mais

---

<sup>7</sup> IGLÉSIAS, Francisco. *Trajetória política do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 231.

que um simples fator indicativo da decadência do sistema político oligárquico, representa um momento político de excepcional importância nos antecedentes da Revolução de 1930”<sup>8</sup>.

O surgimento da Aliança Liberal ocorreu a partir de “um acordo entre estados cujos interesses” não estavam “vinculados ao café, mas a forma regional das reivindicações” não foi “destituída de significado” e, “pelo contrário, a regionalização” se expressou “nas condições políticas” que demarcaram “a cisão da classe dominante, no fim da década de 20”<sup>9</sup>. No contexto das eleições presidenciais, “enquanto o candidato oficial” aparecia como defensor da situação reinante e da conjuntura socioeconômica que dava amplos sinais de falência, “o candidato de oposição” trazia “a propensão à adoção de reformas que a estrutura econômica e social do país começava a exigir”<sup>10</sup>.

O programa da Aliança Liberal “estendia uma ponte para os descontentamentos regionais, percorrendo as necessidades das diferentes economias dos estados”, além de defender “a diversificação da estrutura produtora brasileira e das exportações”. Também “calava fundo junto às aspirações das classes médias, postulando o voto secreto e o fim das fraudes eleitorais”, bem como focava em uma perspectiva “de extrema atualidade para a

---

<sup>8</sup> MENDES JÚNIOR, Antonio & MARANHÃO, Ricardo. *Brasil História – texto & consulta (Era Vargas)*. São Paulo: Hucitec, 1989. p. 78.

<sup>9</sup> FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em perspectiva*. 13.ed. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 234.

<sup>10</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *Evolução social do Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1988. p. 83.

sua época, propondo o enfrentamento da questão social pelo Estado”<sup>11</sup>. Tal Aliança “representou uma cristalização paradoxal das oposições”, pois, “diferentemente de outros movimentos anteriores, ela significou uma amálgama de tendências mais complexas e geograficamente amplas”, de modo que se tornou “uma realidade mais atuante”. A “sua concretização foi possível principalmente devido à cisão da oligarquia dominante”, tendo em vista o “crescimento e expansão de estados politicamente relegados a segundo plano pela união do ‘café com leite’”<sup>12</sup>. Estava formada a maior dissidência em meio às oligarquias brasileiras à época da República Velha<sup>13</sup> e a formação da Aliança Liberal despertaria forte atenção por parte da cobertura jornalística, como foi o caso da revista ilustrado-humorística carioca *O Malho*.

Publicado no Rio de Janeiro, entre 1902 e 1954<sup>14</sup>, *O Malho* foi uma das mais importantes revistas ilustradas impressas no Brasil, trazendo uma proposta editorial marcada pelo prisma satírico-humorístico e apresentando significativo conteúdo caricatural, além das incursões ao campo artístico-literário e às narrações voltadas ao cotidiano. O instrumento que dá título à publicação

---

<sup>11</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991. p. 38.

<sup>12</sup> CARONE, Edgard. *Revoluções do Brasil contemporâneo (1922-1938)*. São Paulo: DIFEL, 1977. p. 76-77.

<sup>13</sup> Brevíssimo histórico realizado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Uma introdução à História do Brasil – da Crise dos anos 20 ao Estado Novo: breve abordagem documental*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2021. p. 50-65.

<sup>14</sup> LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 144 e 146.

equivale a um martelo de grandes dimensões utilizado pelo ferreiro, devendo ser manejado com ambas as mãos, ao passo que a bigorna consiste em um objeto de ferro no qual são malhados e amoldados metais. A denominação do periódico também vinha ao encontro da expressão “malhar” que, além de bater com malho, significa também, informalmente, censurar, criticar, fazer troça, escarnecer e zombar, bem em consonância com as propostas da publicação.

Simbolicamente, o malho ou o martelo constituem um “instrumento próprio do ferreiro e dotado de um místico poder de criação”<sup>15</sup>, e sua figura traz consigo uma relação com a “atividade celeste” e a “fabricação do raio”. Nesse sentido, “o martelo representa a atividade formadora ou demiúrgica”, podendo também constituir “o método, a vontade espiritual acionando a faculdade de conhecer, que recorta em ideias e conceitos e estimula o conhecimento distintivo”. No que tange à “simbologia maçônica, o malho é o símbolo da inteligência que age e persevera”, a qual “dirige o pensamento e anima a meditação daquele que, no silêncio de sua consciência, procura a verdade”<sup>16</sup>. A imagem normalmente associada ao malho, inclusive nas gravuras da revista ilustrada carioca, a da bigorna, apresenta em si o “símbolo da terra e da matéria”, correspondendo “ao princípio passivo e feminino, por contraposição ao martelo, de caráter fecundador”<sup>17</sup>. Assim, “a bigorna aparenta-se à feminidade” e à passividade, da “qual sairão as obras do ferreiro, princípio masculino”,

---

<sup>15</sup> CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 374.

<sup>16</sup> CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 577-578.

<sup>17</sup> CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 118.

revelando-se “como um princípio passivo a ser fecundado, em que “o ferreiro, tal como o raio, seria o princípio ativo e fecundante”<sup>18</sup>.

A circulação de *O Malho* iniciou a 20 de setembro de 1902, fundado por Luís Bartolomeu, trazendo um conteúdo humorístico, que se tornou também político, a partir de 1904. A revista contou com a colaboração de nomes como Olavo Bilac, Guimarães Passos, Pedro Rabelo, Renato de Castro, Emílio de Menezes e Bastos Tigres. No que tange ao desenho, atuaram na sua edição iconográfica Raul, Calixto, J. Carlos, Crispim do Amaral, J. Ramos Lobão, Leônidas Freire, Gil, Alfredo Storni, Alfredo Cândido, Vasco Lima, Seth, Augusto Rocha, Yantok, Loureiro, Luís Peixoto, Nassara, Théo, Enrique Figueiroa, Del Pino, Andres Guevara, ou seja, “ao longo de toda a sua existência”, contou “com os maiores caricaturistas da época”. A folha envolveu-se em várias questões políticas, como no caso da Campanha Civilista, combatendo a candidatura de Rui Barbosa. A direção do periódico, desde 1918, coube a Álvaro Moreyra e J. Carlos e, durante a República Velha, “*O Malho* foi uma das mais prestigiosas revistas de crítica”<sup>19</sup>.

Como folha ilustrada, *O Malho* fez parte do conjunto de revistas que “entretinham com informações leves e, sobretudo, apuro gráfico”. Em tais periódicos, “os ilustradores foram fundamentais no quadro de uma população

---

<sup>18</sup> CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 132.

<sup>19</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 301.

com alto índice de analfabetismo, para a qual imagens comunicavam mais que o texto”<sup>20</sup>. A afirmação da revista ilustrada carioca deu-se em uma conjuntura marcada pelo “crescimento e diversificação do mercado editorial”, que se “assentaram no tripé da florescente economia urbano-industrial, em combinação com a modernização técnica e a ampliação do mercado leitor”<sup>21</sup>. Nessa época, “os periódicos transformam gradativamente seus modos de produção e o discurso com que se auto-referenciam”, em um quadro pelo qual, “passam a ser cada vez mais ícones de modernidade, numa cidade que quer ser símbolo de um novo tempo”<sup>22</sup>.

A partir da instauração da forma de governo republicana, a “representação cômica da vida nacional adquiriu novas dimensões” e, além disso, houve um “significativo incremento da imprensa, mediante o aperfeiçoamento tecnológico das oficinas gráficas”, o qual “praticamente acompanha a intensificação do crescimento urbano do país”. Assim, “a tradição da representação humorística ganha maior força e se aprofunda com o desenvolvimento da imprensa e com a proliferação das revistas ilustradas”<sup>23</sup>.

---

<sup>20</sup> ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 91.

<sup>21</sup> COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 104.

<sup>22</sup> BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 22.

<sup>23</sup> SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 297-298.

Nesse contexto, *O Malho* “vingou e prosperou” e, “para isso, teve de fazer-se profundamente popular”, aproximando seu norte editorial de segmentos sociais vinculados ao mundo do trabalho e aproximando-se de sociedades artísticas e recreativas, lançando mão do recurso da fotografia, além da própria caricatura<sup>24</sup>. Tal “feição popular, pela qual se tornaria imensamente difundido em todo o Brasil, já se firmara desde 1905”, levando “o homem da rua” a gozar do “espetáculo daqueles figurões proclamando alto e bom som o que o povo imaginava de fato que fosse o pensamento de cada um dos fantoches do imenso palco da politicagem nacional”<sup>25</sup>.

Ao refletir caricaturalmente a vida na capital federal, *O Malho* trazia uma perspectiva do Brasil como um todo, de modo que a “transgressão mantida pelo humor visual” mostrava um Rio de Janeiro que, “como outros núcleos administrativos, comerciais e industriais, possuía um dinamismo demográfico singular”, ao assumir “o papel de ‘cartão postal’ do país” e “apresentando-se como maior exemplo da modernidade nacional, síntese do país em dia com o mundo”, ou seja, “apresentável para estrangeiros e digno objeto para a contemplação (e submissão) de seus habitantes”<sup>26</sup>. Como caixa de ressonância do Brasil, o Rio de Janeiro, por meio de suas revistas ilustradas e humorísticas, mostrava que se a República fora “o paradigma da modernidade para os

---

<sup>24</sup> MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 20-21.

<sup>25</sup> LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 146.

<sup>26</sup> SILVA, Marcos A. da. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 12-13.

opositores da Monarquia”, os anos iniciais da nova forma de governo traziam consigo “o paraíso e o inferno desta utopia”, notadamente com a continuidade “do poder político de caráter oligárquico controlado por latifundiários”<sup>27</sup>.

Nessa conjuntura, no século XX, *O Malho* foi, “politicamente, de uma importância comparável à da *Revista Ilustrada*”, mais importante publicação de seu gênero na centúria anterior, de modo que, já “a partir de 1904, constituiu a maior força política de combate, mercê de suas famosas charges assinadas por todos os grandes nomes da caricatura nacional”. Nesse sentido, nada poupava “aos adversários, como no caso da Campanha Civilista, combatendo Rui Barbosa, e na Revolução de 1930, ridicularizando os candidatos da Aliança Liberal”. Desde 1918, adquiriu “feição mais literária e mundana, embora sem perder nada do antigo interesse político, pela continuação das sátiras”, ao manter “o velho tom polêmico”. Suas “críticas tiveram uma tremenda repercussão em todo país” e “*O Malho* teria uma parte muito importante na política, nos pródromos da Revolução de 1930, não porque se batesse por ela, mas, justamente ao contrário, porque defendia o governo Washington Luís”. Nessa época, suas “sátiras terríveis” ridicularizavam as principais lideranças da Aliança Liberal, muitas das quais se transformariam em comandantes do movimento revolucionário vitorioso. Tal postura custaria caro à empresa jornalística, pois esteve entre os vários empreendimentos jornalísticos que foram empastelados e incendiados, vindo a sua circulação a ficar interrompida,

---

<sup>27</sup> LEMOS, Renato. *Uma História do Brasil através da caricatura (1840-2006)*. Rio de Janeiro: Bom Texto Editora e Produtora de Arte, 2001. p. 31.

desde o meses finais de 1930 até os iniciais do ano seguinte. Após retomar as suas edições, tendo em vista a situação política nacional, desde os anos 1930 “ao fim do Estado Novo tornou-se quase que exclusivamente literário e de atualidade, para no final de sua existência enveredar novamente pela política”<sup>28</sup>.

A primeira capa de *O Malho* destacava os fulcros editoriais da publicação, anunciada como “semanário humorístico, artístico e literário”, propondo-se também a tratar de política e assuntos diversos. De avental, o responsável pela folha tinha a postos a pena e o crayon, designando respectivamente as ações dos escritores e dos caricaturistas, além de trazer à mão o martelo, apoiado em uma bigorna, em alusão ao título da revista. Em sua apresentação, a revista dizia ser “praxe que um jornal” trouxesse o seu programa, no qual desfiava “boquiaberto um rosário de promessas”, mas, em oposição e como um “iconoclasta de nascença”, pretendendo “atacar e destruir a praxe”, afirmava que não iria expressar seu conteúdo programático. Nesse sentido, conforme “o seu nome bem o indica”, se propunha a utilizar a bigorna, batendo-lhe a ferro na sua oficina, destacando, com ironia, que manteria a “tranquila consciência”, visando a concorrer “eficazmente para o melhoramento” da “raça humana”. Pretendia ainda contribuir para “todos os elementos” de “desenvolvimento do riso” e, mais uma vez em referência ao seu título, demarcava que, em meio a tantas “tristezas

---

<sup>28</sup> LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 144-149.

e lamentações”, faria soar “cantante o bimbalar” de “sons alegres” nas bigornas<sup>29</sup>.

Ao completar seu primeiro aniversário, a redação do periódico declarava que se tratava de uma “existência decorrida por entre estos de verdadeira alegria, na serenidade que dá o bom humor e que a boa alma faz”. Dizia também que, em suas “páginas despreziosas e ligeiras”, seria encontrada “entre o riso e a sátira, entre a ironia e a gargalhada, toda a vida de um ano do Rio de Janeiro, vista nos seus diferentes e variados aspectos – político, artístico, social, literário, científico”, toda ela “encarada sob o prisma do bom humor” e “apreciada à luz da mais serena imparcialidade”. Garantia que suas edições guardavam “a verdade” como o “culto mais rigoroso” e defendiam “a causa dos pequenos e dos oprimidos contra os mandões e os opressores”, bem como davam “guarida aos talentos que desabrocham”, propondo-se a rever “com íntima satisfação o caminho percorrido” e “com serena confiança o trecho por galgar”<sup>30</sup>.

Por ocasião de chegar ao seu terceiro ano, o periódico mostrava na capa a figura que escolhera para representá-lo, uma espécie de bobo da corte, com o malho embaixo do braço e o crayon a tiracolo, sendo homenageado pelo próprio Presidente da República, de quem recebia um buquê de flores. O bobo da corte constituiu uma tradicional representação do caricaturista, uma vez que tal figura é aquela que “diz em tom duro as coisas agradáveis e em tom jocoso as

---

<sup>29</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1902.

<sup>30</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 19 set. 1903.

terríveis”<sup>31</sup>. A autoridade presidencial, ao homenagear a publicação, pedia que a mesma não risse muito do seu governo, ao que o “Malho” agradecia, mas não garantia evitar o tom jocoso. A gravura era adornada por estrelas, as quais eram identificadas com os fulcros editoriais da folha, como arte, atualidade, espírito e pilhérias. O mesmo personagem aparecia também à página inicial, portando o martelo, o crayon e a pena, contando com a admiração do público e agradecendo as manifestações elogiosas “e... descomposturas”, além de afirmar que “a vida é luta e os contrastes os seus encantos. Xarope e vinagre, beijos e murros, flores e pedradas – tudo é viver!”<sup>32</sup>.

Na crônica que marcava o terceiro aniversário, *O Malho* ressaltava que, ao aparecer, recebera “prognósticos pessimistas”, pois “seria uma loucura tentar obter que uma população de tristes sustentasse um jornal alegre”, ou seja, teria constituído “uma tentativa previamente condenada a de querer implantar num meio retraído, fechado, convencional, um jornal indiscreto” e “graciosamente irreverente”. Apesar de tal pessimismo, como uma “conquista do público”, a redação explicava que “o *Malho* é hoje o jornal de sua predileção, o jornal popular por excelência, o que ele mais quer, mais estima e mais procura”. Nesse sentido, discordava que o brasileiro fosse um “povo fúnebre e desolado”, e isto sim, sabia “ser alegre”, carregando como “nota característica de seu espírito a ironia”, preferindo, ao invés da “gargalhada, o sorriso franco, irônico, amargo, sarcástico”. Considerava ainda que “a crítica leve, rápida, mordaz e alegre, o

---

<sup>31</sup> CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 120.

<sup>32</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1904.

exagero dos sentimentos, das atividades, dos pensamentos e das palavras”, os quais valeriam “pela caricatura, o comentário simples, singelo, artificialmente inocente” é que dariam origem às “páginas que naturalmente agradam ao povo brasileiro”<sup>33</sup>.

Mantendo a linha de pensamento, a folha argumentava que era do agrado dos brasileiros “a independência das opiniões, a liberdade da crítica, a manifestação continuada e sincera de que não se está de joelhos”, de modo que teriam sido tais características que deram “ao *Malho* a simpatia do público”. Comentava que “o jornal e o público ligaram-se, confabularam intimamente, trocaram ideias, fundiram-se em sentimento”, uma vez que este encontrou nas páginas do periódico “o que pensa, o que sente, o que quer, o que aspira, o que aplaude e o que condena”. Afiançava também que “nenhum outro jornal penetrou como ele na vida íntima do povo”, ao divulgar as mais amplas manifestações e trazer “a impressão nítida do que é o Brasil desta época”, e “não só a capital, mas todos os Estados” estando representados em seus segmentos textuais e iconográficos. Para além do local e do nacional, destacava que sua cobertura chegava ao nível internacional, uma vez que transpusera “os limites da capital” e “a linha dos Estados”, para tornar-se uma “revista universal e original”, que não se limitava a transcrever informações, mas sim analisá-las<sup>34</sup>.

No momento em que completava “mais um ano”, a capa do periódico trazia o personagem que o representava sendo homenageado pelo povo, ao

---

<sup>33</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1904.

<sup>34</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1904.

receber um buquê, no qual as flores eram substituídas pelas faces dos homens públicos que ocupavam o governo. O público que participava da homenagem carregava cartazes apresentando as temáticas que compunham a pauta editorial da folha, como modas, esportes, fotografias, charadas, reclames, caricaturas, teatro, músicas e crônicas. Na crônica editorial deste número, a redação saudava a ampla circulação do jornal que ocorreria “por todo o Brasil e até pelo estrangeiro”, trazendo em suas páginas “um esforço contínuo para traduzir as impressões do povo”, uma vez que “*O Malho* não tem partido, a não ser o da voz pública”, aplaudindo “a virtude” e castigando “o vício”<sup>35</sup>.

A proximidade com o público que o jornal gostava de enfatizar retornava a ser temática na capa que demarcava que a folha estava “fazendo anos”, de maneira que a figura que representava o periódico encontrava-se no bolso do indivíduo que designava o povo. Na cena, *O Malho* dizia que o “Zé Povo exige a minha presença em sua casa”, pois “apesar de muito escovado pelo fisco e embromado pelos políticos deseja oferecer-me o seu modesto jantar”. Já na crônica da edição de aniversário, havia a saudação por terem passado “anos firmes, batidos, de fio a pavio, num labutar incessante, para todos os lados, numa porfia consecutiva, numa caçada a todos os ridículos da política e da sociedade”, não deixando “de fazer justiça ao que é realmente bom, digno e patriótico”. A redação afirmava que “*O Malho* não tem a missão única de fazer rir, embora o *ridendo castigat mores*, constitua um vasto programa”, de forma que procurava “interpretar o sentir do povo, perante todos os fatos da vida

---

<sup>35</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 16 set. 1905.

nacional”, vindo a assumir “todas as atitudes, todos os gestos, todas as expressões desse sentir”. Para comprovar o seu alcance, o periódico destacava a “sua vasta circulação jamais aqui atingida por folha do mesmo gênero”, a “força vitoriosa que tem dado a inúmeras campanhas” a “intimidade de relações com o grande público, expressa numa correspondência colossal”, na qual “palpita a alma popular, desde o velho patriota que se interessa pelos altos destinos da nação, até o moço poeta que timidamente ensaia os seus primeiros voos”. Em síntese, o semanário destacava que pretendia atender ao “bom senso popular”<sup>36</sup>.

A gravura que demarcava o quinto aniversário do hebdomadário trazia o personagem que representava a folha, acompanhado por outras figuras que designavam outras publicações da mesma empresa jornalística e por uma dama identificada pela faixa “leitura para todos” e, na barra de seu vestido, trazia os assuntos de interesse do jornal, como ciências, artes, letras e esportes. O periódico recebia homenagens de parte dos integrantes do governo, simbolizada mais uma vez por um buquê de flores. A crônica do número de aniversário lembrava que, em 1902, “ele começou a malhar de rijo, à direita e à esquerda, sem outras preocupações que não fossem as do interesse público”. Dizia que progredira de ano a ano, em “meio de aplausos que o honram pela generalidade verdadeiramente colossal”, e, “sem perder o seu princípio característico”, juntara “às páginas da crítica a informação do magazine através de cujos clichês aparecem os aspectos e os costumes do Brasil, desde o Acre à terra gaúcha,

---

<sup>36</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 22 set. 1906.

tornando-o assim mais útil à comunidade”<sup>37</sup>. No aniversário seguinte, o semanário exaltava o “enormíssimo eco da sua circulação”, ao chegar a “todos os recantos do Brasil, traduzido em correspondência de todos os gêneros, grande parte da qual apelando para o nosso auxílio à defesa das causas nacionais”. Reiterava que “o *ridendo castigat mores*” continuava a ser a essência de seu programa, sem que deixasse de “ensombrar o gesto e meter o pau de rijo” quando fosse necessário<sup>38</sup>.

A edição de “mais um ano”, em 1910, trazia o personagem-símbolo da folha, sentado nas tantas edições já publicadas, carregando o crayon e tendo ao alcance o malho, dessa vez identificado pela palavra “crítica”, em consonância com o norte editorial do periódico. *O Malho* era saudado por várias personalidades da vida política nacional, além de um cavalheiro e uma dama, representando, respectivamente, o Senado e a Câmara dos Deputados. Nas primeiras páginas, apareciam outras caricaturas cujo escopo era mostrar os efeitos do conteúdo do semanário em meio aos debates na Câmara dos Deputados. Diante da efeméride e dos acontecimentos do momento, o periódico afirmava que permaneceria “tranquilo e atento ao posto de observação, de onde costuma descortinar os horizontes”. Garantia que “não o amolgam embates, nem o entibiam escarcéus”, bem como não tremia diante de “*papões* e muito menos morre de caretas”, continuando “firme a exigir, se não dedicação e patriotismo, pelo menos trabalho e justiça aos subsidiados da nação, sem querer saber se isso

---

<sup>37</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1907.

<sup>38</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 19 set. 1908.

desagrada a Pedro ou a Paulo”. Dizia-se “preocupado sempre em não cair no terreno da futilidade inútil, tão do agrado da confraria do elogio mútuo, pouco se lhe dá que a filáucia da intriguice o alfinete com a filigrana das costumeiras lorotas”<sup>39</sup>.

Em outra edição de aniversário, a capa de *O Malho* mostrava o Zé Povo em conversa animada com a figura que representava o jornal, a qual manipulava os “bonecos” dos homens públicos que compunham a estrutura governamental. Ao longo do diálogo, o semanário agradecia os cumprimentos do povo e garantia ao mesmo que ele poderia “ficar descansado”, pois a folha continuaria “sempre na mesma linha, batalhando pelo bem-estar” da população, “à força de malhadelas em todos os grandes, aqui e nessas oligarquias estaduais, que tanto infelicitam o nosso caro Brasil”. No segmento voltado à crônica, a redação relembra os tantos anos em que encetara uma “luta de pena e lápis – frágeis instrumentos que só um alto ideal tempera e fortalece”, ao dar-lhes “o poder milagroso de abrir caminho através dos maus preconceitos, da rotina lobrega, das ruínas morais e de tudo quanto é obstáculo ao andar para a frente, ao progredir de uma nação”. Garantia que chegava àquele aniversário com “perfeita saúde” e “disposto cada vez mais a continuar a jornada”<sup>40</sup>.

No décimo ano de circulação, a figura que representava o periódico ganhava vulto na capa, adornado pelo Cruzeiro do Sul e em tamanho bem superior aos políticos que, como miniaturas, encontravam-se sentados na

---

<sup>39</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1910.

<sup>40</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 23 set. 1911.

bigorna. O Zé Povo considerava que aquele era um “dia de festa para todos”, voltado a “saudar aquele formoso rapagão”. Na parte textual, o hebdomadário considerava aquela como uma “data auspiciosa” e reiterava que sua meta era, “através do comentário humorístico, fazer a crítica dos homens e das coisas contemporâneas da nossa terra, louvando-os ou condenando-os, segundo se nos afigura justo”, estando alentado pela “convicção de que temos sempre cumprido o nosso dever”. Reforçava que seu “sincero concurso” buscava “ir ao encontro das aspirações populares, por elas pugnando sempre com irreduzível tenacidade”. Demarcava que pretendia ser uma “revista essencialmente brasileira”, buscando “servir à necessidade de todos os Estados da República”. Enfatizava ainda que o seu “propósito nunca deixa de ser, em todos os momentos, o de traduzir os reclamos da opinião onde quer que eles se produzam”<sup>41</sup>.

Jocosamente, o bobo da corte, de crayon em punho e com o malho preso à cintura, encontrava-se em mais uma edição de aniversário, montado em uma vaca e conversando com o Zé Povo, que lhe dava os parabéns, por defender a causa pública, “sobranceiro, nesta época de avacalhamento”. Por sua vez, *O Malho* agradecia, afirmando que, “quando tudo por aí se avacalha, a minha posição não pode ser outra que não esta em que me vês”. Na crônica, o semanário reforçava sua natureza de ser “irreverente por natureza e irônico por temperamento”, estando sempre “habitado a troçar com tudo e com todos”. Definia-se como “um pândego que vive a zurzir” e a sacudir “a férula da pilhéria

---

<sup>41</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1912.

e a chibata da caricatura a torto e a direito em todos que não andam direitos e concorrem para entortar as coisas públicas”. Garantia que não se pouparia “em sua severa fiscalização que em tom de pilhéria faz de todos os atos da administração pública”<sup>42</sup>.

Na edição de aniversário de 1914, o clima bélico que tomava conta do mundo era representado tanto pelo globo terrestre que mostrava a Europa em conflagração, quanto na figura do bobo da corte, que trocara o malho e a bigorna pelo canhão, a espingarda e a espada, em plena perspectiva de preparação para a guerra, ao receber as felicitações dos demais integrantes do desenho, dentre eles o Zé Povo. Em texto, a redação saudava o fato de que fazia “doze anos que, todo mobilizado e de malho em riste, surgiu este semanário no campo jornalístico, para, aliado à opinião pública, dar combate a todos os males, a todos os sestros, a todos os ridículos”. Promovendo um autoelogio, a folha argumentava que foram “seiscentas e vinte e sete semanas assinaladas pelos números de *O Malho*, sem desfalecimentos nem cochilos no bem servir à causa pública”, considerando que isso já seria “um servicinho de alto lá com ele”. Por fim, ficava a garantia dos responsáveis pela publicação que permaneceriam “sempre dispostos” a continuar o trabalho, “a despeito de todas as crises, de todos os fanáticos e de todas as emissões”<sup>43</sup>.

Mais adiante, o jornal se propunha “a prosseguir no caminho” que empreendera até então, firme “no programa de esclarecedores e comentadores

---

<sup>42</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 29 set. 1913.

<sup>43</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 19 set. 1914.

dos fatos que, por qualquer forma, interessam à coletividade”. Dizia ainda que continuaria a procurar “servir à causa da pátria e da República, através do *ridendo castigat mores* – fórmula que, nem por parecer exígua ou fútil, deixa de ter a importância e a utilidade que em todos os meios civilizados se lhe reconhece”<sup>44</sup>. A figura feminina, vestida à romana e de barrete frígio, simbolizando a forma de governo republicana compunha o quadro da gravura que estampava mais uma capa do semanário alusiva ao seu aniversário. No desenho, o bobo da corte descobria a cabeça para pedir ao governante que tomasse conta da República. Diante da resposta evasiva da autoridade pública, o Zé Povo demonstrava descrédito, mas não perdia a oportunidade para saudar *O Malho*. No segmento textual, a redação agradecia “do fundo da alma” aos “seus fieis leitores”, por amparar a publicação, “através e a despeito de todas as crises, frutos infalíveis da proverbial sabedoria e do pasmoso tino dos nossos geniais estadistas”, em manifestação carregada de ironia quanto às autoridades governamentais<sup>45</sup>.

O personagem que simbolizava o hebdomadário caricato mostrava-se em uma posição ativa ao comemorar “o nosso aniversário”. Com o crayon em uma das mãos e o malho em outra, o bobo da corte assumia feições de rei – um soberano da alegria –, utilizando-se da bigorna como trono e dominando com o martelo um sapo, identificado com a tristeza. Em consonância com a gravura, o conteúdo textual afirmava que a folha, não “querendo ser palmatória do mundo,

---

<sup>44</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 18 set. 1915.

<sup>45</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 23 set. 1916.

olha de preferência para o lado ridículo das coisas e das pessoas e vai rindo sempre, porque chorar não pode”<sup>46</sup>. Já no ano seguinte, o bobo da corte mantinha a postura de altivez, encontrando-se sobre uma pilha que representava as edições dos anos posteriores, calcadas na base do “bom humor”. O periódico argumentava que desde o primeiro número “não tem cessado de ser o constante ‘malhador’ que todas as semanas aparece para satisfazer a curiosidade pública”. Especificava que permanecia concorrendo “muito para a alimentação do espírito público”, o que lhe teria “valido gerais elogios”<sup>47</sup>.

O jornaleiro distribuindo um exemplar de *O Malho*, identificado como “o nosso grande colaborador” foi o motivo que estampou a capa do periódico em mais um de seus aniversários. A nota que demarcava o fato do jornal estar a colher “mais uma flor no jardim da sua preciosa existência”, esclarecia que seu surgimento a 20 de setembro de 1902, coincidia com “as manifestações festivas dos gaúchos”, por ocasião da efeméride “da sua gloriosa República de Piratini e as festas ruidosas da colônia italiana no Brasil, pela grande data nacional de sua pátria”. A partir daí, a redação afirmava que a revista nascera “muito bem”, em um “dia assinalado pela coragem e pelo heroísmo, em nome da liberdade”, devendo “talvez a isso o nunca se ter dobrado a injunções prepotentes” e “ter-se conservado sempre independente nos seus pontos de vista”, vindo a desfrutar “os louros de suas vitórias pacíficas, numa existência espiritual risonha, apurada e calma, igualmente proveitosa à comunidade, cujo progresso e cujas

---

<sup>46</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 22 set. 1917.

<sup>47</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1918.

tendências reflete em suas páginas”<sup>48</sup>. No ano seguinte, o jornal considerava que atingira uma “idade madura, a idade do juízo”, pois, “apesar do seu gênio trocista, não desmente a seriedade do tempo que já viveu”. Ressaltando sua popularidade, destacava ainda que vivera até então “amado do povo, do qual reflete as alegrias, as queixas, o bom humor e o mau humor, zangando-se às vezes e rindo sempre”<sup>49</sup>.

No momento em que completava vinte anos de existência, *O Malho* reiterava que continuava a cumprir “admiravelmente o seu programa de liberdade e civilização, dentro do lema da nossa auriverde bandeira”. A folha considerava-se ainda como “um pioneiro das ideias liberais e civilizadoras”, que se punha “invariavelmente ao lado dos oprimidos”, ao combater “os opressores que em qualquer terreno abusem do poder que lhes foi ter às mãos”. Dizia que “a sua arma predileta define-se muito bem com o *ridendo castigat mores*”, mas que, “não raras vezes tem apelado para fórmulas mais enérgicas, a fim de melhor traduzir a opinião popular, nem sempre disposta a lubrificar o castigo com o riso”. Garantia que não se afastara “das chamadas correntes populares”, constituindo o “órgão mais sincero” da opinião pública, pretendendo “prosseguir no caminho traçado”, vindo a ser “cada vez mais útil no terreno da crítica e dos demais atrativos que orientem, instruem e recreiem o espírito”<sup>50</sup>.

---

<sup>48</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1919.

<sup>49</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 25 set. 1920.

<sup>50</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 24 set. 1921.

Assumindo mais intensamente o caráter popular que lhe caracterizava, *O Malho* trouxe na gravura de outra de sua capas alusivas a “mais uma etapa” de sua vida, uma figura que se aproximava da imagem do trabalhador, que empunhava o instrumento que simbolizava a publicação. No editorial, o periódico afirmava que, com aquele número, ficava registrado “mais uma aniversário de heroica resistência”, uma vez que “o seu programa de vida na imprensa hebdomadária não tem sido mais do que resistir às dificuldades cada vez mais penosas”, as quais eram “impostas às empresas jornalísticas do país, ao meio hostil, às irreverências da pena humorística e do lápis brejeiro e ao desânimo que, não raro, na luta pelo êxito”, viesse a acudir “ao espírito dos que têm por missão mantê-lo galhardamente em harmonia com as suas tradições de vinte e um anos atrás”. Apontava que fora “reformado sucessivamente na sua parte material”, devendo seus progressos “ao favor popular, que jamais o desamparou”. Dizia-se uma “revista de crítica e de humor” que levava a educação, conforme poderia “proporcionar uma publicação deste gênero” e pretendia trabalhar pelas “três modalidades do riso – a ironia, o humor e a sátira”, as quais requeriam “capacidades especiais” para aqueles que as manejavam no Brasil. Finalmente, agradecia “ao povo brasileiro”, dedicando as suas conquistas “para bem o servir”<sup>51</sup>. O próprio malho dominava a ilustração de outra edição referente ao aniversário do periódico, que dizia buscar continuar “a malhar, nem sempre em ferro frio”<sup>52</sup>. No número seguinte indicativo do seu

---

<sup>51</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 23 set. 1922.

<sup>52</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 22 set. 1923.

natalício, a folha reforçava a sua “disposição magnífica de, rindo, castigar os males ou os ridículos que afeiam a espécie humana, em suas relações com a infinidade de coisas que formam o interesse público” e “o interesse nacional”. Demarcava que prosseguia recebendo “a continuidade vibrante do aplauso e do apoio à sua missão de sanear o ambiente moral”, ao rir “nas bochechas dos que o pretendem conspurcar, diminuir ou entravar, com suas ideias e ações de retrocesso”, agindo também para “desmentir conceitos errôneos” e “terçar suas armas em prol do bem, onde quer que ele esteja e revestindo quaisquer formas”<sup>53</sup>.

O jornaleiro voltava a ser o personagem da capa que demarcava o vigésimo quinto aniversário do jornal. Tal figura aparecia em um misto de sua tradicional função de gritar para anunciar mais um exemplar da folha, com a admiração pela longevidade da publicação, representada pelas tantas edições dos anos passados. *O Malho* saudava “as suas bodas de prata com a opinião pública”, traduzida pela chegada de “uma grande e gloriosa etapa”, vencida “na vida com a galhardia do costume, apresentando-se engalanado, de fronte erguida e consciência limpa”, estando “certo de ter dado cabal desempenho à missão que o trouxe a esta arena de trabalho, em prol das ideias e dos costumes que caracterizam os povos adiantados”. Explicitava que atuara “quase sempre de sorriso nos lábios”, mantendo uma “expressão alegre”, sem por isso deixar esmorecer “a força vibradora do instrumento que lhe serve de título”. Ainda assim, admitia a modernização de seu norte editorial, considerando “por bem

---

<sup>53</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1924.

condescender com as injunções do momento, e *humanizar-se*, transformando-se, materialmente, na revista eclética, para atender aos reclamos do progresso e à generalidade dos leitores”, de modo a tornar-se “mais útil, conservando o que havia de melhor nos elementos tradicionais e juntando o essencial para satisfazer as exigências da atualidade”. Nessa linha, a folha garantia que mantinha “a sua popularidade inquestionável, acrescentando-lhe novos elementos que lhe abrem caminho para todas as metrópoles e recantos, ainda os mais longínquos desta pátria imensa”, na qual “penetra fundo com a sua crítica e a sua ampla vulgarização dos acontecimentos políticos e sociais”<sup>54</sup>.

A pena e o crayon adornavam mais uma capa que demarcava novo aniversário, com o protagonismo de um indivíduo que segurava com vigor o malho, o qual continha a inscrição que servia de lema ao jornal – *ridendo castigat mores* –, pronto a desferir um pesado golpe em outra figura que representava a politicagem. Na ocasião, o periódico comemorava os “vinte e oito anos de lutas”, mantendo “a preocupação constante de dar ao leitor uma revista independente, imparcial e, portanto, genuinamente popular”. Enaltecia a “velha simpatia” de parte do público, a qual serviria para comprovar que seus “esforços” não tinham “sido empregados em vão”. *O Malho* revelava o seu sentimento de que “o povo é seu amigo”, pois, “em todo o país, mesmo nos rincões mais afastados, ele é recebido de portas abertas, como um bom camarada que, entre dois dedos de prosa séria, conta anedotas, faz pilhérias e fala mal (um

---

<sup>54</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 25 set. 1926.

pouquinho só) da vida alheia”<sup>55</sup>. A passagem do próximo natalício era encarada como “uma vitória, cuja celebração justifica as maiores alegrias e os maiores aplausos”, ressaltando as energias que empregava para gerar o “pão espiritual das massas populares”. Explicitava que até então não se desviara “do rumo” traçado a partir dos “legítimos interesses nacionais”, servindo-lhe “o povo” como testemunha de tal atitude, mantendo em suas páginas a “mais acesa crítica” aos “falsos profetas ou fariseus da democracia brasileira”<sup>56</sup>. Por meio da arte caricatural, *O Malho* trouxe aos seus leitores vários momentos da formação histórica brasileira<sup>57</sup>, como foi o caso da repercussão da Aliança Liberal, observada pelo periódico a partir de um viés plenamente antagônico, explicitado por meio da arte caricatural expressa em suas páginas.

---

<sup>55</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 22 set. 1928.

<sup>56</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1929.

<sup>57</sup> Brevíssimo histórico realizado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *A data natalícia de Getúlio Vargas como episódio cívico estado-novista: a presença na Revista O Malho (1940-1945)*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2021. p. 10-54.



*O MALHO* E O ANTAGONISMO  
PARA COM A ALIANÇA LIBERAL  
(1929)

No segundo semestre de 1929, a ação da Aliança Liberal foi combatida ferrenhamente por *O Malho*, de maneira extremamente recorrente. Foi o caso da caricatura publicada na capa do periódico, na qual vários membros da frente oposicionista eram retratados como indígenas e identificados como “os antropófagos”. Era uma alusão a um fator que historicamente caracterizou alguns dos habitantes originais do Brasil, pela prática do canibalismo, construindo-se uma verdadeira tradição atribuída exageradamente ao conjunto dos índios brasileiros, ao longo de séculos, sendo considerado o consumo de carne humana como algo condenável e inaceitável, sem que se julgasse as razões culturais de tal hábito. O corpo que se encontrava sendo assado era identificado com a palavra “liberal”, em sentido de que a Aliança estaria a devorar o liberalismo e não a constituir uma agremiação que representasse tal princípio. No mesmo sentido, compunha o desenho o candidato oficial, Júlio Prestes, que, com desdém, apontava os adversários, cuja fala estabelecia um jogo de palavras, pelas quais era negado mais uma vez a denominação que a oposição escolhera, ao dizer: “Ali assa liberal...”. A crítica permanecia na página de abertura do semanário, na qual dois indivíduos conversavam sobre possíveis clientes para aquisição de aeroplanos em péssimo estado de conservação, perguntando o vendedor se o outro conhecia algum “trouxa”, que quisesse comprar aqueles “cacarecos”, ao passo que a indicação do interlocutor era a de que um “muito trouxa” seria Getúlio Vargas, candidato da chapa oposicionista, a quem a folha queria atingir pejorativamente. Outro líder da Aliança, o mineiro Antônio Carlos, em vestes de clérigo, pretendia realizar um “casamento forçado” entre uma jovem identificada como Minas Gerais e um gaúcho mal-encarado,

associado ao Rio Grande do Sul. A moça reclamava da situação, ao que o político a aconselhava a aceitar a situação, uma vez que ele, por interesses pessoais, se via na “necessidade” de vender-lhe a mão<sup>58</sup>.

---

<sup>58</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 17 ago. 1929.

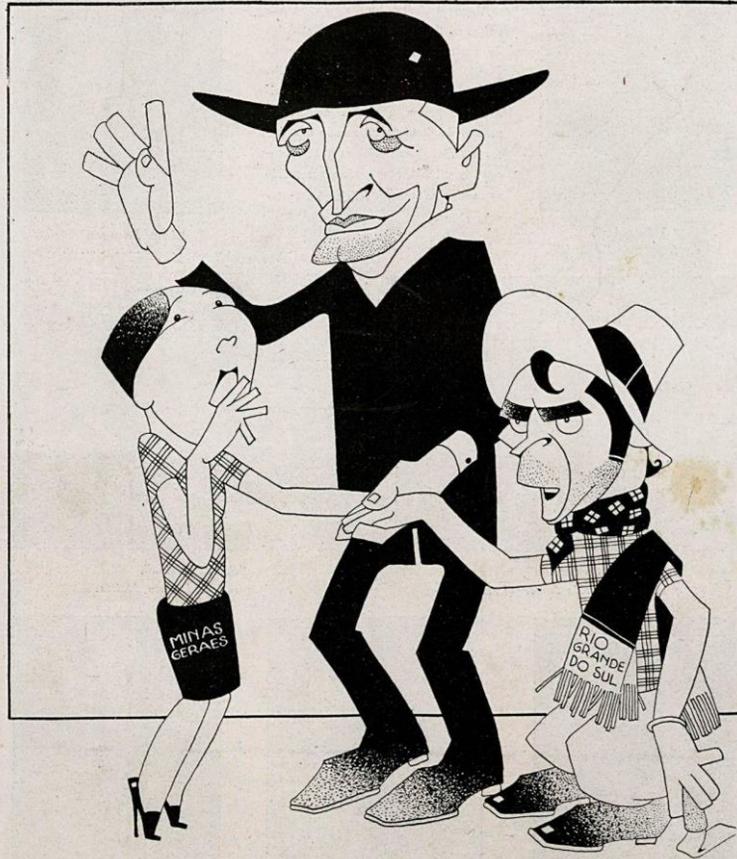




17 — Agosto — 1929

*o Malho*

CASAMENTO FORÇADO



MINAS GERAES — Mas eu, casar-me com o meo inimigo de todos os tempos!

ANTONIO CARLOS — Paciencia, filha: para soltar-me da ruina tive necessidade de vender a tua mão.

O apoio do líder político baiano José Joaquim Seabra à Aliança Liberal foi apontado como uma atitude falha do mesmo, o qual “erro o pulo”, tanto que a figura feminina que representava a Bahia, considerava tal ação como uma decepção, tendo sido Seabra o “único filho” que a abandonara. Já o político gaúcho João Neves da Fontoura era apresentado como uma figura minúscula – em referência à importância que o periódico atribuía ao mesmo – que pretendia arrastar os brasileiros em direção à oposição e, quiçá, até em direção à revolução e, perante tal atitude, o Zé Povo, representação da população em geral, não se mostrava afeito, exigindo que o personagem rio-grandense deixasse “de intimidade”. Outro símbolo do povo brasileiro, o Jeca, era convidado por Getúlio Vargas para embarcar no bonde identificado com a Aliança Liberal, ao que o primeiro negava-se peremptoriamente a fazê-lo, já que não confiava no motorneiro, encontrando-se o Antônio Carlos Ribeiro de Andrada na direção do veículo. O mesmo meio de locomoção voltava em outra caricatura denominada “Bonde ‘pesado’”, identificado pela placa de que seu destino seria o “bairro dos despeitados”, encontrando-se o mesmo lotado de membros da Aliança, enquanto, ao largo, esperavam os democratas paulistas e o Zé Povo apenas observava a cena. O veículo era puxado por Antônio Carlos que montava um pangaré, e errava o caminho em direção ao Palácio do Catete – símbolo do poder presidencial – optando pelo “desvio dos despeitados”. Do outro lado de uma cerca, como se estivesse na Argentina, aparecia Luís Carlos Prestes, liderança tenentista que se negara a apoiar a Aliança Liberal, considerando que seria

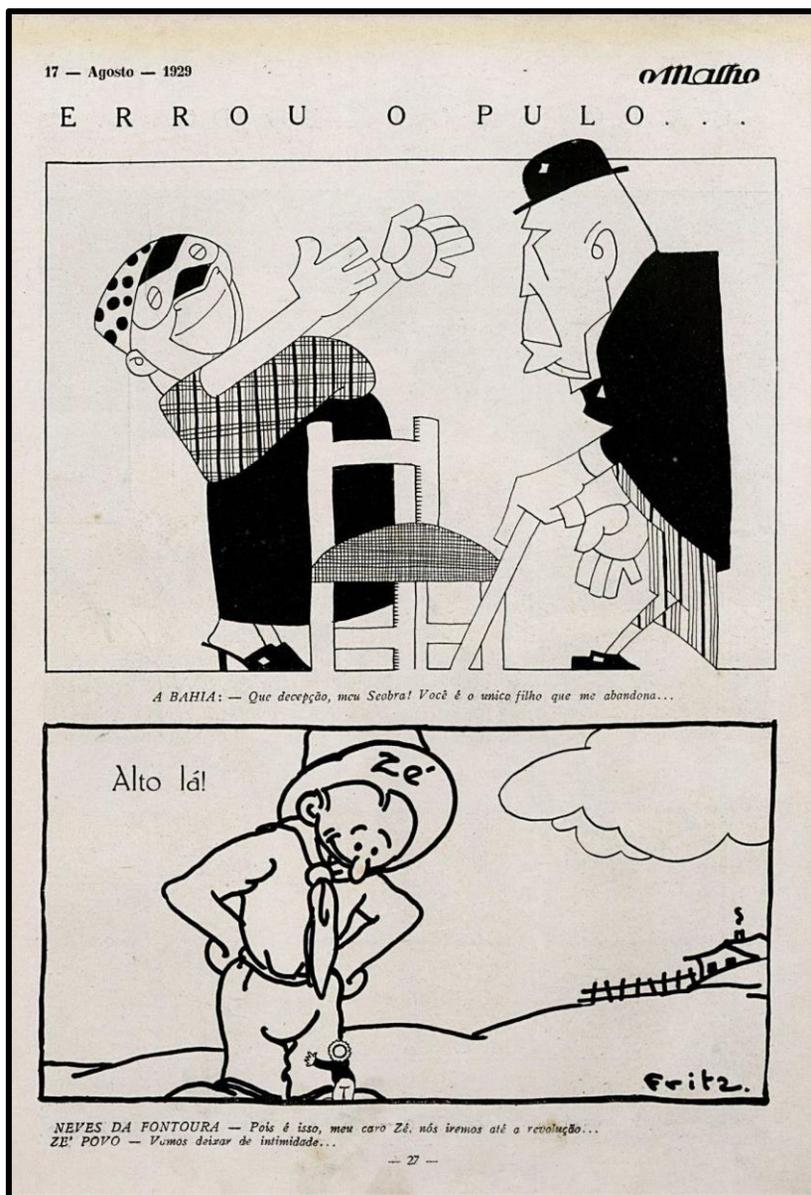
melhor estar “só do que mal acompanhado”. A promessa dos políticos gaúchos de que, com a vitória, iriam amarrar seus cavalos no obelisco do Rio de Janeiro, foi um tema bastante abordado de maneira jocosa por parte de *O Malho*. Nesse caso, esteve a caricatura na qual um “carioca” duvidava de que Getúlio Vargas conseguisse cumprir o prometido, sendo indicado que ele deveria tirar “o cavalo da chuva”<sup>59</sup>. Na capa de outra edição, a nação brasileira, como uma alegoria feminina identificada com a cristandade, a partir da cruz que trazia em mãos, questionava Antônio Carlos quanto ao apoio à Getúlio Vargas, o qual era retratado como uma figura diabólica, com cauda de víbora, sinal da maldade. Nessa linha, enquanto a mulher perguntava como alguém que se dizia “tão religioso”, poderia querer que ela, como “católica”, aceitasse “um candidato anticatólico”; ao que o político mineiro atalhava, dizendo que sua interlocutora não deveria fazer caso, pois “o positivismo do Getúlio” seria “só fingimento”, fazendo correspondência às possíveis inverdades que o gaúcho direcionara ao Presidente da República. Ainda quanto à troca de missivas que não seriam nada confiáveis, o periódico mostrava um indivíduo apresentado a Ribeiro de Andrada, com uma carta de recomendação assinada por Vargas, a qual não foi levada em conta, sendo o emissário maltratado, a partir da interpretação de que as mensagens do líder gaúcho seriam sempre falsas, dizendo o oposto do que aquilo que pretendia comunicar<sup>60</sup>.

---

<sup>59</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 17 ago. 1929.

<sup>60</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 24 ago. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



*o Malho*

17 — Agosto — 1929

G A T O E S C A L D A D O . . .



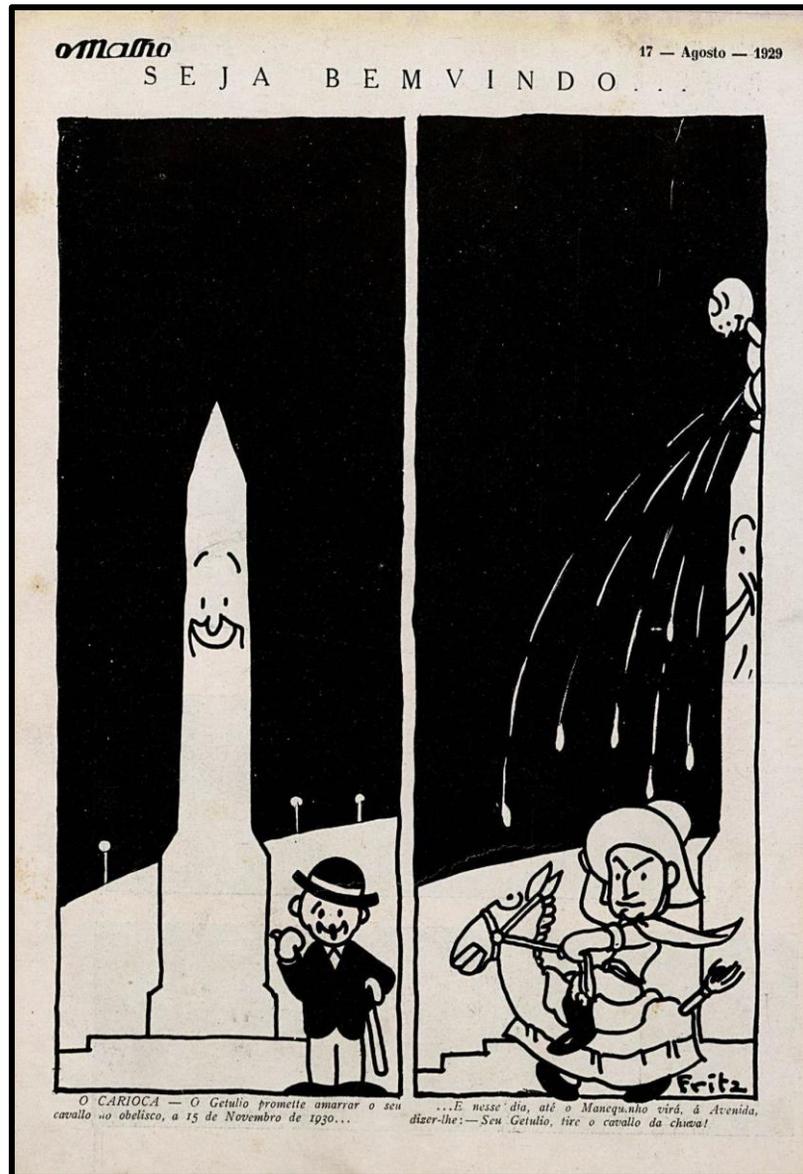
GETULIO — Então, Jeca, você não quer embarcar?

JECA — Com esse motorcêiro, nem p'ro céu...

— 28 —

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





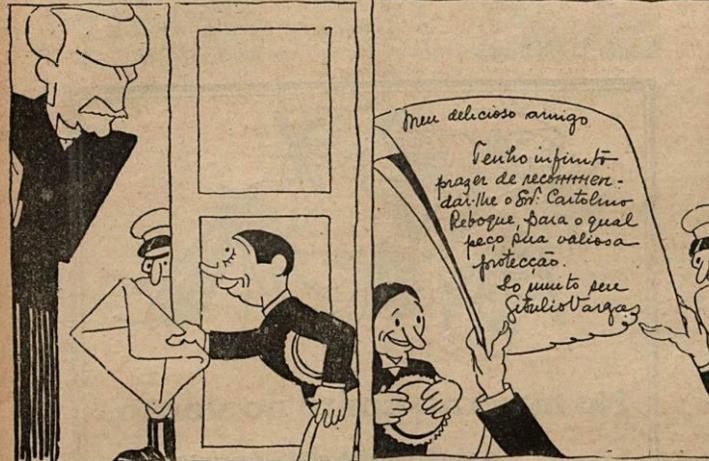
A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



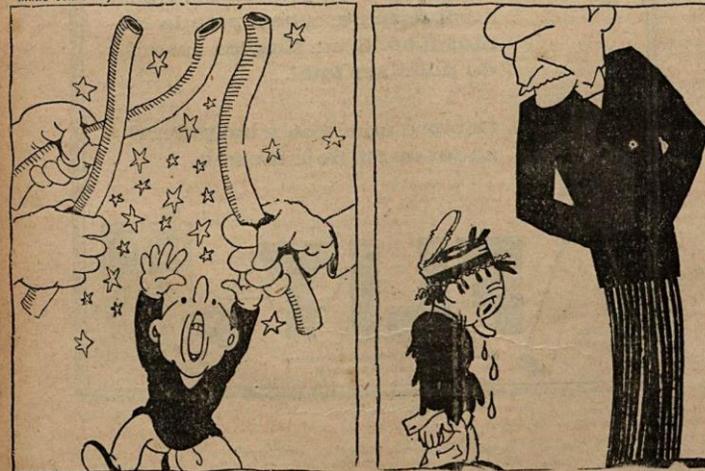
24 — Agosto — 1929

*Massio*

COMO ELLES SE ENTENDEM...



1) O VISITANTE — Traga-lhe, aqui, esta carta, da parte do Dr. Getulio Vargas. ANTONIO CARLOS — muito bem! 2) ANTONIO CARLOS — Pois bem: o senhor vai ser atendido...



3) ...levando um "banho liberal". 4) O VISITANTE — Max, "seu" doutor, houve um equívoco. Eu sou recomendado do Dr. Getulio. ANTONIO CARLOS — idiotat Você fique sabendo desta: as cartas do Getulio, se têm pelo avesso...

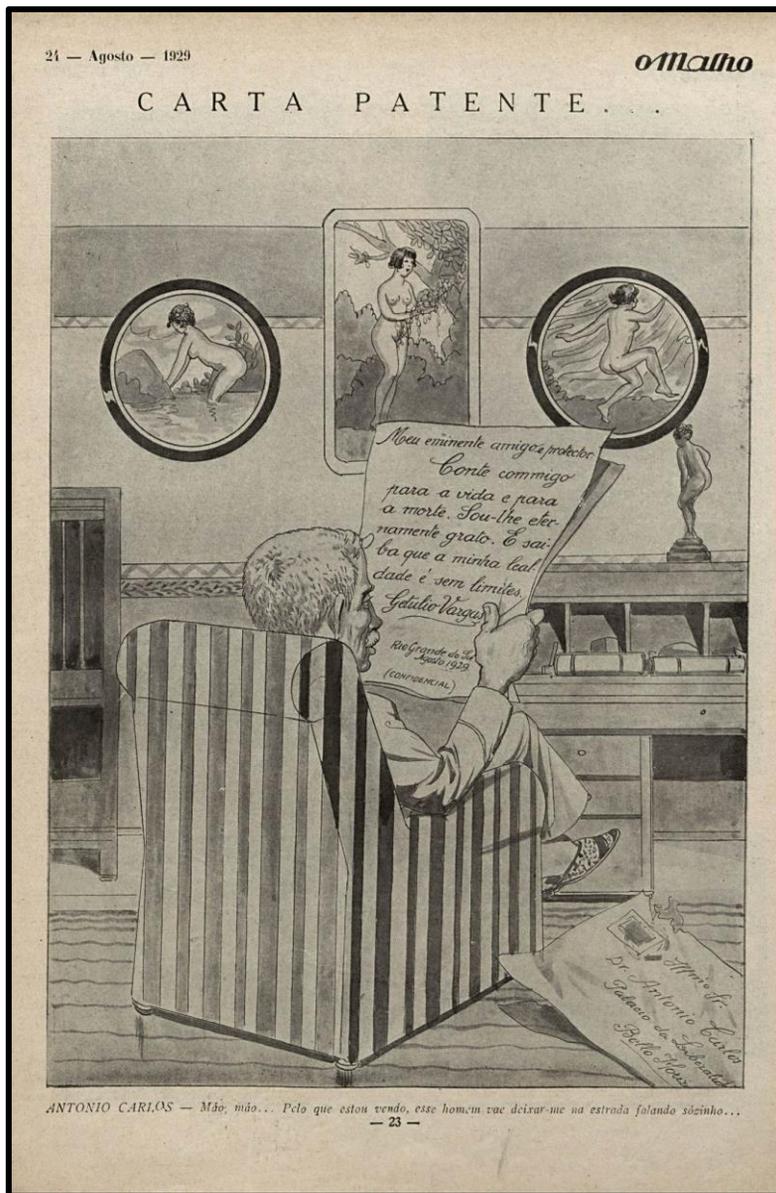
O protagonista de outra caricatura era Borges de Medeiros e as relações da “política gaúcha”, representada por uma espingarda, em relação à família Afonso Pena, primeiro atentando contra o pai, e depois sendo acatada pelo filho, constituindo uma crítica ao apoio de Afonso Pena Júnior à Aliança Liberal. Retomando o enfoque das correspondências, o semanário trazia uma “carta patente”, desenho em que Antônio Carlos lia uma missiva enviada por Getúlio Vargas, prometendo “lealdade sem limites”, em mensagem que o destinatário não depositava nenhuma confiança, sob o risco do outro lhe abandonar, deixando-o “na estrada falando sozinho”. O político mineiro José Bonifácio de Andrada e Silva anunciava que a Paraíba estaria a salvar “a dignidade do Norte”, em quadro que o hebdomadário carioca carregava nas tintas da ironia, pois o desenho estaria a demonstrar a desonra do governante paraibano, que entregava a cadeira do governo da Paraíba a Antônio Carlos, limitando-se à função de um engraxate, sentado em um caixote identificado com “vencimentos ilegais”, em sinal de uma suposta humilhação de João Pessoa, ao participar da Aliança Liberal. O chefe político sul-rio-grandense Joaquim Francisco de Assis Brasil era apresentado pela folha caricata como um personagem volúvel, ao ser representado como uma planta que oscilava em seus posicionamentos, de acordo com o “vento” do “oportunismo”, ora atuando como bernardista, passando depois a revolucionário, para, posteriormente, voltar a apoiar o ex-Presidente Artur Bernardes<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 24 ago. 1929.



A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



24 — Agosto — 1929

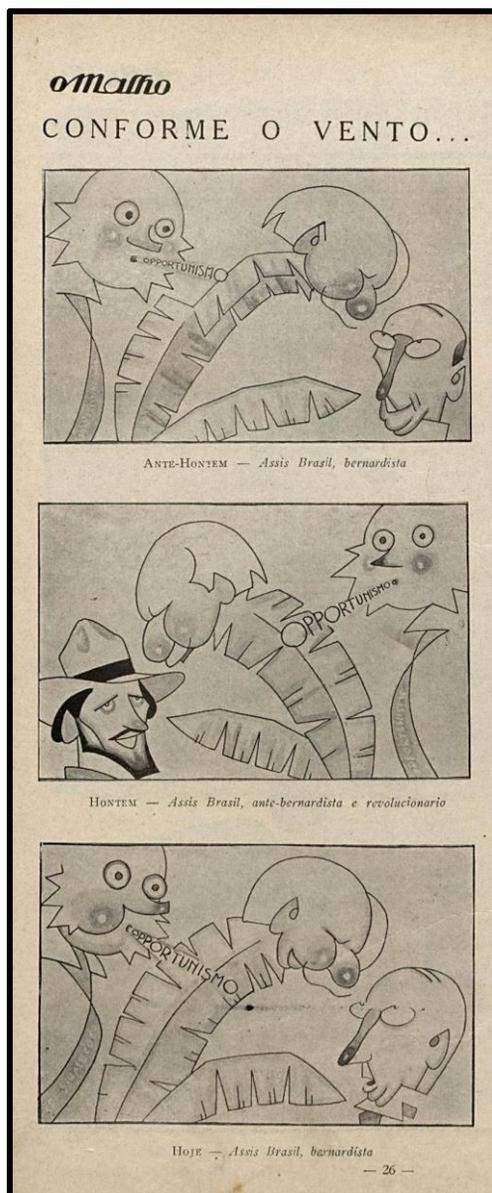
*o Malho*

A MELHOR DO BONIFACIO...



JOSE' BONIFACIO — "A Parahyba, senhores, salvou a dignidade do Norte!"

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO

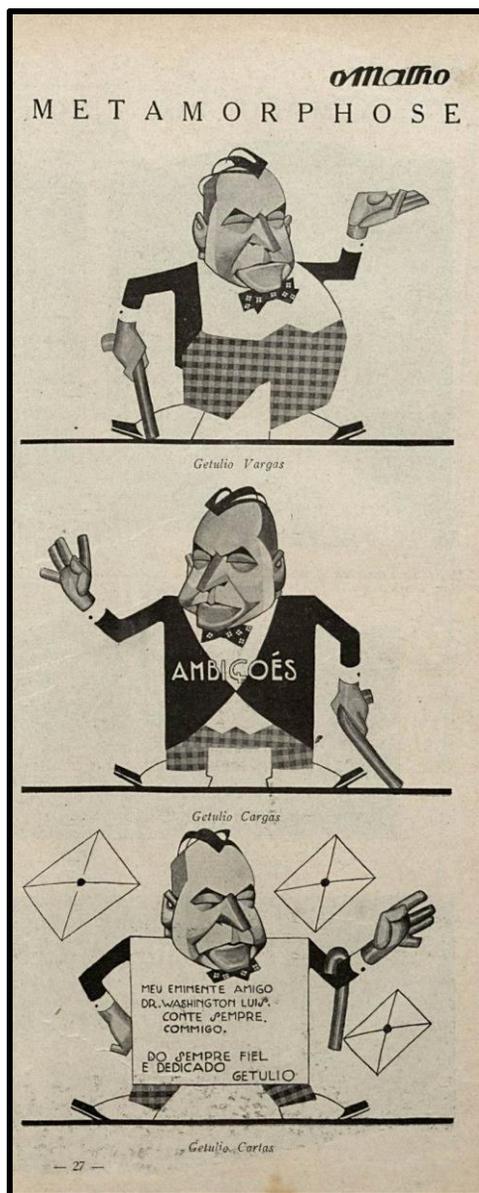


A publicação ilustrada fluminense também apontou para a falta de confiabilidade no campo político de Getúlio Vargas, ao mostrar sua “Metamorfose”, primeiro chegando a fazer parte do governo Washington Luís, para depois, por causa das “ambições”, colocar-se como adversário do mesmo, embora não deixasse de declarar que permanecia “sempre fiel e dedicado” ao Presidente. Em plena representação do mandonismo local, Antônio Carlos aparecia mostrando um cacho de bananas associado à sucessão do governo mineiro, deixando evidenciado o seu controle do quadro político estadual, uma vez que aqueles que pudessem ter pretensões eleitorais eram apresentados como macacos, ávidos por usufruir das bananas. Ainda sobre a política mineira, Antônio Carlos e José Bonifácio tentavam manter nos trilhos um vagonete que carregava os representantes do Partido Republicano Mineiro, que corria em direção aos trilhos rompidos e a um abismo, cujo fundo encontrava-se apinhado de feras selvagens. Perante a possibilidade do desastre iminente, Ribeiro de Andrada parecia não se preocupar, pois, mesmo que o partido se esboroasse, ele estaria a salvo. Em “Cartas-programa”, o parlamentar carioca Irineu Machado dizia estar esperando o conteúdo programático da Aliança Liberal para manifestar-se, ao que contrapunha o Zé Povo, dizendo que a palavra de Vargas, falada ou escrita, não teria nenhum valor. Em outra presença do Zé Povinho, ele negava-se a conversar com Antônio Carlos, optando por embarcar no trem denominado “Cruzeiro do Sul”, em sinal de que estaria mais interessado nos interesses nacionais do que nos expressos pela oposição<sup>62</sup>.

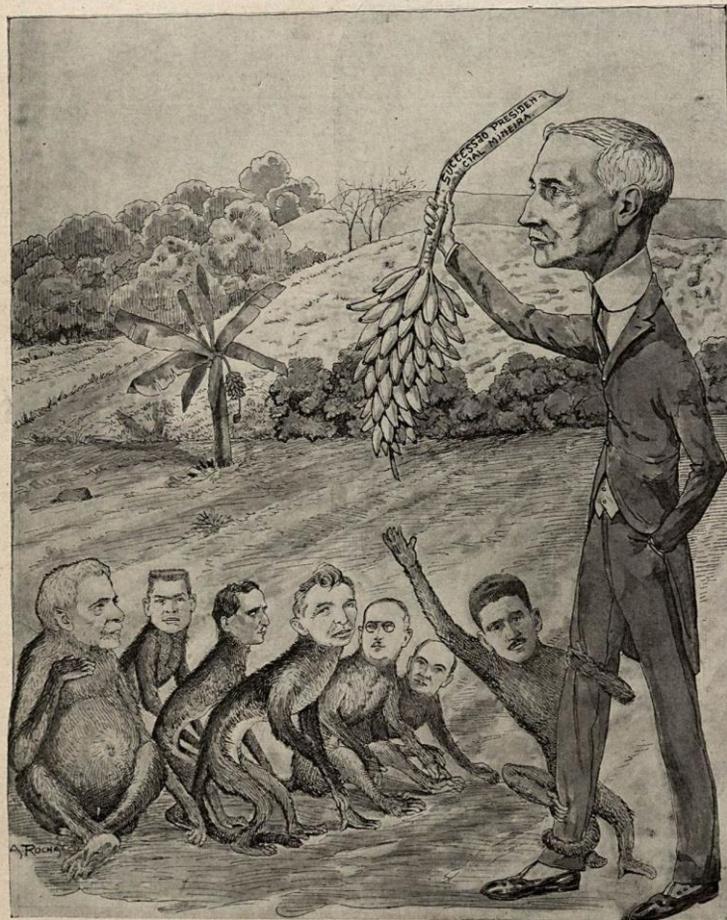
---

<sup>62</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 24 ago. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO

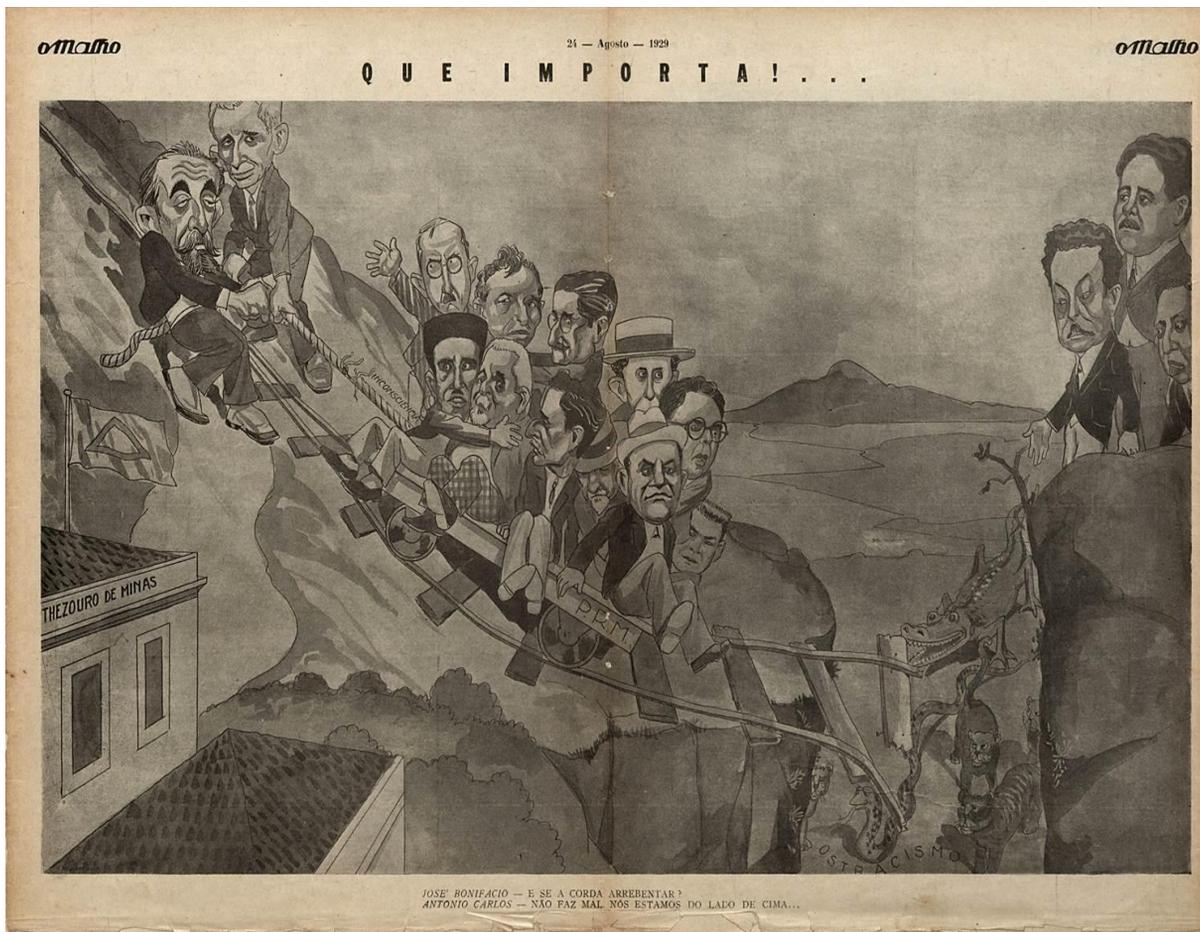


HUMORISMO ARRISCADO . . .



ANTONIO CARLOS (phrase authentica) — Enquanto eu tiver na mão o cacho de banana da sucessão mineira, a macacada ficará sempre a meus pés...

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



*oMalho*

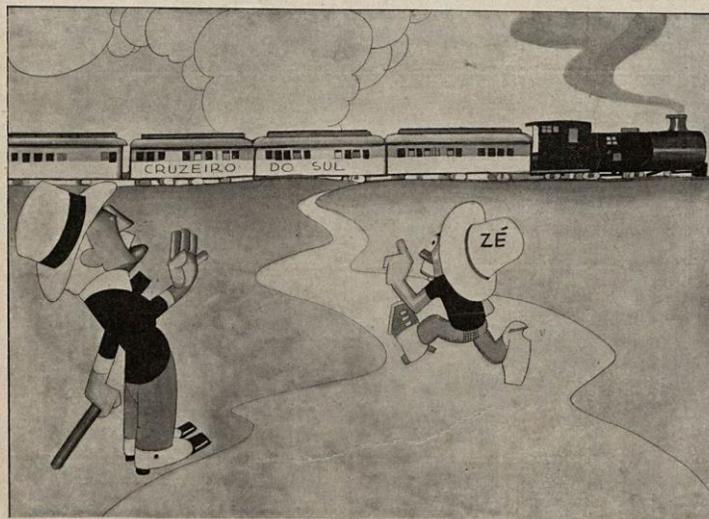
24 — Agosto — 1929

C A R T A S - P R O G R A M M A



IRINEU MACHADO — Não posso manifestar-me contra o Getúlio enquanto elle não fa'ar sobre o seu programma.  
ZE' POVO — Mas que valor tem a palavra falada, d'um homem que não honra a sua palavra escripta?!

DE BONDE — NÃO, VIOLAÇÃO!



ANTONIO CARLOS — Olá, amigo velho. Para um pouco e conversa com a gente.  
ZE' POVO — Não posso. Está chegando a hora de tomar o trem...

Em mais uma capa, sob o título “O preço de uma façanha”, aparecia cena em que, diante de um olhar cândido de uma figura feminina com ares santificados, simbolizando o Estado de Minas Gerais, Antônio Carlos consultava uma cigana que lia a sua mão, fazendo previsões pouco alvissareiras, no sentido de que ele viria “amaldiçoado” pelo conjunto da população brasileira. No canto da gravura, o periódico mais uma vez brincava com a previsão gaúcha de amarrar os cavalos no obelisco, mostrando brinquedo que representaria tal ato, sem possibilidade de acontecer na concepção da folha. Na página de abertura, um desenho mostrava Antônio Carlos arrastando a montaria, que trazia João Pessoa, mais uma vez envolvido com desvios de verbas públicas, sob a inspiração de que tal ação salvara “a dignidade do Norte”, ao que o semanário argumentava que via “as coisas de outra forma”, ou seja, um pé desproporcionalmente, identificado com o Norte, estaria a desferir um chute nos fundilhos do político mineiro, em alusão à perspectiva de que tal apoio não fora tão efetivo quanto os aliancistas pretendiam fazer valer. A alegoria do Zé Povo tratava com escárnio os cuidados de Ribeiro de Andrada para com uma adoentada Aliança Liberal, acreditando na sua morte iminente, pois, com aquele “médico de cabeceira”, já poderia ir tratando de “fazer o testamento”. A liderança mineira foi desqualificada também por figura feminina que representava o seu Estado, e que dizia que o mesmo não faria jus aos seus antepassados, retirando-lhe o sobrenome “Andrada” de sua denominação. Em outra caricatura sobre “bons exemplos”, um indivíduo negava ter dado a sua palavra de honra ao assinar um documento, pois teria utilizado a “marca ‘Getúlio’”, a qual não seria confiável<sup>63</sup>.

---

<sup>63</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 31 ago. 1929.



A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO









Na caricatura “Operando”, *O Malho* mostrava os aliancistas como um grupo de desatinados, correndo desesperadamente para atingirem seus anseios de poder. Já em “Quem tem pescoço, tem medo...”, o periódico lembrava certas tradições atribuídas ao Rio Grande do Sul como a do ato violento da degola, praticado em algumas de suas revoluções, em quadro pelo qual Vargas apresentava a Antônio Carlos um chefe gaúcho, portando uma enorme espada suja de sangue, e dizia que seria ele um “dos nossos” e identificava-o como um degolador. Os protagonistas eram os mesmos em “Divisão do trabalho” e mais uma vez o tema era violência, com Getúlio Vargas, vestido à gaúcha e prometendo matar, esfolar e cortar em pedaços os adversários, ao que o aliado mineiro cobrava para si parte de tais missões. As disputas internas na política mineira eram retratadas, no sentido de contestar a liderança de Antônio Carlos propalada como intocável, uma vez que o Partido Republicano Mineiro era representado como um dirigível remendado e com riscos de cair, surgindo a possibilidade de apoio vindo por mar, em barco dirigido pela dama que aludia à Minas e outros líderes políticos estaduais, que poderiam surgir como alternativas a Ribeiro de Andrada. A palavra do parlamentar mineiro José Bonifácio também era contestada, em cena na qual ele aparecia em tempos pretéritos, com a demonstração de seu comportamento não seria condizente com o de seus antepassados<sup>64</sup>.

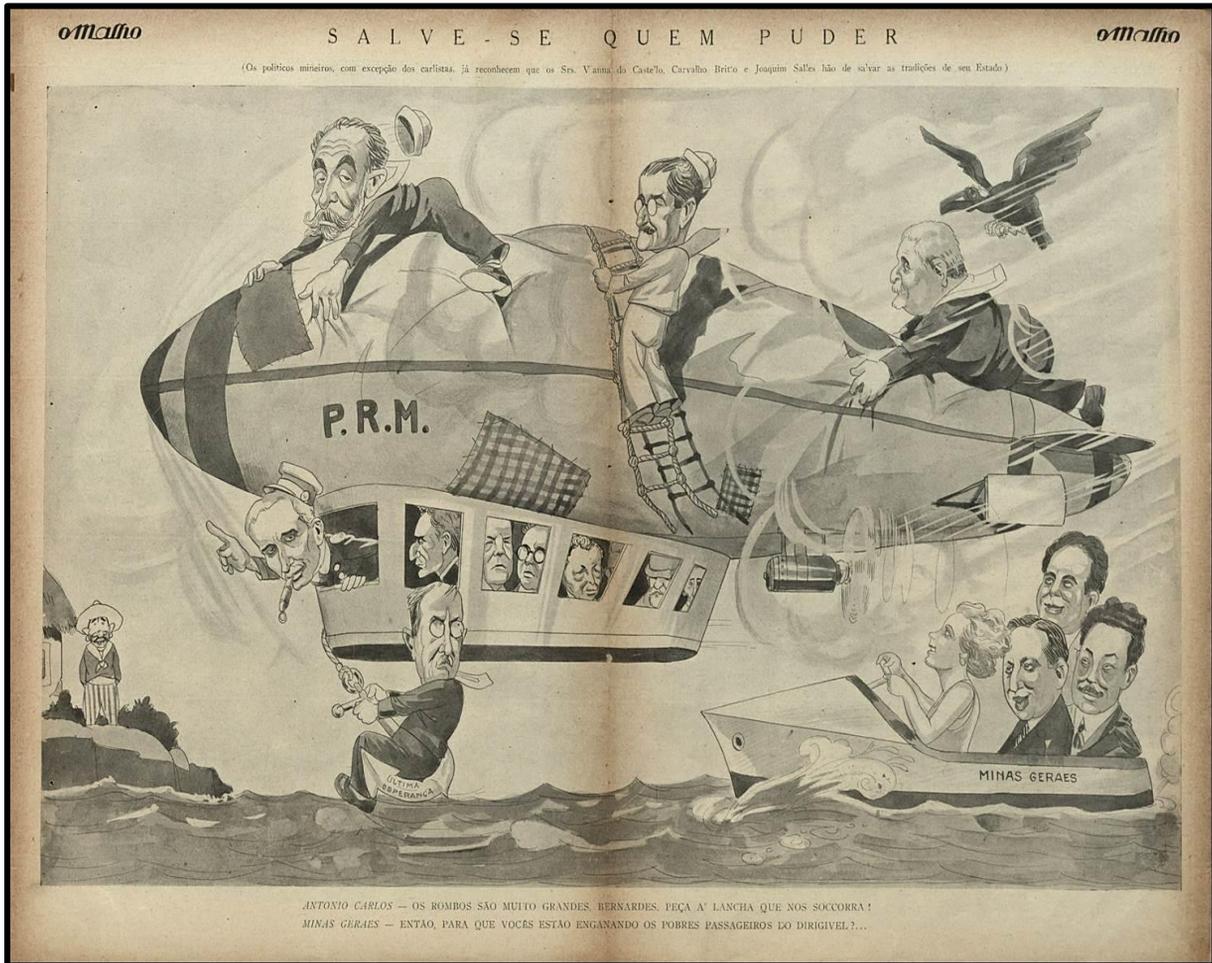
---

<sup>64</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 31 ago. 1929.

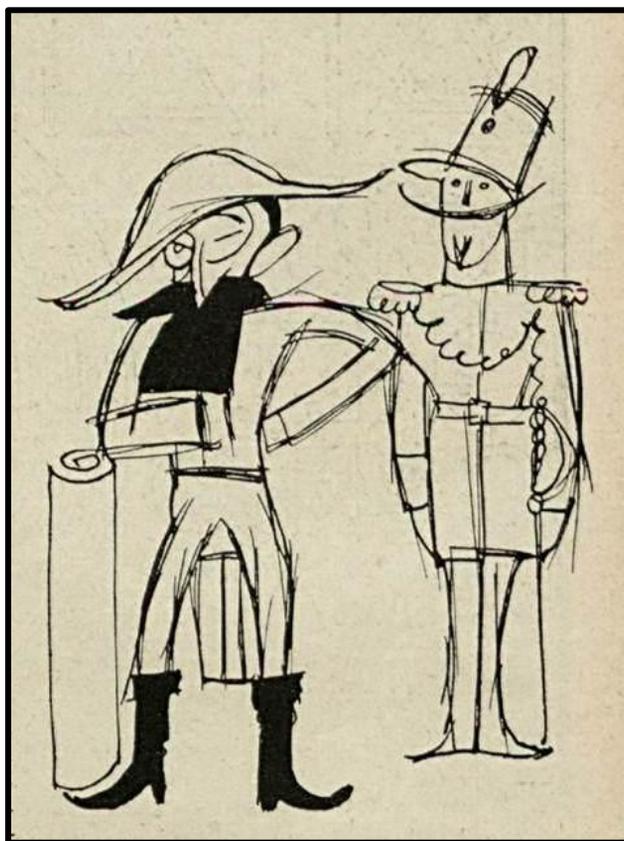


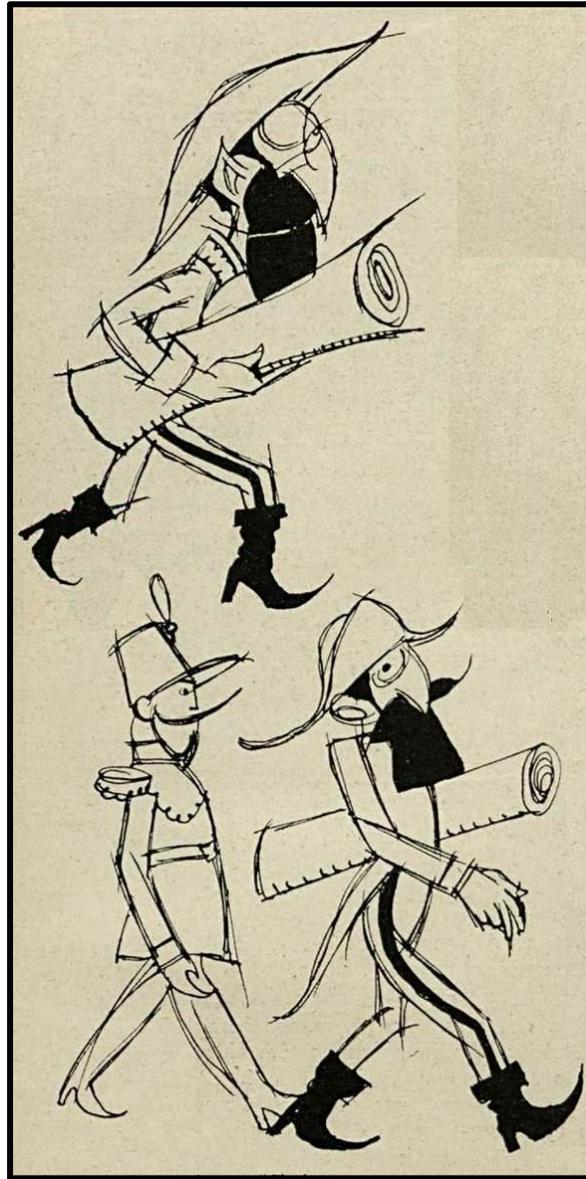


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



*o Malho*  
POR CONTA  
DO  
BONIFACIO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



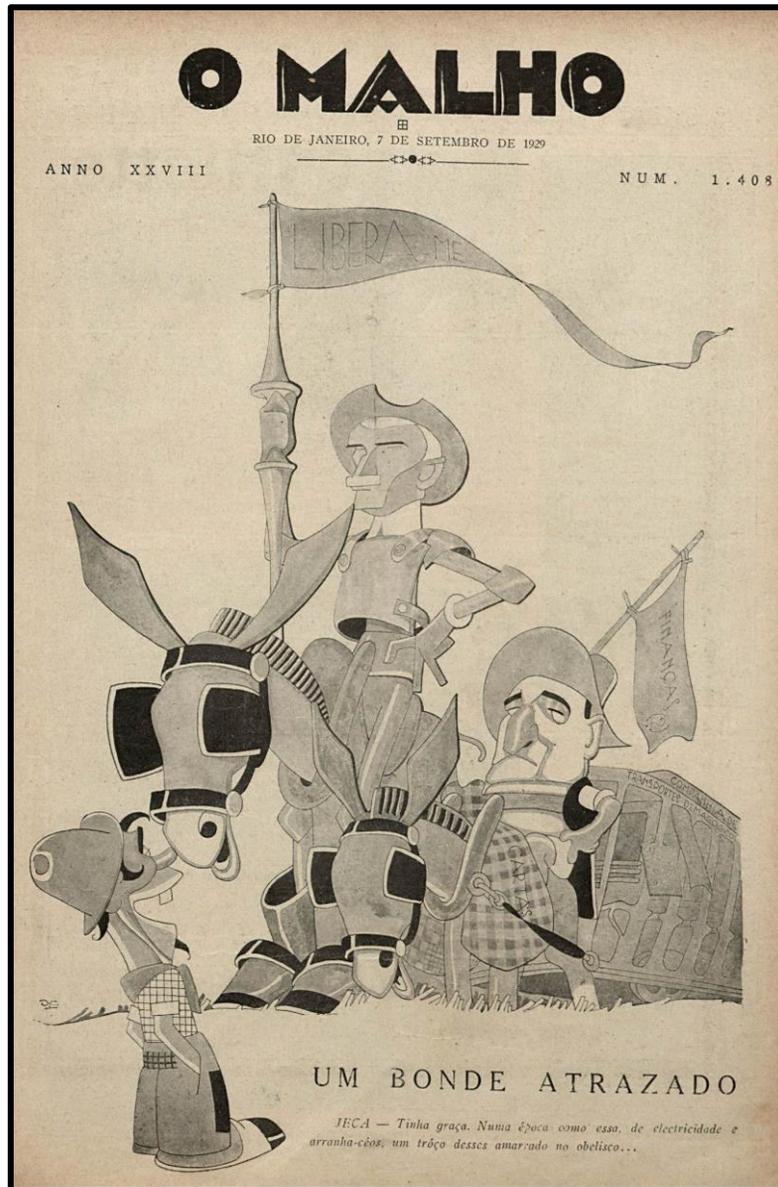
Sob o título “O bate barbas”, uma nova capa do hebdomadário mostrava Washington Luís fazendo troça dos aliancistas, ao segredar junto do Zé Povinho que o verdadeiro “barbado” – alcunha pela qual era conhecido – seria ele mesmo, e não o político mineiro José Bonifácio, em analogia com a perspectiva de que ele teria mais poder e penetração popular que o adversário. Antônio Carlos e Getúlio Vargas apareciam comparados a cavaleiros medievais, montando burricos, o primeiro com a flâmula dos liberais, o segundo com a das finanças, em alusão ao ministério que ocupara recentemente, além de trazer uma carga de demagogia. Frente à cena, o Zé Povo gracejava, ao dizer que, tendo em vista tantos sinais de progresso, seria um contrassenso “um troço desses amarrado no obelisco”. Um conjunto de caricaturas apresentava uma “tradução da famosa carta do Sr. Getúlio Vargas ao Presidente da República”, pela qual os desenhos contradiziam frontalmente cada uma das afirmações apresentadas pelo político gaúcho na missiva, que, em oposto ao que dizia, estaria mobilizando forças, divulgando amplamente, mobiliando suas forças políticas e parlamentares do Rio Grande do Sul, conspirando com Antônio Carlos, preparando uma bomba para entregar na mão de Washington Luís e não medindo esforços para chegar à cadeira presidencial, de modo que, ao final, a folha caricata qualificava o líder rio-grandense como um “amigo urso” que ria desbragadamente, ou seja, ele seria alguém traiçoeiro, que não poderia merecer nenhum tipo de confiança<sup>65</sup>.

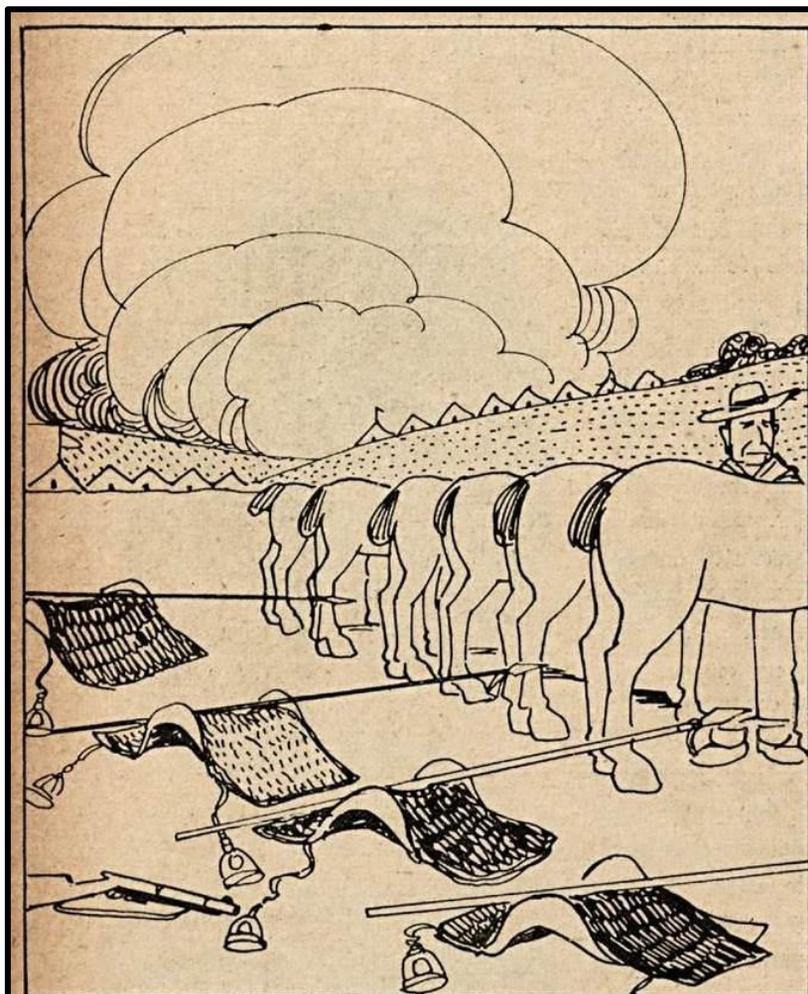
---

<sup>65</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 7 set. 1929.

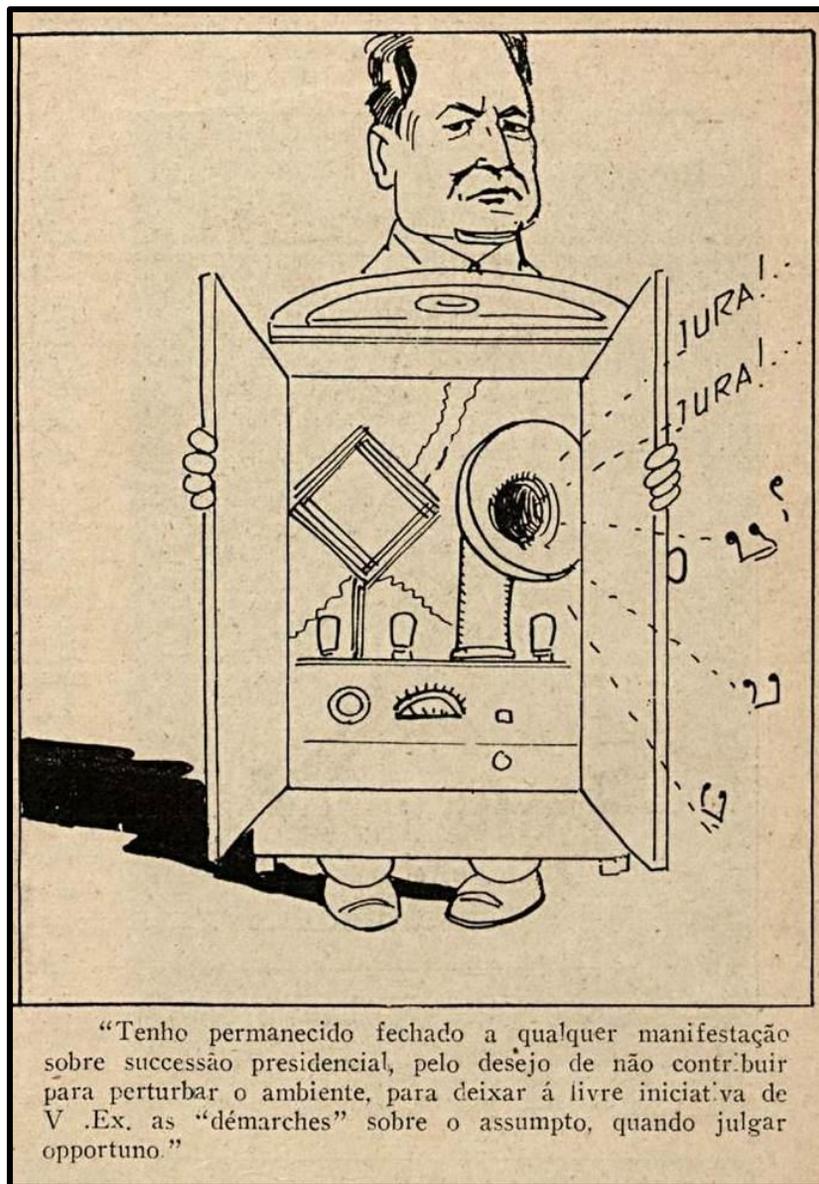
A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO

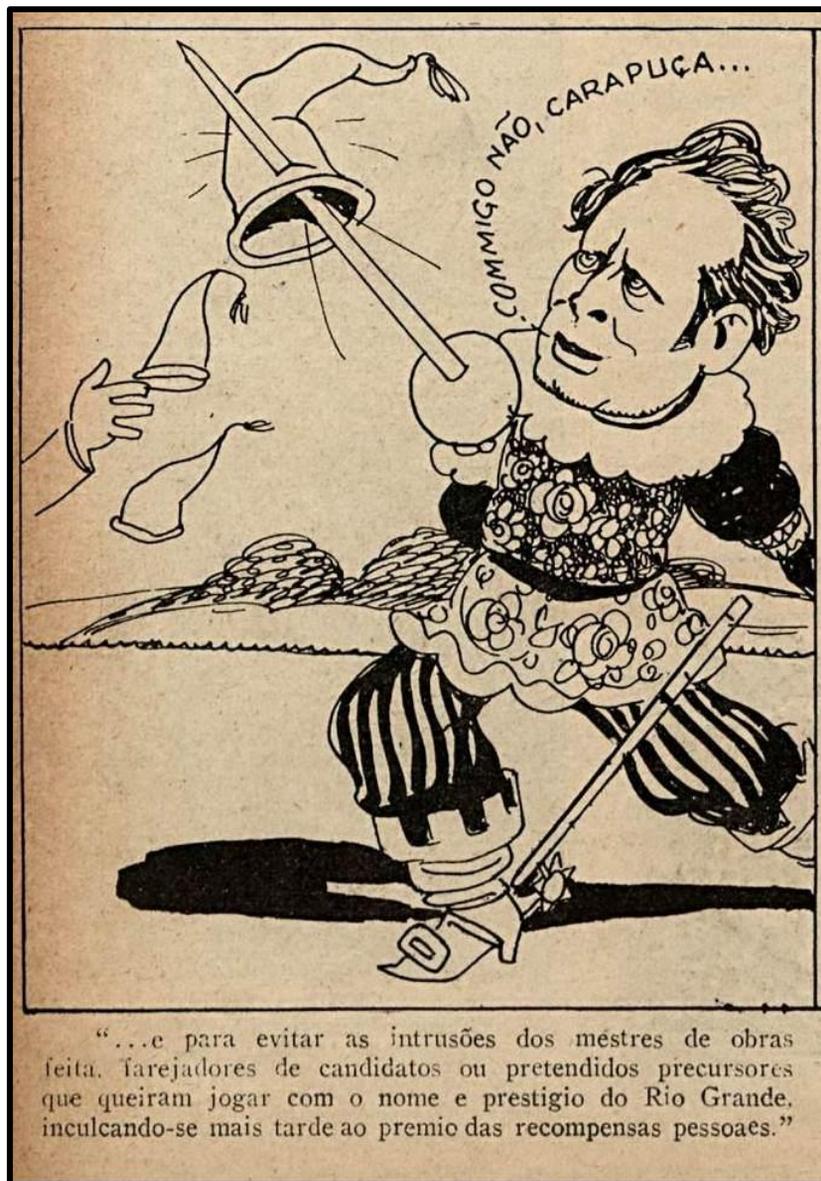


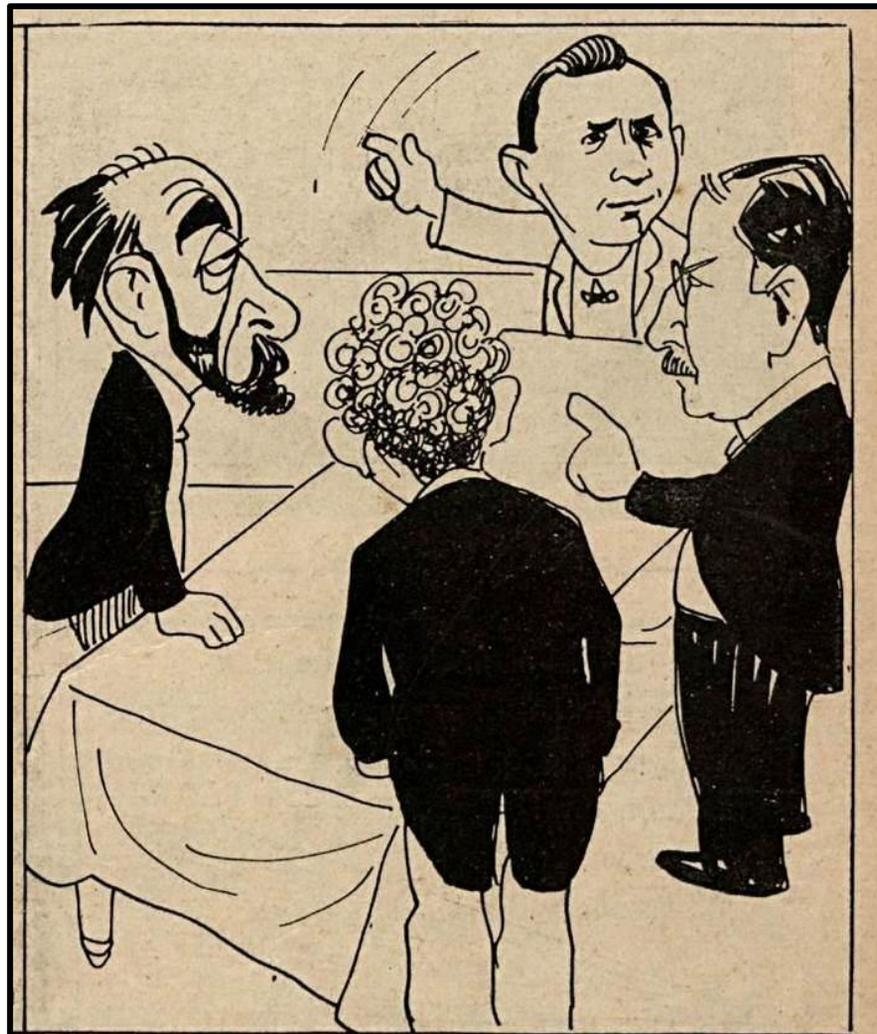




“Quanto á politica federal, a nossa attitude e as nossas disposições são as mesmas exaradas na carta que escrevi a V. Ex. em Dezembro do anno passado e que agora reaff.rmo, com o memo sigillo que o caso exige. Nenhuma alteração houve.”

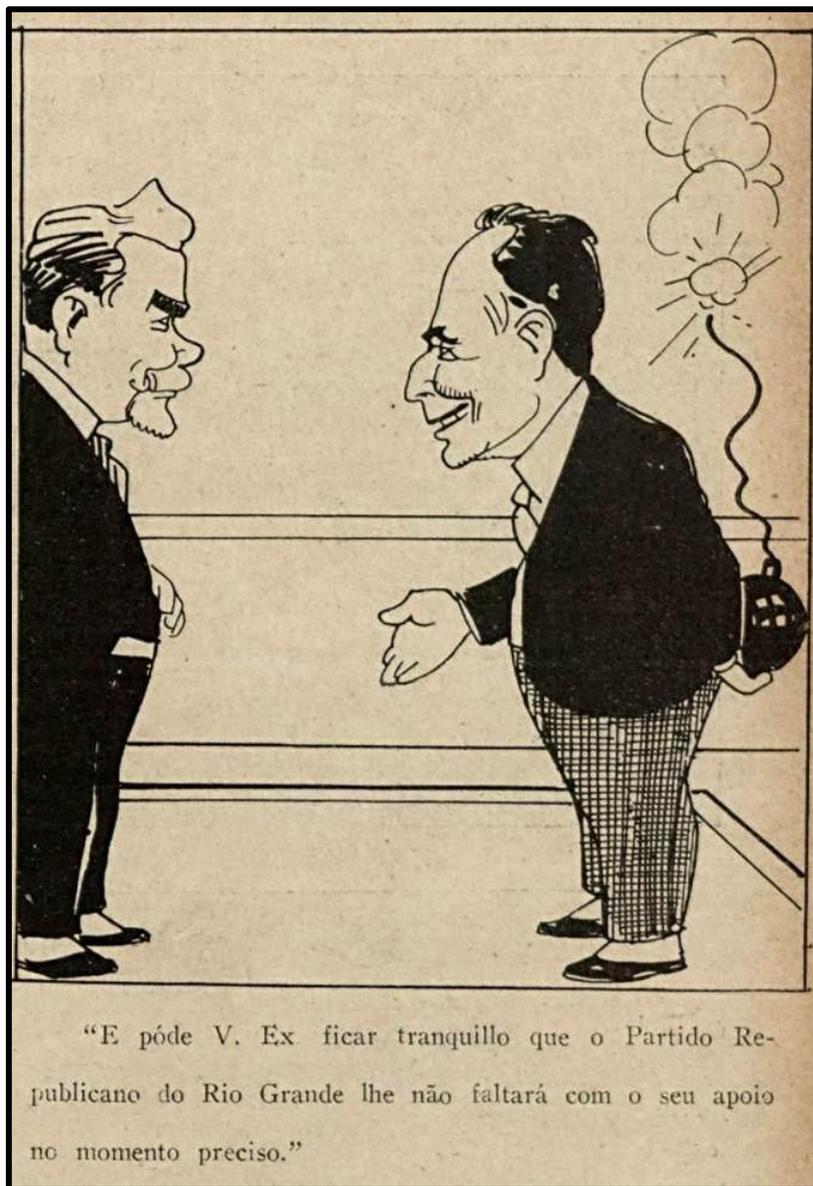






“Para evitar precipitações ou imprudências, nenhum representante do Rio Grande tem autorização para tratar do caso, em nome da situação dominante do Estado.”







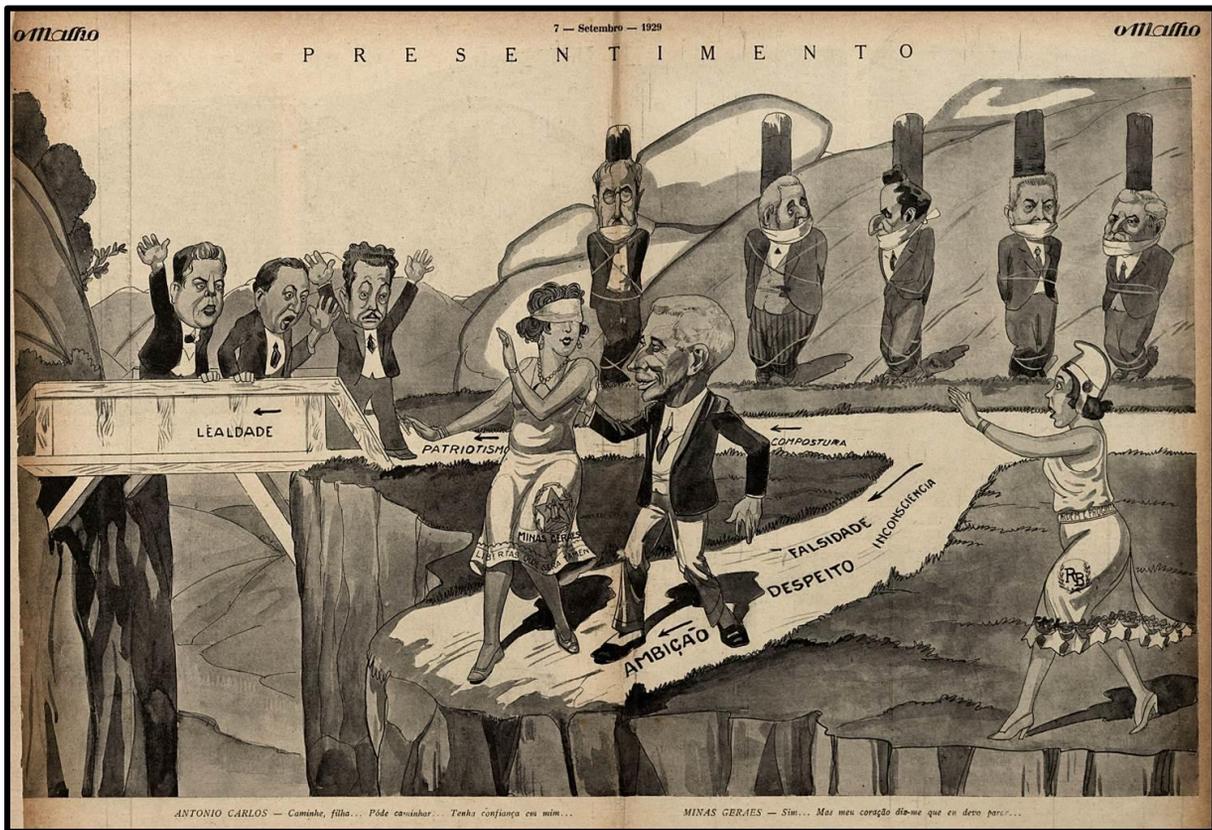


Um presságio de mau agouro era representado em caricatura intitulada “Pressentimento”, a qual mostrava um quadro caótico, no qual alguns políticos eram apresentados amarrados a postes e amordaçados, enquanto outros seguiam a estrada da “compostura” e do “patriotismo”, até chegarem à ponte da “lealdade”, enquanto Antônio Carlos seguia o caminho oposto, marcado pela inconsciência, pela falsidade, pelo despeito e pela ambição, conduzindo a figura feminina que representava Minas Gerais em direção ao abismo, apesar dela ter o sentimento de que deveria parar, sendo a cena acompanhada com angústia por parte da alegoria feminina que simbolizava a República. Minas Gerais era mais uma vez designada como uma mulher, mais especificamente uma “dona de casa”, que, aborrecida, via Ribeiro de Andrada, na forma de um macaco a fazer muitas estrepolias no armário de louças, quebrando o que Minas teria “de melhor”, ou seja, a sagacidade, a prudência, a compostura, a lealdade, o prestígio na federação e a hegemonia política mineira<sup>66a</sup>. “O blefe do Andrada” era a caricatura de outra capa, na qual a disputa entre governistas e aliancistas era comparada a um jogo de baralho, no qual, sob o olhar do Zé Povinho, Vargas já havia desistido deixando as cartas à mesa, enquanto à missiva com supostas inverdades enviada ao Presidente aparecia rasgada ao chão; Antônio Carlos, acreditando em uma sequência que tinha em mãos, pretendia lançar suas três fichas, identificadas com os Estados que compunham a Aliança, Rio Grande Minas e Paraíba; em contrapartida, Washington Luís, mostrava-se vencedor apresentando uma composição imbatível, que seria formada pelos princípios de

---

<sup>66</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 7 set. 1929.

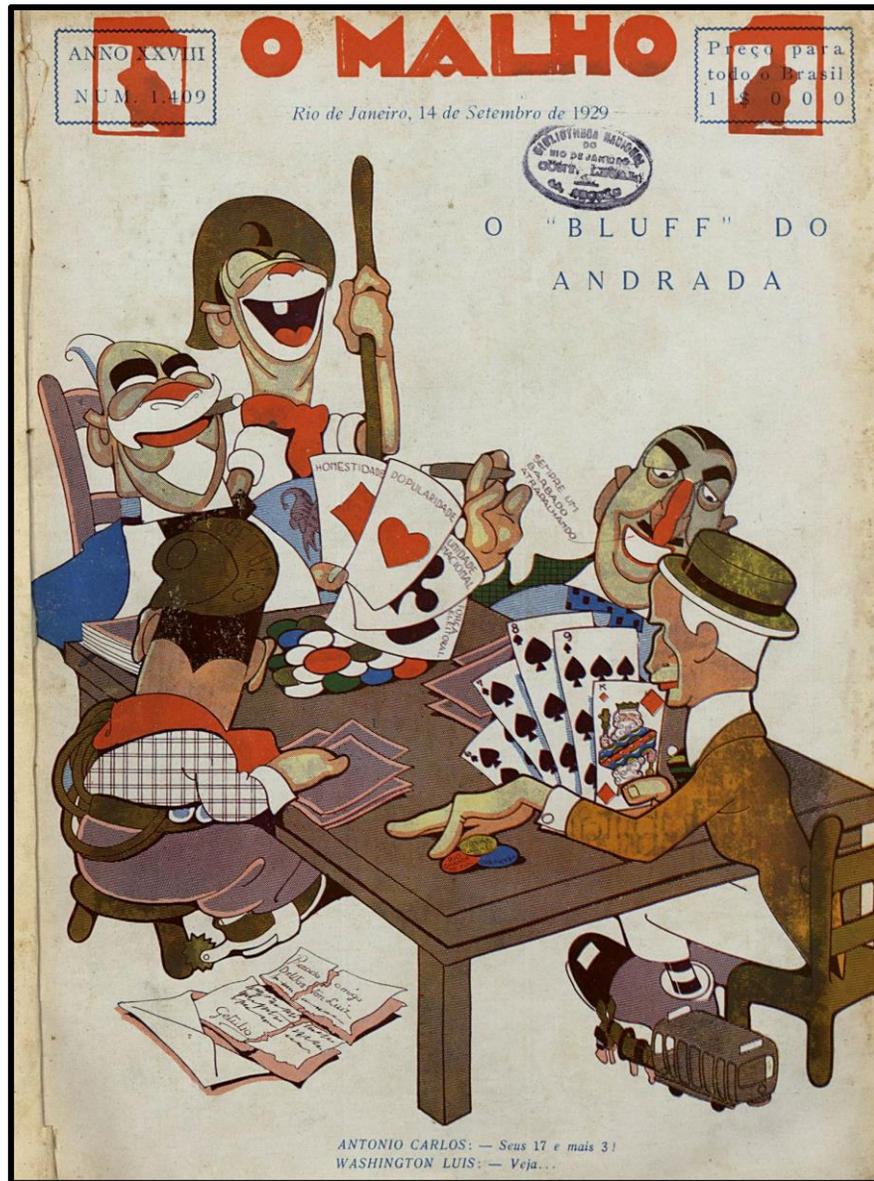
honestidade, popularidade, unidade nacional e força eleitoral; perante o que Júlio Prestes, risonho, apontava que o “barbado” atrapalhara os planos da oposição<sup>67</sup>.



<sup>67</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 14 set. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





O periódico mostrava disputas internas no seio aliancista como se fosse uma rinha de galos, frente a qual o Jeca mostrava-se insatisfeito, dizendo que preferia aquelas que tinha a participação do mineiro José Bonifácio de Andrada e Silva. Novo cenário caricatural trazia o Zé Povo em um bar, no qual o garçom lhe oferecia uma “água choca liberal”, proveniente de Antônio Carlos, ou uma “água radioativa”, que supostamente não conteria “substâncias nocivas”. Diante de tais opções, o semanário buscava demonstrar qual seria a orientação do voto da população brasileira, uma vez que o Zé dizia não querer nenhuma das bebidas que lhe eram ofertadas, pois seriam apenas “experiências”, de modo que preferia as certezas que poderia ter com a escolha de Júlio Prestes. Como se fossem gatos, aninhados ou próximos de um saco identificado com a Aliança Liberal, diante do olhar de Antônio Carlos, Getúlio Vargas e o parlamentar fluminense João Antônio de Oliveira Guimarães, conversavam sobre respeito ao voto, ao que o segundo lembrava situação em que fora esbulhado, sofrendo com o parecer do próprio Vargas. A intenção sul-rio-grandense de amarrar suas montarias no obelisco voltou a servir de mote para os chistes do hebdomadário, ao buscar mostrar o quão absurdo seria tal projeto, idealizando conjunto de desenhos que trazia uma “indústria extrativa de obeliscos”, na qual era mostrada a produção dos mesmos, desde a extração da madeira, a passagem pela serragem, o transporte e a colocação à venda para um amplo público de gaúchos, sendo tal comércio considerado como “o mais rendoso negócio deste momento”<sup>68</sup>.

---

<sup>68</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 14 set. 1929.

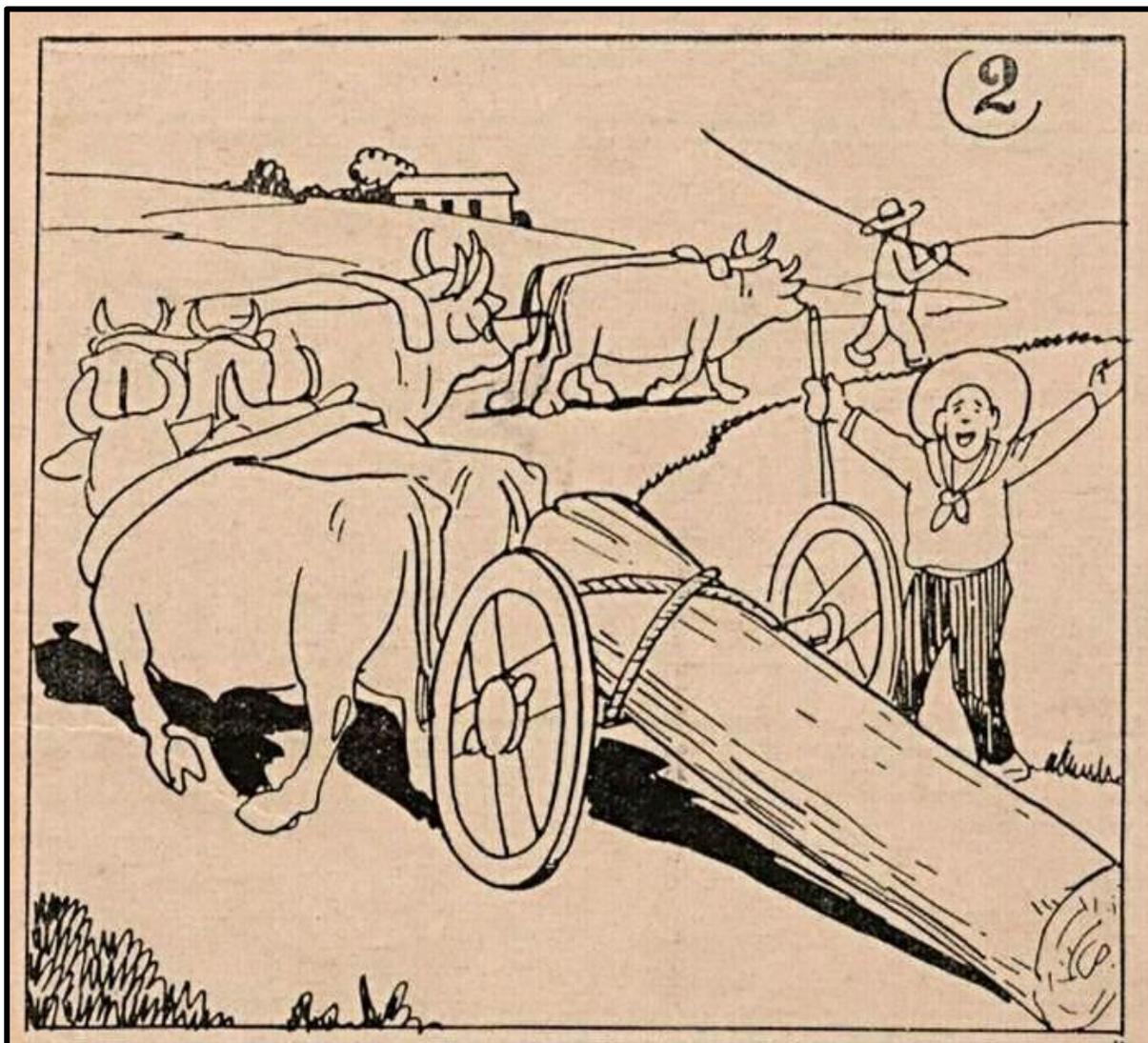


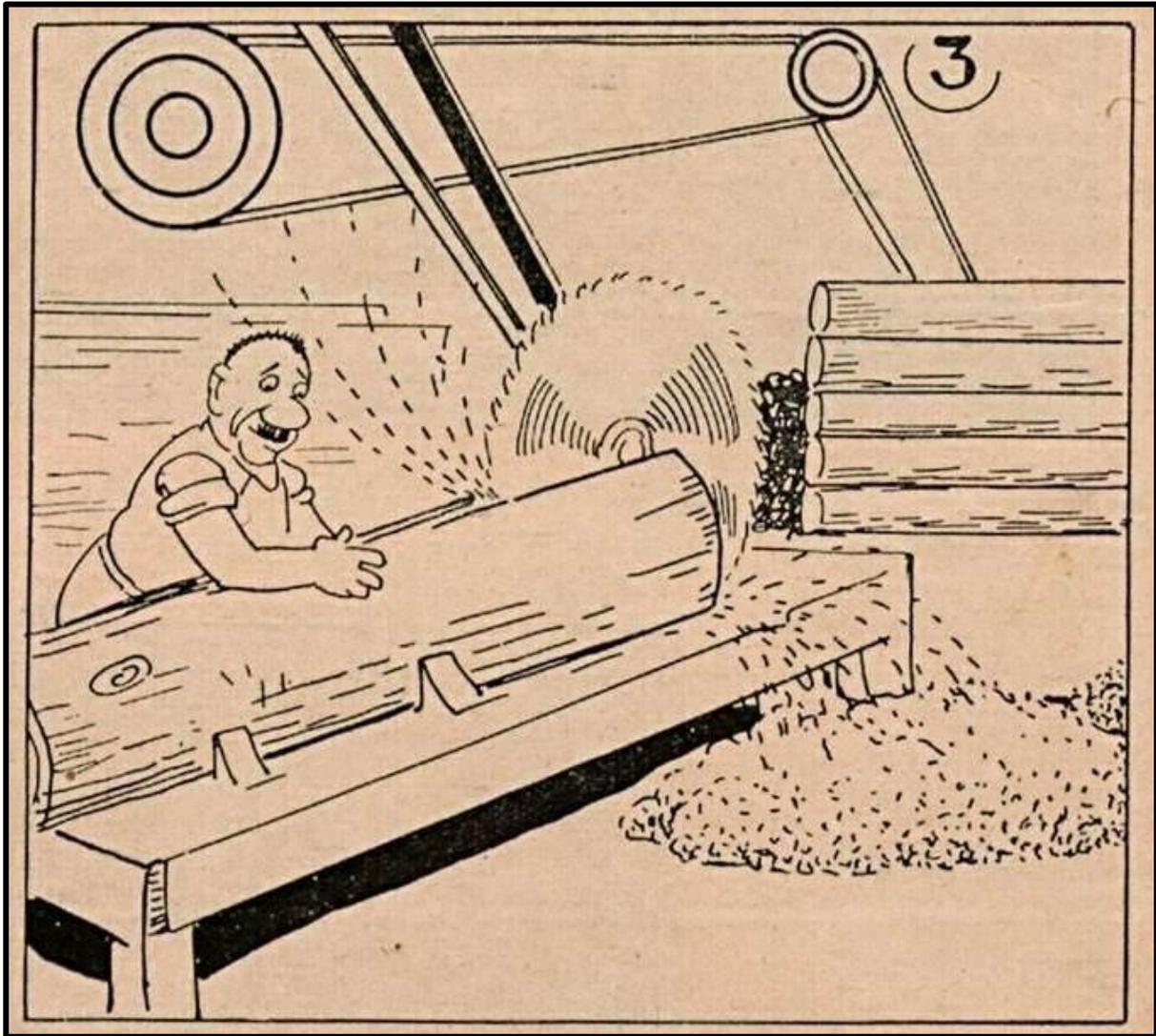
A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



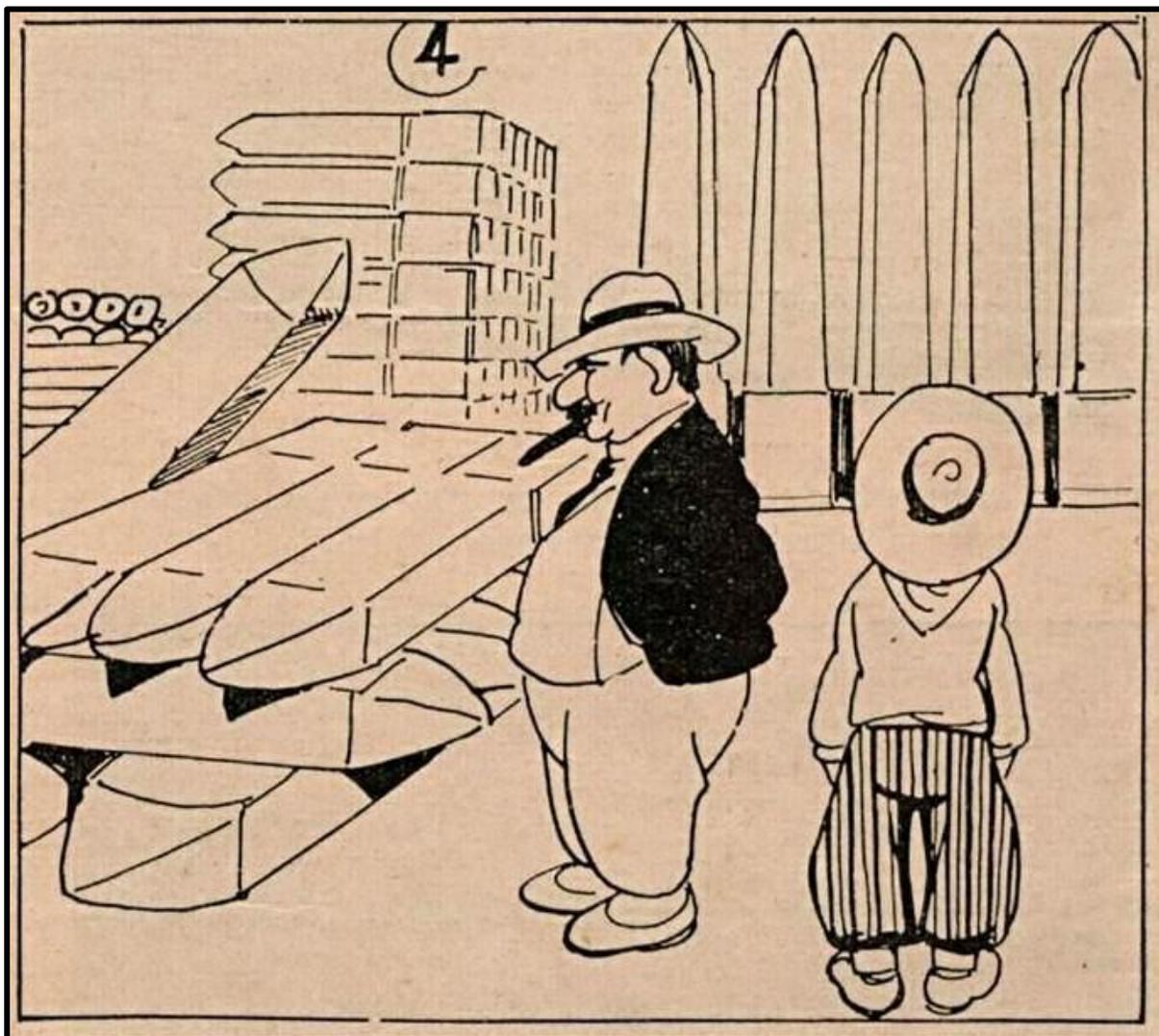


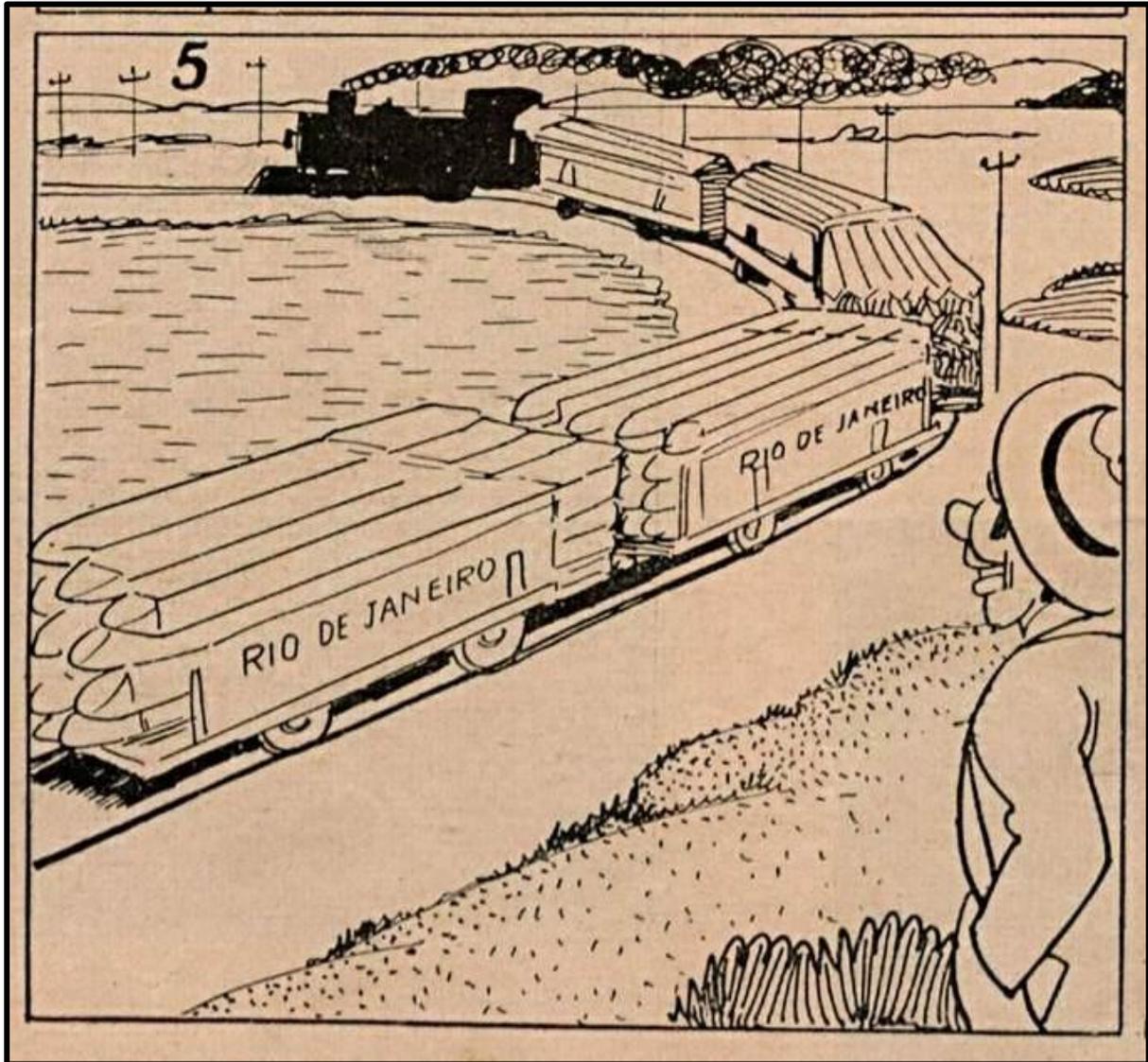
A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO

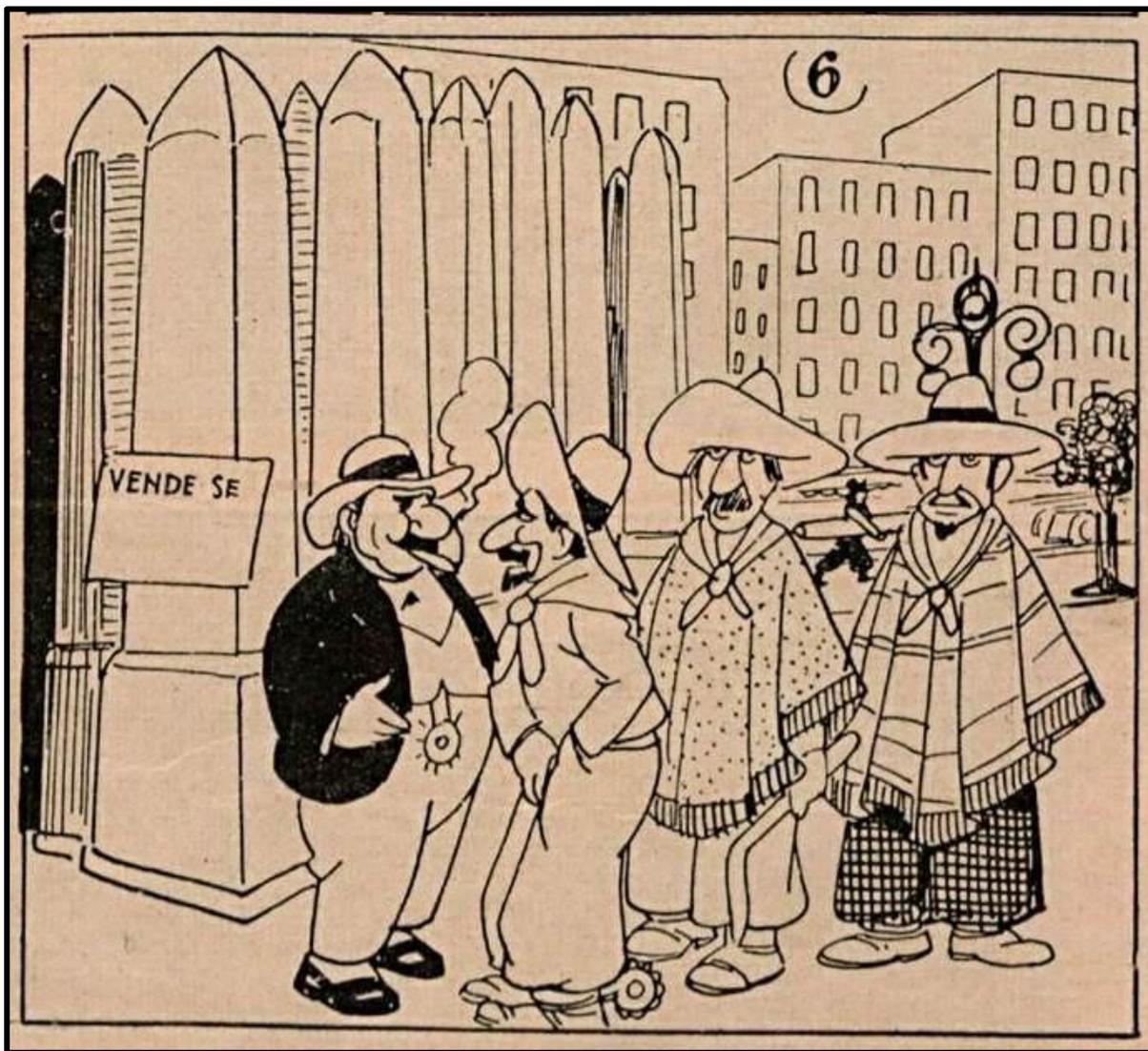




A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO







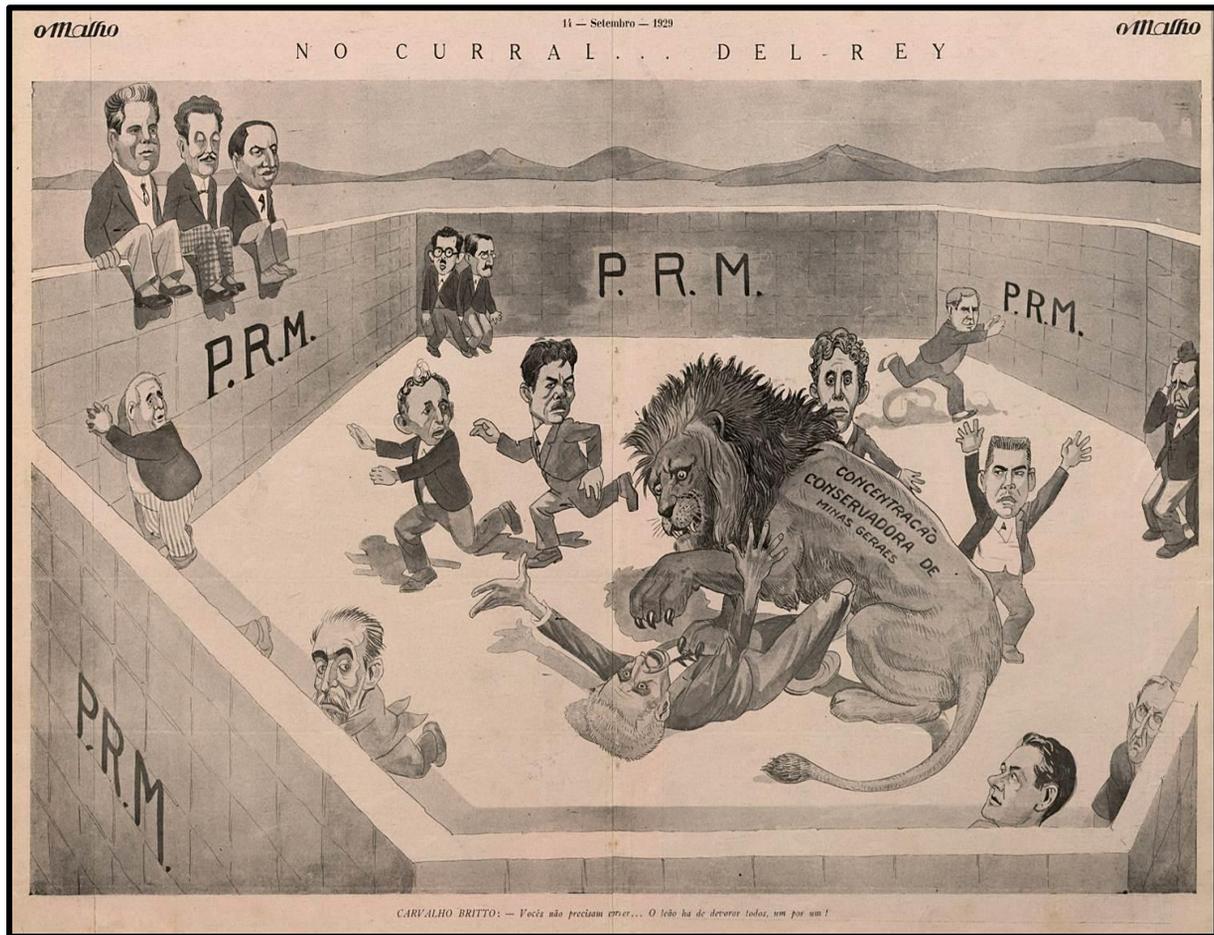
Em um arremedo de bonde, do qual só restavam alguns pedaços, Getúlio Vargas era um dos passageiros, enquanto o motoneiro, Antônio Carlos, já davam sinais de que não seria possível chegar ao Palácio do Catete, ou seja, ao poder presidencial. Já em “Liberalidade de opinião”, Ribeiro de Andrada era apresentado como um indivíduo de duas caras, ou seja, hipócrita, falso e desonesto, que muda de opinião facilmente, de modo que o periódico se referia a um momento do passado em o personagem mudara radicalmente suas “convicções”. Ainda quanto ao contexto de Minas Gerais, o Partido Republicano de tal Estado era mostrado como um muro, no qual alguns de seus integrantes encontravam-se sentados à sua borda, enquanto outros fugiam espavoridos de um leão que representava a “concentração conservadora” estadual, que direcionava suas garras para a garganta de Antônio Carlos, aparecendo a fala do político mineiro Manuel Tomás de Carvalho Brito, segundo o qual todos acabariam por ser devorados. A mesma liderança mineira, Carvalho Brito aparecia em dois momentos, ao encaminhar meninos para o aprendizado da leitura, em 1907, e ao orientá-los, agora já adultos, em 1930, para votarem no candidato governista Júlio Prestes<sup>69</sup>.

---

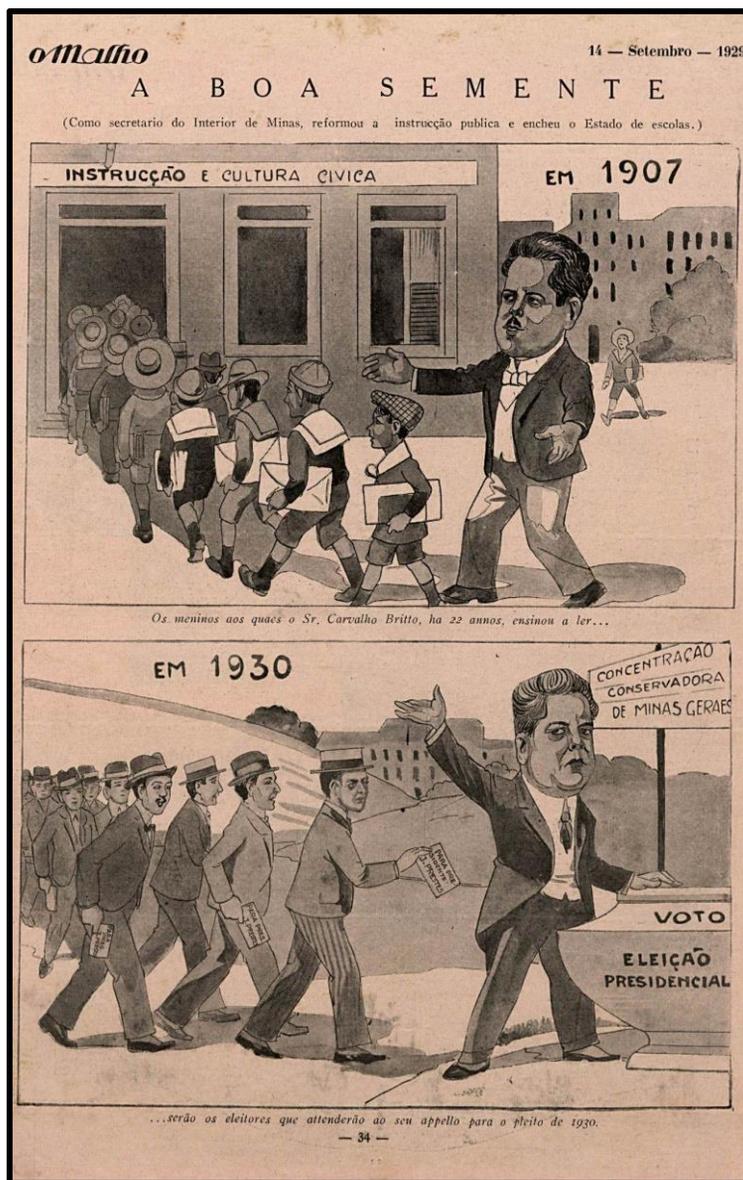
<sup>69</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 14 set. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO

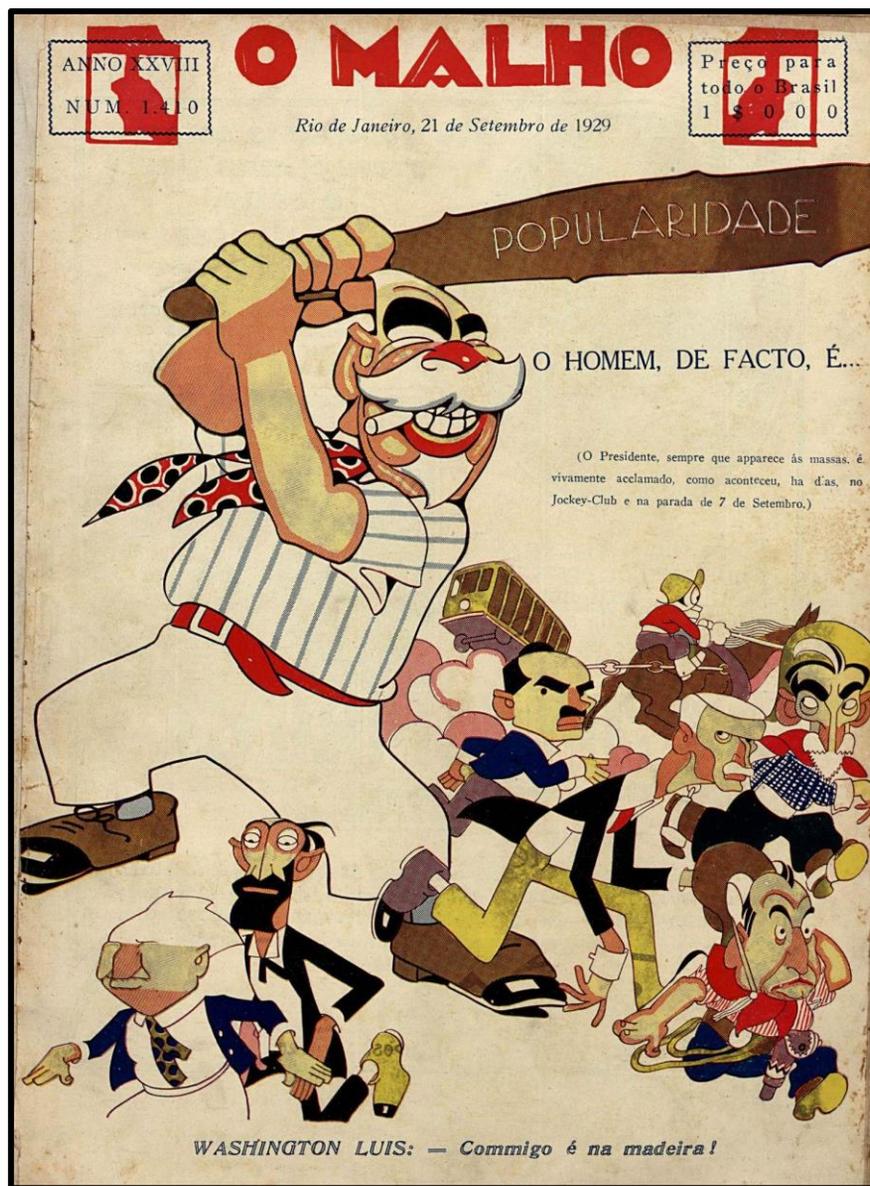


Utilizando-se de mais uma de suas capas, *O Malho* defendeu Washington Luís, citando que ele, “sempre que aparece às massas, é vivamente aclamado” e mostrou desenho caricatural no qual o Presidente colocava membros da Aliança Liberal para correr, utilizando-se ameaçadoramente de um porrete, identificado com sua suposta “popularidade”, além de considerá-lo como um homem de atitude e que tratava seus adversários “na madeira”. Como apoiador da autoridade presidencial, o periódico não pretendia associar a mesma a atitudes violentas, e sim buscar demonstrar a sua força e penetração junto ao público brasileiro. Por outro lado, a folha intentava apresentar a ideia de que os aliancistas pretendiam prejudicar a população, tanto que Antônio Carlos e Getúlio Vargas procuravam arrastar o Jeca em direção a uma fogueira, cuja lenha era carregada por José Bonifácio, ao que a representação do povo reagia, dizendo que já vinha aguentando a política repressiva desde o ano anterior. O Zé Povo, em mais uma caricatura, observava os líderes aliancistas utilizando-se da imprensa para criar uma “fogueira” de agitações contra o governo, mas, segundo o periódico, tal ação seria inócua, pois, ao contrário, a fumaça estaria servindo para encher um balão de gás, em analogia a uma possível ascensão da candidatura Júlio Prestes, em meio ao público eleitor<sup>70</sup>.

---

<sup>70</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



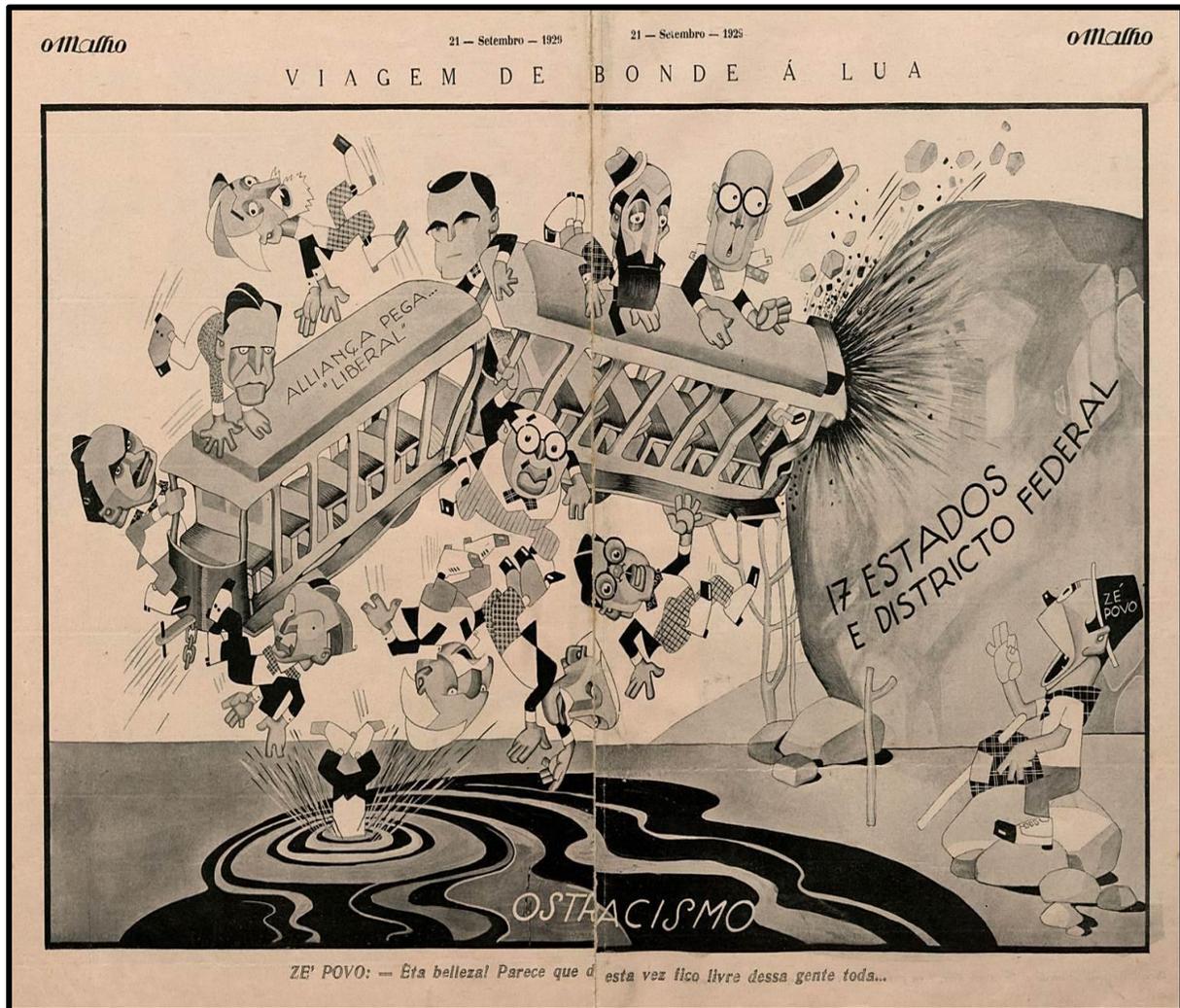
As diligências dos integrantes da Aliança Liberal para se instalarem no Rio de Janeiro foram demonstradas de modo jocosos pela publicação ilustrada, em “Um esforço de reportagem”, no qual observava a passagem do político mineiro Francisco Campos, aliancista que buscava hospedagem na capital do país, expressando tal necessidade com o uso de termos castrenses. Lançando mais um olhar sobre a chapa oposicionista, o semanário mostrava-a como um bonde desgovernado, identificado como uma “Aliança pega Liberal”, encontrando-se seus adeptos, na qualidade de passageiros, a buscar equilibrar-se ou cair do veículo, em direção ao mar do “ostracismo”, à medida que o mesmo se chocava com a lua, representando os dezessete Estados e o Distrito Federal, que ficaram do outro lado do espectro político-partidário, apoiando a candidatura governista. Assistindo à cena estava o Zé Povo, que se mostrava satisfeito com o ocorrido, pois assim poderia ficar “livre dessa gente toda”. A questão do obelisco voltaria à baila, com a perspectiva otimista de um comerciante em abrir uma tenda nas proximidades do obelisco, para que pudesse “vender churrasco”. Enquanto Neves da Fontoura, de revólver à cintura e com faca à mão, era impedido de atacar um apoiador da chapa governista, o hebdomadário se referia ironicamente a um “‘Liberalismo’ em ação”, negando-se a aceitar que os aliancistas fossem efetivamente defensores do ideário liberal<sup>71</sup>.

---

<sup>71</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO

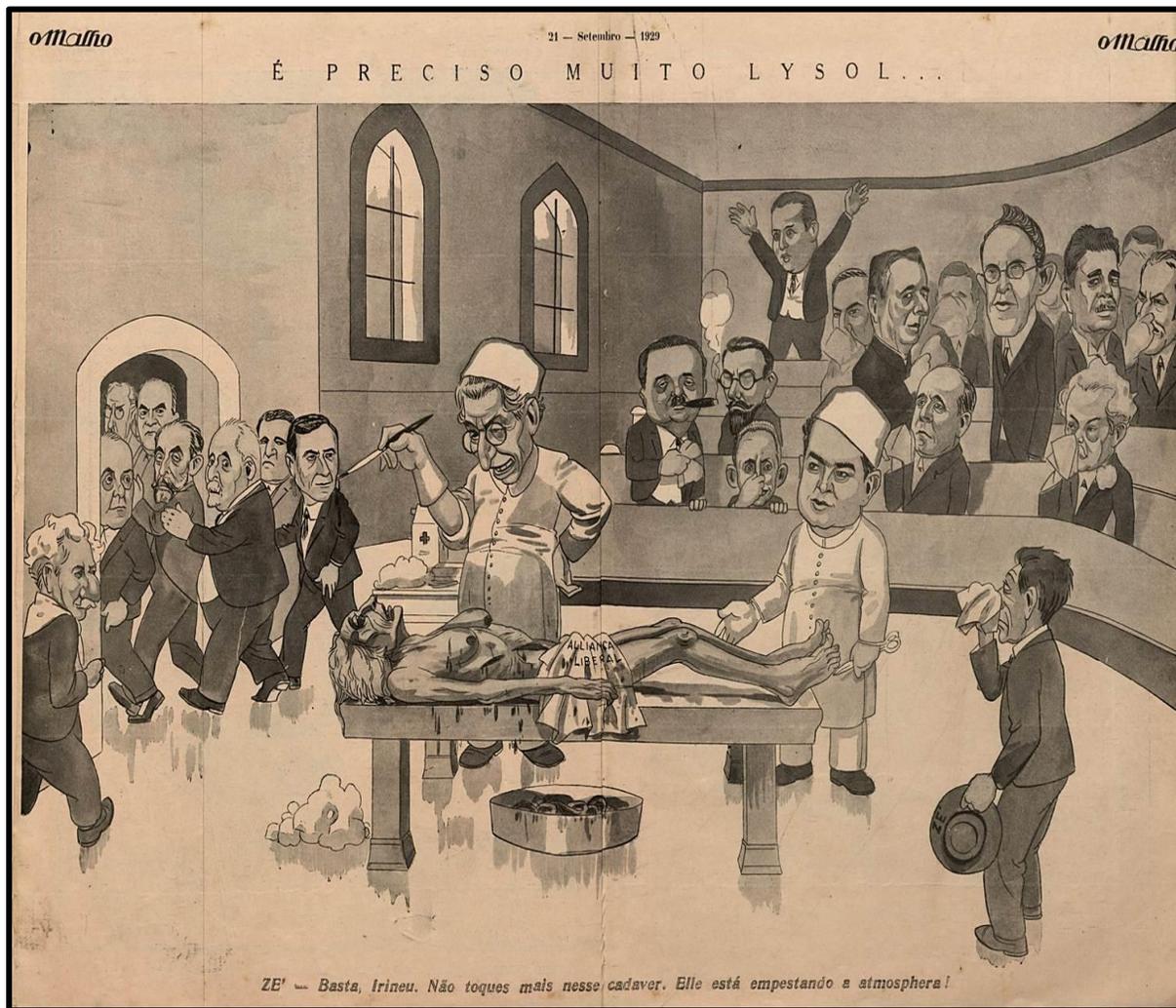


O tom chistoso ao tratar do obelisco retornava às páginas do periódico as atividades comerciais que iriam se desenvolver nos arredores do obelisco, com a abertura de lojas improvisadas em barracas, que estariam a vender produtos alusivos àquilo que pretendia apontar como práticas pouco confiáveis da oposição. Uma nova caricatura trazia por cenário um morgue, na qual estaria sendo ministrada uma aula de anatomia, sendo o cadáver o de uma anciã, que representava a Aliança Liberal, enquanto alguns dos presentes se retiravam e outros reclamavam do cheiro que estaria “empestando a atmosfera”, diante o que o Zé Povo pedia ao médico, o político carioca Irineu Machado, que interrompesse a autópsia, para encerrar com aquela situação, sendo necessário para melhorá-la o uso de muito antisséptico e desinfetante. Em tom desabonador, os políticos mineiros Antônio Carlos e José Bonifácio eram apresentados pejorativamente em trajes femininos, seguindo a moda do século anterior, chateados por não terem sido convidados para o baile, ou seja, estarem sendo alijados do processo político-eleitoral, ao passo que o retrato de seu ancestral, personagem conhecido como o Patriarca da Independência, parecia dar ares de desaprovação às atitudes de seus descendentes<sup>72</sup>. O apoio britânico à política econômica de Washington Luís era observada pelo semanário como um “azar para os aliancistas, representado por Antônio Carlos e Getúlio Vargas, que empunha uma bandeira esfarrapada da Aliança Liberal, comentando aquele que seria mais um “barbado” a atrapalhar o caminho deles. Outra personalidade

---

<sup>72</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1929.



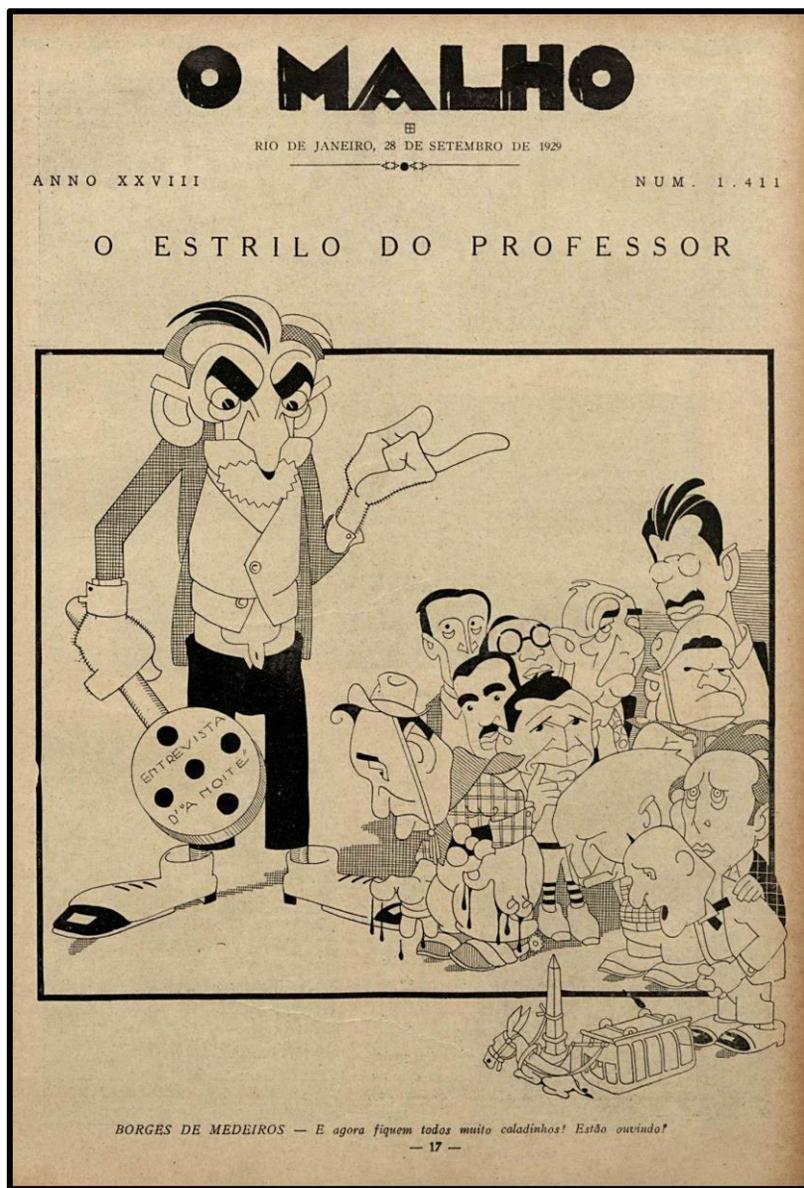


A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO

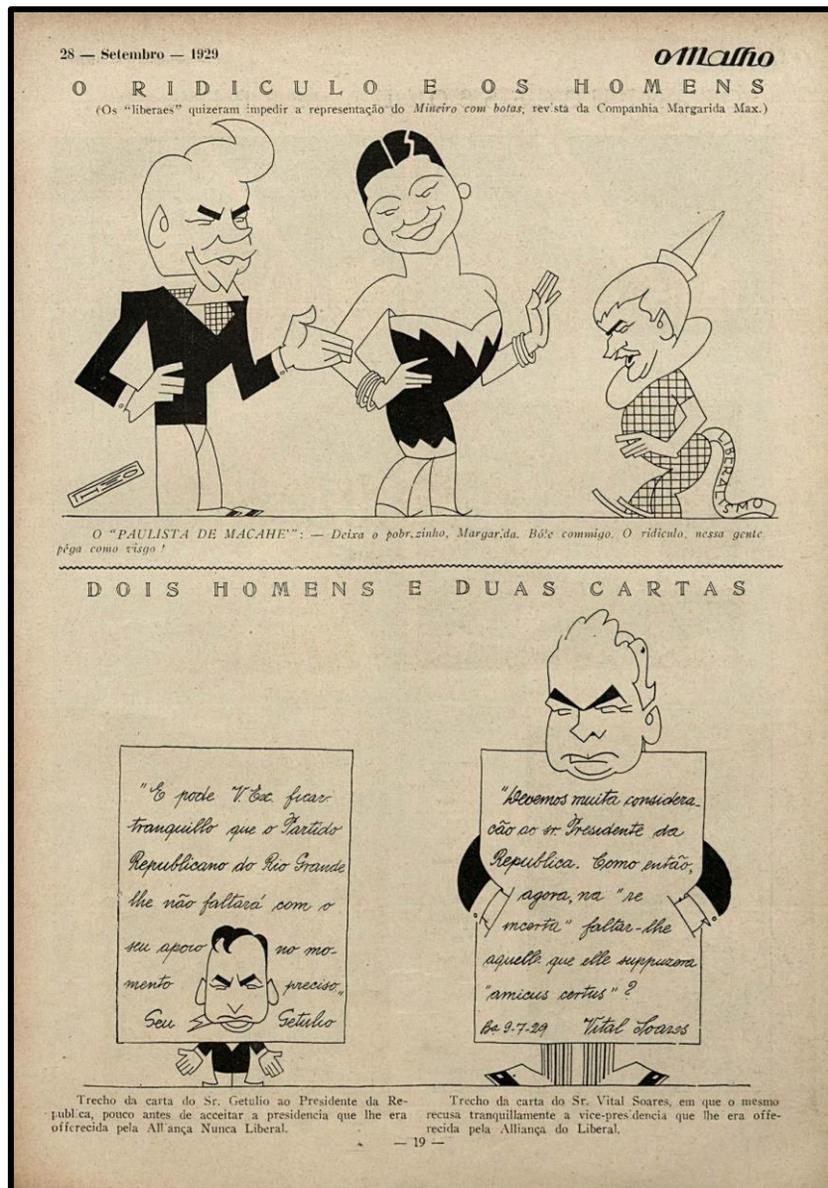


Um suposto moralismo, que seria incompatível com os preceitos da Aliança, era denunciado pelo periódico carioca, ao mostrar o Presidente da República repreendendo Antônio Carlos, por cometer o ato “ridículo” de pretender impedir a apresentação da companhia de teatro de revista dirigida pela cantora e atriz Margarida Max. A folha fez também uma comparação entre as atitudes dos aliancistas e governistas, considerando aqueles como falsos e estes como confiáveis, utilizando-se para tanto das missivas de autoria de Getúlio Vargas e do político baiano Vital Henrique Batista Soares, candidato à Vice, na chapa de Júlio Prestes. Outra caricatura trazia os aliancistas gaúchos fazendo uma serenata para o líder político Borges de Medeiros, o qual chegava à sacada e dispersava-os, jogando-lhes um balde com a água do “bom senso”, recomendando que deixasse de “vadiagem”, pois “as famílias querem dormir”. Levando em conta frase atribuída ao político rio-grandense, de que Minas estaria “tinindo”, a folha caricata apresentava Antônio Carlos dilapidando o tesouro mineiro, para proveito dos malfeitores, e sob o olhar do Zé Povo, em atitude que era vista como clara manifestação de malversação das verbas públicas. Ainda quanto aos cavalos amarrados no obelisco, o periódico recomendava irônica e jocosamente que o Congresso Nacional determinasse que as águias do Palácio do Catete viessem a ser substituídas por bucéfalos, de modo a promover “uma representação muito mais efetiva na política nacional”<sup>74</sup>.

---

<sup>74</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 28 set. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



*oMalho*

28 — Setembro — 1929

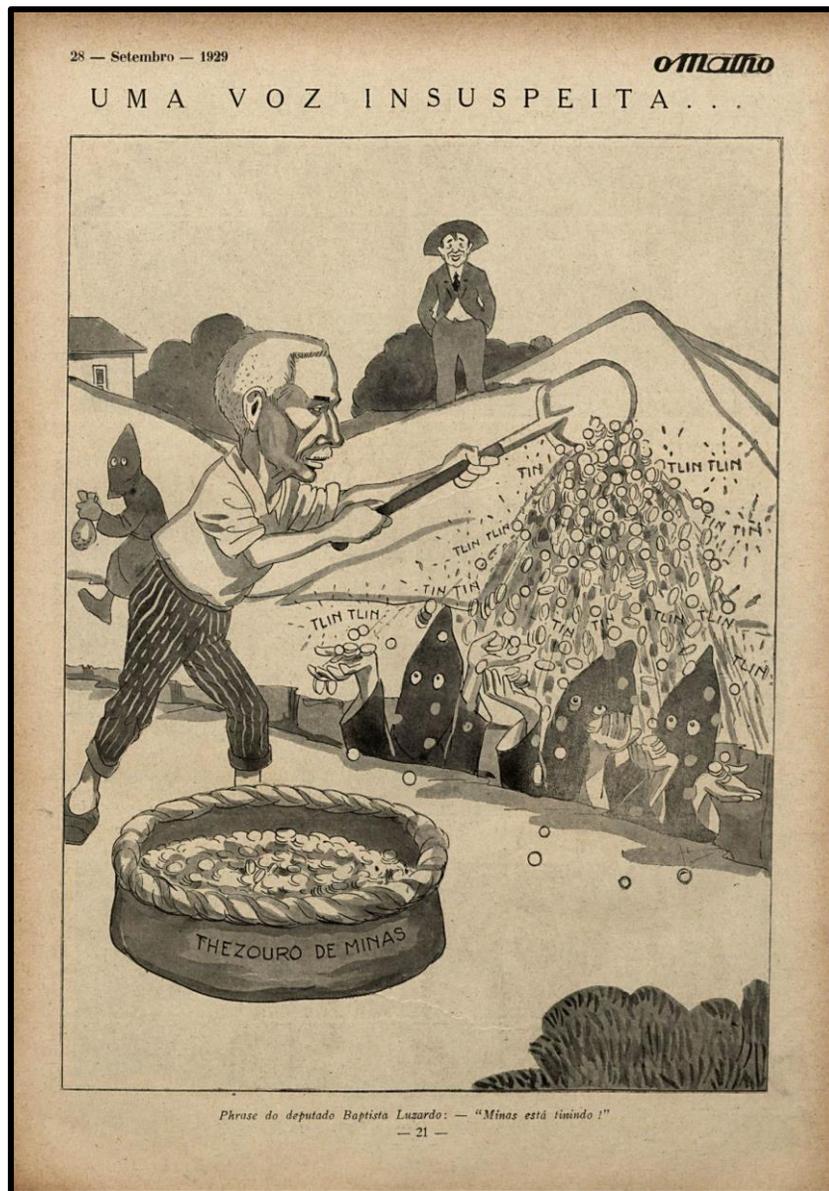
O INSUCESSO DA SERENATA

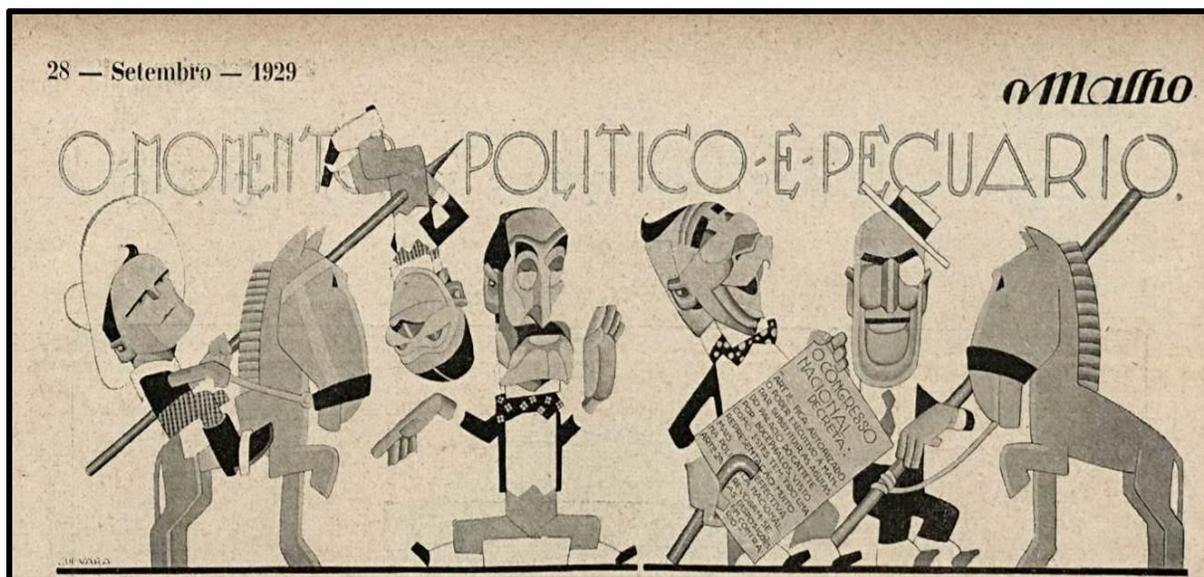


BORGES DE MEDEIROS — Vamos deixar a radiagem: as familias querem dormir.

— 20 —

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





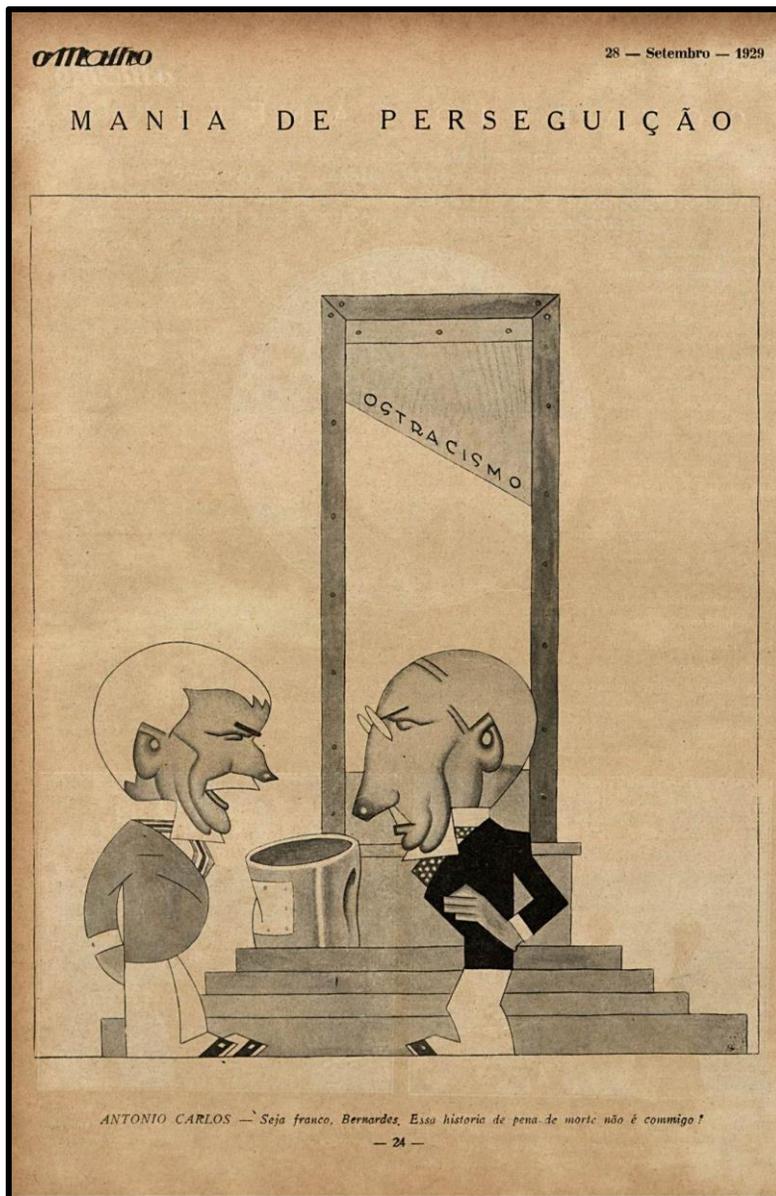
A conversa entre os mineiros Antônio Carlos e Artur Bernardes era demonstrada caricaturalmente em um quadro em que o primeiro dizia não estar de acordo com a pena de morte, bem diante de uma guilhotina que simbolizava a condenação dos aliancistas ao “ostracismo”. O parlamentar gaúcho João Neves da Fontoura era apontado pelo semanário como um “garnisé”, que pretendia arranjar conflitos com todos à sua volta, chegando a ameaças à mão armada, fosse com seus colegas de Congresso, com um jornalista e com o ginasta e artista circense José Floriano Peixoto, até chegar ao enfrentamento com o político e jornalista baiano Ernesto Simões da Silva Freitas Filho, que teria partido para o contra-ataque, utilizando como arma de argumentação o

posicionamento do candidato à Vice de Júlio Prestes. Sob o título “Comida indigesta”, Borges de Medeiros aparecia como um garçom que oferecia um cardápio ao povo rio-grandense, no qual todos os itens envolviam “Getúlio”, sem dar opções ao freguês, apesar do mesmo reclamar que já enjoara daquela falta de outras opções. Em outro desenho, Antônio Carlos não conseguia controlar sua montaria, associada ao “despeito”, que corria desembestada e sem rumo<sup>75</sup>. A Aliança Liberal era mais uma vez representada como uma velha decrepita e moribunda em uma cama, enquanto os médicos – membros da frente oposicionista – pareciam não saber qual providência tomar para melhorar aquele quadro, aparecendo a manifestação de Borges de Medeiros de que, se não houvesse cuidado, ela em breve viria a esticar a canela. Incongruências e contradições eram apontadas como marcas da Aliança Liberal pela folha ilustrada, utilizando-se para tanto de uma série de missivas trocadas entre protagonistas políticos de então, enquanto Ribeiro de Andrada considerava outro político mineiro, Afrânio de Melo Franco, como “carta fora do baralho”. A política econômica de Antônio Carlos em Minas era alvo de profunda crítica, mormente quanto a um empréstimo tomado em Nova York, deixando o articulador mineiro da Aliança Liberal, em uma situação delicadíssima, com a corda da “campanha eleitoral” no pescoço, e o controle da circunstância nas mãos do Tio Sam, representação do imperialismo estadunidense<sup>76</sup>.

---

<sup>75</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 28 set. 1929.

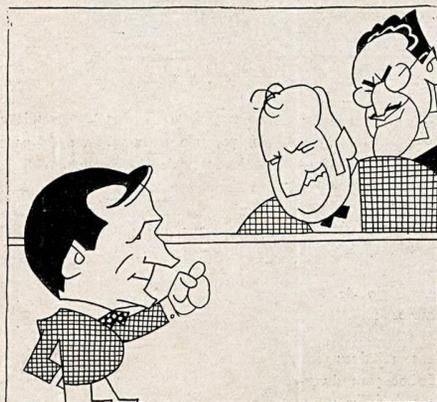
<sup>76</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 5 out. 1929.



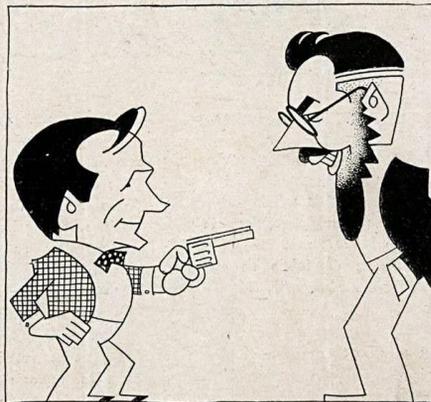
*o Malho*

28 — Setembro — 1929

F U M A Ç A S D E G A R N I Z É



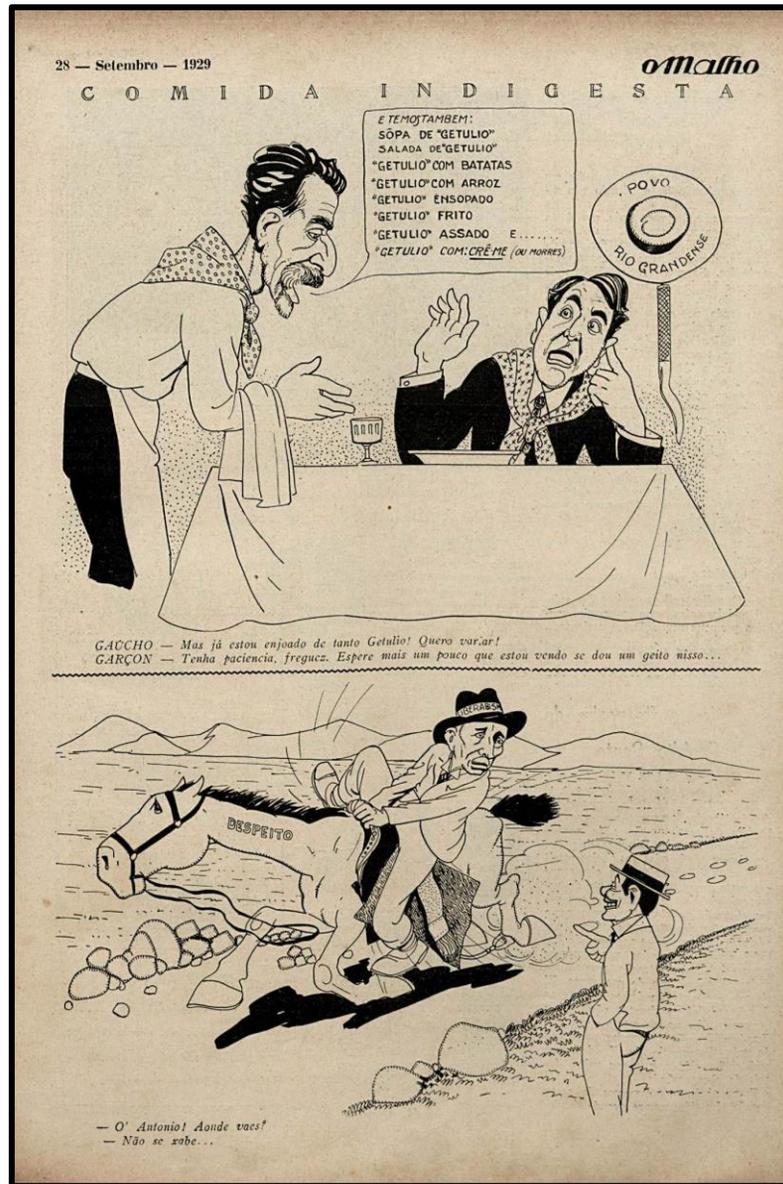
*O Sr. João Neves, da fronteira, não tem medo... do ridículo. Vive fazendo ameaças a todo mundo. Por da cá aquela palha, tem logo um chique.*



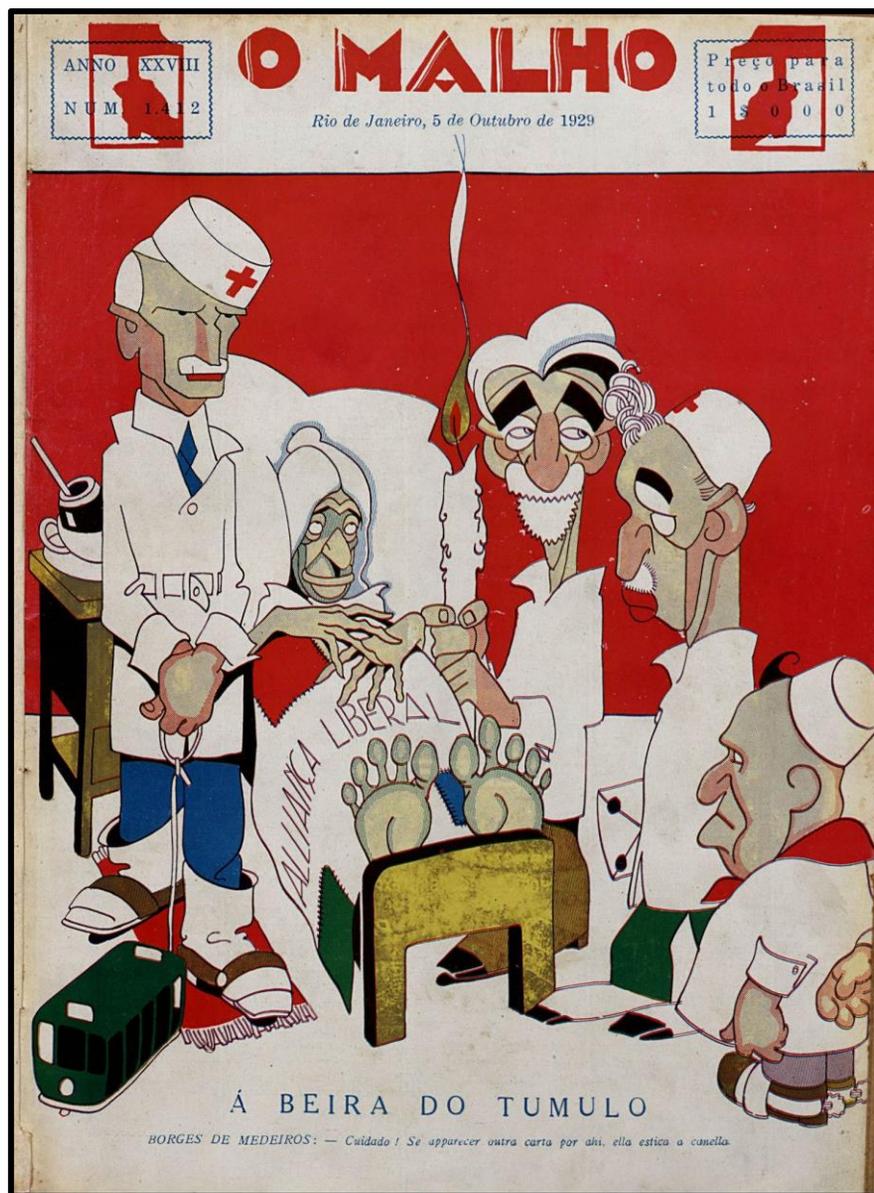
*Ha dias, quiz puxar o revólver para um jornalista. Depois, pretendu brigar com Zéca Floriano... Por fim, avançou para o Sr. S'mões Filho.*



*Mas, dessa vez, quem levou o tiro foi el'e.*



A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



# O MALHO

RIO DE JANEIRO, 5 DE OUTUBRO DE 1929

ANNO XXVIII

NUM. 1.412

## CAHIU COMO UM PATINHO...

(Conforme consta, a carta ao Dr. Epitácio Pessoa, que produz'a um efeito contraproducente, foi divulgada pelo Palácio da Liberdade com o fim de, cavando um abismo entre o seu autor e a União Nacional, queimar definitivamente a candidatura do Sr. Afrânio Mello Franco á presidência de Minas, sob o pretexto de que o candidato deve ser um nome conciliador.)



ANTONIO CARLOS — Agora, Afrânio, você fica sendo carta fora do baralho.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO

5 — Outubro — 1929

*Malho*

HUMILHAÇÃO OU ESCANDALO?

O empréstimo que o Sr. Antonio Carlos lançou em Nova York, de typo 83 ½ e ao juro de 8% é um desastre para o nome honrado de Minas. Dos 8 milhões de dollars (67.300:000\$000) o Estado recebeu apenas 6.680.000 dollars (56.112:000\$000). Menos portanto, 11.188:000\$000!



ANTONIO CARLOS: — Não! Não! O typo é muito baixo, os juros são muito elevados. Se eu fizer um empréstimo assim, os mineiros me comem vivo!

TIO SAM: — Então mim tira o banco dos seus pés...

ANTONIO CARLOS: — Está bem! Está bem! Póde deixar.

O protagonismo de mais uma caricatura cabia novamente a Antônio Carlos, que era ridicularizado, ao caminhar sem calças pelas ruas de braço dado com uma figura feminina que representava a Aliança Liberal, restando apenas a palavra “princípios”, estampada na barra de sua camisa, em sinal de pleno desrespeito para com os mesmos, em cena que só restava ao Zé Povo soltar uma gargalhada. Uma outra ilustração insinuava a realização de malfeitos por parte dos apoiadores da Aliança Liberal, envolvendo políticos como os gaúchos Assis Brasil e Neves da Fontoura, o mineiro José Bonifácio e o pernambucano Pedro Ernesto do Rego Batista, em contraposição ao mineiro Carvalho Brito. Perante “algumas das declarações” de representantes políticos de várias regiões brasileiras em apoio a Getúlio Vargas, o hebdomadário buscava evidenciar que tais atitudes advinham de negociações espúrias e atos de corrupção. Em tom zombeteiro, o Zé Povo apresentava alguns aliancistas como selvagens antropófagos e traidores da própria causa, ao utilizarem seus arcos para alvejar uma outra figura indígena e feminina, identificada com a Aliança Liberal, que se encontrava em sacrifício, mantendo uma posição próxima a de São Sebastião, amarrada a um tronco e cravejada de flechas. O nervosismo de João Neves da Fontoura foi mais uma vez tema da abordagem de *O Malho*, que mostrava o congressista entrando no parlamento armado e de esporas, recomendando-lhe o uso de água de melissa para acalmar os nervos<sup>77</sup>.

---

<sup>77</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 5 out. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



5 — Outubro — 1929

*o Malho*

O TRUNFO ÀS AVESSAS...



Entre aquellas operações já recusadas, figurava a de 80 contos de um desconto de 4 mezes, da Casa de Saude Pedro Ernesto.

A minha recusa a tal operação foi retirada em vista dos termos da nossa conferencia.

V. Ex. hoje me telephonando para que tal desconto fosse feito, collocou-me numa posição demaís desairosa, não só perante o Dr. Carvalho Britto, como ante os funcionários deste Banco, cuja Presidencia, por este facto, não pôde continuar a ser exercida por mim, sem sacrificio da minha dignidade.

ZÉ POVO: — Santo Deus! Como é que eu posso confiar nesse gente?!

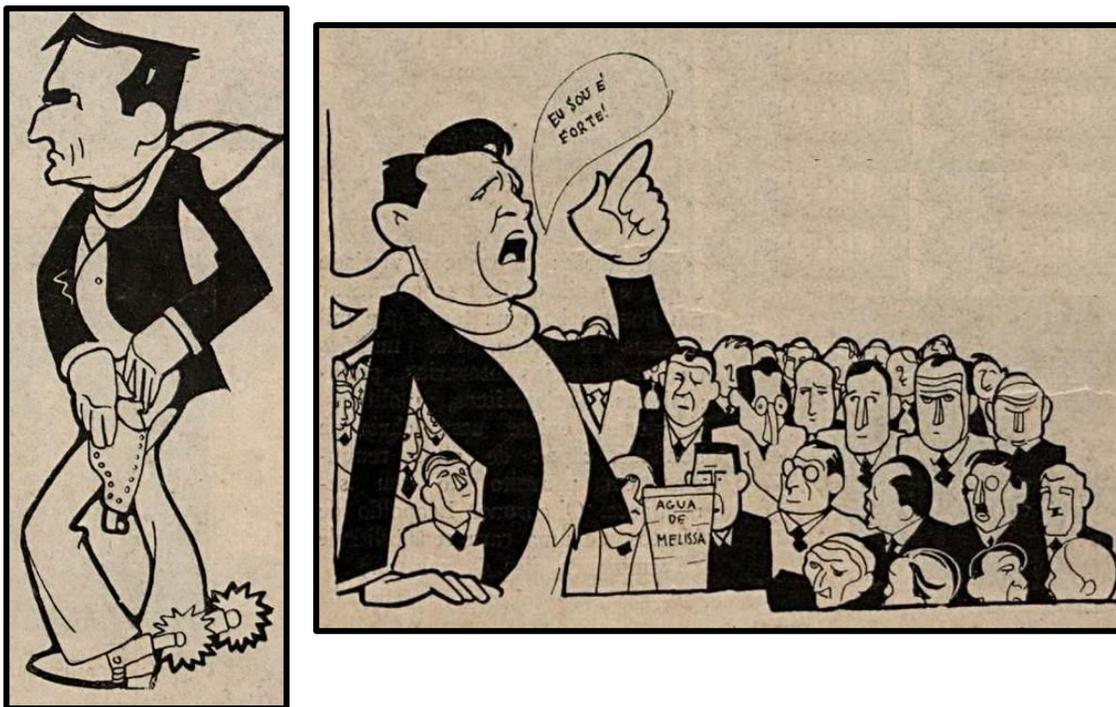
— 25 —





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



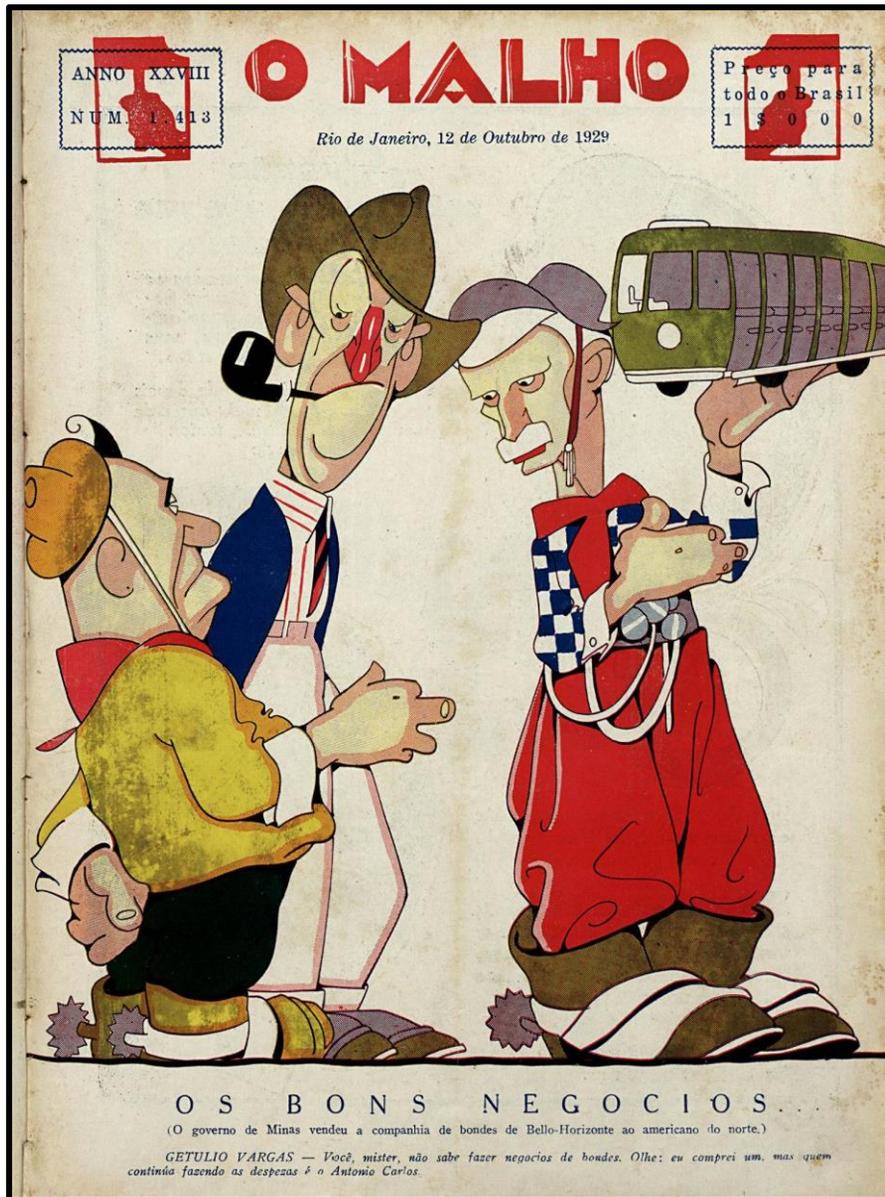


Desconfianças quanto à idoneidade na venda de uma companhia de bondes por parte do governo mineiro, tema recorrente nas páginas de *O Malho*, foram abordadas em “Os bons negócios”, nas quais Getúlio e Antônio Carlos, com a presença de um empresário estadunidense, debatiam sobre esse tipo de negociação. Sob a inspiração de informe de que Antônio Carlos, com o “moral muito abatido”, vinha tendo “fortes crises de choro”, o periódico trazia desenho em que o político carioca Augusto Viana do Castelo, ironicamente, consolava o mineiro, recomendando-lhe que ele chorasse “na cama, que é lugar quente”,

sendo o móvel associado ao ostracismo, que lhe esperaria em caso de derrota eleitoral. Foi publicado também o diálogo entre o político fluminense Irineu Machado e uma figura feminina que representava a cidade do Rio de Janeiro, sugerindo que ela estaria com os aliancistas, obtendo por resposta que tal suspeita não seria possível, tendo em vista o “estado” em que a haviam deixado “esses ‘liberais’”, ou seja, em questões precárias, como denunciavam suas vestes, amplamente remendadas com a indicação dos males que a cercavam. A Aliança Liberal voltava a ser designada como uma mulher, dessa vez a pedir esmolas à porta da igreja, recusando-se um transeunte a fazê-lo, por considerá-la como uma “falsa mendiga”, em alusão à opinião da folha quanto à falta de confiabilidade da frente oposicionista. As disputas políticas internas na Bahia, entre Vital Soares e José Joaquim Seabra, que se refletiu no apoio deste à Aliança Liberal, enquanto aquele era candidato à Vice pela chapa oficial, apareciam em cena na qual Seabra preparava suas “armas” para a disputa, mas era plenamente desacreditado pela figura feminina que simbolizava o povo baiano, quanto à sua capacidade política. Transmutados em macacos, dois integrantes da Aliança, o mineiro José Bonifácio e o gaúcho Assis Brasil, debatiam quanto à propaganda aliancista, na qual o primeiro se envolvia diretamente, ao passo que o outro, mais cauteloso, evitava um envolvimento mais aberto<sup>78</sup>.

---

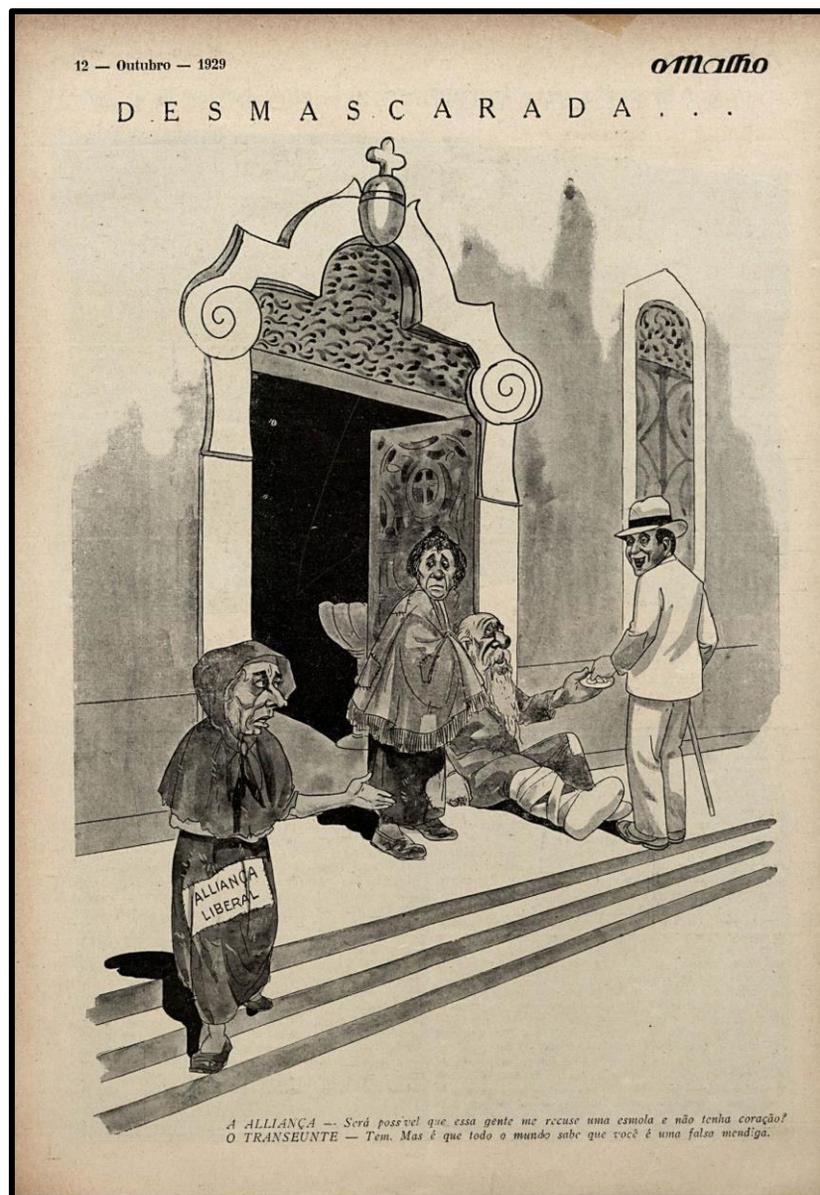
<sup>78</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 12 out. 1929.

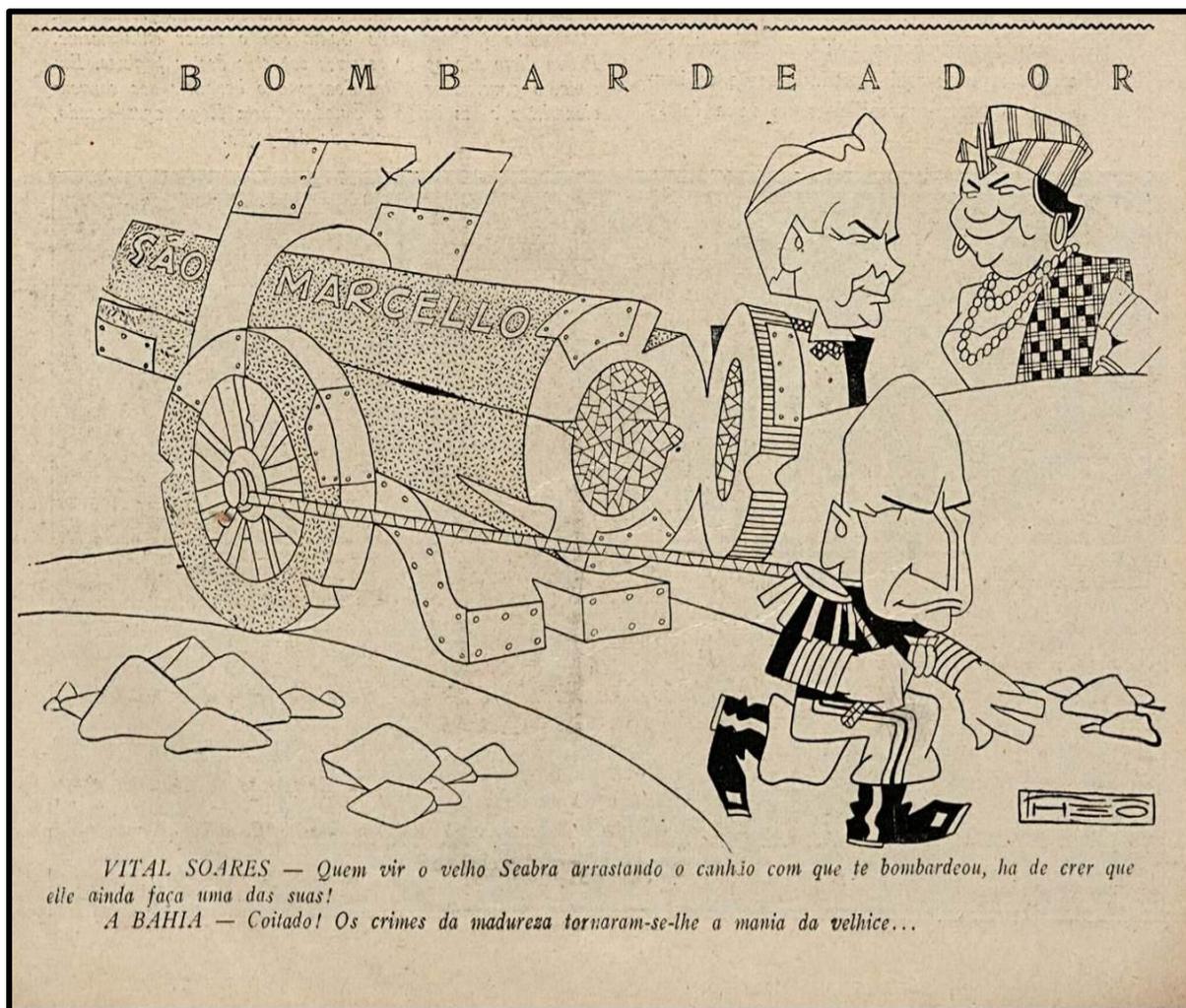


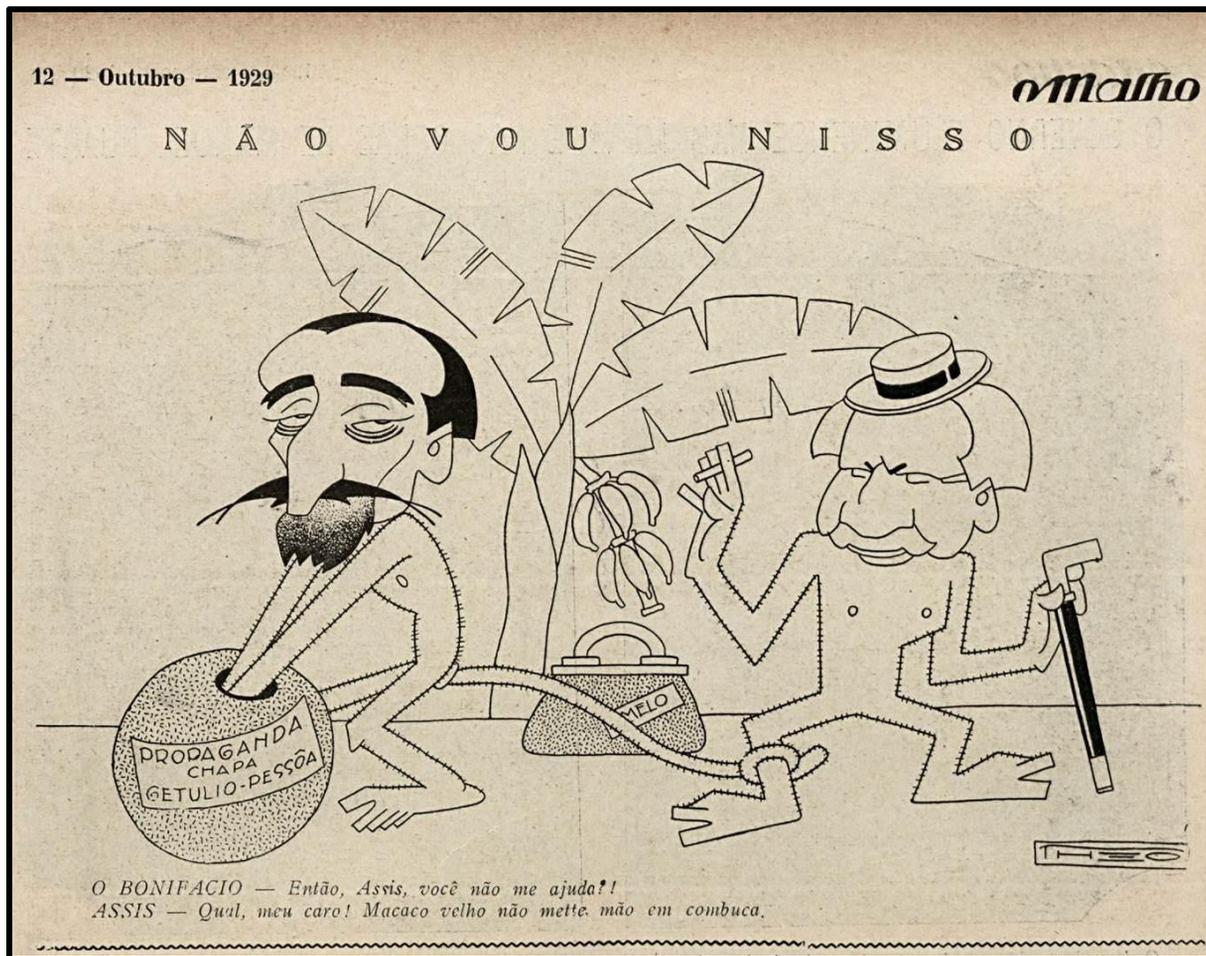




A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO







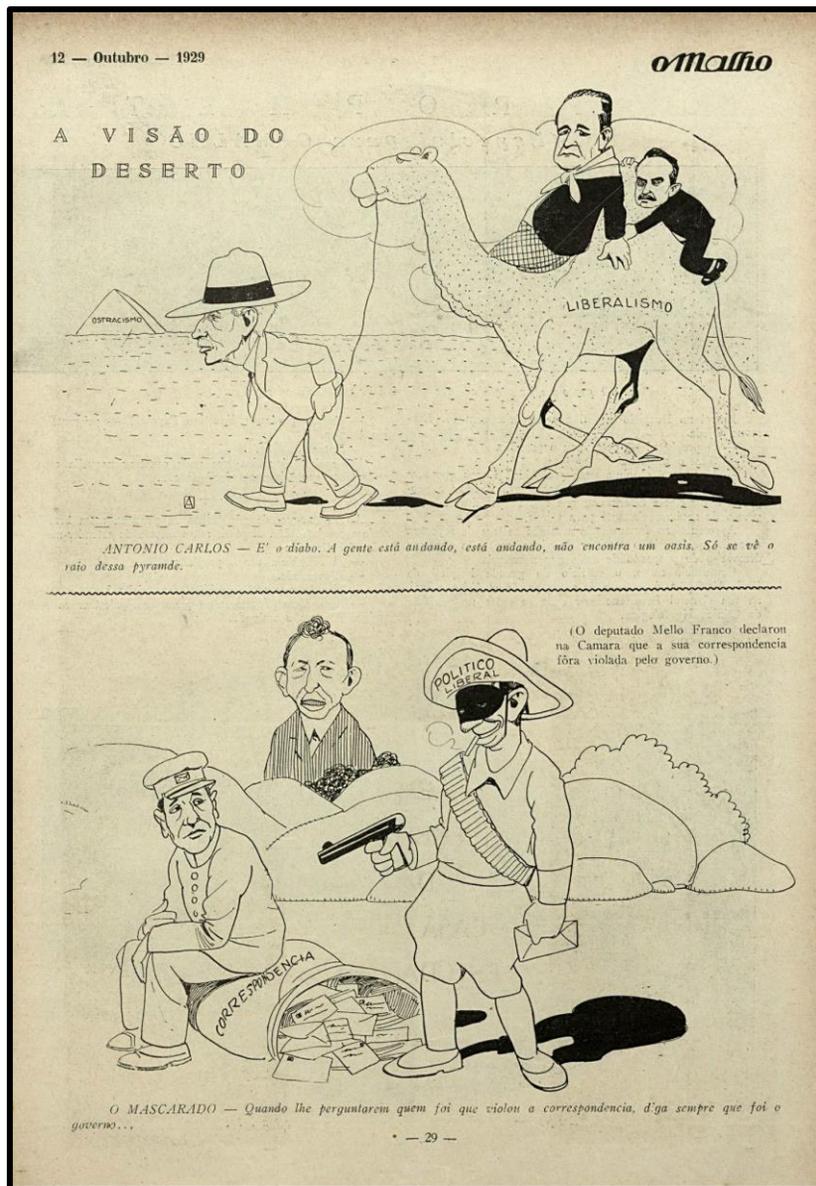
O tema do ostracismo voltava à baila nas caricaturas da folha, ao apresentar uma “visão do deserto”, na qual, puxando um camelo identificado com o “liberalismo”, com a presença de Vargas em uma de suas corcovas,

Antônio Carlos reclamava que não conseguia encontrar um oásis, conseguindo-se apenas observar uma pirâmide, na qual ficava explícita a possibilidade do banimento. Diante da denúncia do parlamentar mineiro Afrânio de Melo Franco, a respeito de violação de sua correspondência por parte do governo, o periódico zombava ao mostrar um suposto “político liberal” que, de arma à mão e mascarado, obrigava o carteiro a dizer que a culpa caberia às forças governativas. Quanto a ameaças que estariam sendo realizadas pelos aliancistas, o semanário apresentava os mesmos se esforçando para empurrar um touro, que já havia quebrado a cerca da “sinceridade” e do “tesouro de Minas”, para que o animal atingisse o governo federal e, diante de tal ação, Washington Luís mostrava toda a tranquilidade, chegando a repousar, pois acreditava na cerca que o protegia, reforçada com espadas, em sinal do apoio militar ao seu governo. Uma possível deserção de Assis Brasil era demonstrada em “Ilusões perdidas”, que mostrava a partida do político gaúcho, desgostoso com os caminhos da Aliança Liberal, que aparecia como uma mulher enfurecida, enquanto o Zé Povo apostava que se trataria apenas do primeiro caso de desistência, prevendo que outras estariam por vir. A profecia do mineiro José Bonifácio, prevendo “dias sombrios para a pátria”, era observada com escárnio por parte do hebdomadário, ao insinuar que o político poderia estar sendo acometido pela loucura<sup>79</sup>.

---

<sup>79</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 12 out. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO

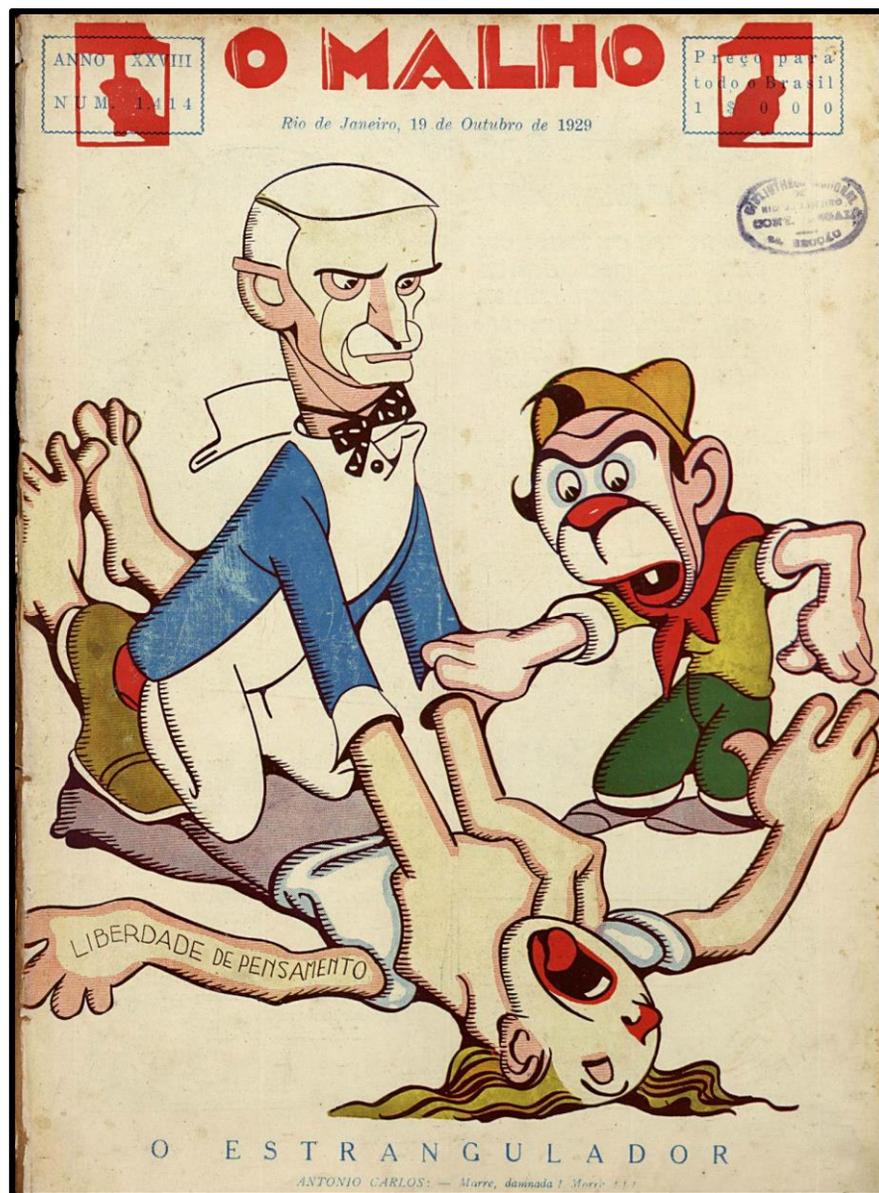


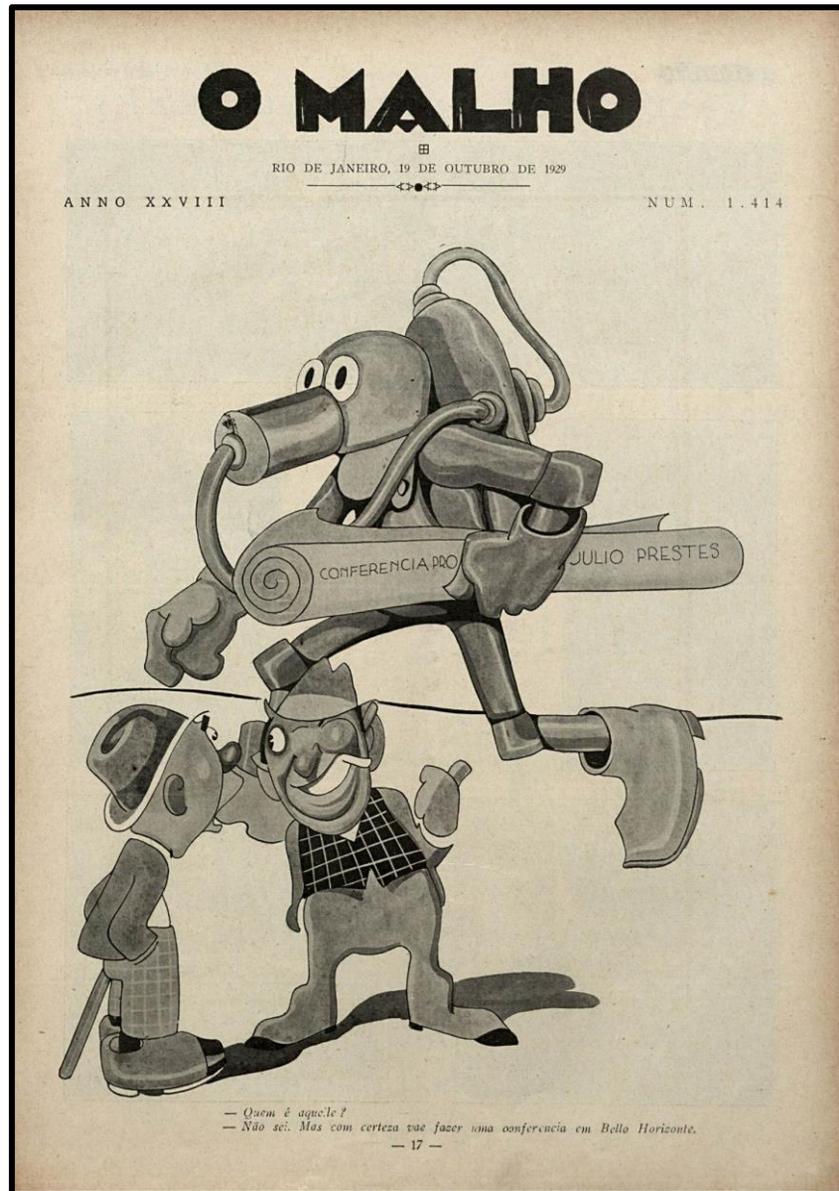
O violento ataque de liderança aliancista contra uma das liberdades individuais era o tema de caricatura estampada na capa, na qual, sob o olhar estupefato do Zé Povo, Antônio Carlos buscava estrangular uma figura feminina identificada com a “liberdade de pensamento”, desejando a morte da “danada”. O clima de violência era também denunciado com a presença de indivíduo que tinha de se preparar para a guerra, com armadura e máscara de gás para fazer propaganda da candidatura de Júlio Prestes na capital mineira, sugerindo que ali viria a sofrer ferrenha represália. A publicação ilustrada fazia motejo com “os cartazes de propaganda da candidatura Getúlio Vargas”, que estariam a apontar os exageros e as incongruências que estariam a caracterizar tal campanha. Em outra caricatura, a dama que representava Minas Gerais se via em meio às disputas entre Augusto Viana do Castelo e Antônio Carlos, com este chamando-a para o seu lado, por tratar-se do “verdadeiro amigo”, entretanto, do político mineiro era visto apenas o rosto, ficando o resto do corpo atrás de um muro, assumindo uma feição zoomórfica, em alusão a tratar-se de uma “amigo urso”, ou seja, um traidor. O semanário apontava a possibilidade de dissidências em meio ao grupo gaúcho que compunha a Aliança Liberal, como no caso de João Neves da Fontoura a invejar a escolha de José Antônio Flores da Cunha em busca de vaga para o Senado<sup>80</sup>.

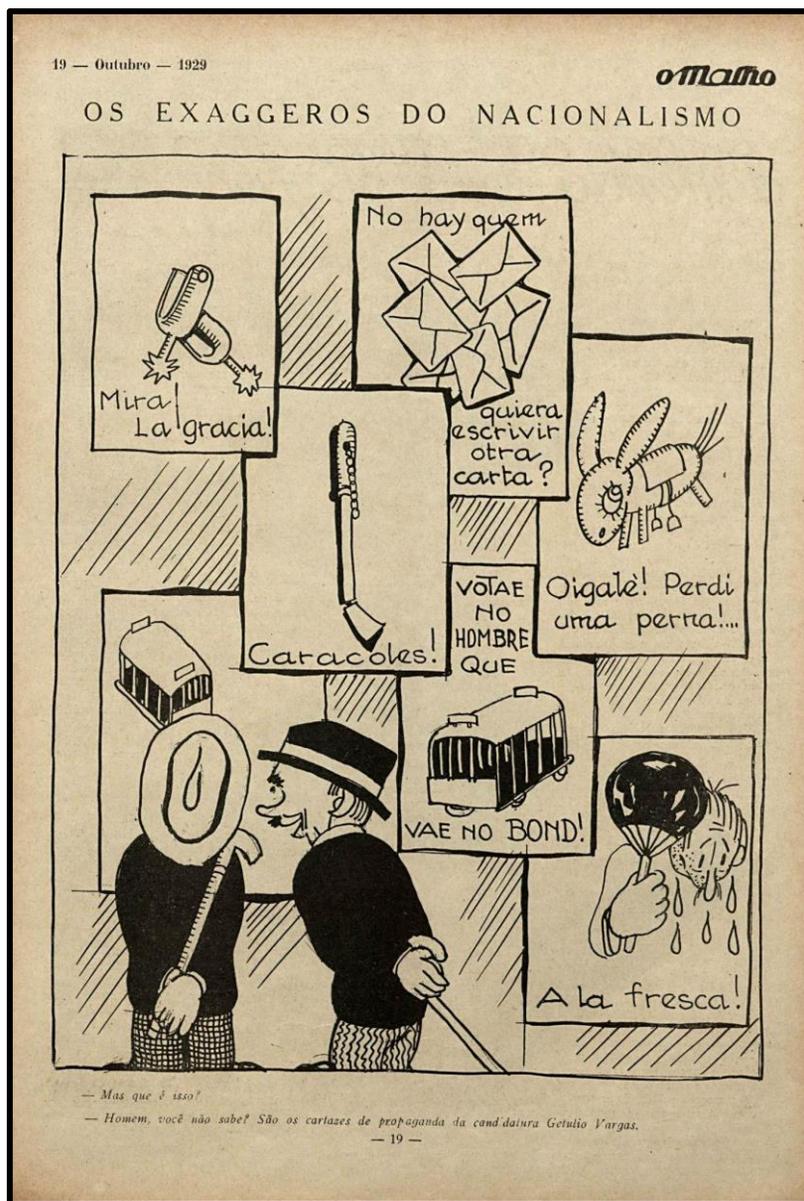
---

<sup>80</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 19 out. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





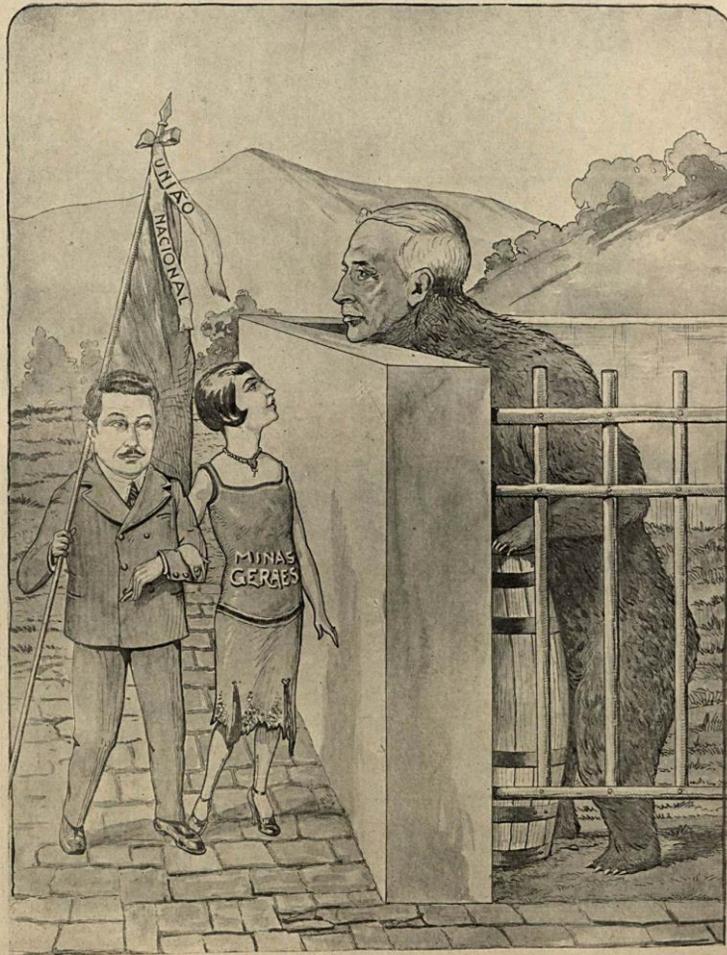


19 — Outubro — 1929

*Malho*

## QUEM VÊ CARA... NÃO VÊ O RESTO

(Os membros da Aliança dita Liberal insistem em dizer, na Câmara, que o Sr. Vianna do Castello trahi' u' Minas Geraes, quando o unico trahidor do grande Estado foi o Sr. Antonio Carlos.)



ANTONIO CARLOS — Venha para o meu lado. Não se esqueça de que eu sou o seu verdadeiro amigo.

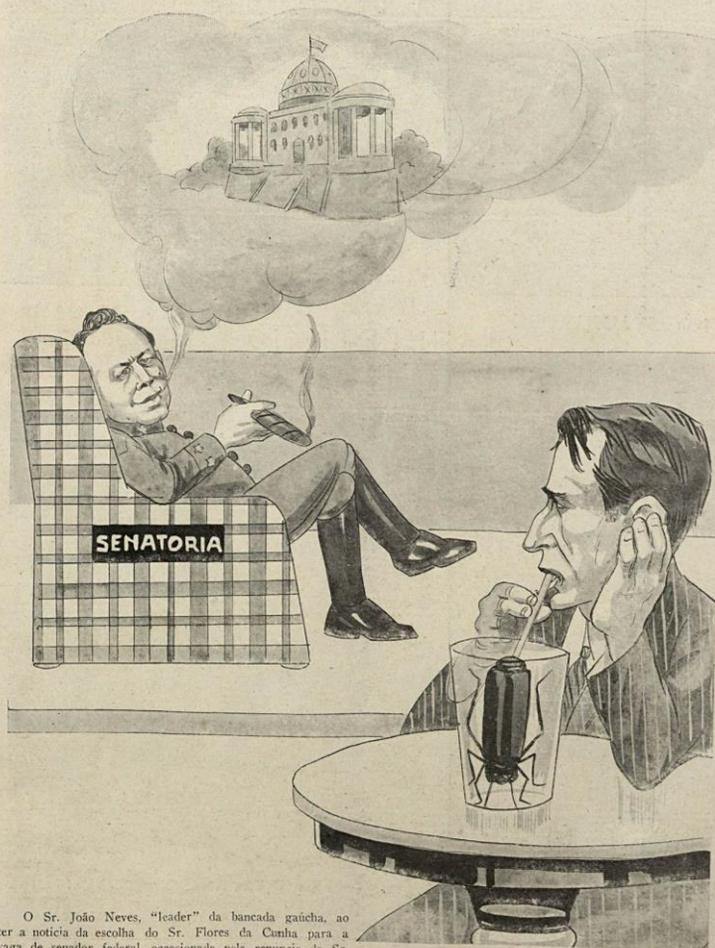
— 23 —

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO

19 — Outubro — 1929

*Malho*

AS EMOÇÕES DA POLITICA



O Sr. João Neves, "líder" da bancada gaúcha, ao ter a notícia da escolha do Sr. Flores da Cunha para a vaga de senador federal, ocasionada pela renúncia do Sr. Carlos Barbosa, ficou... radiante de contentamento

— 27 —

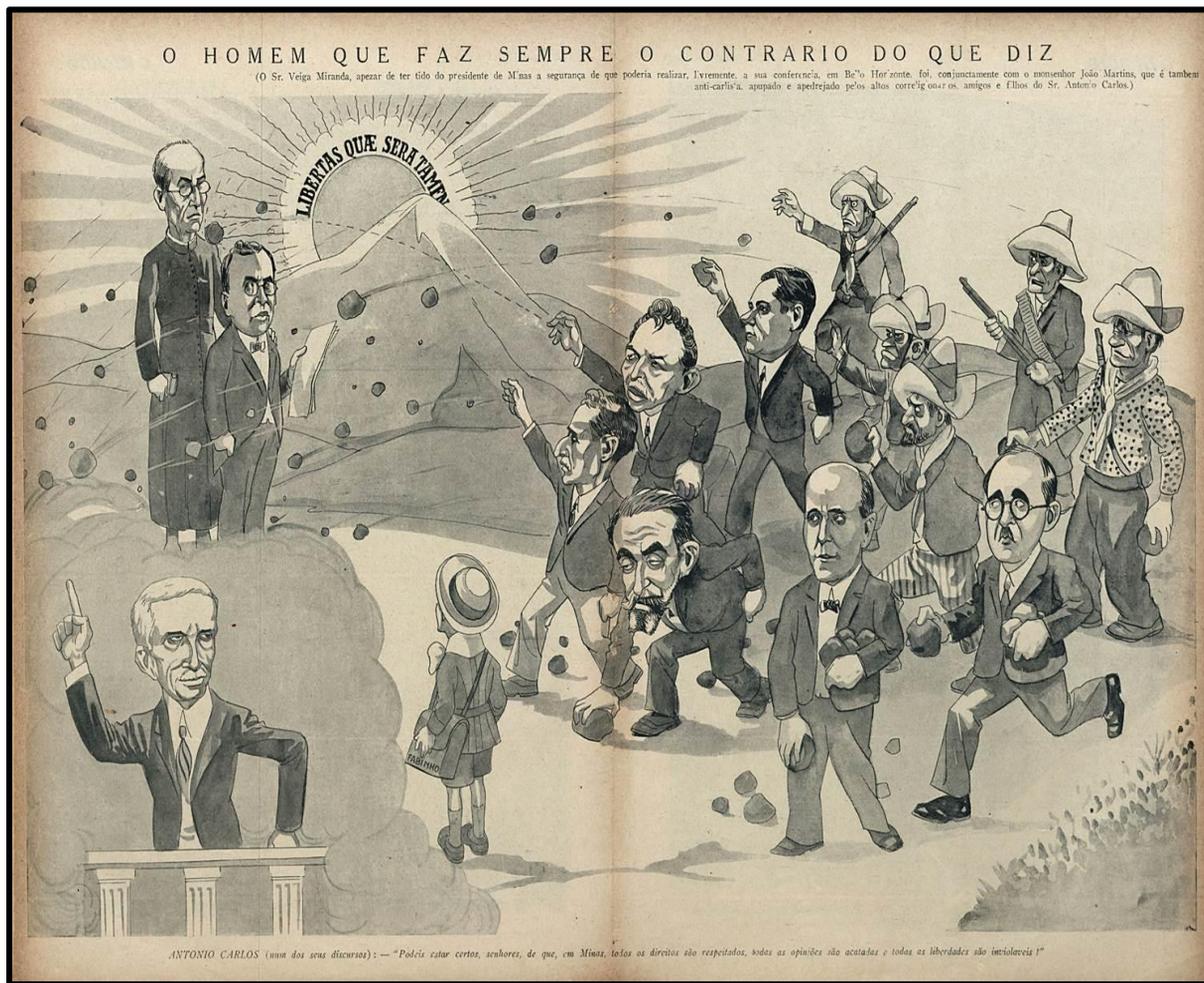
A suposta falta de confiança em Antônio Carlos era mais uma vez mostrada em “O homem que faz sempre o contrário do que diz”, na qual João Pedro da Veiga Miranda, ao fazer discurso contrário aos aliancistas, era apedrejado pelos apoiadores de Ribeiro de Andrada, em contradição às garantias que o mesmo dera quanto ao respeito aos direitos, às opiniões e liberdades em Minas Gerais. Outra caricatura reforçava tal perspectiva, ao mostrar Antônio Carlos dando garantias a Veiga Miranda quanto à liberdade de expressão, mas passava mensagem subliminar ao seu ajudante de ordens, que dera as “garantias, conforme as instruções terminantes” dadas pelo governante, que levaram às agressões durante a fala de Miranda. O periódico insistia no tema, ao apontar que, enquanto os políticos gaúchos cogitavam o caminho da revolução, em Minas, Veiga Miranda vira “de perto o ‘liberalismo’ de Antônio Carlos, ao sofrer todo o tipo de ameaça<sup>81</sup>. Os possíveis riscos contra a política de defesa à cafeicultura em caso da vitória aliancista serviram de mote para o hebdomadário, ao trazer o Jeca tentando impedir que Antônio Carlos acendesse o pavio que transformaria em incêndio a “campanha contra a defesa do café”. Tal assunto retornava em outra caricatura na qual, frente ao olhar severo de um indígena, designando o desagrado do povo brasileiro, Antônio Carlos apresentava o plano para a extinção da defesa do café para uma figura feminina que representava a imprensa da Aliança Liberal, que chegava a avisar o chefe político quanto aos riscos de tal atitude, sem que o mesmo lhe desse ouvidos<sup>82</sup>.

---

<sup>81</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 19 out. 1929.

<sup>82</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 26 out. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO

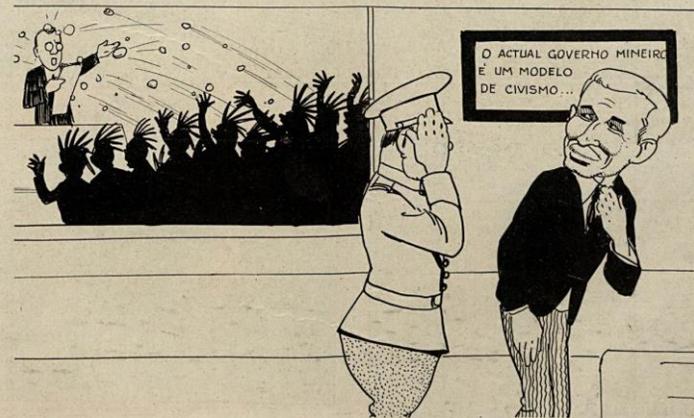
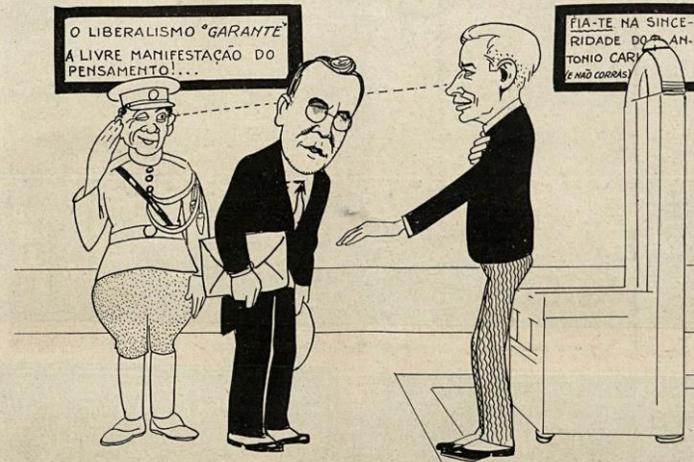


19 — Outubro — 1929

*oMalho*

## O HOMEM DE DUAS CARAS

ANTONIO CARLOS — Dr. Veiga Miranda, nós, governo "liberal", fazemos questão fechada de garantir "sob palavra de honra", a sua conferência, para a que já demos instruções especiais ao ajudante de ordens...

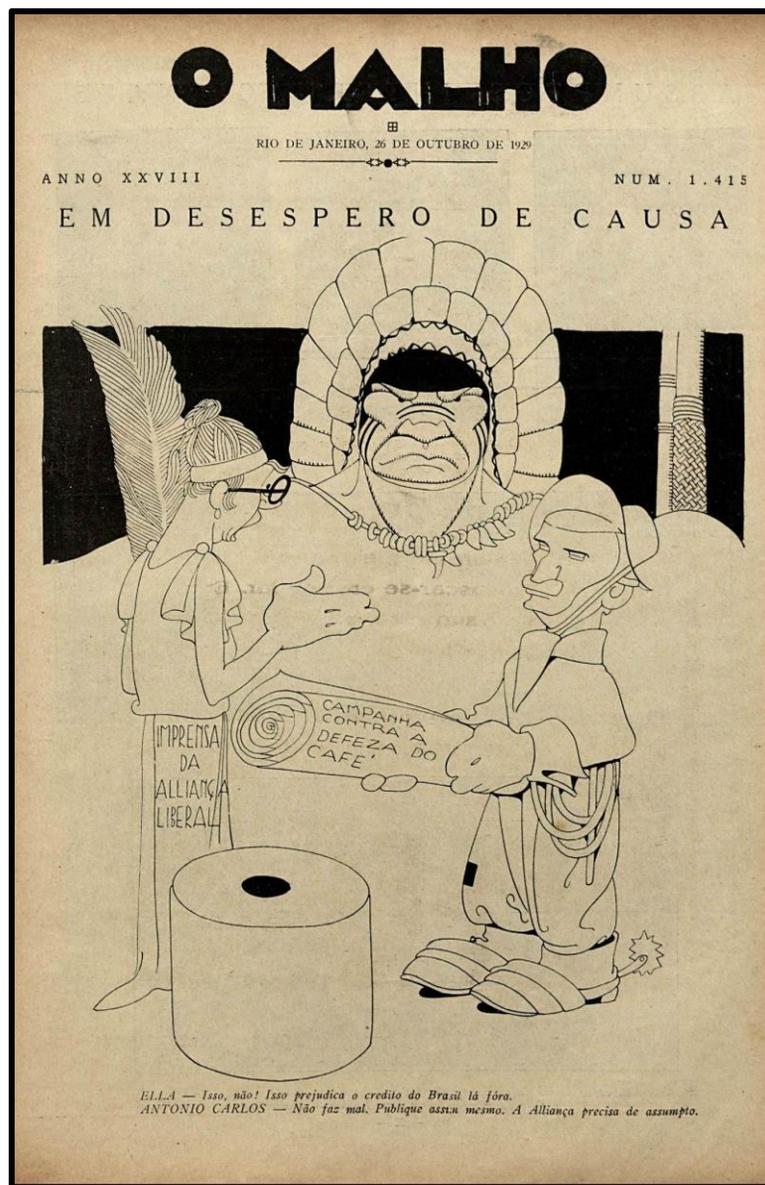


O AJUDANTE DE ORDENS — Prompto, Sr. Presidente: dei todas as garantias, conforme as instruções terminantes de V. Ex....





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



Quanto a uma possível fiscalização bancária prometida pelos aliancistas, o semanário apontava que “a verdadeira ‘devassa’ do Banco do Brasil” não passaria de uma esbórnica promovida pelos opositoristas, cujo ponto alto era uma figura feminina entregue à devassidão, que despertava a atenção dos políticos, rebolando para eles, enquanto entregavam-se à bebedeira. Antônio Carlos mais uma vez protagonizava uma representação caricatural, segundo a qual ele era vítima de “fotofobia”, ao ver as armas políticas da Aliança Liberal fumegando, enquanto o Jeca lhe perguntava a razão de tanta escuridão, mostrando-se o político mineiro extremamente sensível à luz do sol, a qual era identificada com o candidato governista Júlio Prestes. A folha buscava mais uma vez contradizer o discurso de Antônio Carlos, quanto a ser um “verdadeiro democrata”, denunciando que em Minas Gerais não haveria liberdade para aqueles que quisessem se manifestar contra a Aliança Liberal. Os aliancistas eram também apresentados como incendiários, que traziam em suas ações mentiras, boatos, despeito e falta de patriotismo, além de levarem em frente a ideia da extinção da política de defesa do café. Em contraposição a tais atitudes, o periódico transformava Washington Luís e Júlio Prestes em dois bombeiros que, com a mangueira do “prestígio”, salvavam a situação, anulando a proliferação do incêndio<sup>83</sup>. Imaginando a iminente derrota aliancista e utilizando-se da expressão popular, *O Malho* retratava Getúlio Vargas colocando a viola no saco, ou seja, vendo-se obrigado a desistir de seus intentos políticos<sup>84</sup>.

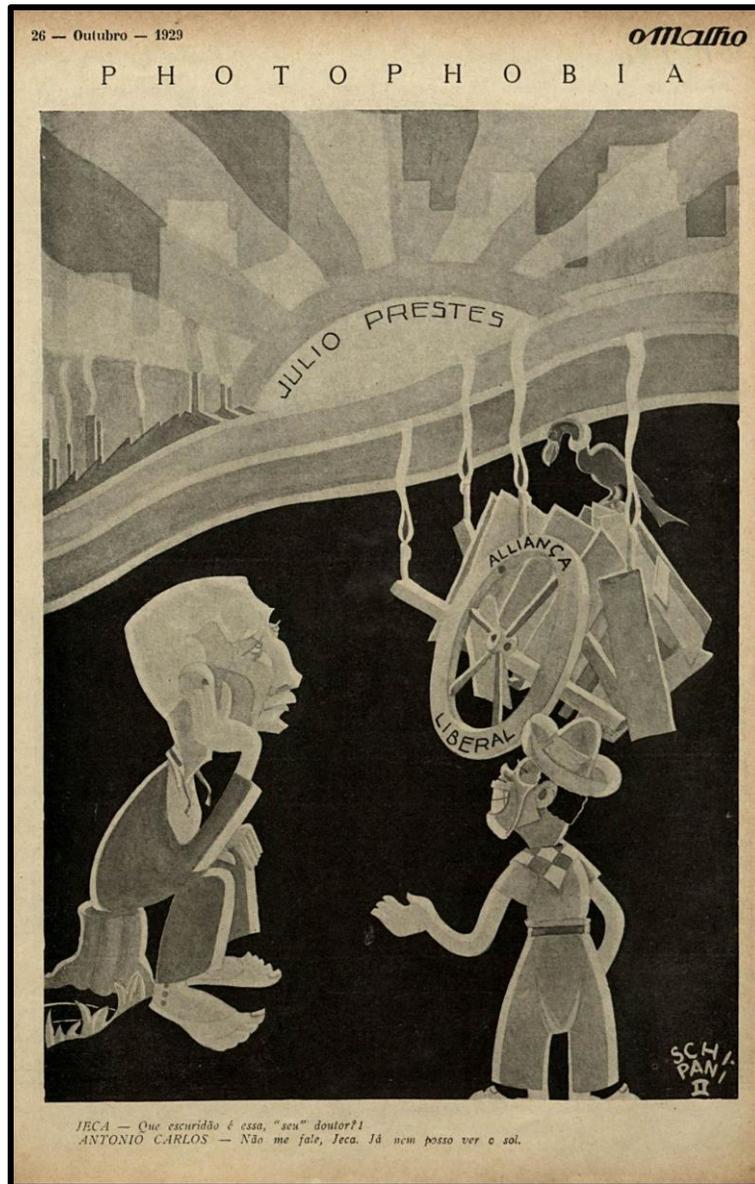
---

<sup>83</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 26 out. 1929.

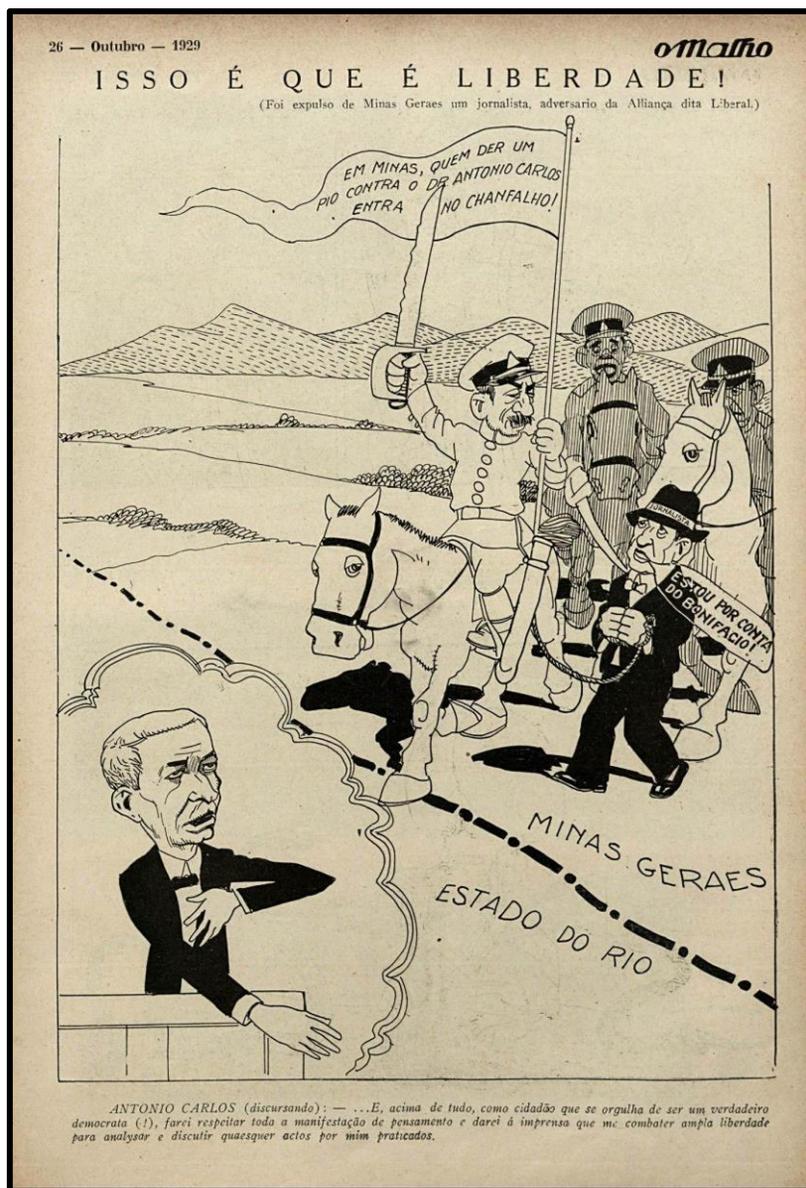
<sup>84</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 2 nov. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



A derrocada da Aliança Liberal era também prevista pelo semanário ao mostrar Antônio Carlos como um moribundo, que era desenganado pelo médico, identificado como “bom senso”, enquanto a enfermeira, que designava Minas Gerais, ainda mantinha certa esperança em um remédio salvador, que seria a renúncia. Os aliancistas eram representados mais uma vez como aqueles que pretendiam atentear contra a política de proteção à cafeicultura, entretanto Vargas se mostrava desanimado com possíveis dissensões em meio à oligarquia mineira. A ironia predominava em conjunto de caricaturas, segundo o qual “O Sr. Antônio transformou o Estado de Minas numa terra de liberdade”, mas mostrava diversas circunstâncias em que o governante mineiro atentava contra as liberdades individuais, mormente a de expressão. Ribeiro de Andrada com o auxílio de José Bonifácio, em outro conjunto de desenhos, era apresentado como “o homem que realizou o impossível”, ou seja, transformara o Partido Republicano Mineiro de um sólido e grande monólito, em uma série de pedregulhos, tendo em vista as constantes dissensões no seio da agremiação. As dissidências do PRM foram também demonstradas com o abandono de vários integrantes em canoas, enquanto Artur Bernardes preparava-se para pular com uma boia salva-vidas, dizendo a Antônio Carlos que, na qualidade de “capitão” precisaria “afundar com o navio”, uma vez que a embarcação já adernava em um mar tomado de peixes identificados com o ostracismo<sup>85</sup>.

---

<sup>85</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 2 nov. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



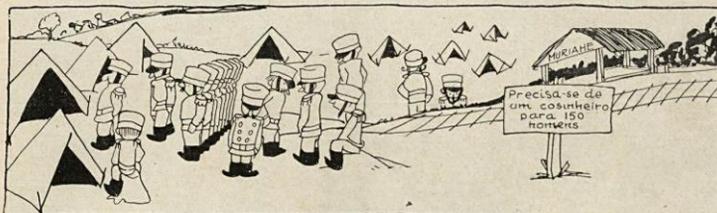




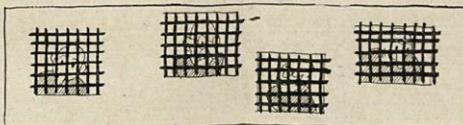
2 — Novembro — 1929

*o Malho*

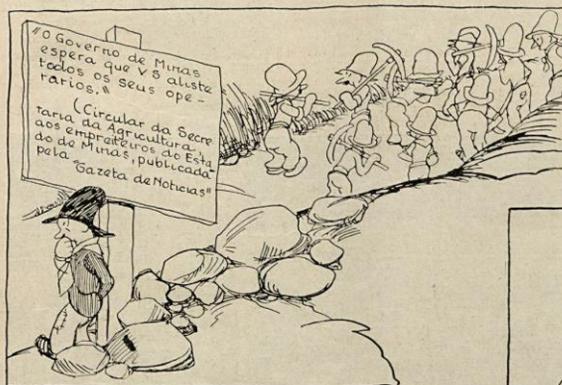
DE MINAS NUMA TERRA DE LIBERDADE



Outra prova da liberdade que o Sr. Antonio Carlos espalha em Minas: O Congresso do Café em Muriahé realizou-se em ambiente de absoluta calma.



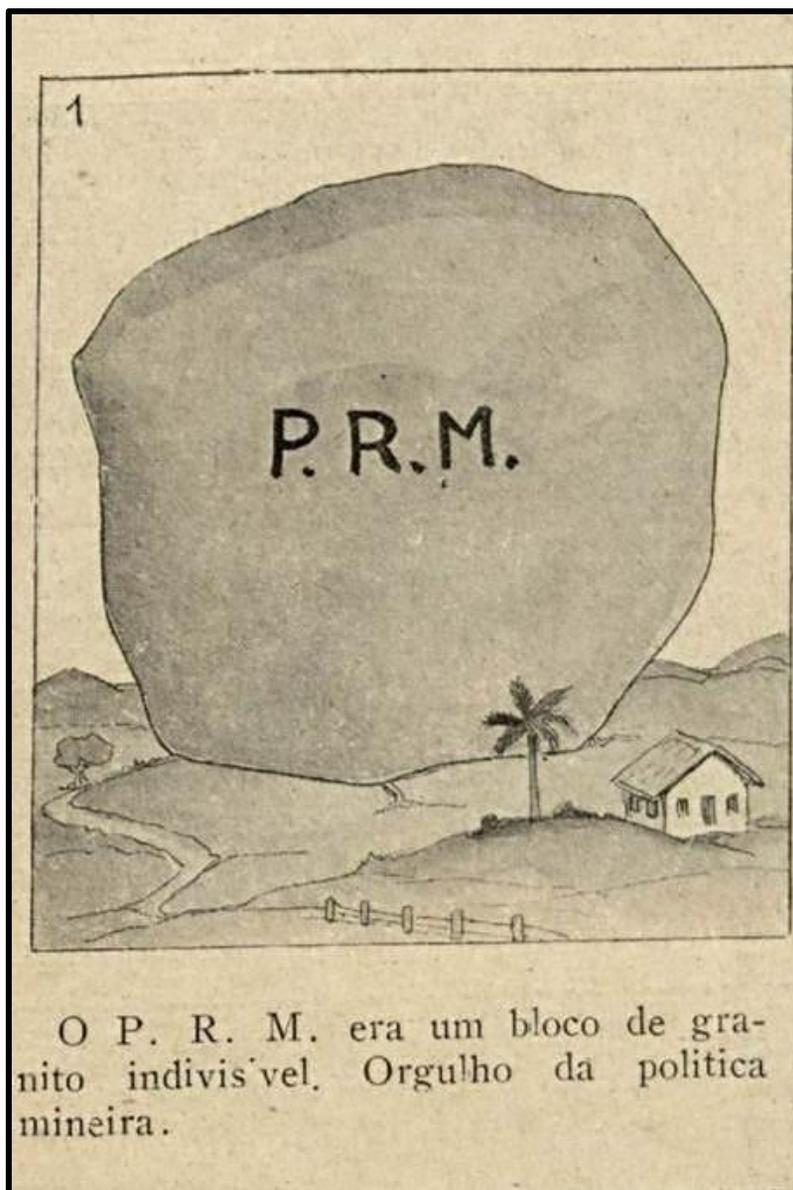
E além d'isso, os jornalistas que foram a esse Congresso, receberam muitas provas de carinho da policia mineira.



Mas não é só. Os empreiteiros do Estado, que têm obras em execução e contas a receberem, até hoje não receberam uma unica solicitação do Sr. Antonio Carlos ou do secretario da Agricultura.

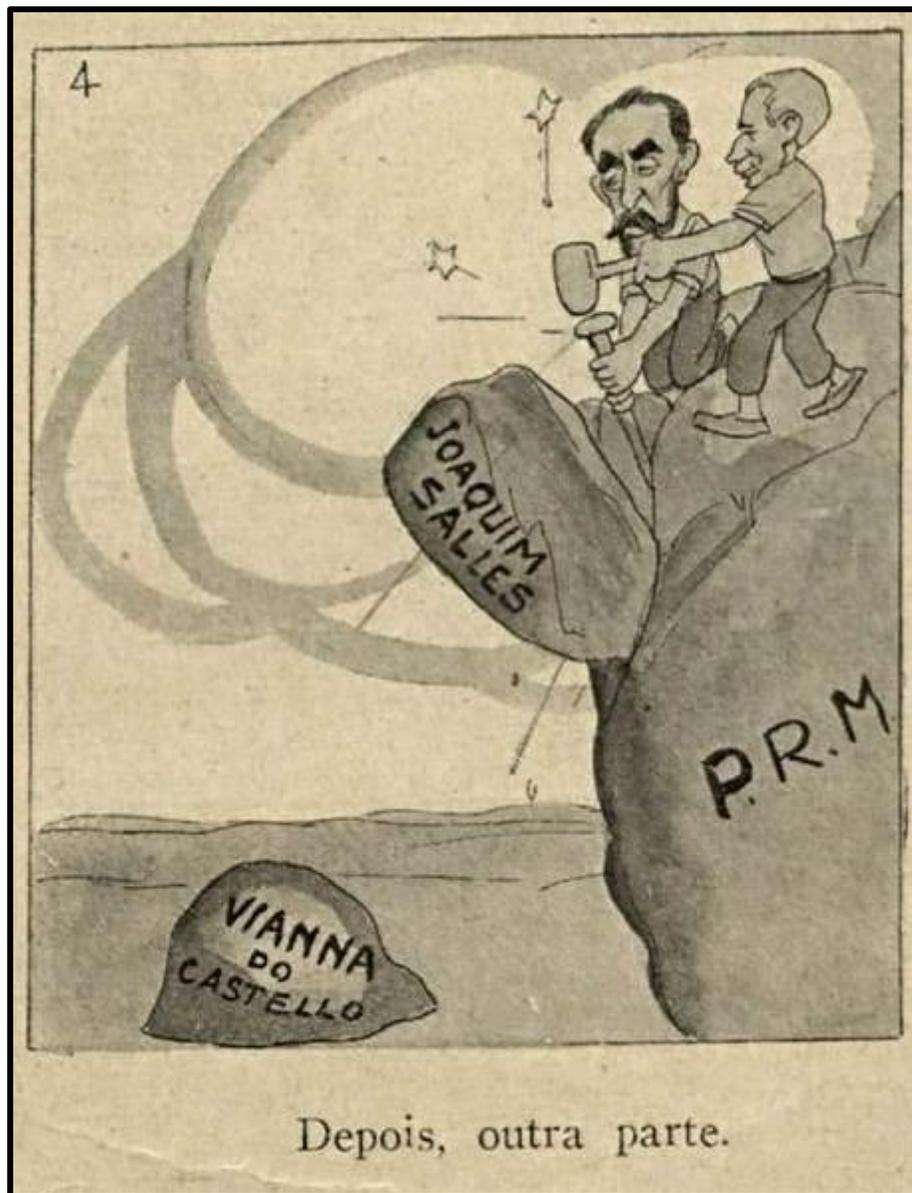
De maneira que Minas Geraes só encontra motivos para estar radiante de alegria e de entusiasmo com o regimen de liberdade posto em pratica pelo mais liberal dos seus presidentes.

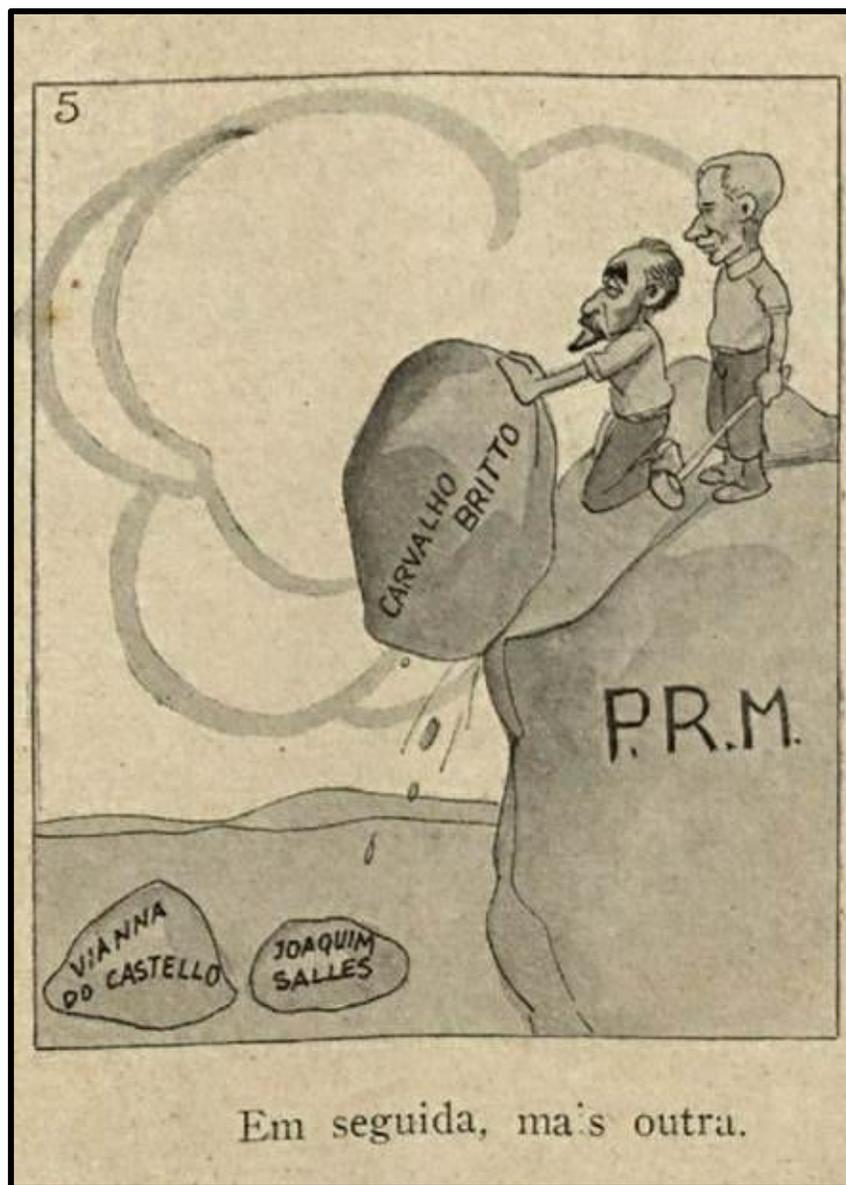


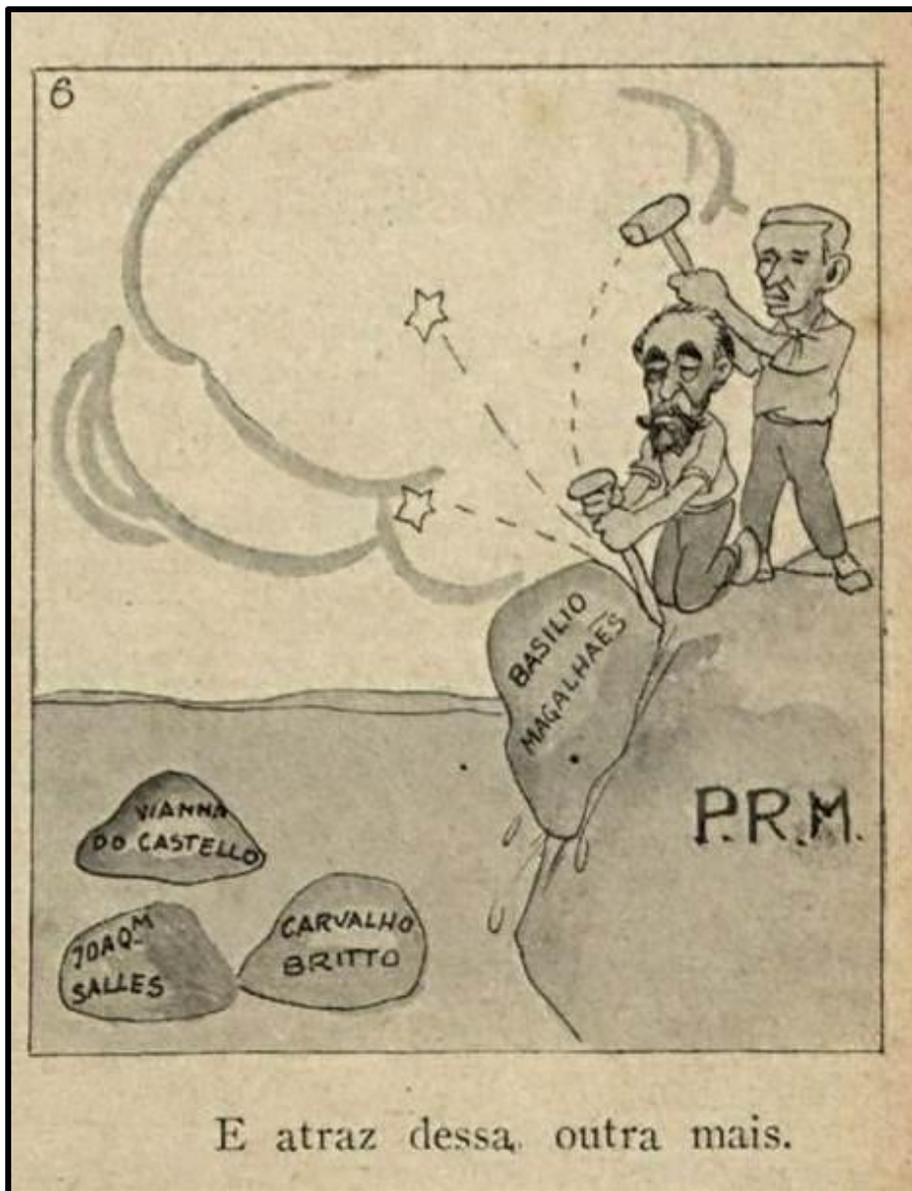


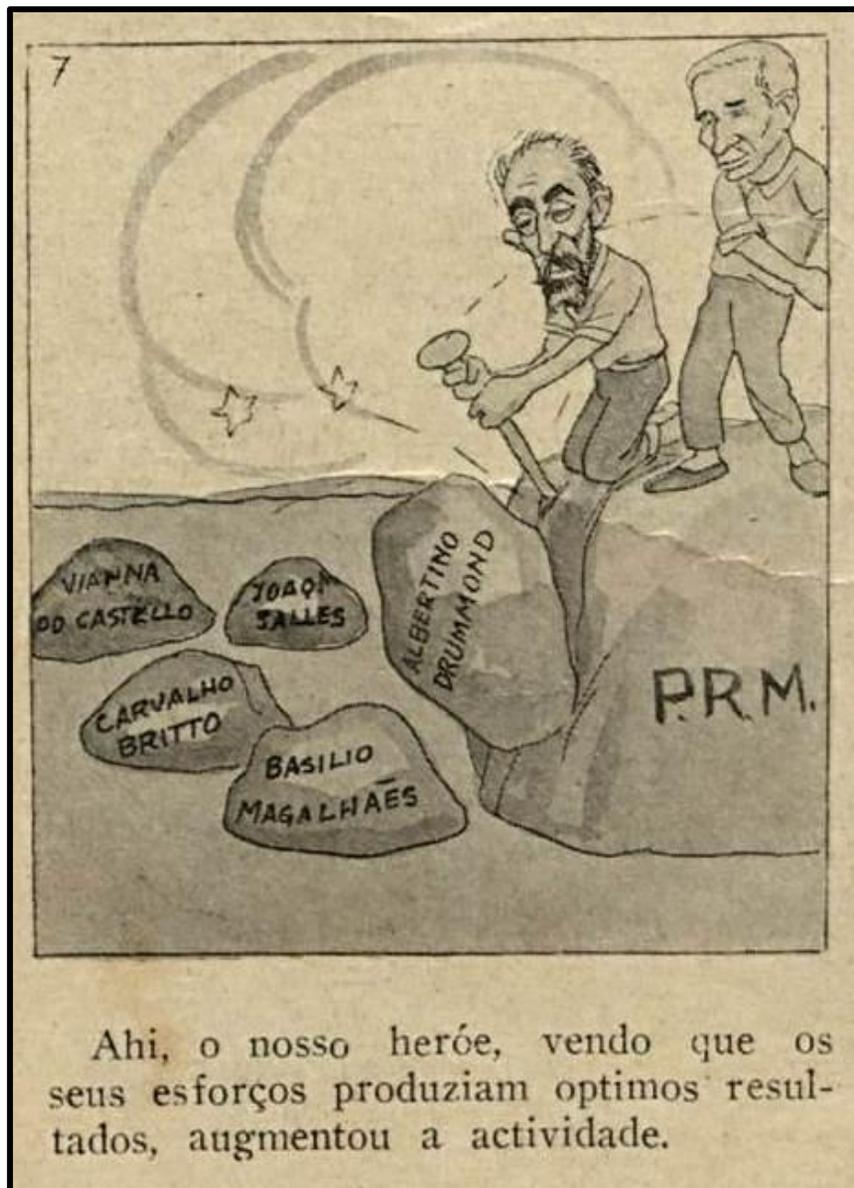


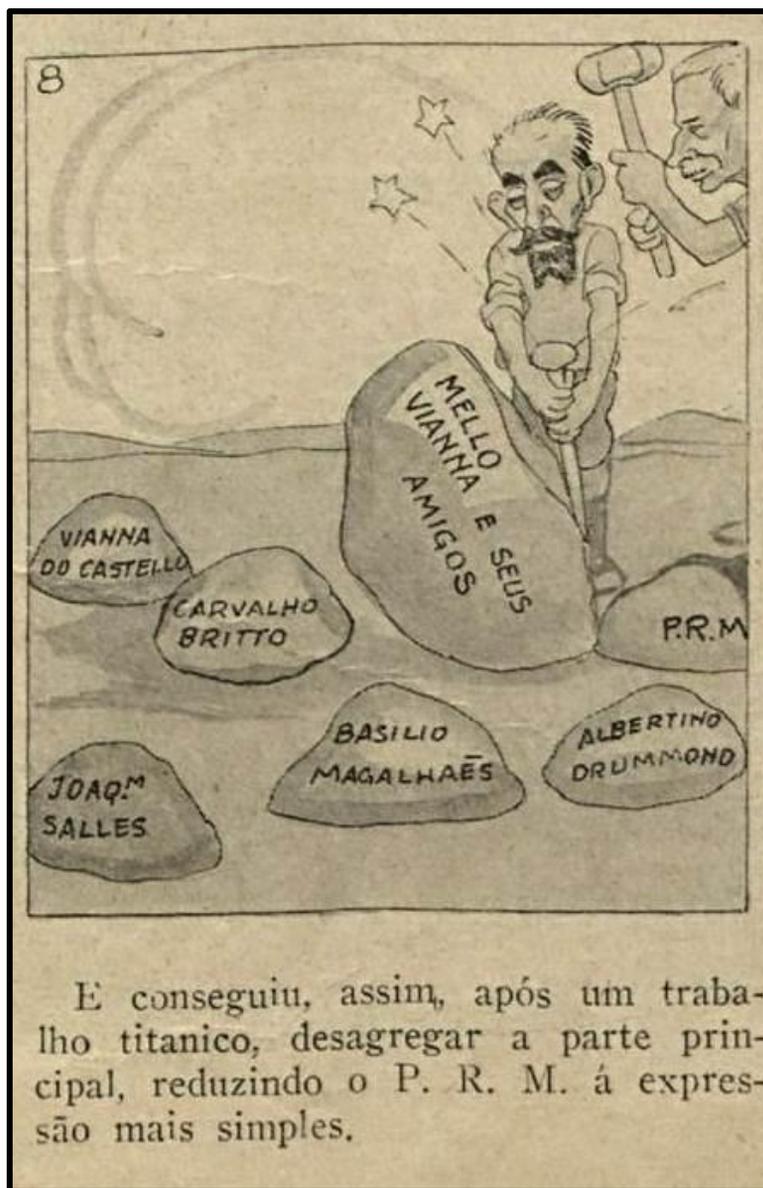






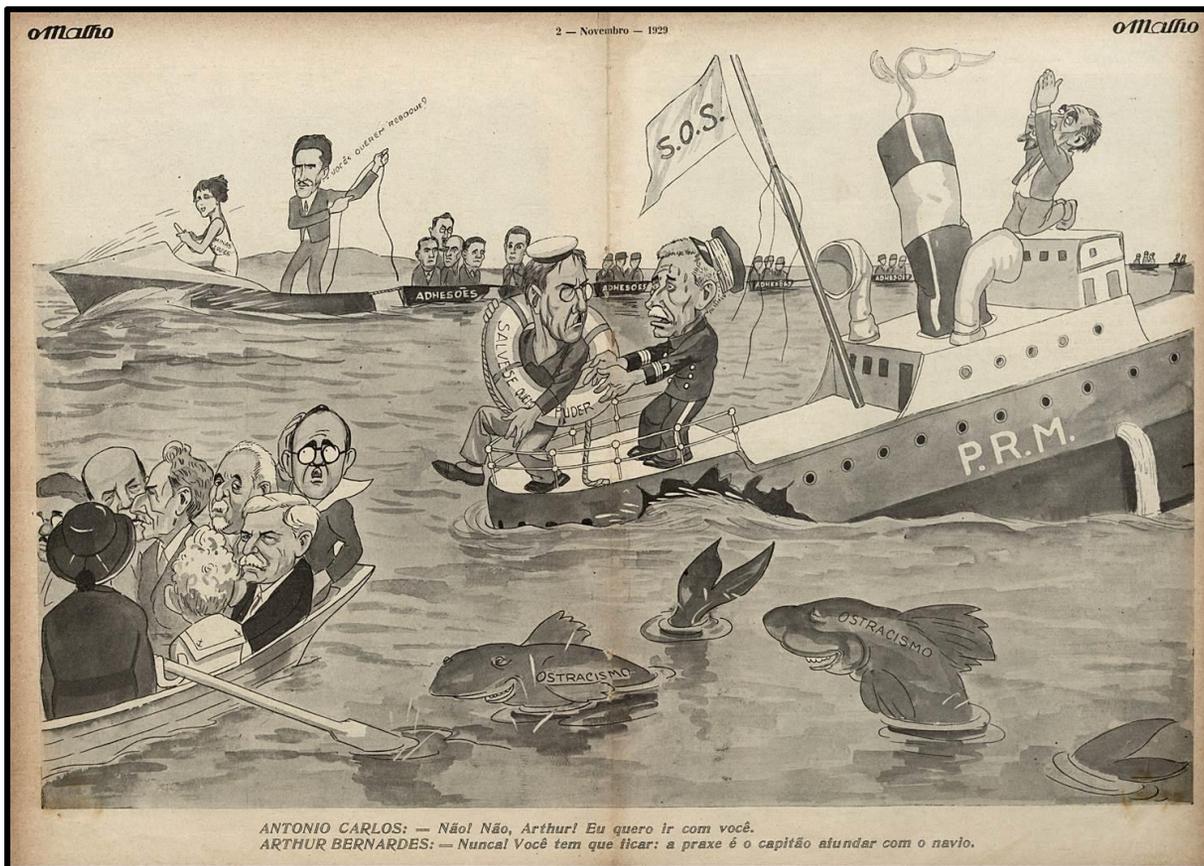






É conseguiu, assim, após um trabalho titanico, desagregar a parte principal, reduzindo o P. R. M. á expressão mais simples.





Antônio Carlos era apresentando ainda como um prestidigitador que estaria a preparar uma “candidatura popular” para a Minas, aparecendo como resultado Olegário Maciel, um tradicional representante da oligarquia mineira. Para proporcionar “o feitiço contra o feiticeiro”, o próprio Washington Luís

resolvia participar do processo eleitoral mineiro, aconselhando o Jeca nesse sentido<sup>86</sup>. Como dois cavaleiros medievais vitoriosos Washington Luís e Júlio Prestes anunciavam a derrocada aliancista e, diante da possibilidade de um acordo, aquele dizia que, para eles, estaria reservada “uma corda”, ou seja, a eliminação da vida política. O periódico chegava a apresentar a máquina eleitoral governista, a qual garantiria uma vitória incontestável para a candidatura de Júlio Prestes, uma vez que levava em conta a opinião pública, em combate aos males aliancistas, apontados entre outros como intrigas, corrupção, promessas, ameaças e prisões. Em outra cena, enquanto o mineiro José Bonifácio discursava, o paraibano Manuel Tavares Cavalcanti e o gaúcho João Batista Luzardo conversavam, referindo-se ironicamente a um “passado imaculado” de Antônio Carlos. O líder mineiro Ribeiro de Andrada era também representado como um domador, que pretendia dominar a fera, um leão que designava seu partido, mas, diante da cena, o público aguardava ansiosamente o momento de “ver a fera devorar o domador”. Antônio Carlos era visto também como “o homem que dá azar”, pois causava “perigosos efeitos” junto de seus aliados, trazendo por diversas vezes um resultado que “se manifesta de modo fatal aos seus amigos”<sup>87</sup>.

---

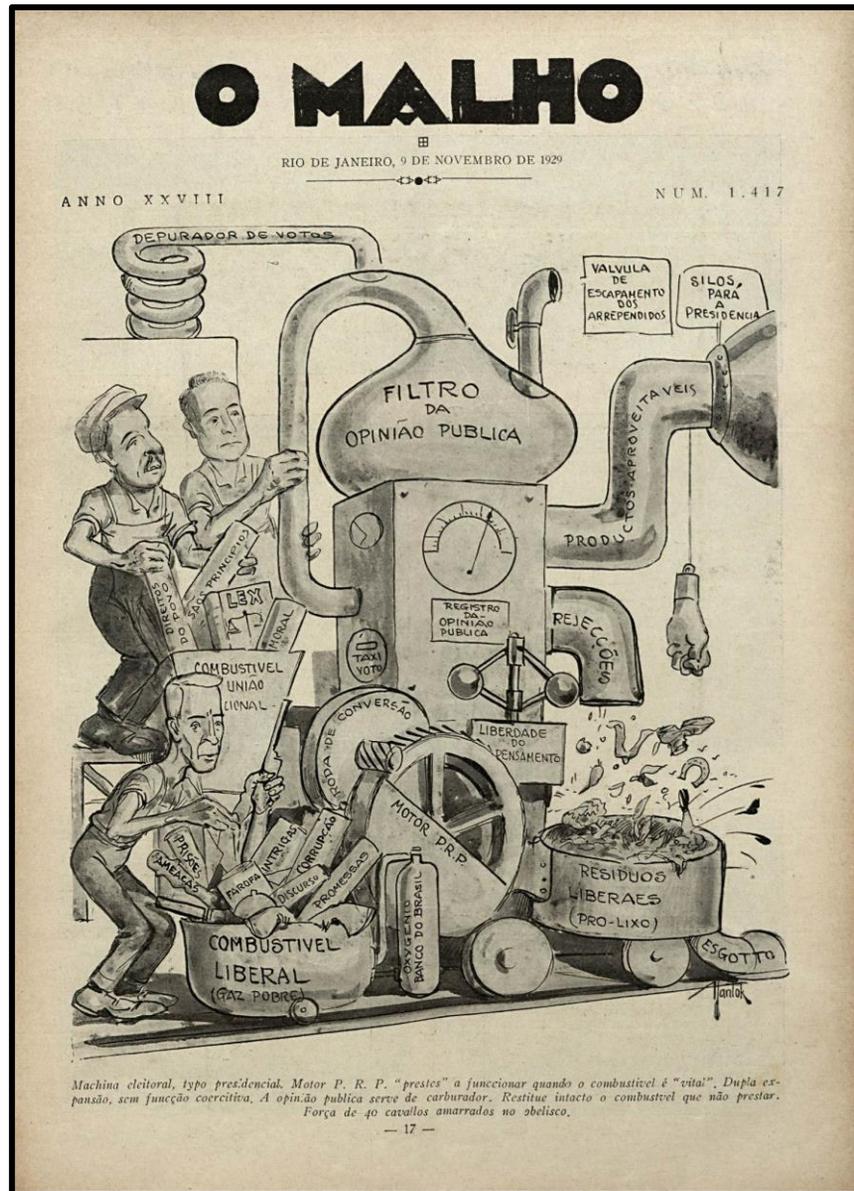
<sup>86</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 2 nov. 1929.

<sup>87</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 9 nov. 1929.



A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO

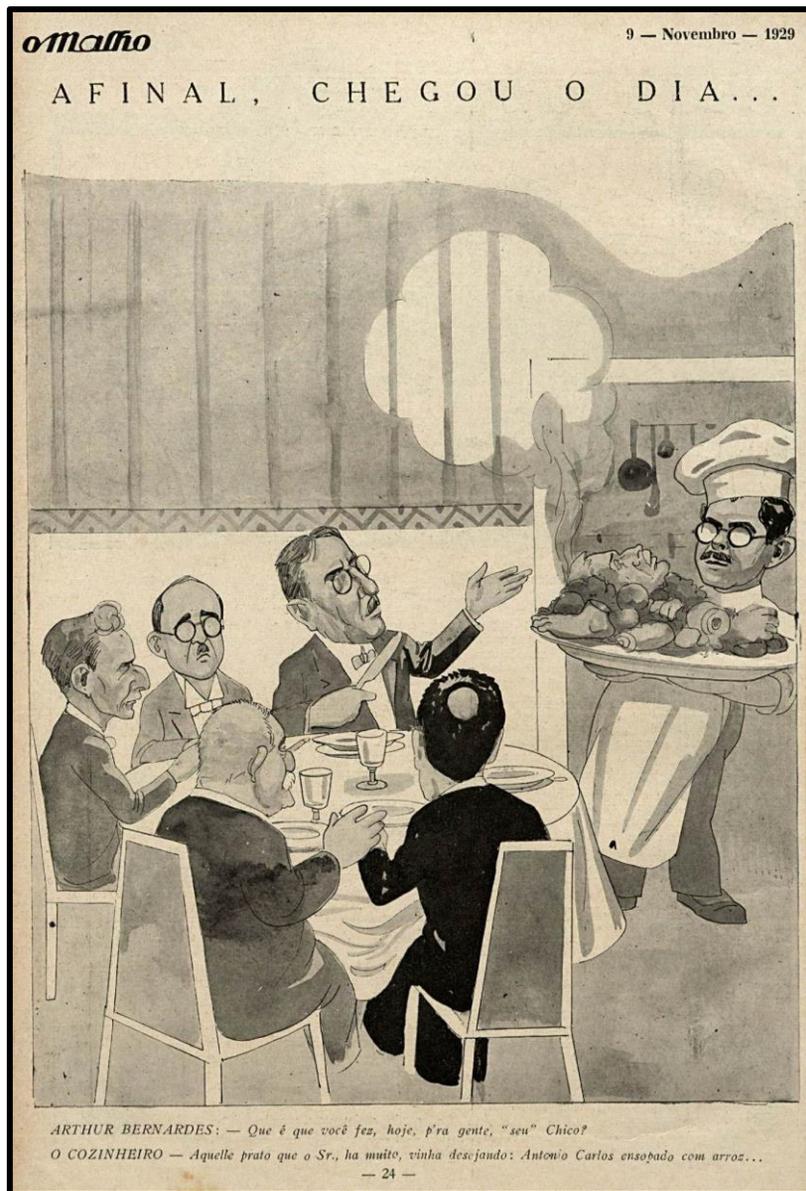




O antagonismo para com Antônio Carlos foi tão profundo por parte de *O Malho*, que chegou a haver a representação de seu corpo espedaçado, servido de bandeja para um grupo de políticos. Um grupo de aliancistas compunha uma caricatura na qual eles, portando a cauda do derrotismo, marchavam decididamente para derrubar a árvore do “crédito nacional”, para, em seguida, desistir e debandar, tendo em vista o medo do leão que guardava a árvore, com Washington Luís transmutado de modo zoomórfico em rei dos animais. Os seguidores da Aliança Liberal em seus propalados planos de exterminar a política de defesa do café, viam seus planos irem por água abaixo, ao serem alvo de uma fortíssima ducha, imposta pelo “braço forte” do governo, ao passo que o Zé Povo comentava chistosamente tal situação<sup>88</sup>.

<sup>88</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 9 nov. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO

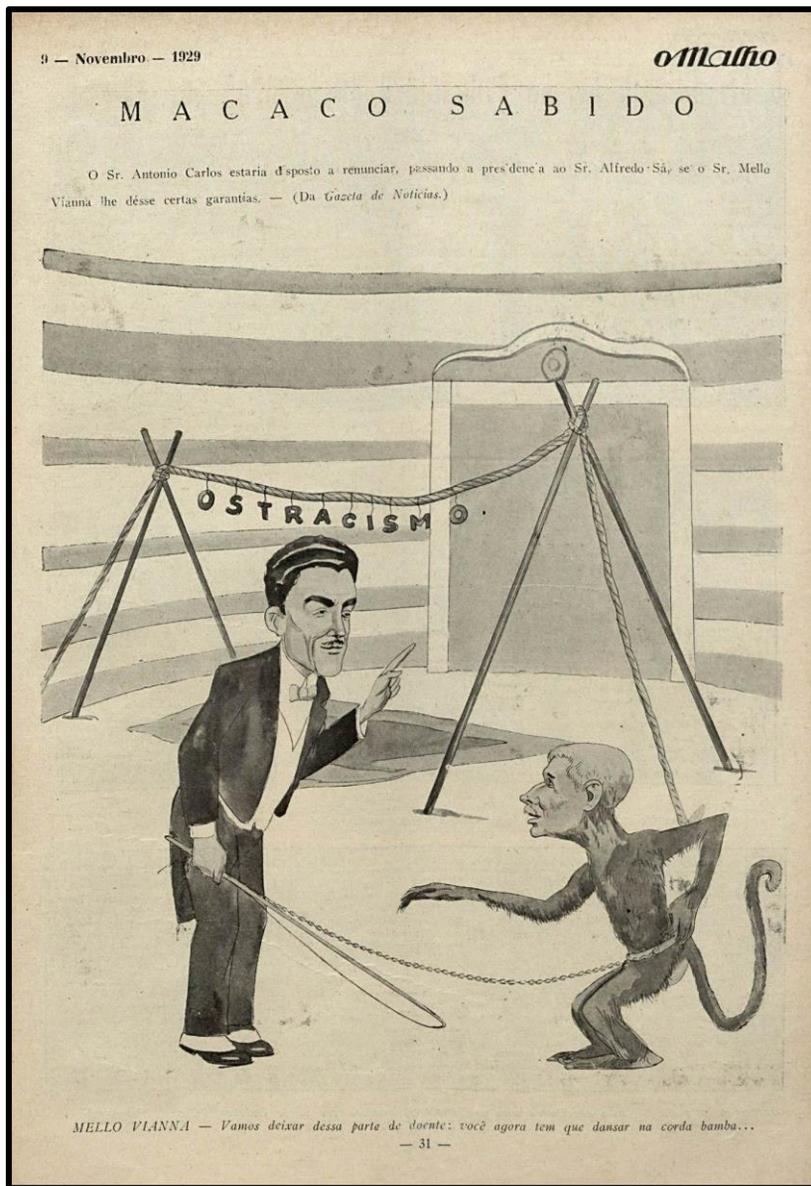


A perspectiva da derrota aliancista aparecia mais uma vez nas páginas do semanário, que divulgava informe sobre a possibilidade de uma renúncia de Antônio Carlos, o qual aparecia transformado em macaco que era adestrado pelo político mineiro Fernando de Melo Viana, que o obrigava a dançar na corda bamba do “ostracismo”. Ribeiro de Andrada chegava a ser apresentado como um louco, que usava um conjunto de indumentárias concernente à monarquia, além de proclamar a si mesmo como “imperador dos Estados Unidos do Brasil”. O tema da alienação mental do líder mineiro era reforçado diante de sua reação à cisão de Melo Viana, diante do que a figura feminina que representava Minas Gerais, indicava-lhe o caminho da renúncia e o uso de uma “camisa de força”. A troça para com uma suposta falta de conhecimento de Vargas quanto à administração da máquina pública, era apresentada em “O economista”, na qual o candidato gaúcho anunciava a criação de vários institutos que promovessem a proteção de diversos produtos brasileiros, tal qual era feito com o café, chegando a prever até o surgimento de um “Instituto das Vacas”. Ainda quanto à doidice de Antônio Carlos, ele aparecia montado em um cavalo de brinquedo a conversar com Artur Bernardes, buscando contestar a “mania” dos adversários de dizerem que ele estaria “maluco”. Em conjunto de desenhos no qual as ilustrações desmentiam as legendas, carregadas de ironia, o periódico denunciava o discurso dos aliancistas considerado como radical, que trariam prejuízos irrecuperáveis para a economia e as finanças do país<sup>89</sup>.

---

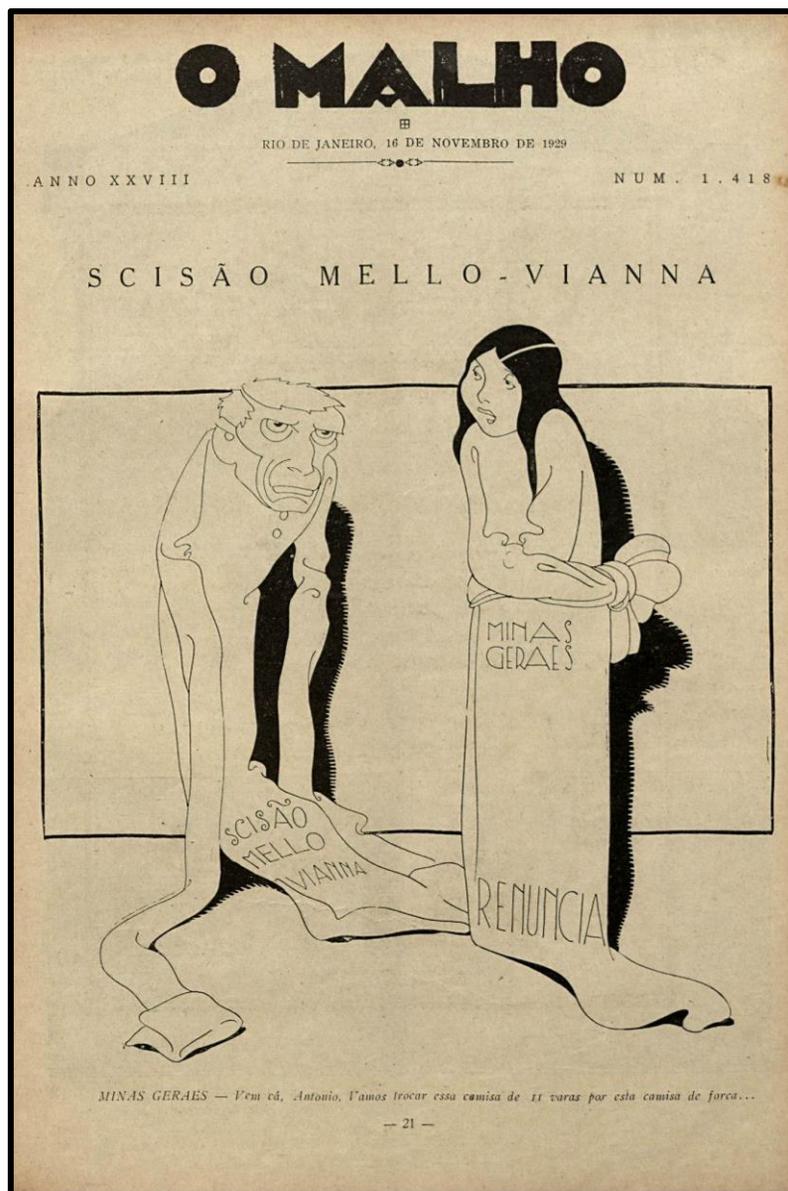
<sup>89</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 16 nov. 1929.

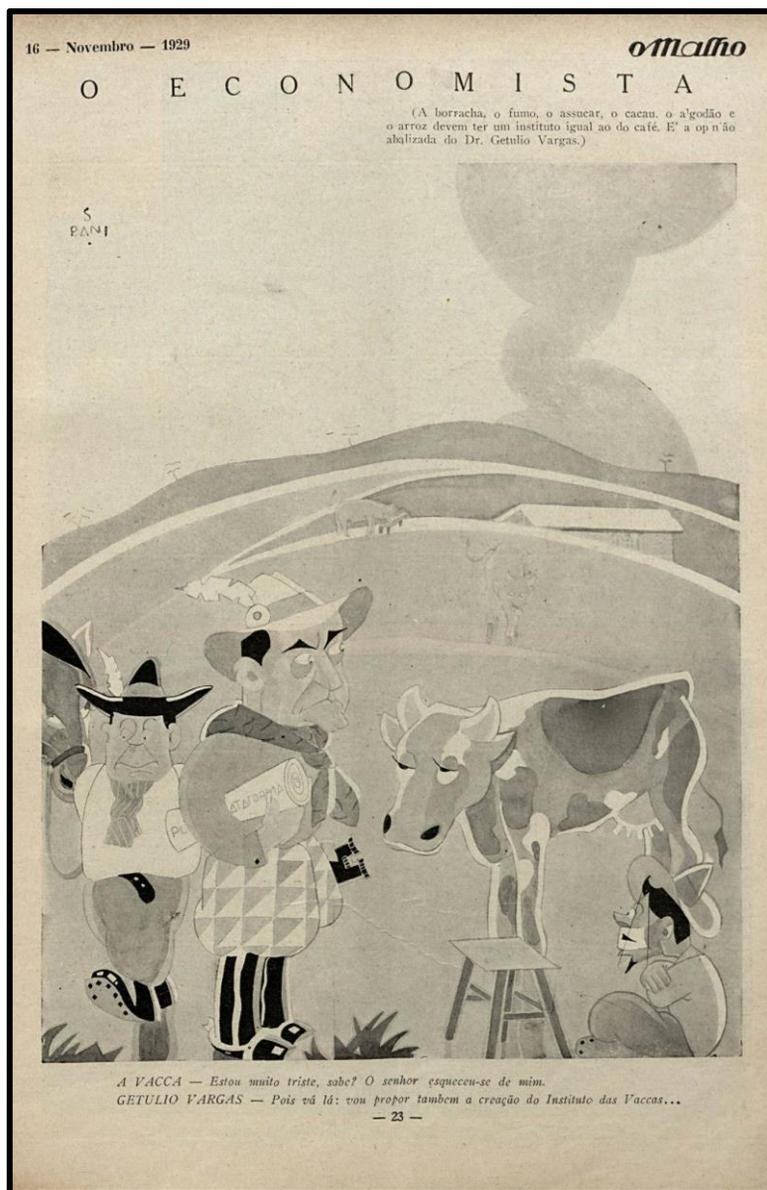
A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



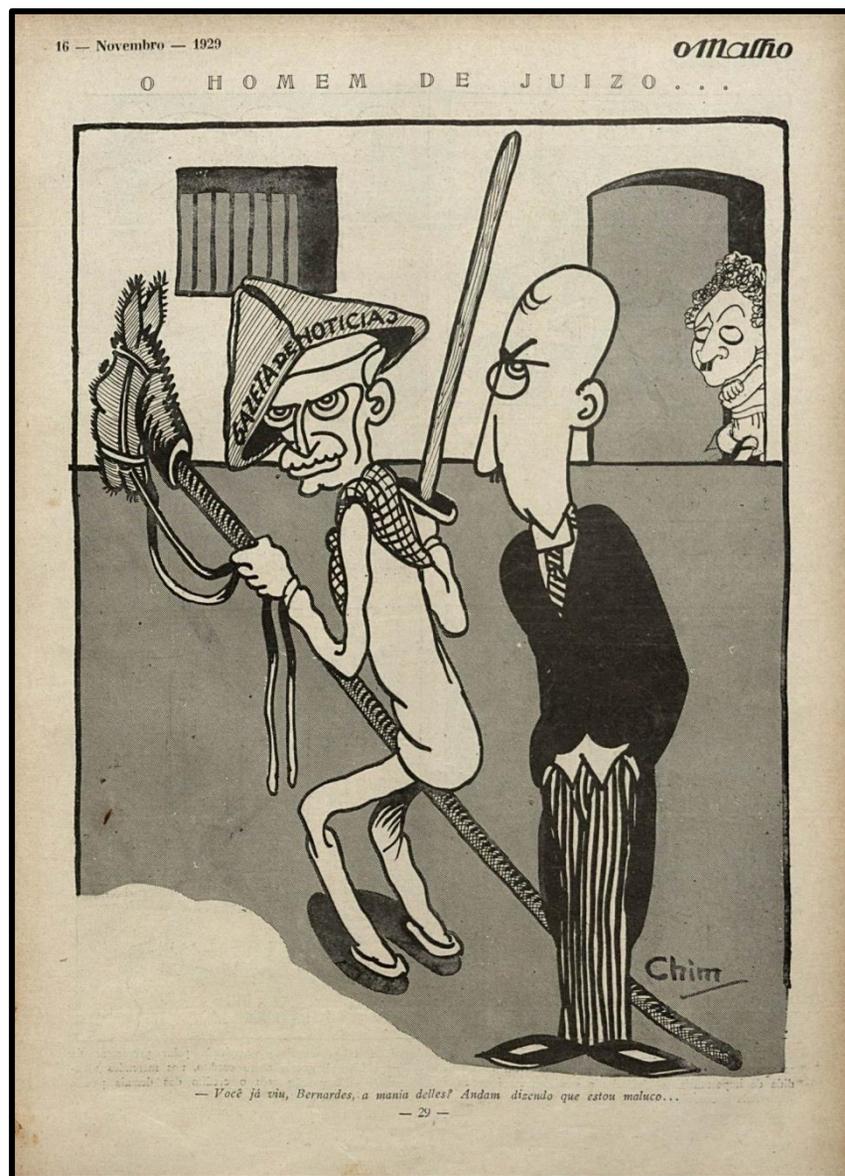


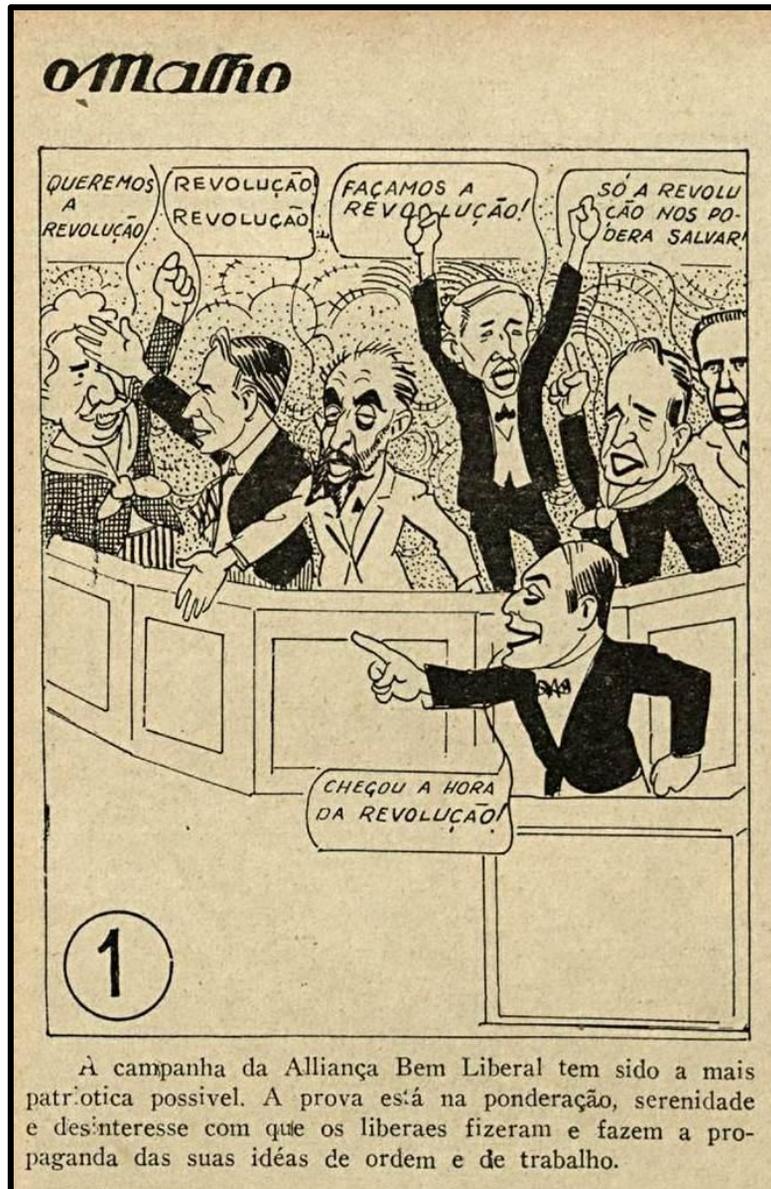
A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



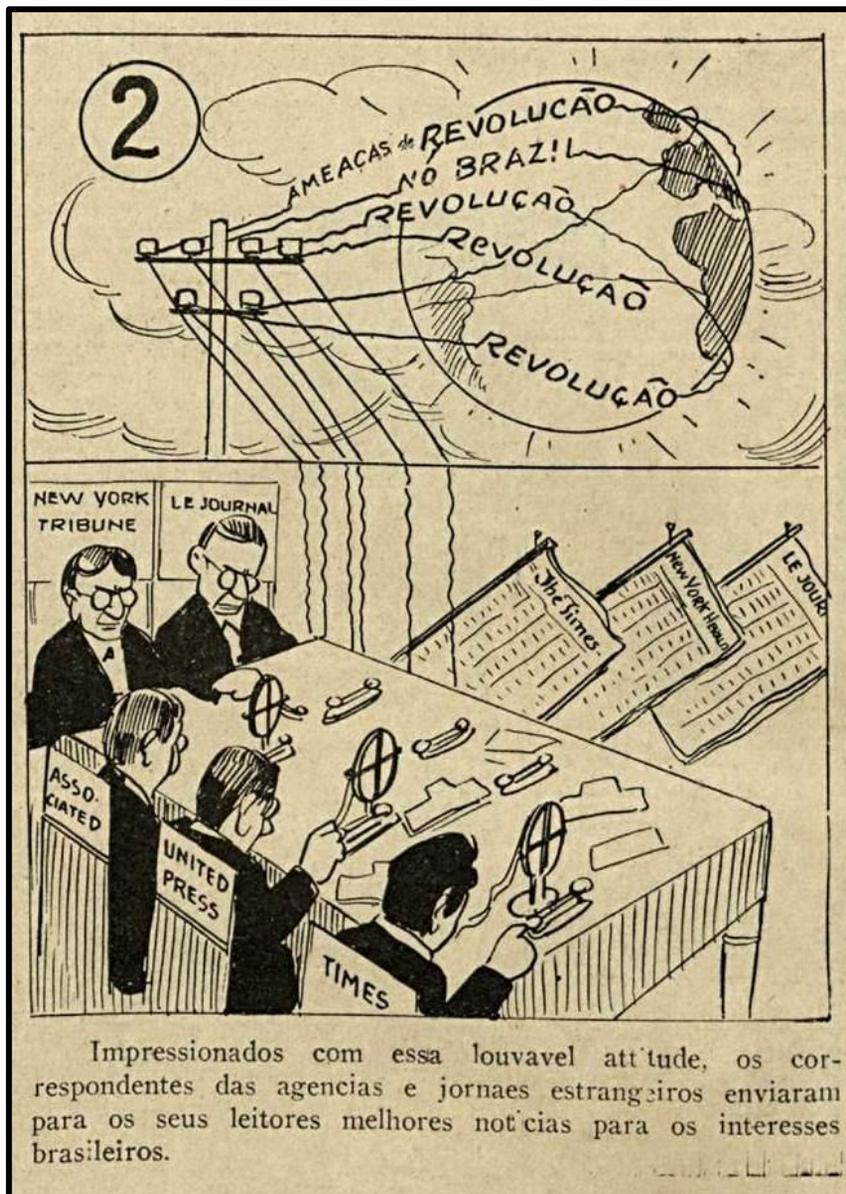


A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



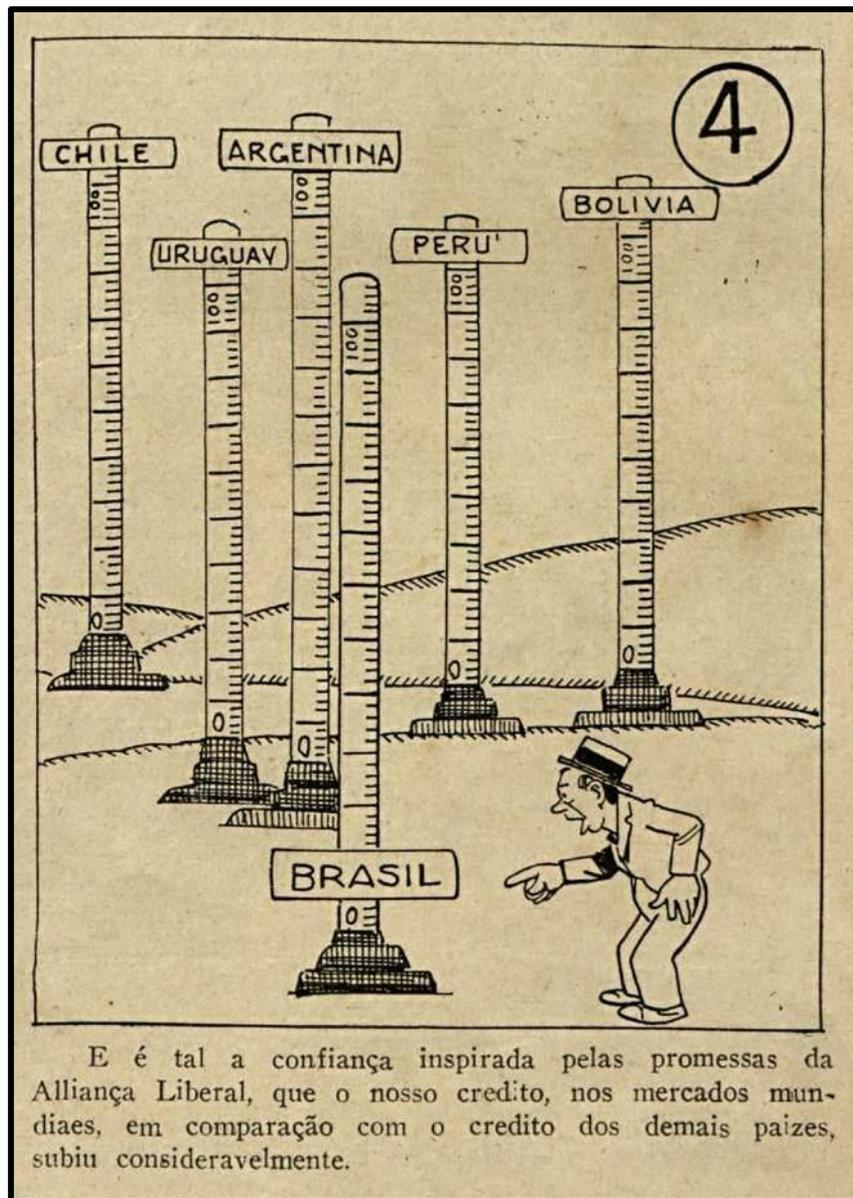


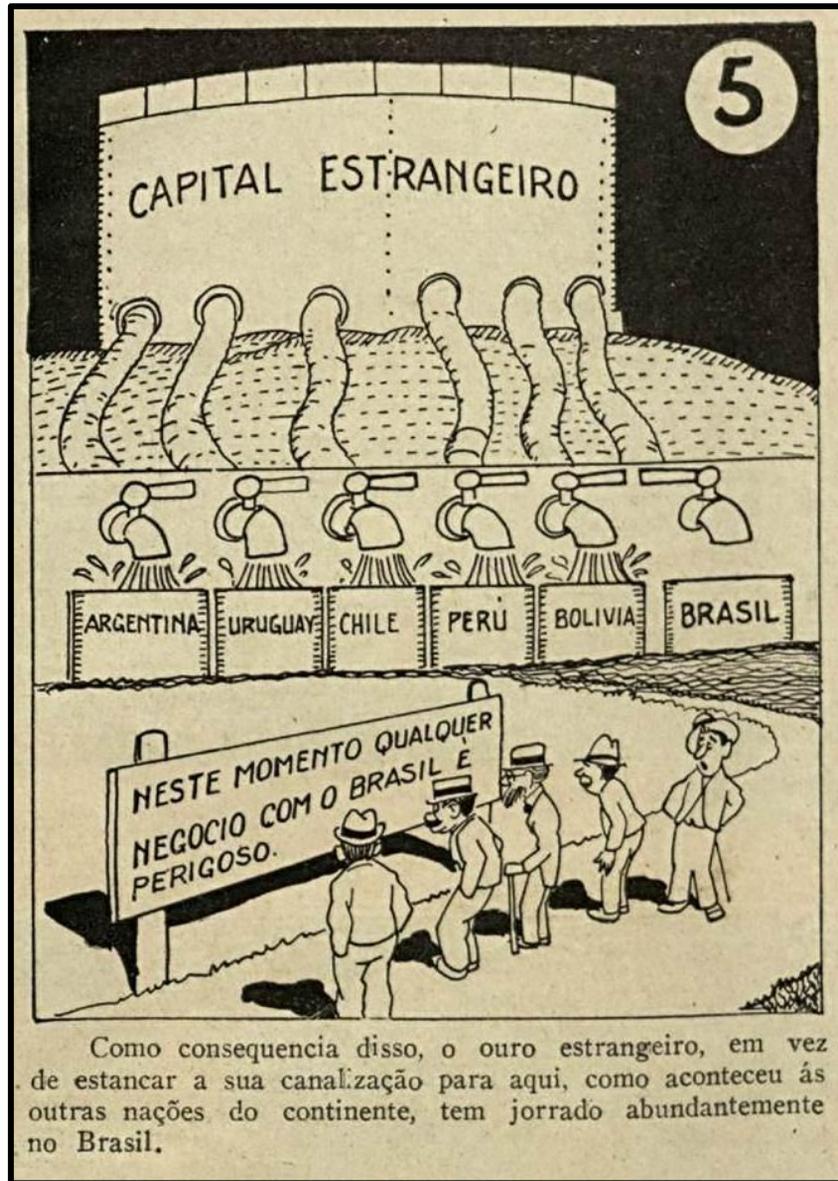
À campanha da Aliança Bem Liberal tem sido a mais patriótica possível. A prova está na ponderação, serenidade e desinteresse com que os liberais fizeram e fazem a propaganda das suas idéas de ordem e de trabalho.





De maneira que o Brasil, apesar de ser ainda um rapaz, se apresenta, aos países mais velhos para pleitear uma medida de importância ou defender a sua riqueza. é recebido com toda a consideração.



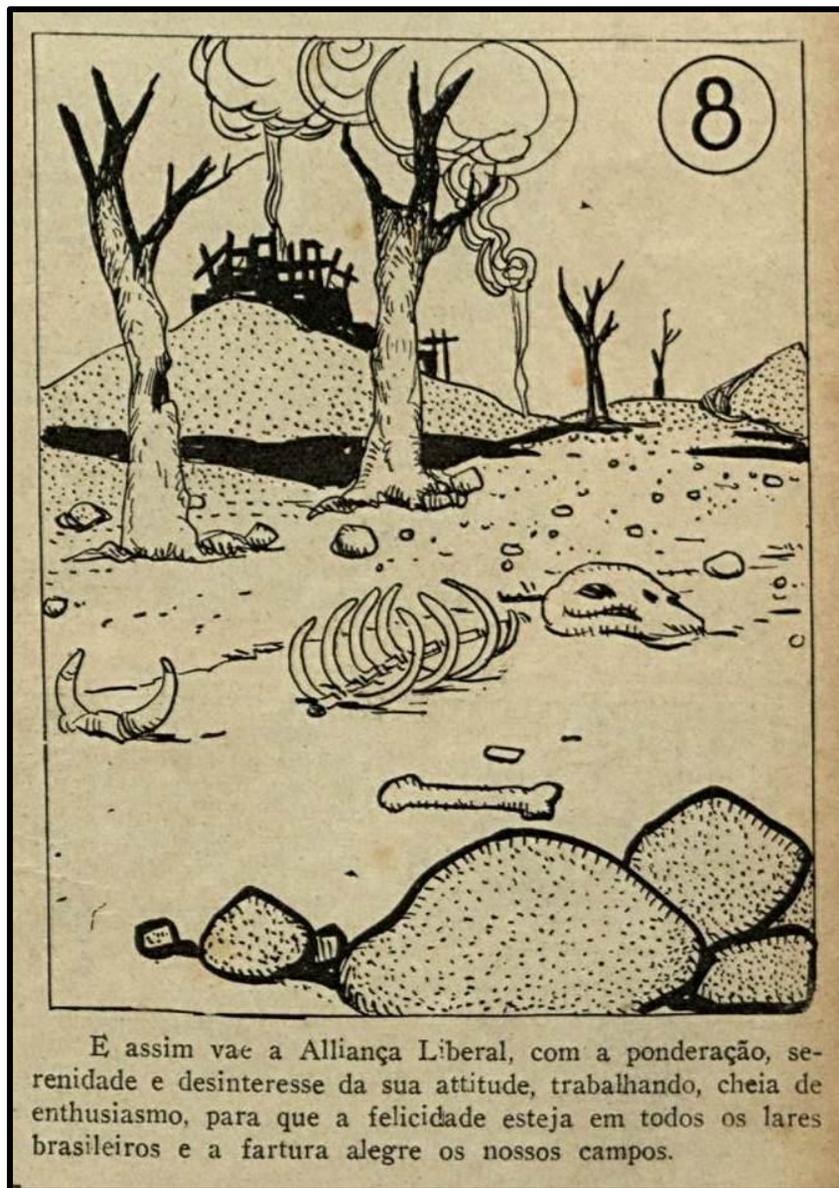




E ainda, ha poucos dias, quando tivemos necessidade de obter um emprestimo para proteger a economia publica. amparando a lavoura cafeeira, o Brasil foi ainda atendido admiravelmente pelos banqueiros de Londres e Nova York.



Com o producto desse emprestimo, as nossas classes laboriosas, vinculadas á sorte do café, não tiveram dificuldades na solução dos seus compromissos. Prescindiram até do auxilio do Banco do Brasil.



E assim vai a Aliança Liberal, com a ponderação, serenidade e desinteresse da sua attitude, trabalhando, cheia de entusiasmo, para que a felicidade esteja em todos os lares brasileiros e a fartura alegre os nossos campos.

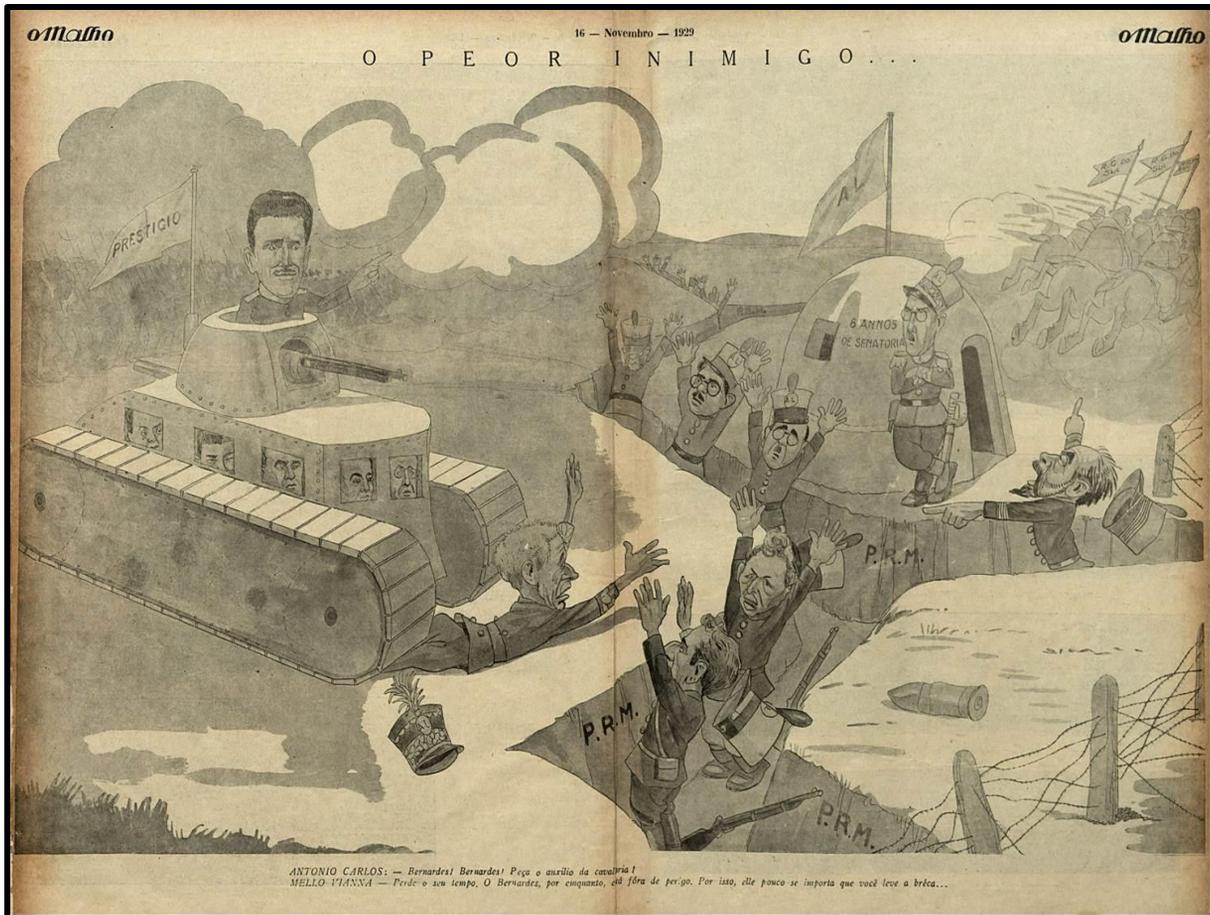
As disputas políticas no âmbito mineiro chegavam a ser apresentadas pelo hebdomadário como uma verdadeira guerra, na qual Fernando de Melo Viana, dirigindo o tanque do “prestígio”, partia em direção aos apoiadores da Aliança Liberal do PRM, que se mostravam em desespero e rendiam-se, enquanto Antônio Carlos se via na iminência de sucumbir atropelada pela máquina de guerra. A suposta loucura de Antônio Carlos aparecia novamente, com o personagem político realizando promessas incabíveis. Segundo a folha, o político mineiro Alfredo Sá poderia ser um obstáculo aos caminhos de Ribeiro de Andrada, sobre o qual era apontada a “impossibilidade” do mesmo continuar à frente do governo. Uma conversa entre o político gaúcho Augusto Simões Lopes e o alagoano João Pessoa, candidato à Vice pela Aliança Liberal, sobre as ações do também alagoano Álvaro Correia Pais, buscando evidenciar a falta de coragem do aliancista, pois, diante da pergunta se o enfrentamento fora “frente a frente”, era revelado que o contato fora feito pelo telégrafo. Já no contexto mineiro, o aliancista José Bonifácio buscava negociar Fernando de Melo Viana, que se negava a fazê-lo, por não tratar com ladrões. O mesmo Melo Viana aparecia como um lenhador, que derrubara a árvore do PRM e preparava-se para fazer o mesmo com as demais que representavam os aliancistas<sup>90</sup>. Mostrando Vargas como um chefe quixotesco, que liderava suas tropas montando um burrico, a folha se referia à “voz da inconsciência”, ao tratar da declaração de que a Aliança ainda estaria “forte e pujante”. Em outra caricatura, a folha

---

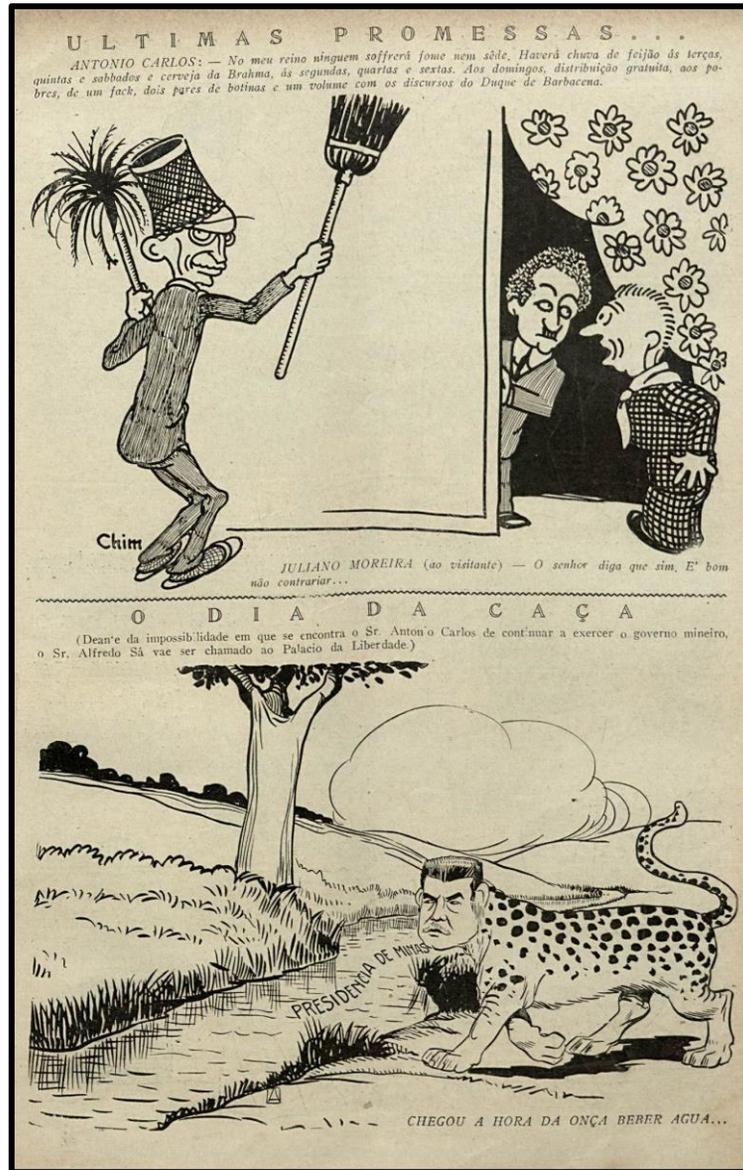
<sup>90</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 16 nov. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO

apontava para as disputas políticas internas pela ocupação do poder em Minas no impedimento de Antônio Carlos.<sup>91</sup>

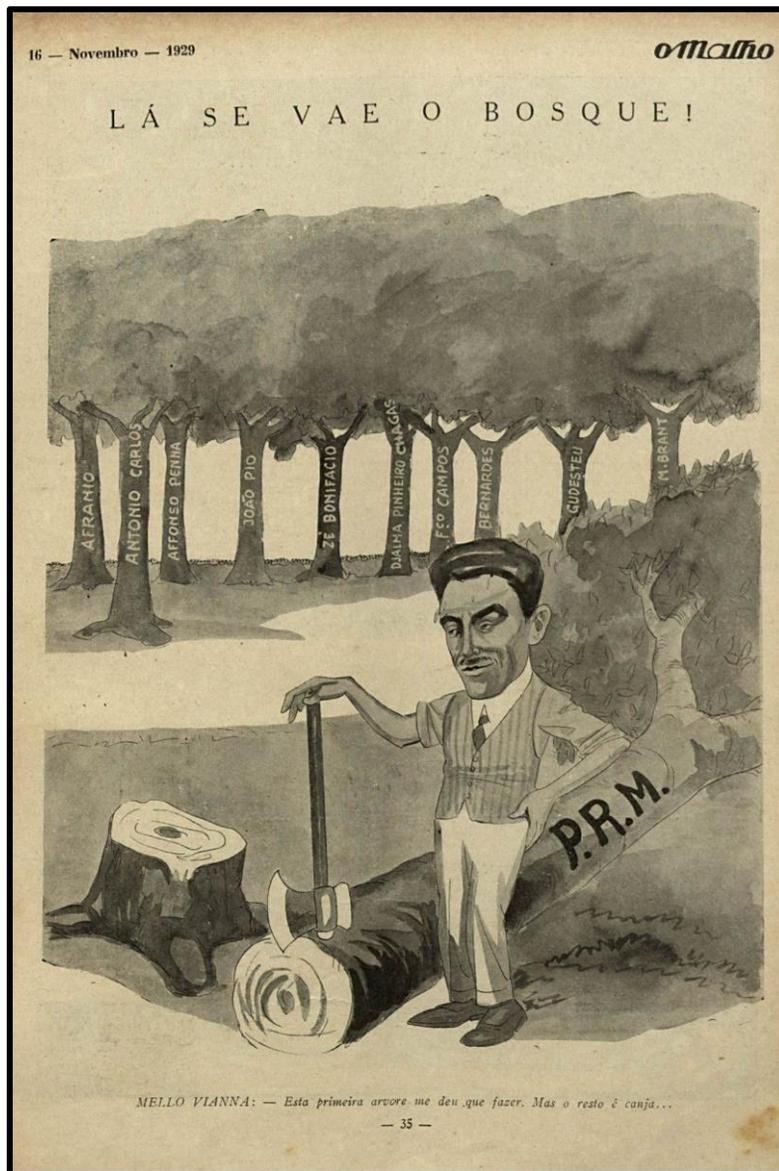


<sup>91</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 23 nov. 1929.



A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





O líder mineiro da Aliança era mais uma vez o alvo da sátira do periódico carioca, ao apresentar conjunto caricatural sobre “O Sr. Antônio Carlos e suas mais recentes vocações”, na qual o político assumia diversos formatos, todos amplamente desfavoráveis em relação ao seu prestígio, fazendo o papel de espanador, tinteiro, indivíduo de cera, tábua de bater roupa, galo, grão de milho, bule e açucareiro. Os enfrentamentos no seio da política mineira eram mais uma vez o tema abordado, pois, a afirmação de que o PRM permanecia “coeso e forte”, era considerada como uma “pilhéria magnífica”, tanto que Antônio Carlos, vendado, caminhava em direção a um precipício identificado com o ostracismo, fazendo referência à verdadeira fenda que cindira o seu partido. Em seu retorno ao Brasil, Epiácio Pessoa foi mostrado como personagem político que chegou a apresentar armas contra a candidatura oficial, obtendo grave insucesso em seu intento. A pilhéria era a tônica de uma nova caricatura que mostrava os aliancistas em “marcha triunfal” na direção do Palácio do Catete, ou seja, do poder presidencial, entretanto, o relevante detalhe era que suas montarias estavam correndo exatamente na direção oposta. Epiácio Pessoa protagonizou outro desenho, no qual, sob o olhar dos aliancistas, subia ao palco imaginando contar com ampla popularidade, o que não se confirmava com a reação oriunda da imprensa, cujos representantes eram simbolizados por leões<sup>92</sup>.

---

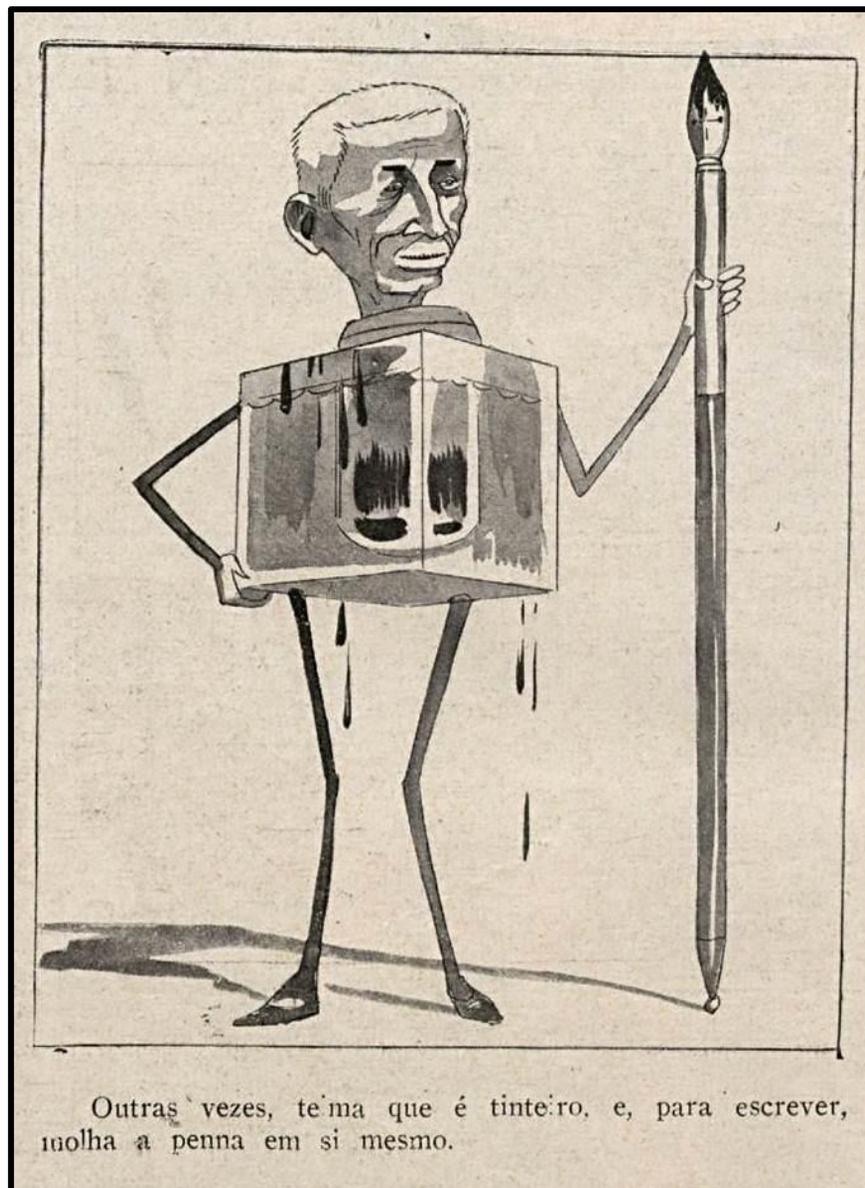
<sup>92</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 23 nov. 1929.

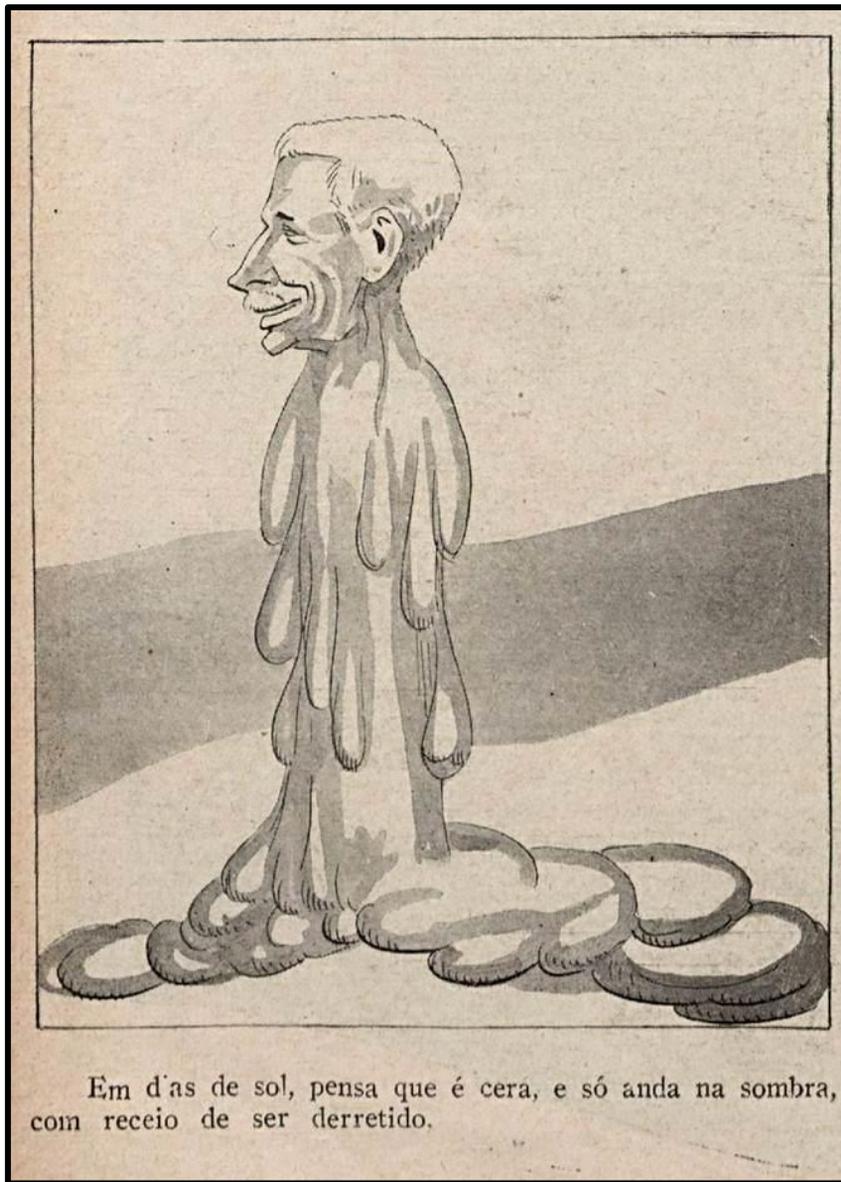
*o Malho*

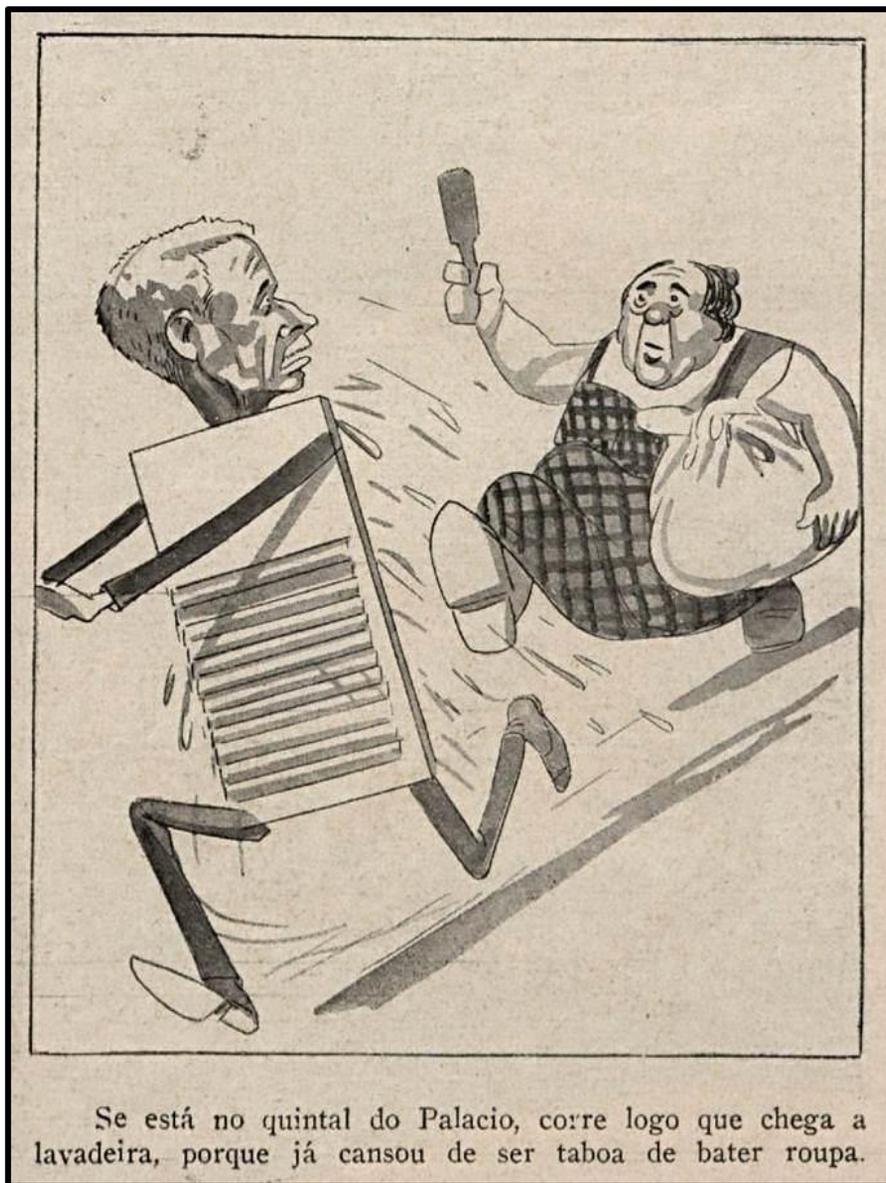
O SR. ANTONIO



O illustre Andrada, em dados momentos, considera-se espanador, e fica, então, limpando tudo que é moveel.



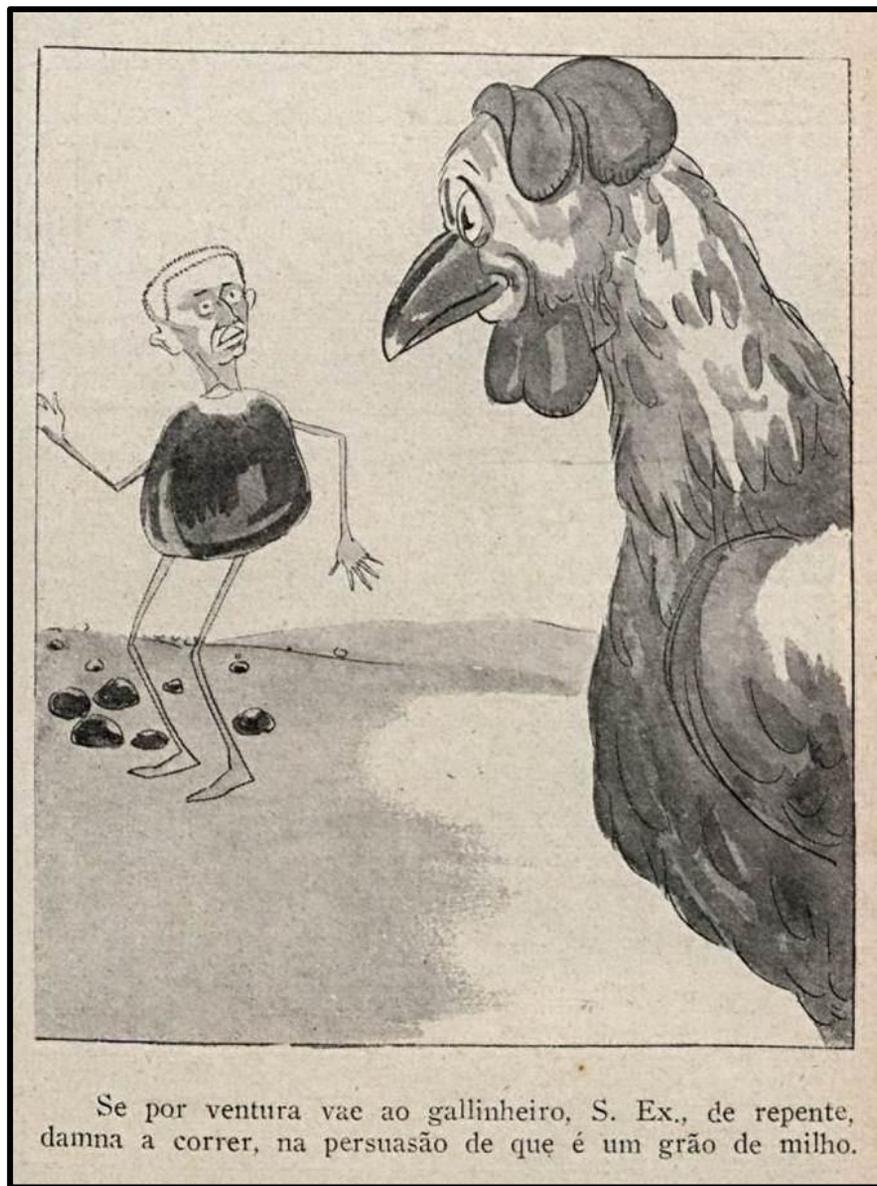


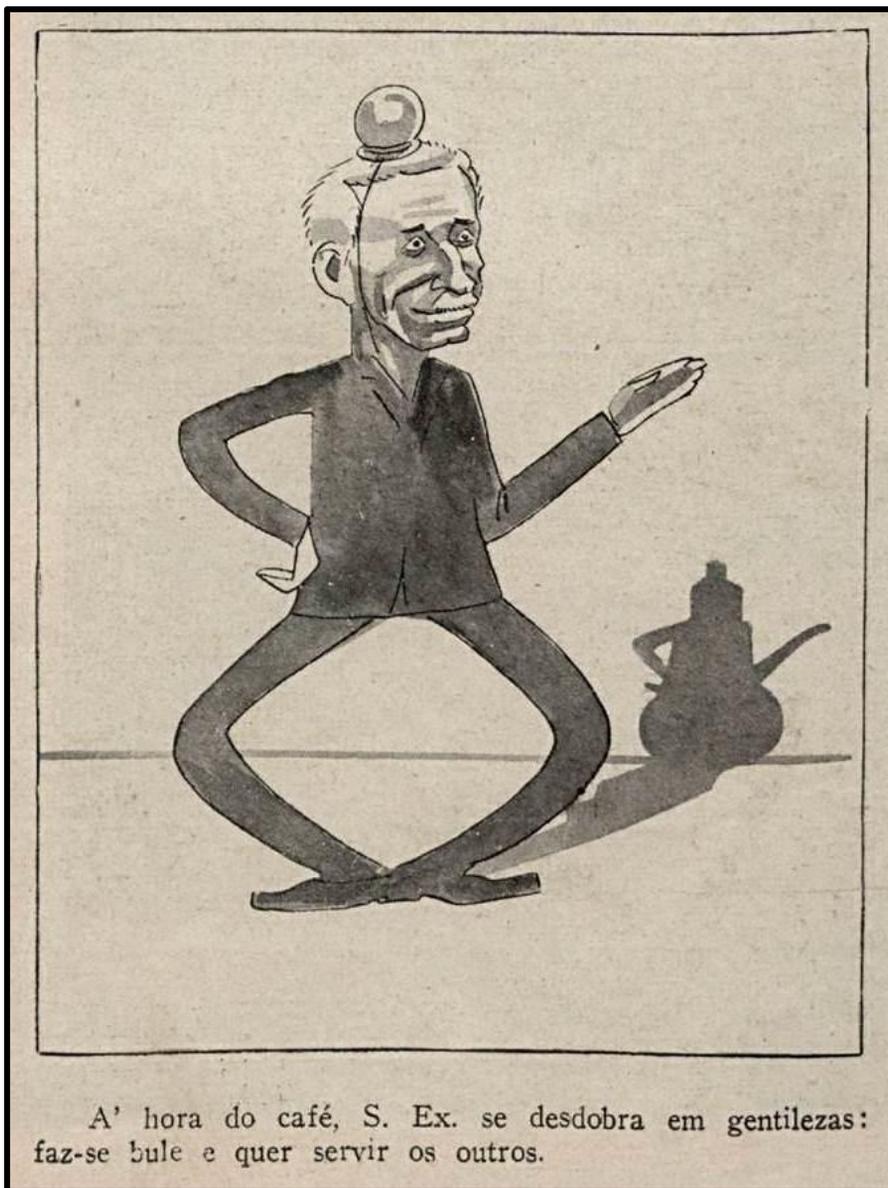


Se está no quintal do Palacio, corre logo que chega a lavadeira, porque já cansou de ser taboa de bater roupa.

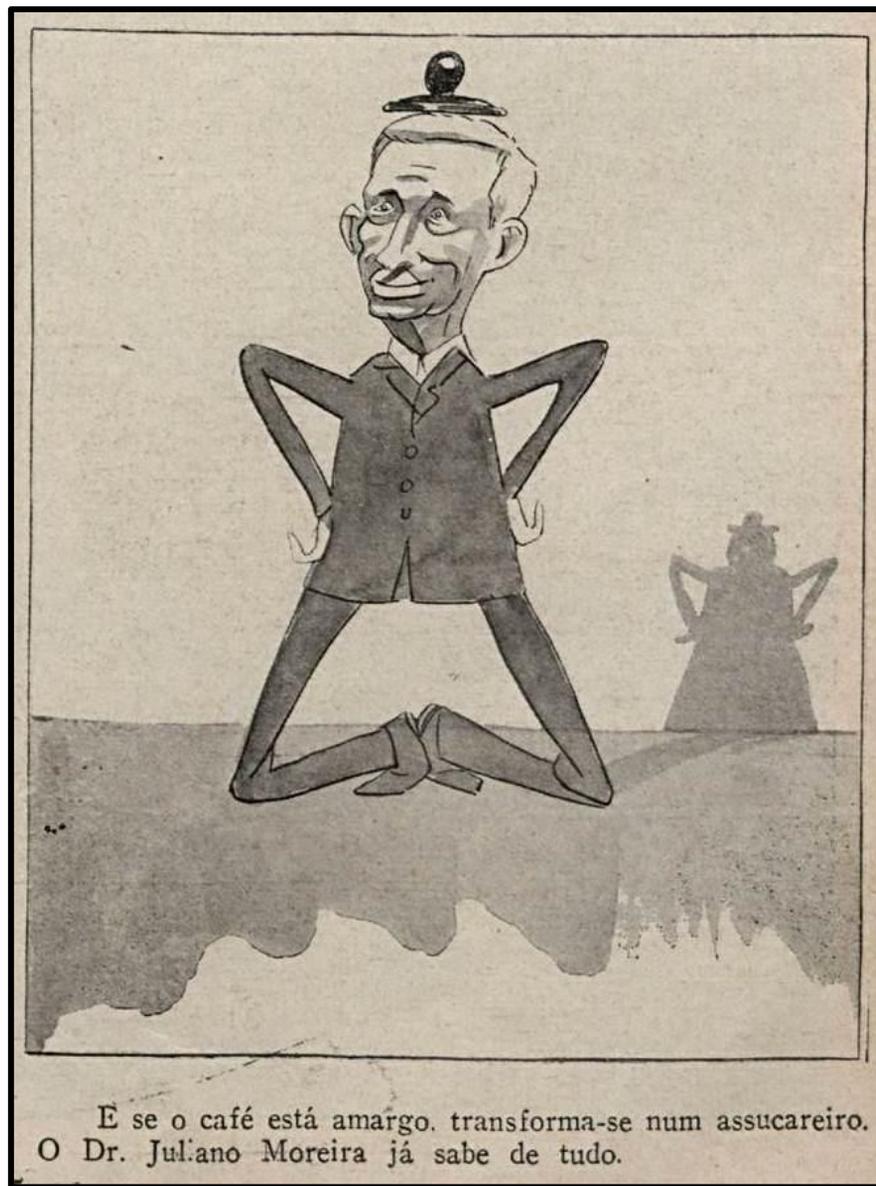


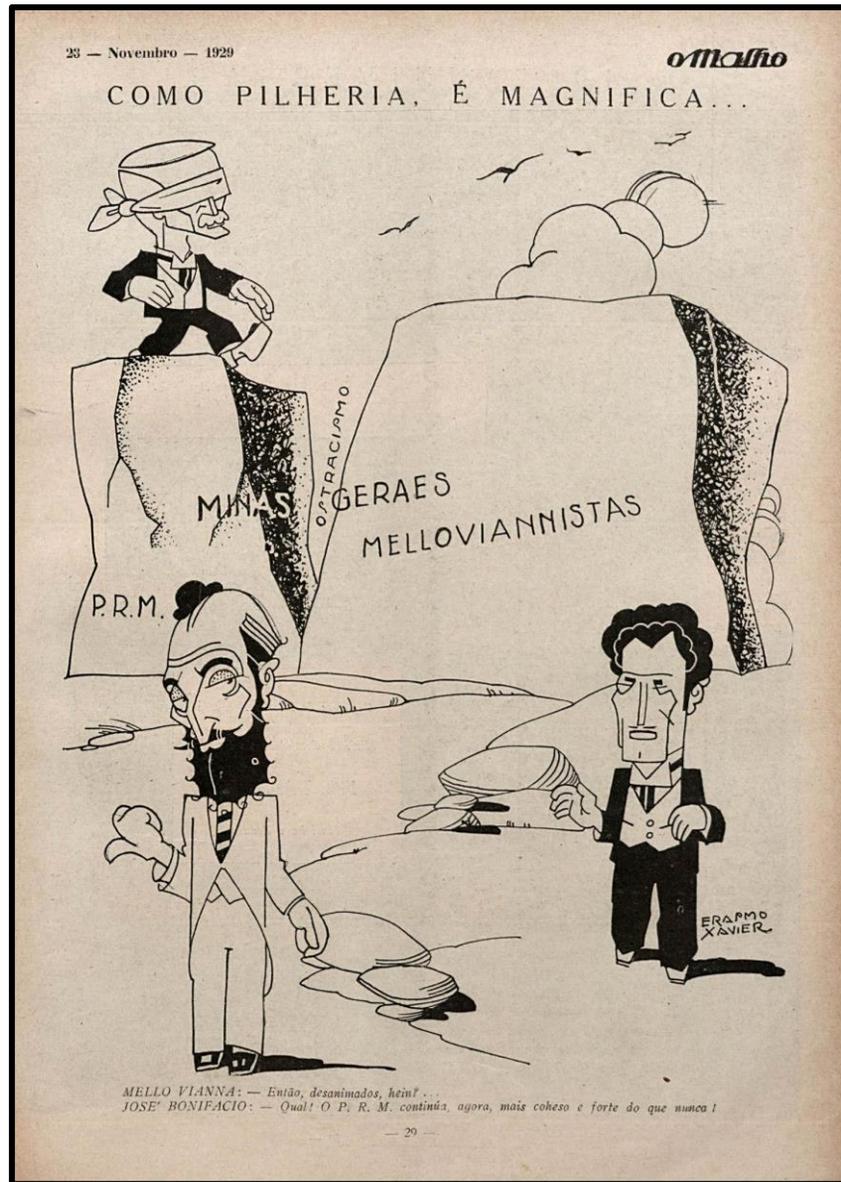
Ao romper da aurora, a guarda do Palacio ouve um estranho ruído: é o Presidente que virou gallo.



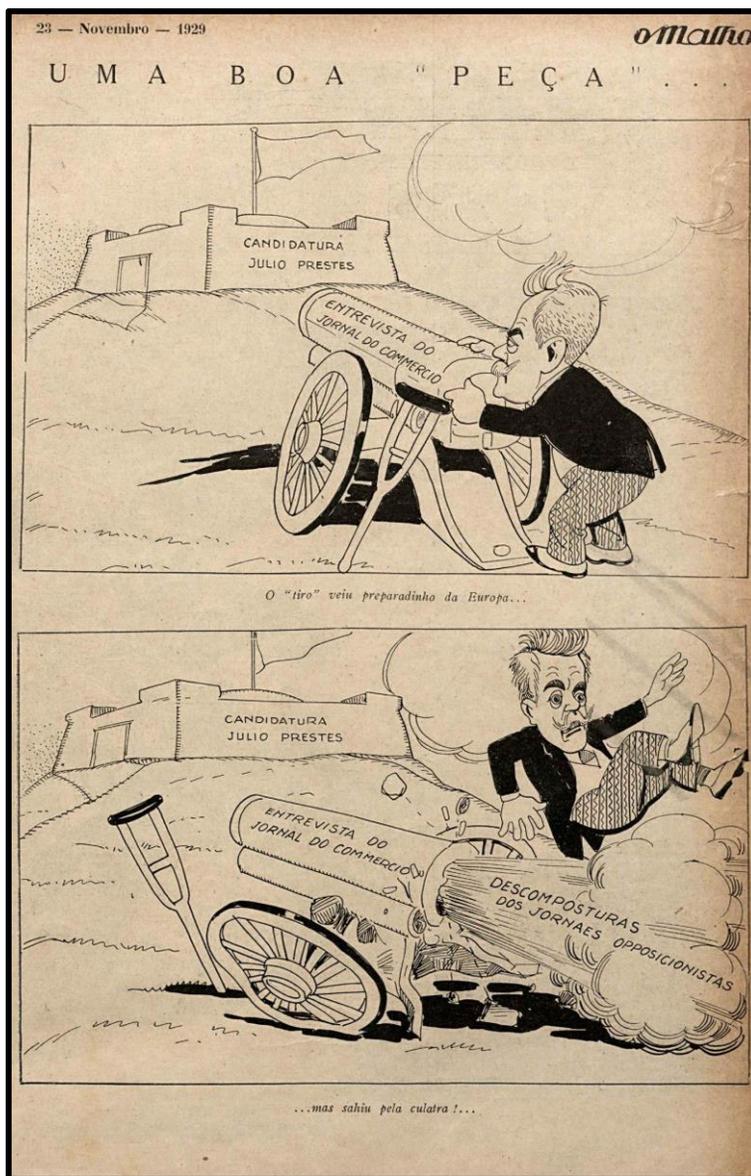


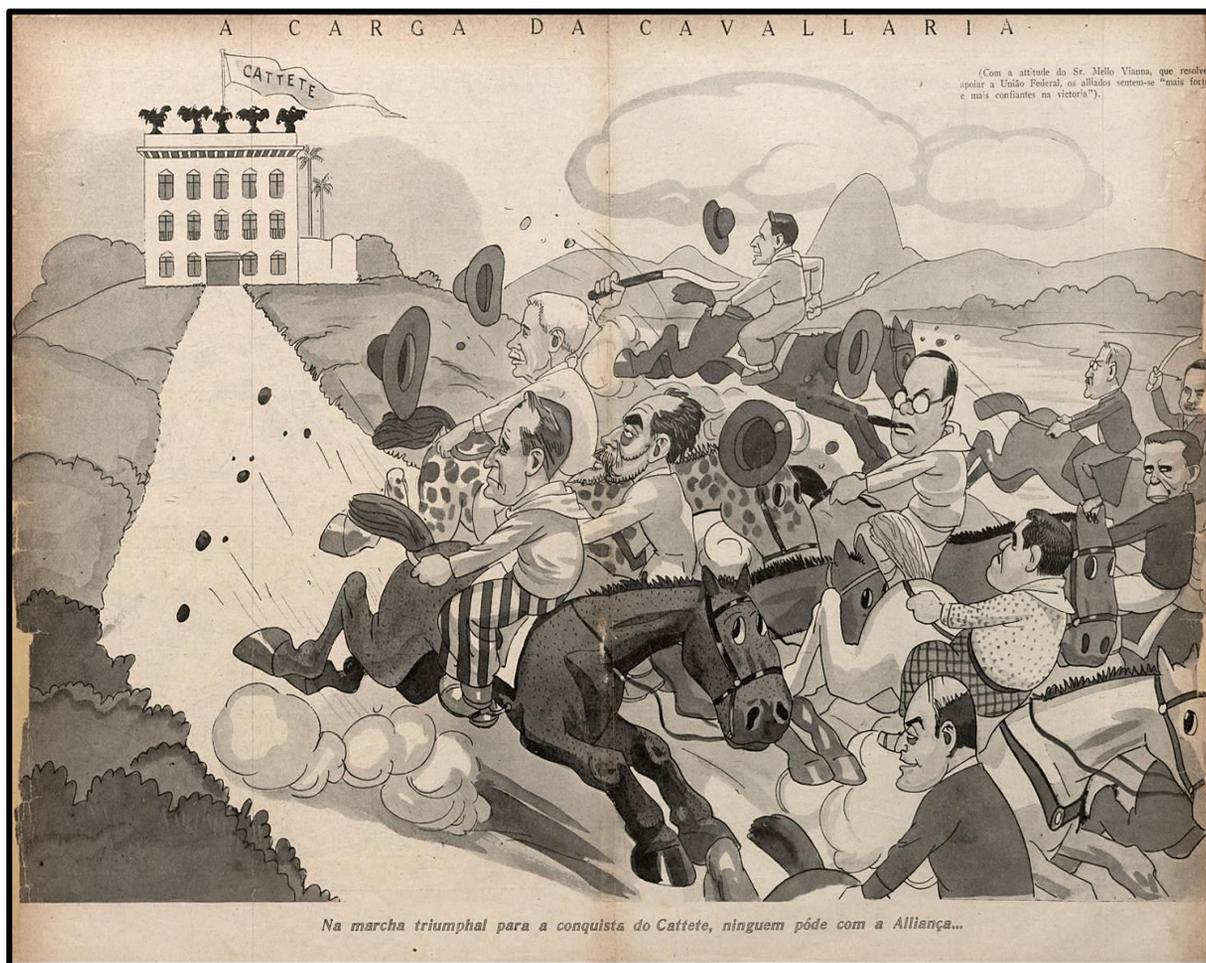
A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



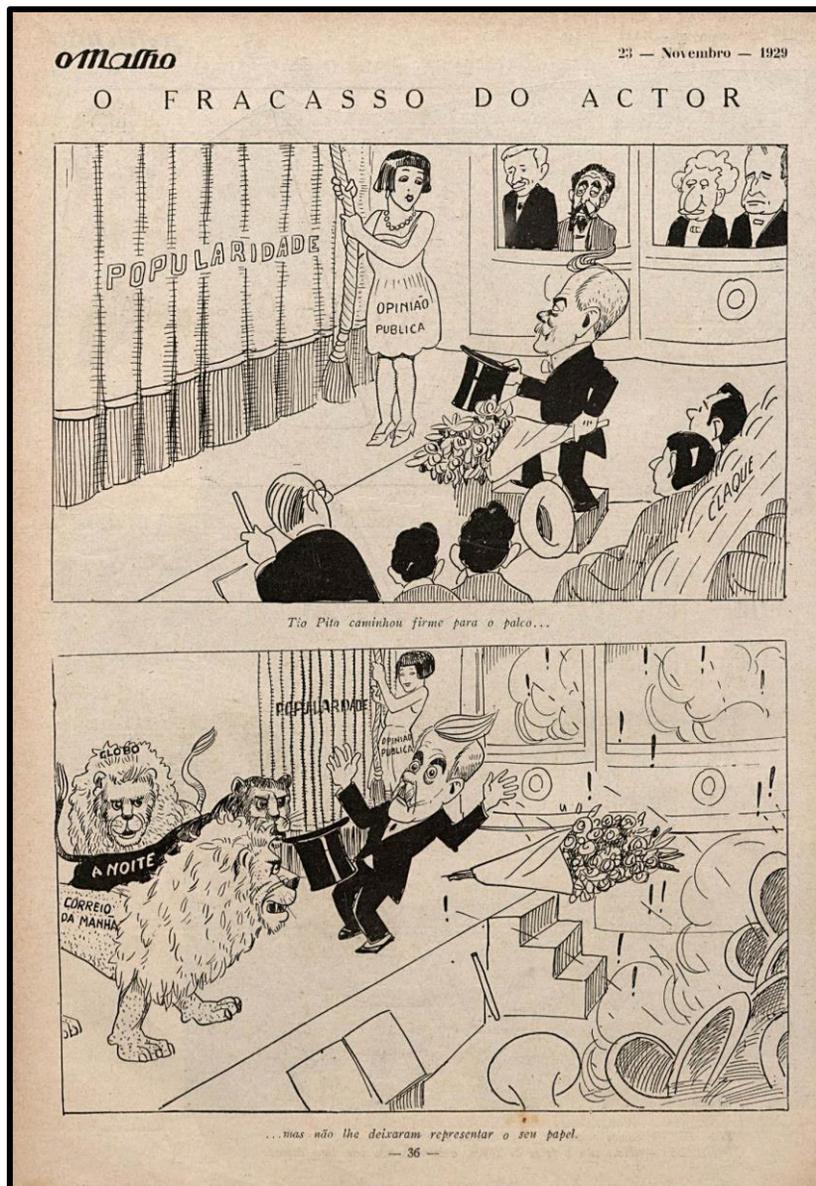


A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



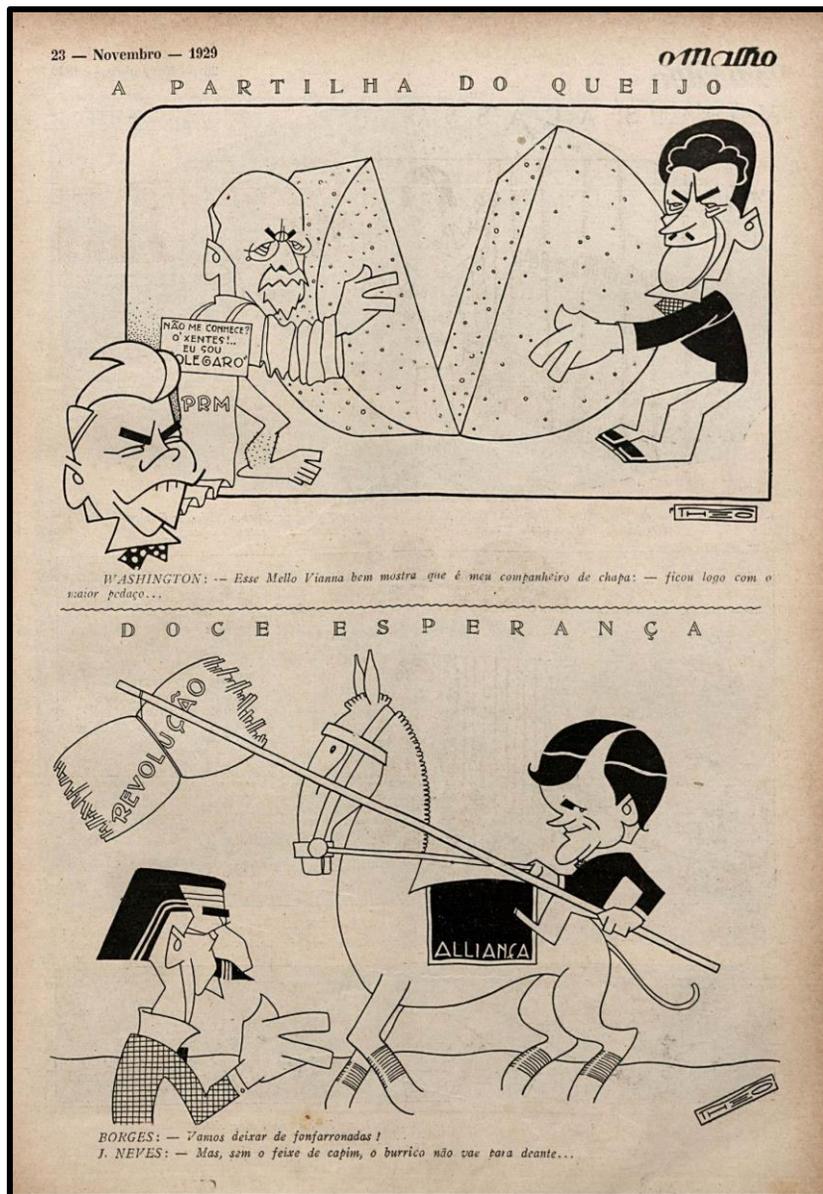
Os enfrentamentos pelo poder em Minas Gerais foram representados pela disputa entre Melo Viana e Olegário Maciel pela posse de um enorme queijo, havendo ainda a presença de Washington Luís, satisfeito com a ação daquele, por ter ficado “com o maior pedaço” do produto laticínio. Na presença do parlamentar rio-grandense Neves da Fontoura tendo por montaria a Aliança Liberal e levando a frente um “feixe de capim” identificado com a revolução, como fator motivador da continuidade da marcha do “animal”, o líder gaúcho Borges de Medeiros recomendava moderação, de modo que o jovem político deveria deixar de “fanfarronadas”<sup>93</sup>. A temática revolucionária voltava à baila na capa da revista ilustrada, com um tresloucado Antônio Carlos carregando uma bandeira vermelha, “à frente duma revolução”, e comandando uma tropa de figuras antropomórficas/zoomórficas que, em tom crítico, trazia semelhanças com uma espécie de símio e, seguindo a mesma linha, o periódico concluía que a meta do chefe mineiro era “tomar o hospício de assalto”, imputando mais uma vez ao personagem a perda da sanidade mental. O João Neves da Fontoura com intuítos insurrecionais era mais uma vez retratado, agora como uma criança que mais uma vez tomava reprimenda de Borges de Medeiros, depois da qual parecia conformar-se com as possíveis benesses que poderia usufruir junto ao aparelho do Estado<sup>94</sup>.

---

<sup>93</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 23 nov. 1929.

<sup>94</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 30 nov. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO







De acordo com a folha caricata carioca, os apoiadores da Aliança Liberal, com suas críticas, estariam atentar contra o “crédito do Brasil”, no mercado internacional, como seria o caso do ex-Presidente Epitácio Pessoa. O risco da derrota e o conseqüente ostracismo era o mote de outra caricatura, na qual o esquecimento político, na forma de um jacaré, atormentava o pescador Antônio Carlos. Os desacertos entre os discursos quanto aos destinos da campanha oposicionista, da parte de dois de seus membros, no caso Flores da Cunha e Neves da Fontoura também foram abordados pelo semanário. A utilização de verbas públicas mineiras para sustentar a Aliança Liberal era denunciada pelo periódico, em cena na qual, para espanto da dama que representava Minas Gerais, o “Tesouro de Minas”, no formato de um enorme queijo, era carcomido por aliancistas que apareciam no formato de vermes. Mais uma crítica era direcionada a Epitácio Pessoa, pois, para admiração do “mundo”, nas negociações entre Brasil e França, o político transformara-se em advogado “que defende com todo o ardor da sua eloquência os interesses do estrangeiro”. A ocupação da cadeira presidencial de Minas Gerais voltava a ser debatida, com a figura feminina que representava o Estado aparecendo como apoiadora de Melo Viana, para o espanto de Antônio Carlos, vestido como um histrião. O encontro de interesses entre a dama mineira e Fernando de Melo Viana voltava a ser demonstrado, para desespero dos membros do PRM, que se viam levados pelas águas, enquanto Antônio Carlos era mais uma vez condenado ao ostracismo, demarcado por uma pedra amarrada ao seu pescoço<sup>95</sup>.

---

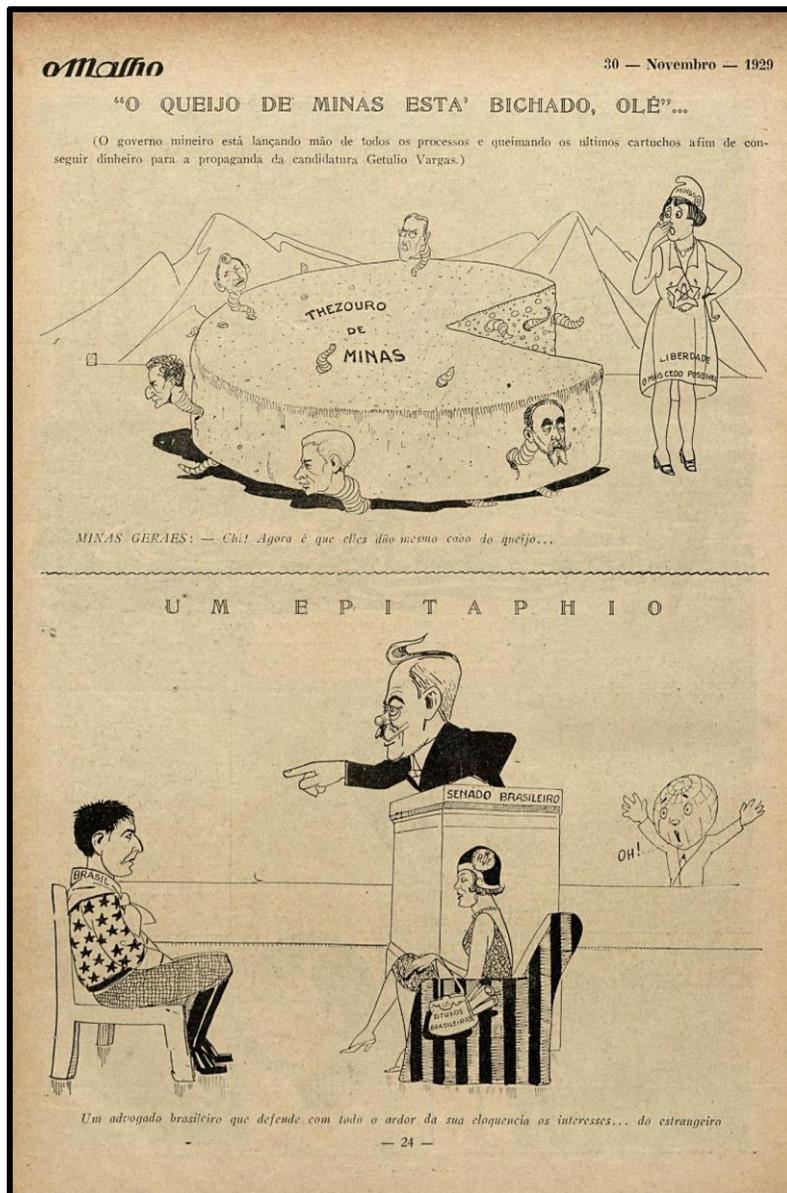
<sup>95</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 23 nov. 1929.

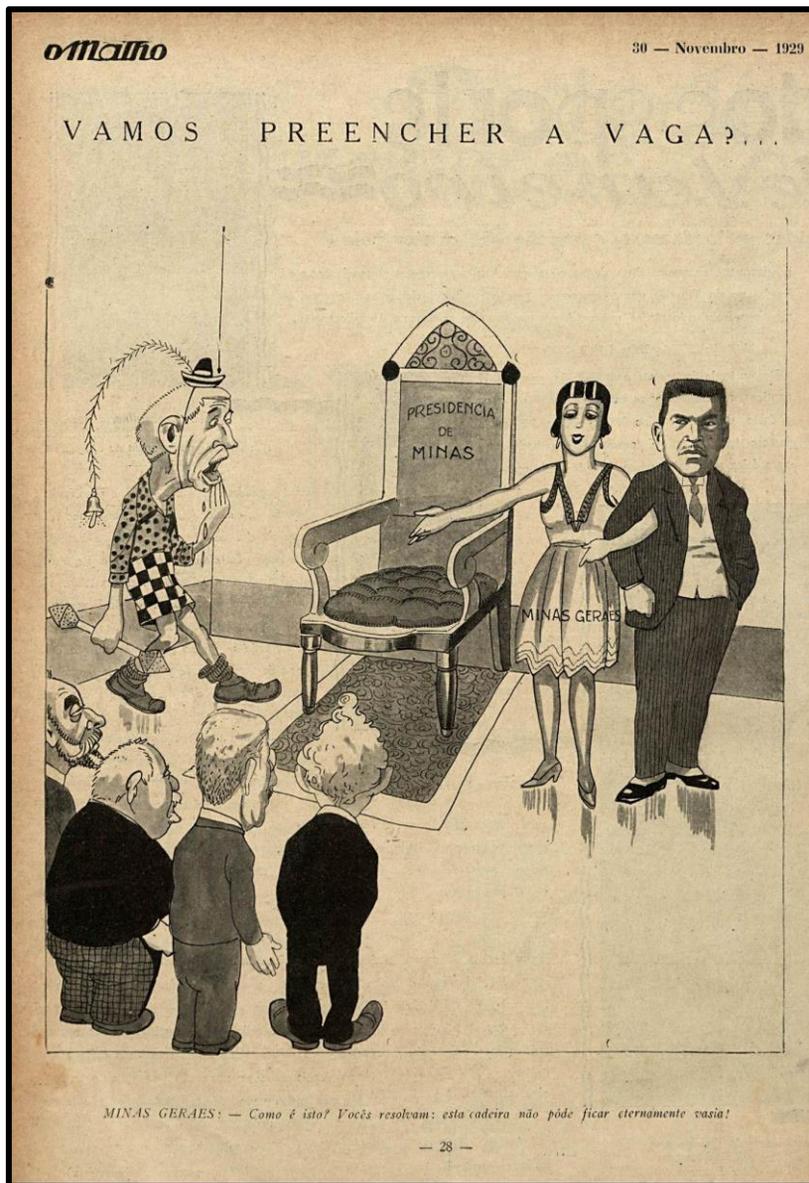
A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



O imputado histrionismo de Antônio Carlos voltava a aparecer, em desenho no qual ele bancava o bobo da corte, levando distração ao “país inteiro”

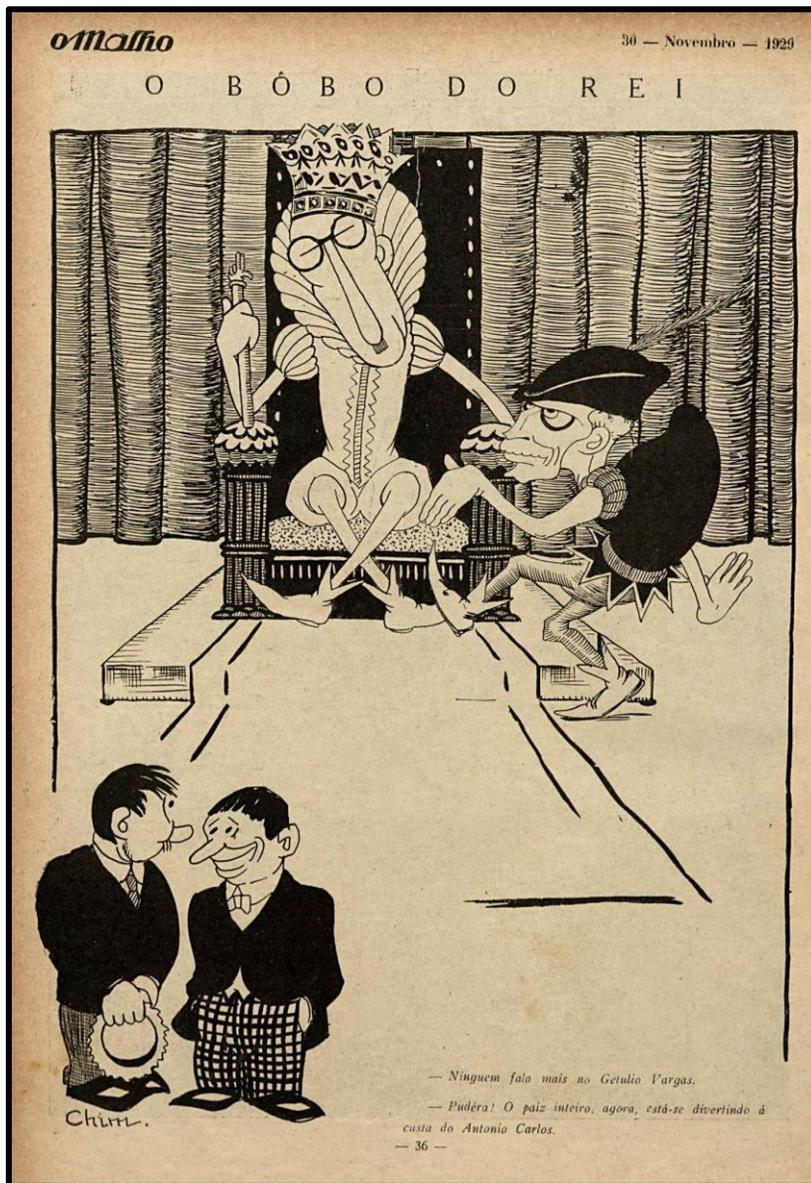
que estaria “se divertindo à custa” do político mineiro<sup>96</sup>. Tal liderança política era também destacada como “o homem que não descansa”, aparecendo de picareta à mão, em trabalho afanoso de destruir o “crédito de Minas”, cena diante a qual seus colegas José Bonifácio de Andrada e Artur Bernardes concordavam que ele deveria “repousar um pouco”, por estar “trabalhando demais”. Diante da notícia de que durante uma conferência do político mineiro João Pedro da Veiga Miranda, “os sinos dobraram a finados”, o semanário publicou “Vozes da maldição”, ilustração em que os sinos seriam tocados pelo próprio Antônio Carlos, frente à figura feminina que representava Minas Gerais, a qual ouvia naquele “dobre” as vozes daqueles que amaldiçoavam o personagem que estava à sua frente, e que seria “o estrangulador” da sua “liberdade”. Uma propalada falta de unidade em meio aos aliancistas era representada em caricatura na qual Vargas havia pintado “um programa bonitinho como um boneco de opereta”, contendo entre seus “princípios”, a “anistia ampla” e o “voto secreto”, entretanto, consecutivamente, Borges de Medeiros, Artur Bernardes e Eptácio Pessoa foram modificando o desenho, restando quase nada do boneco original desenhado por Getúlio. Com um enfoque abertamente chistoso, o hebdomadário lançava a manchete “Porque não haverá revolução no Rio Grande”, justificando que chegara a tal conclusão a partir de “uma reportagem em Porto Alegre”, com “um dos cavalos da força pública”, em nova incursão à questão do obelisco e a montaria dos gaúchos<sup>97</sup>.

---

<sup>96</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 23 nov. 1929.

<sup>97</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 7 dez. 1929.

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





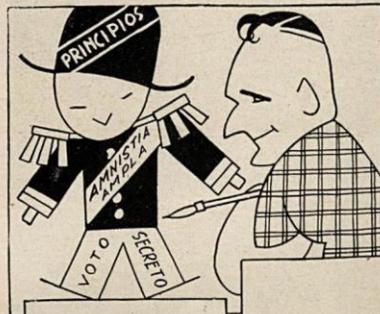
A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



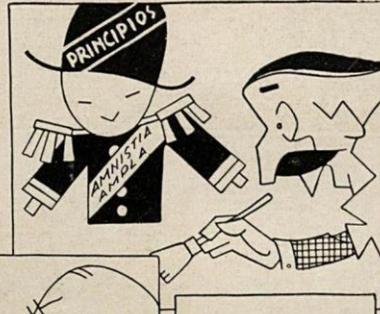
7 — Dezembro — 1929

*o Malho*

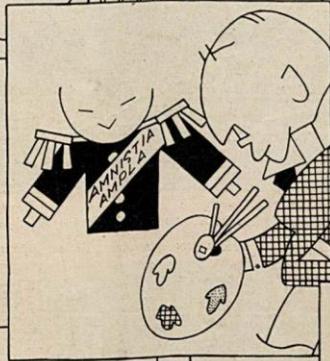
P I N T U R A B O R R A D A



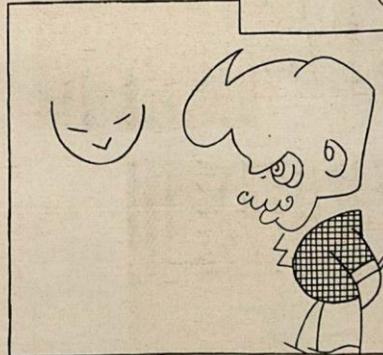
O Sr. Getúlio Vargas pintou um programma bonitinho como um boneco de opereta. Arrumou-lhe em cima uma farda espalhafatososa...



...para enganar os papalvos. Mas o Sr. Borges impicou com as calças e borrou-lhe a pintura!

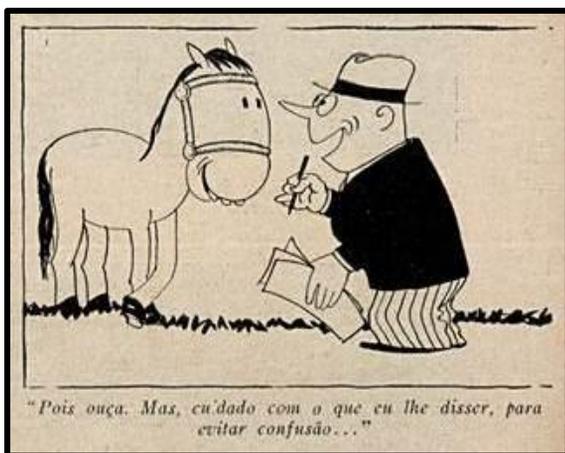
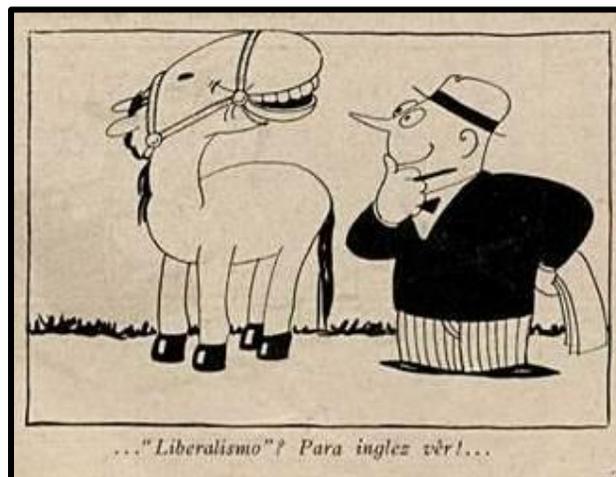
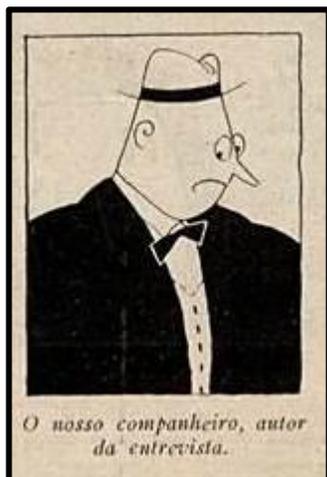


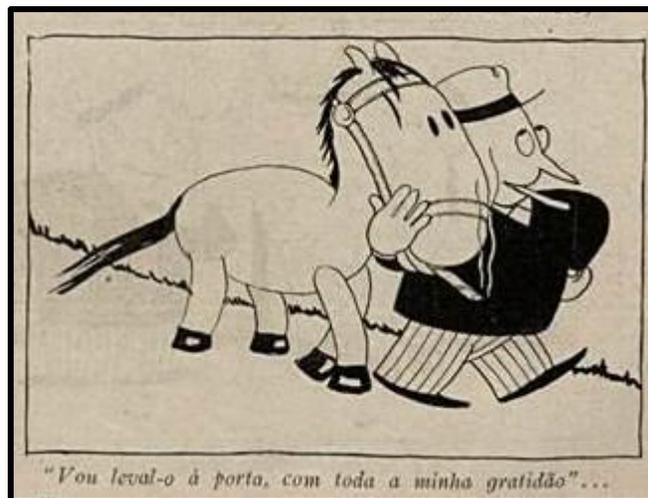
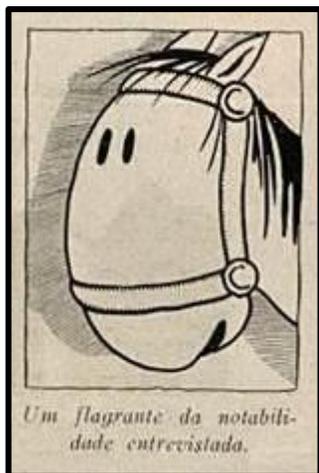
O Sr. Bernardes, achando irritante, deu fim no chapéu de dois bicos dos "principios".



E o tio Pita acabou apagando a blusa de alamares... Está ahí o m'nguante do boneco de opereta do Sr. Getúlio!

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





*O Malho* chegou a sugerir jocosamente que existia uma “Minas vermelha”, buscando comparar o suposto autoritarismo do governo mineiro com o regime bolchevista – constante alvo de críticas do periódico – uma vez que o corpo docente estadual estaria sendo obrigado a manifestar apoio aos aliancistas, situação que estaria despertando forte reação das professoras, que se negavam a aderir “a um presidente que devia estar no hospício”, em nova alusão a Antônio Carlos que aparecia ao canto, com feições e trajes que denotavam algum nível de demência. Esse denunciado autoritarismo de Ribeiro de Andrada teria se direcionado até a polícia mineira, a qual ele tentava controlar de látego à mão, conforme demonstrava outra caricatura. Os aliancistas mineiros eram vistos mais uma vez como “condenados”, desta vez à força do “ostracismo” e

conduzidos pela força da “vontade popular”, em cena assistida por Melo Viana, que a considerava “triste”, e pela dama que simbolizava o Estado mineiro que a considerava justa, pois aquela “gente precisa ser castigada”<sup>98</sup>. A malversação das verbas públicas da parte de Antônio Carlos, que estaria desviando verbas do “Tesouro de Minas”, representado por uma vaca, para sustentar a “bezerra” da Aliança Liberal, o que estaria a secar o leite, diante do que o político mineiro exigia providências do banqueiro Gudesteu de Sá Pires, segundo o qual o gasto havia sido desmesurado, esgotando as finanças públicas. Frente à notícia de que Getúlio Vargas iria “fazer uma excursão eleitoral a vários Estados”, o periódico mostrava o gaúcho cheio de bagagens, de partida no cais do porto e cumprimentando um “bom conselheiro”, que seria Borges de Medeiros, cuja principal orientação era a de não esquecer de, a “cada discurso”, reservar um “lugar para uma pinguela”, lição que trazia dois sentidos, sempre deixar preparada uma armadilha ou uma ponte para os possíveis aliados. A questão da defesa do café voltava a aparecer em “O assunto de sempre”, em que Washington Luís buscava tranquilizar o Jeca, pois os aliancistas haviam transformado o mesmo em um inócuo cavalo de batalha. A falta de confiança mútua entre os membros gaúchos da Aliança ficava demarcada em caricatura na qual Assis Brasil observava por uma luneta a possibilidade de ocupar uma cadeira no Senado, esperanças que eram desmanchadas por Borges de Medeiros, seu antigo adversário e aliado de ocasião<sup>99</sup>.

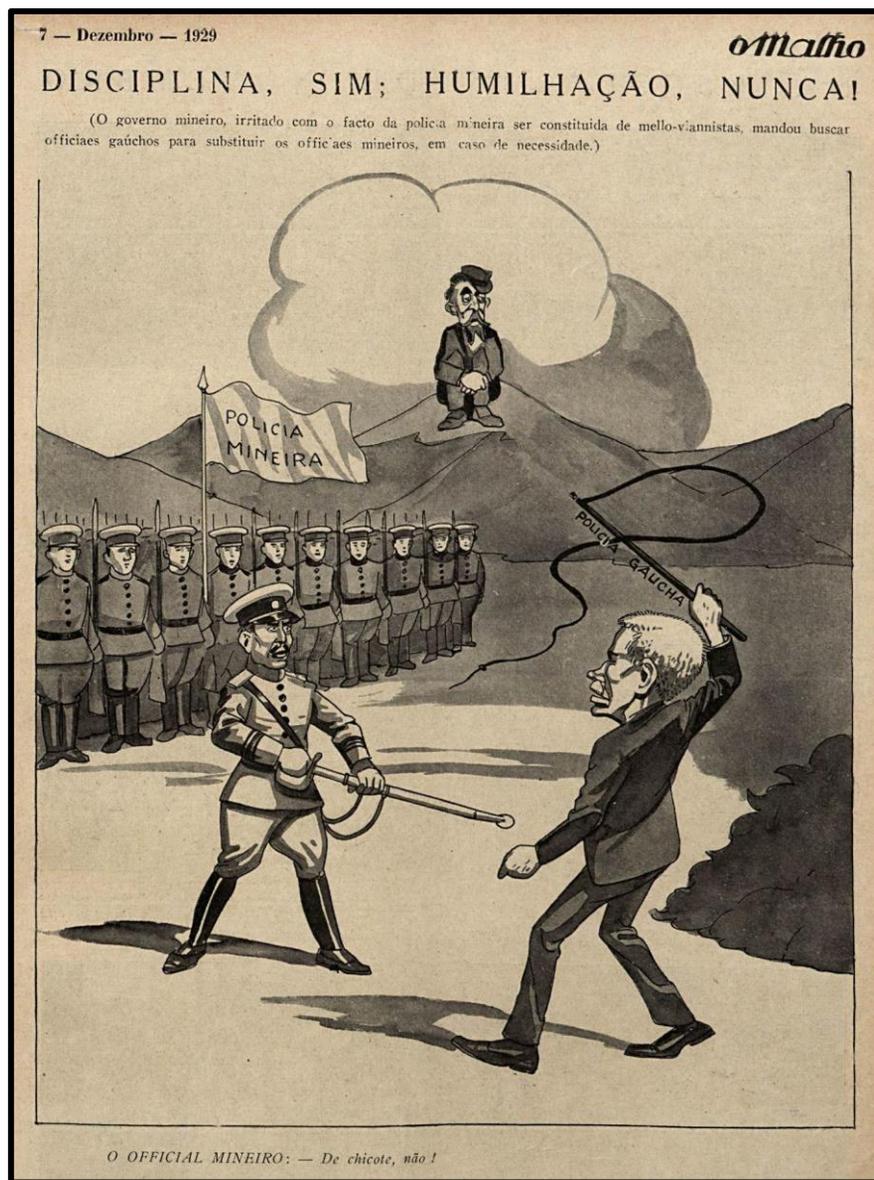
---

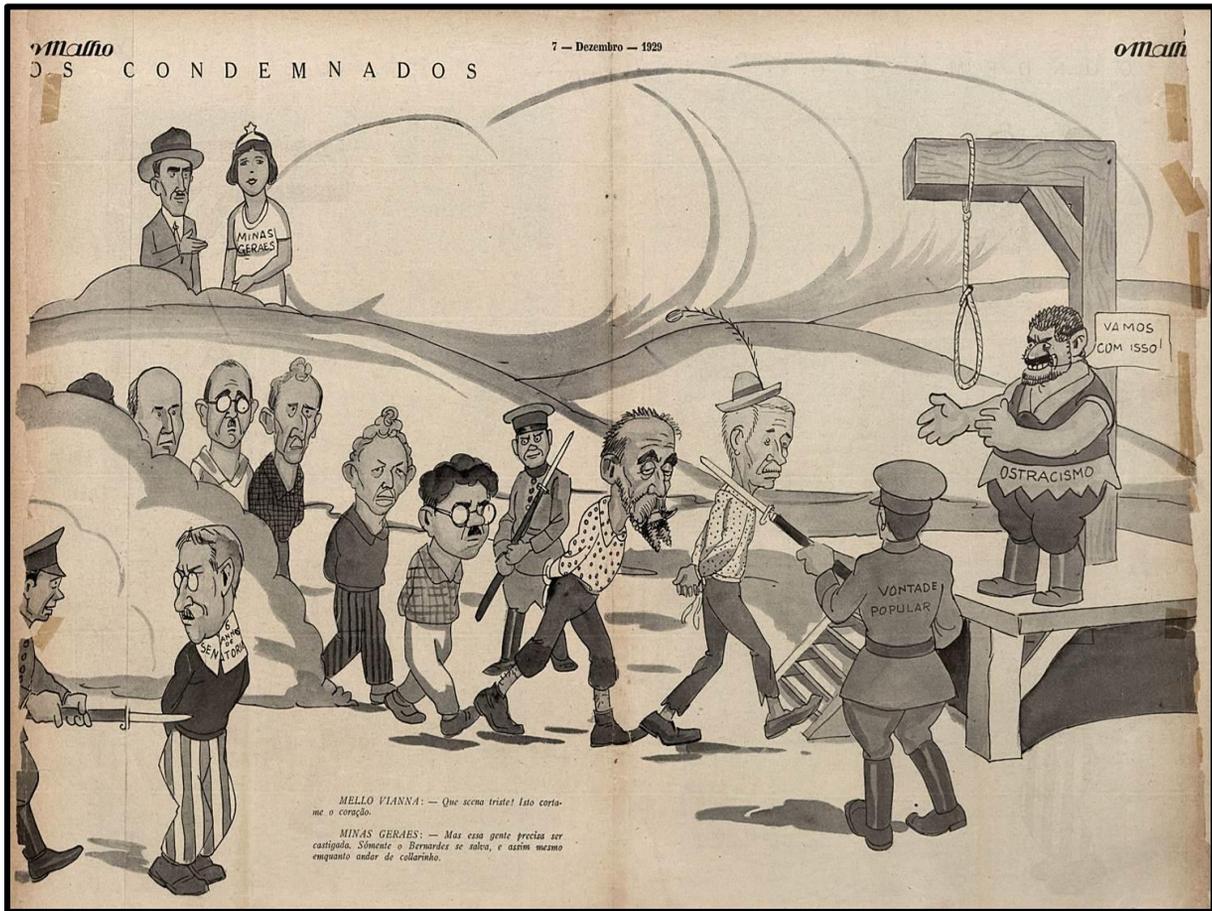
<sup>98</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 7 dez. 1929.

<sup>99</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 14 dez. 1929.

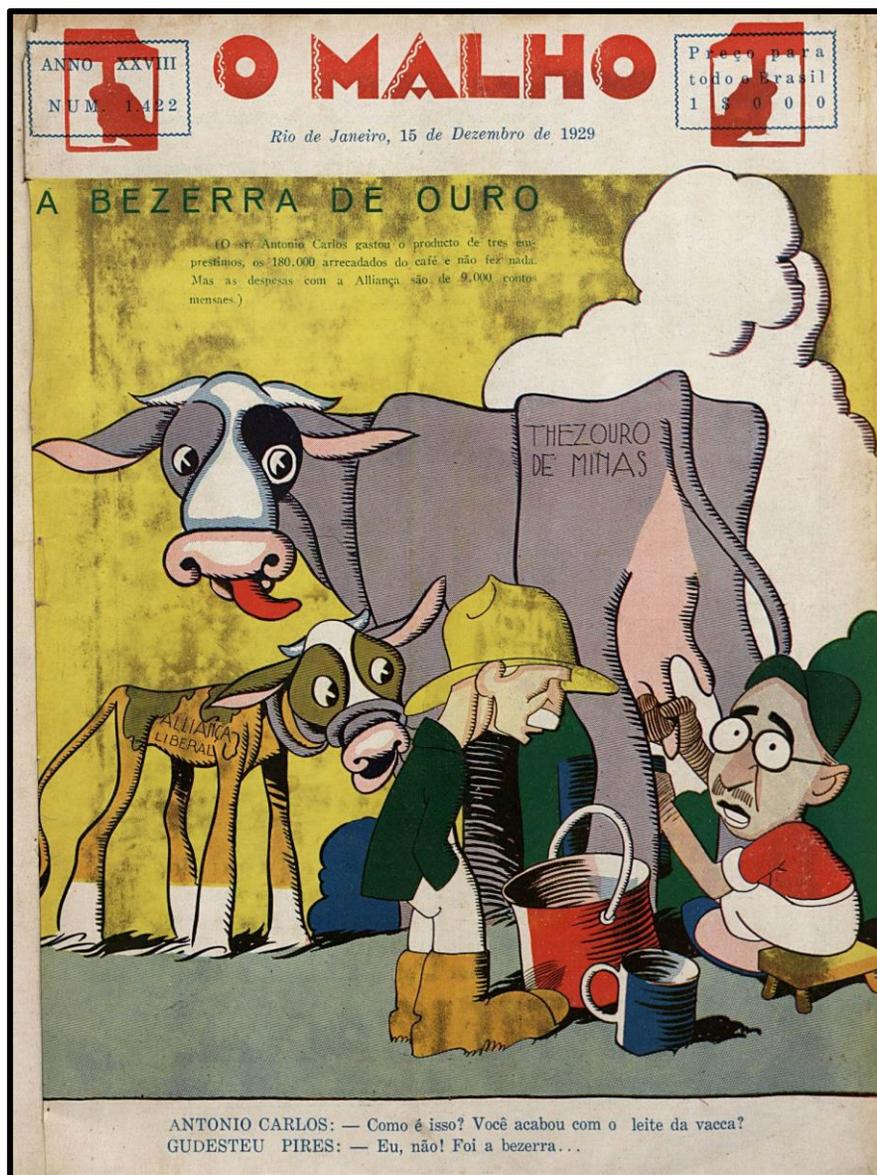


A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



O alvor do olhar crítico-jocoso do periódico recaía mais uma vez sobre os ombros de Antônio Carlos que teria dado entrevista na qual dizia que passara por rigoroso exame médico, o qual constatara que ele tinha a saúde de um jovem de vinte e cinco anos, um coração de aço e os pulmões de uma “resistência fenomenal”, tudo advindo de sua “sobriedade” e “vida metódica”. Diante desse quadro de autoelogios, o semanário complementava, apelando mais uma vez para aquilo que considerava como precária sanidade do político mineiro, uma vez que, se o mesmo fizesse um exame no cérebro, seria constatado que ele “estava com o sôtão cheio de macaquinhos”. A denúncia de que Ribeiro de Andrada estava desfalcando os cofres públicos mineiros para sustentar a Aliança Liberal retornava em outra caricatura, na qual o líder mineiro, ao buscar fundos, encontrava o governante paraibano e candidato aliancista a Vice, comemorando a presença de saldo no Tesouro da Paraíba. A “excursão ‘liberal’” promovida por Getúlio era representada como uma “canoa furada”, para a qual Antônio Carlos e José Bonifácio convidavam o gaúcho, que se mostrava preocupado com o estado da embarcação. Uma historieta do escritor e político Viriato Correa servia de mote para que os aliancistas fossem comparados a falsas virgens, que anunciavam virtudes que não possuíam, sem que houvesse aceitação por parte do Zé Povo, que se dizia conhecedor daquele tipo de “donzela”<sup>100</sup>

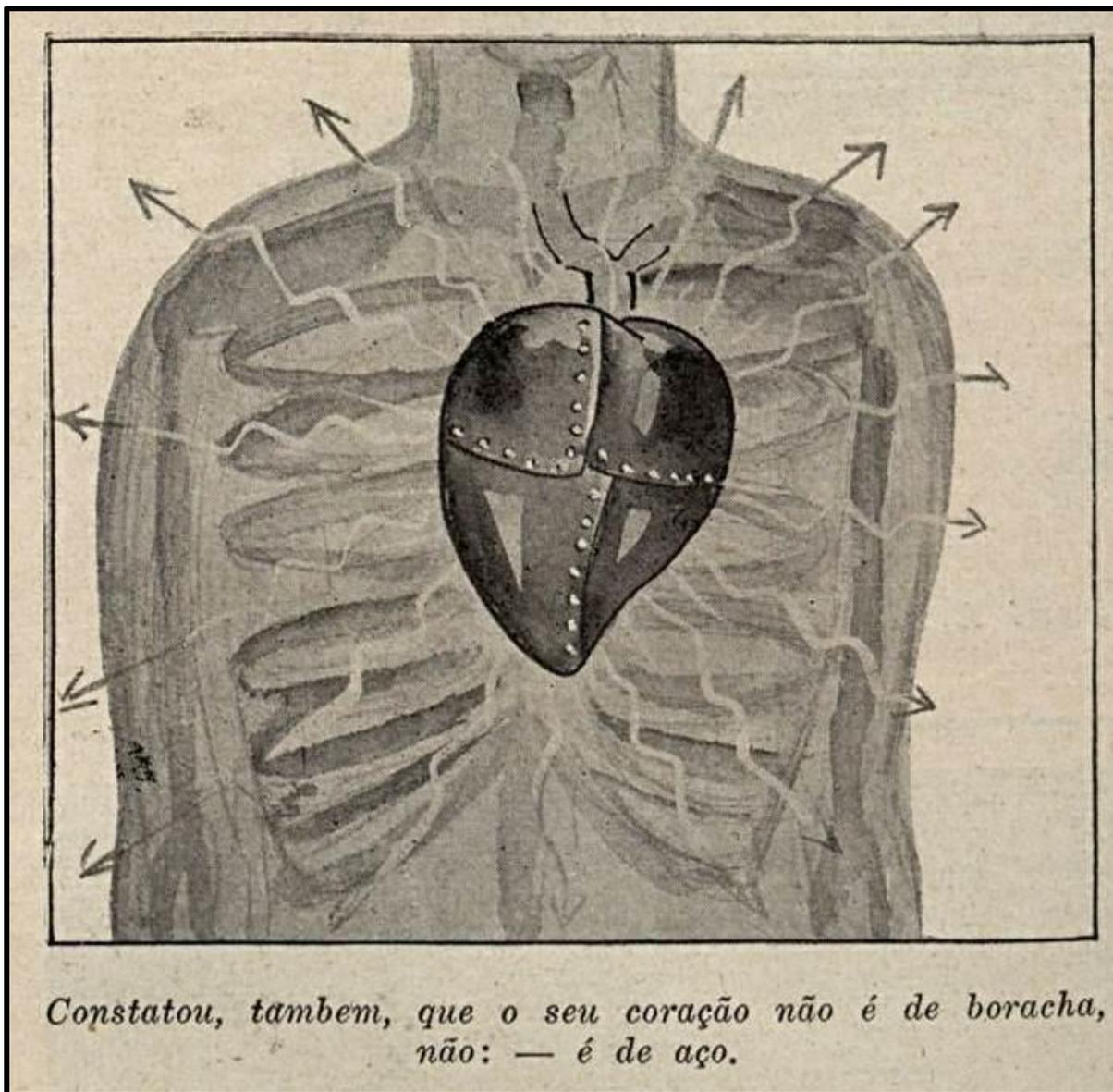
---

<sup>100</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 14 dez. 1929.



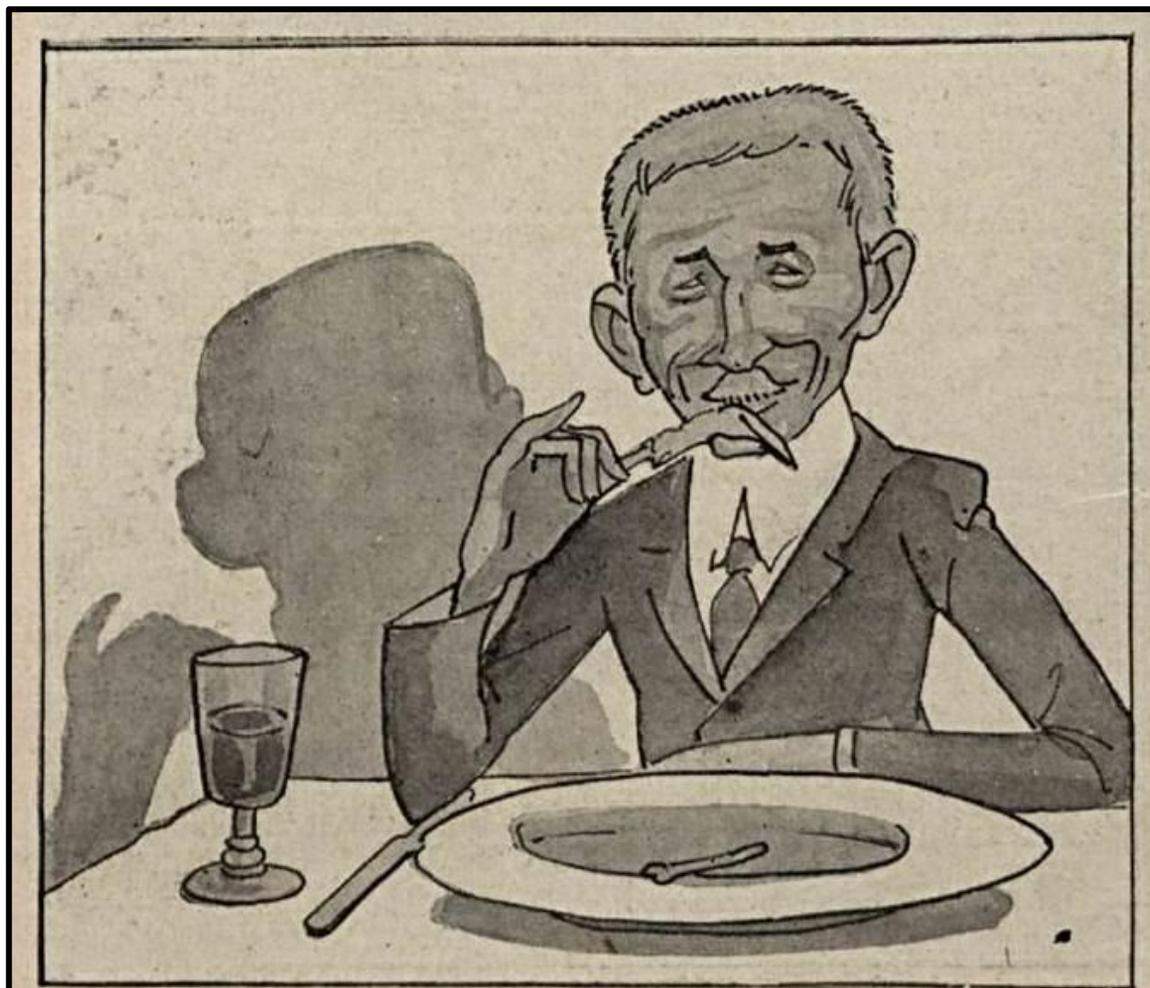


*O aparelho de raios X constatou que S. Ex. tem a aorta  
de um joven robusto de 25 annos.*



*Constatou, também, que o seu coração não é de boracha,  
não: — é de aço.*





— “No mais, tudo admiravelmente bem, afirmou S. Ex., para o que concorre a minha sobriedade, a vida methodica que sempre levei”.



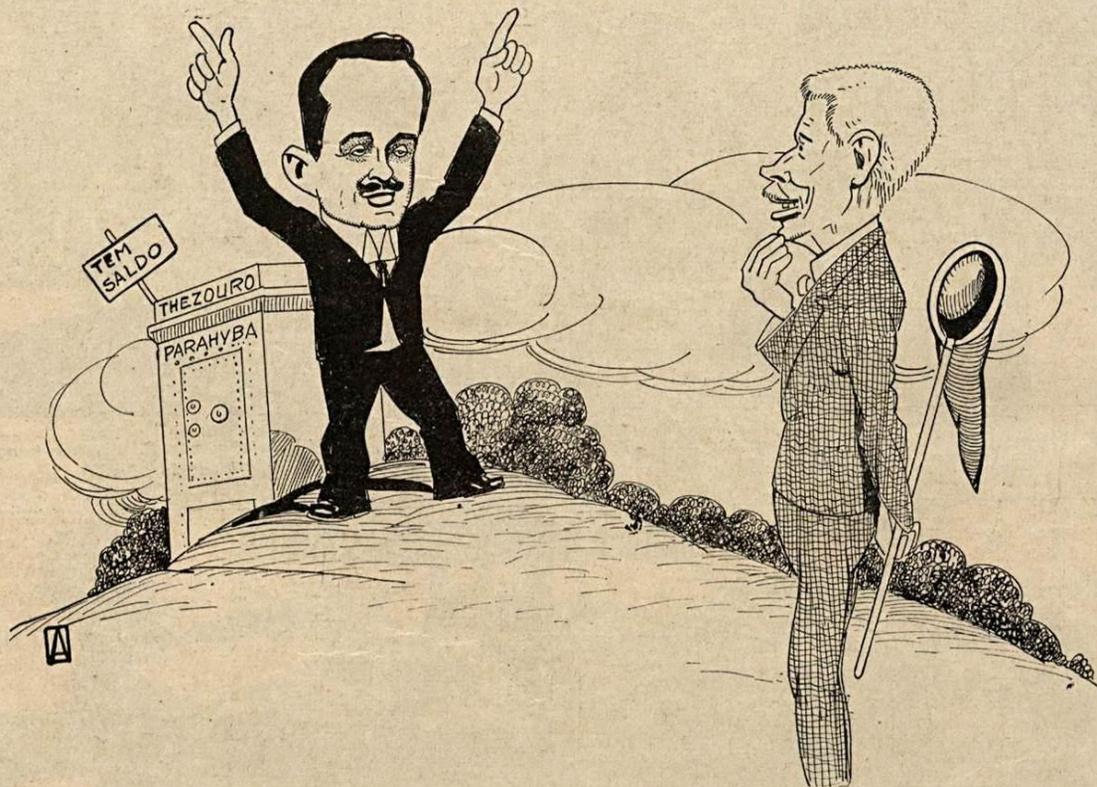
*Mas se o aparelho de raios X examinasse o cerebro, verificaria que o autor de semelhante entrevista estava com o sótão cheio de macaquinhos.*

*o Malho*

14 — Dezembro — 1929

## A ALEGRIA DO MORDEDOR

(O Sr. Antonio Carlos poz fóra 180.000 contos arrecadados ao café e malbaratou o producto dos ultimos empréstimos feitos por elle, e agora está negociando um terceiro para poder financiar a campanha da Alliança).

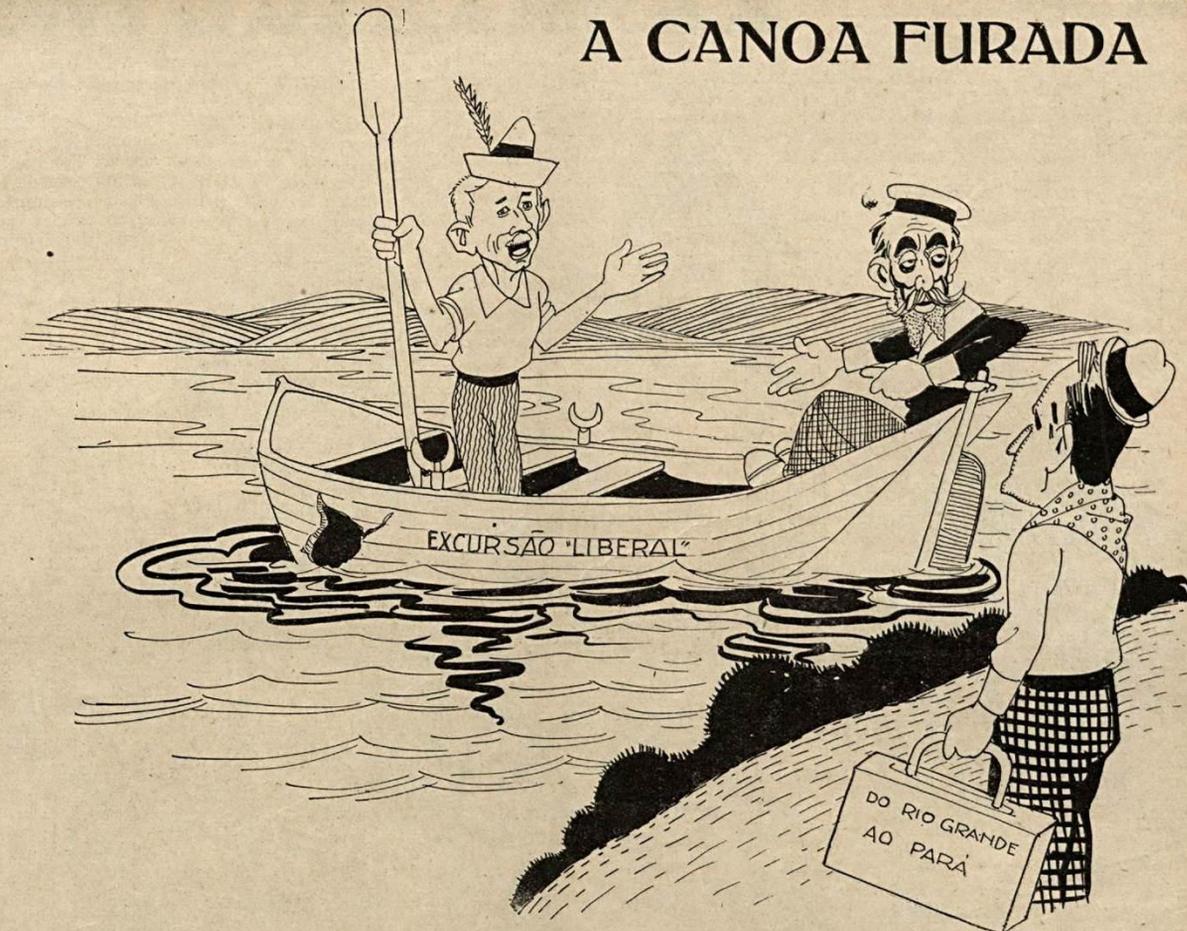


JOÃO PESSÓA — A Parahyba não deve nada a ninguém! A Parahyba tem saldo!  
ANTONIO CARLOS — Bóas falas... Bóas falas...

14 — Dezembro — 1929

*o Malho*

## A CANOA FURADA



ANTONIO CARLOS — *Vamos Getúlio! Vamos fazer a excursão. E a propósito, qual o Estado que mais te preocupa?*  
GETULIO — *O estado... da canôa!*

A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



Em “Pano de amostra”, *O Malho* redobrava o enfoque embasado na ironia, dizendo exatamente o oposto daquilo que considerava como verdade, em mais uma conjunto de caricaturas desabonador dos apoiadores da Aliança Liberal, os quais serviriam de garantias especiais, como no caso de Borges de Medeiros, quanto à perpetuação no poder; Artur Bernardes, no que tange ao predomínio

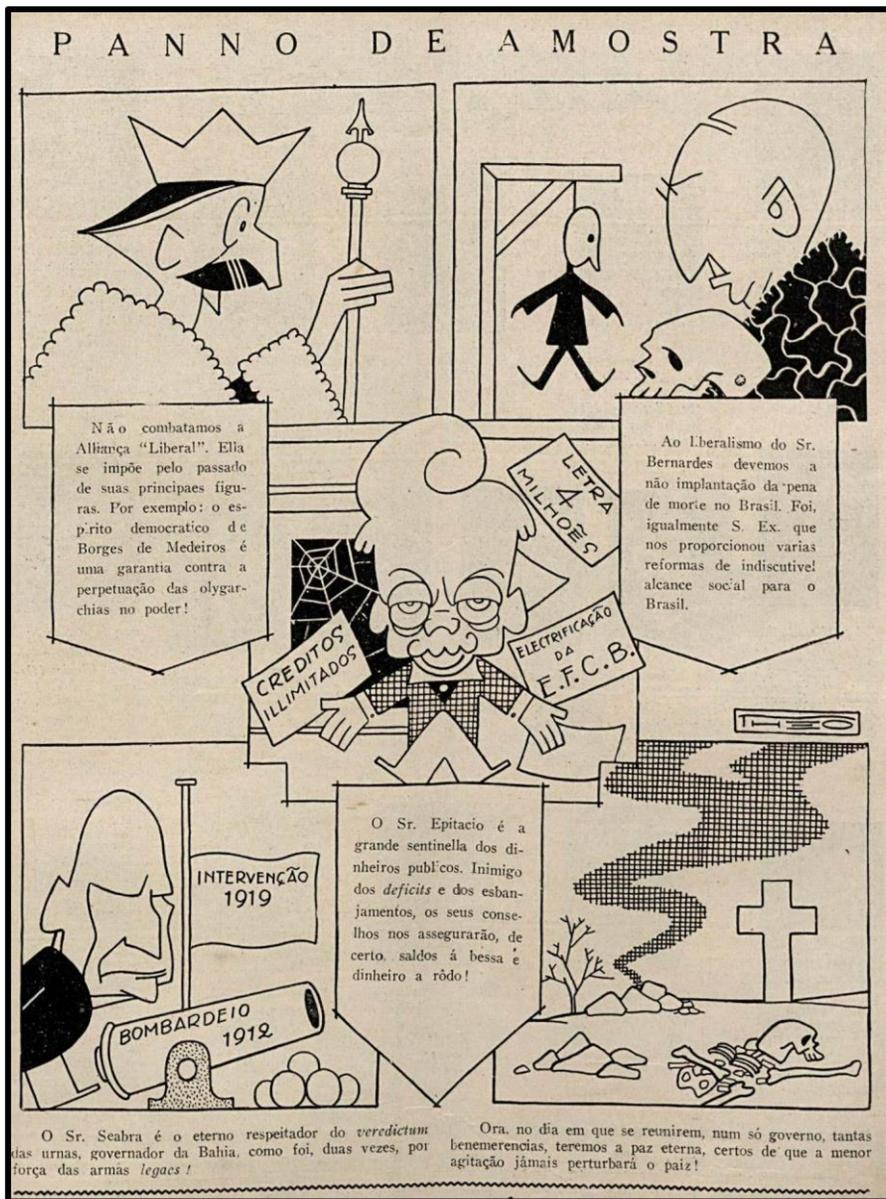
das liberdades individuais; Epitácio Pessoa na morigeração das verbas públicas; e J. J. Seabra como garantidor da vontade das urnas; apontando que, através deles, haveria “paz eterna no país”, o que era desmentido pela ilustração que previa um futuro de destruição e morte<sup>101</sup>. Já em época natalina, a capa da revista ilustrada trazia Otávio Mangabeira que oferecia como presentes para o Jeca livros que lhe dessem melhores condições de aprendizado e de vida, ao passo que o personagem que representava a população em geral dizia preferir uma colocação na campanha aliancista, considerada como um cargo de execução menos trabalhosa. Os supostos gastos desmedidos de Antônio Carlos com a campanha aliancista eram novamente denunciados com a aquisição de empréstimo junto ao capitalismo inglês, o qual o mineiro considerava insuficiente para cobrir o rombo que até então provocara. Uma nova ilustração que carregava na ironia com personagens aliancistas prometendo exatamente o contrário daquelas que eram suas tradicionais atitudes ocupou uma nova página do periódico, na qual eram expressas questões como o zelo pelo crédito nacional, a necessidade de alternância no poder, a plenitude das liberdades individuais, o fim do poder unipessoal e o extremo cuidado com as verbas públicas. A plataforma de governo de Júlio Prestes, retratada como uma metralhadora que derrubava todos os adversários era considerada pelo Zé Povo como “formidável”, mas que seria necessário cuidado com a “espingarda” das traições de Antônio Carlos, ao que Prestes rebatia dizendo que a mesma já estaria descarregada<sup>102</sup>.

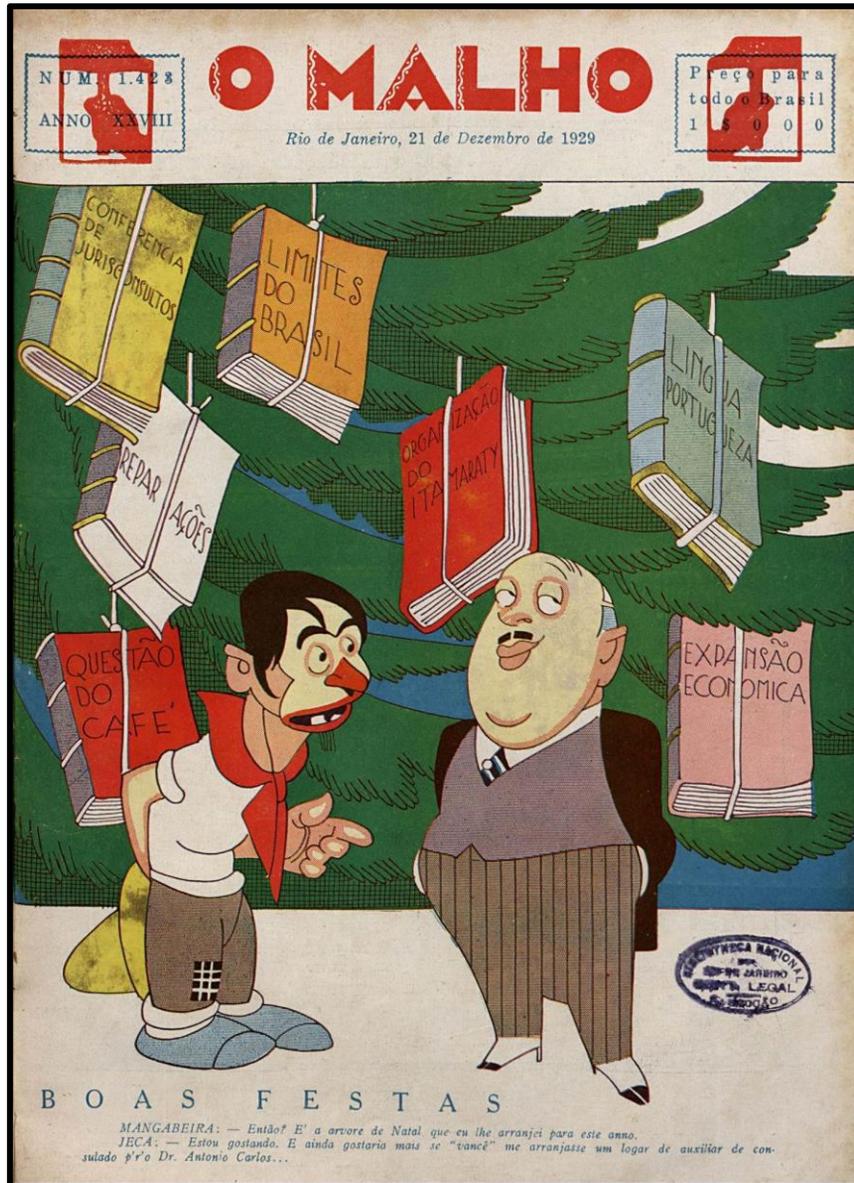
---

<sup>101</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 14 dez. 1929.

<sup>102</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 21 dez. 1929.

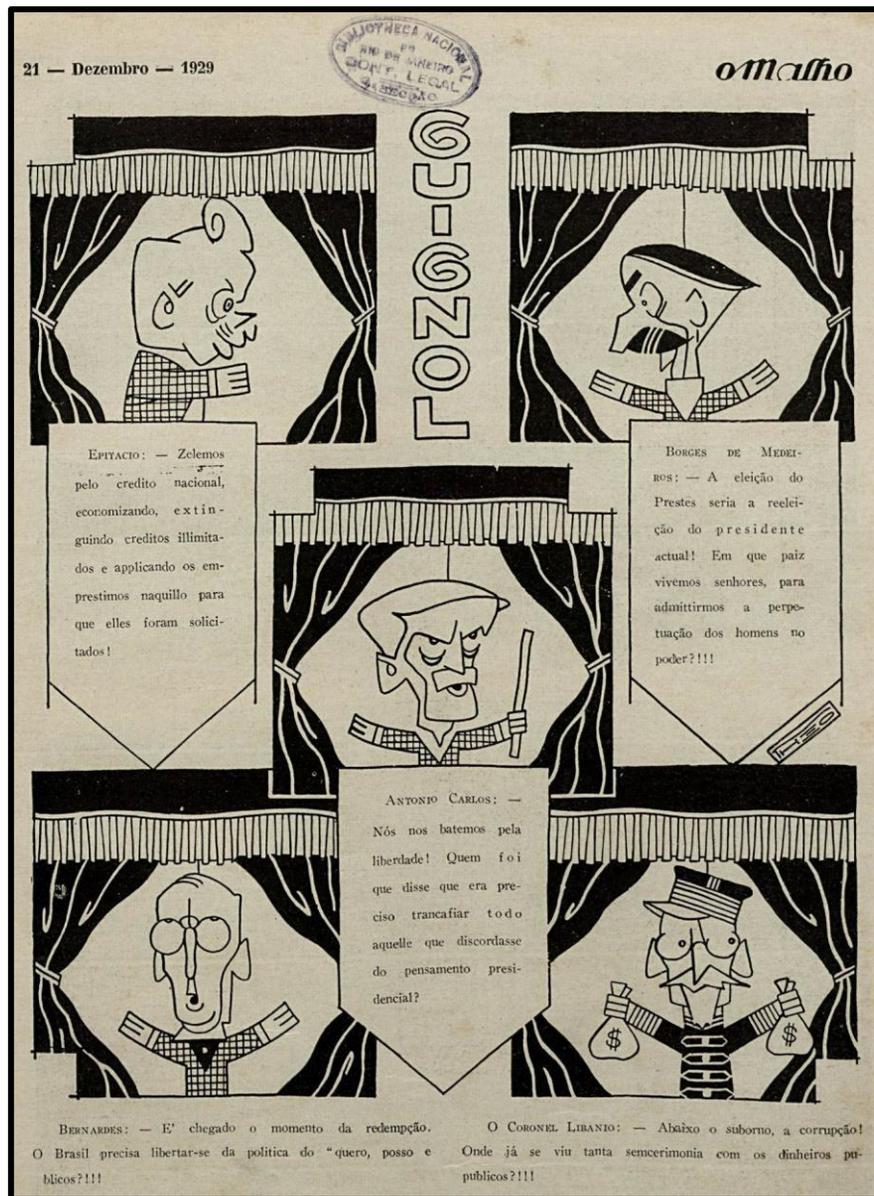
A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



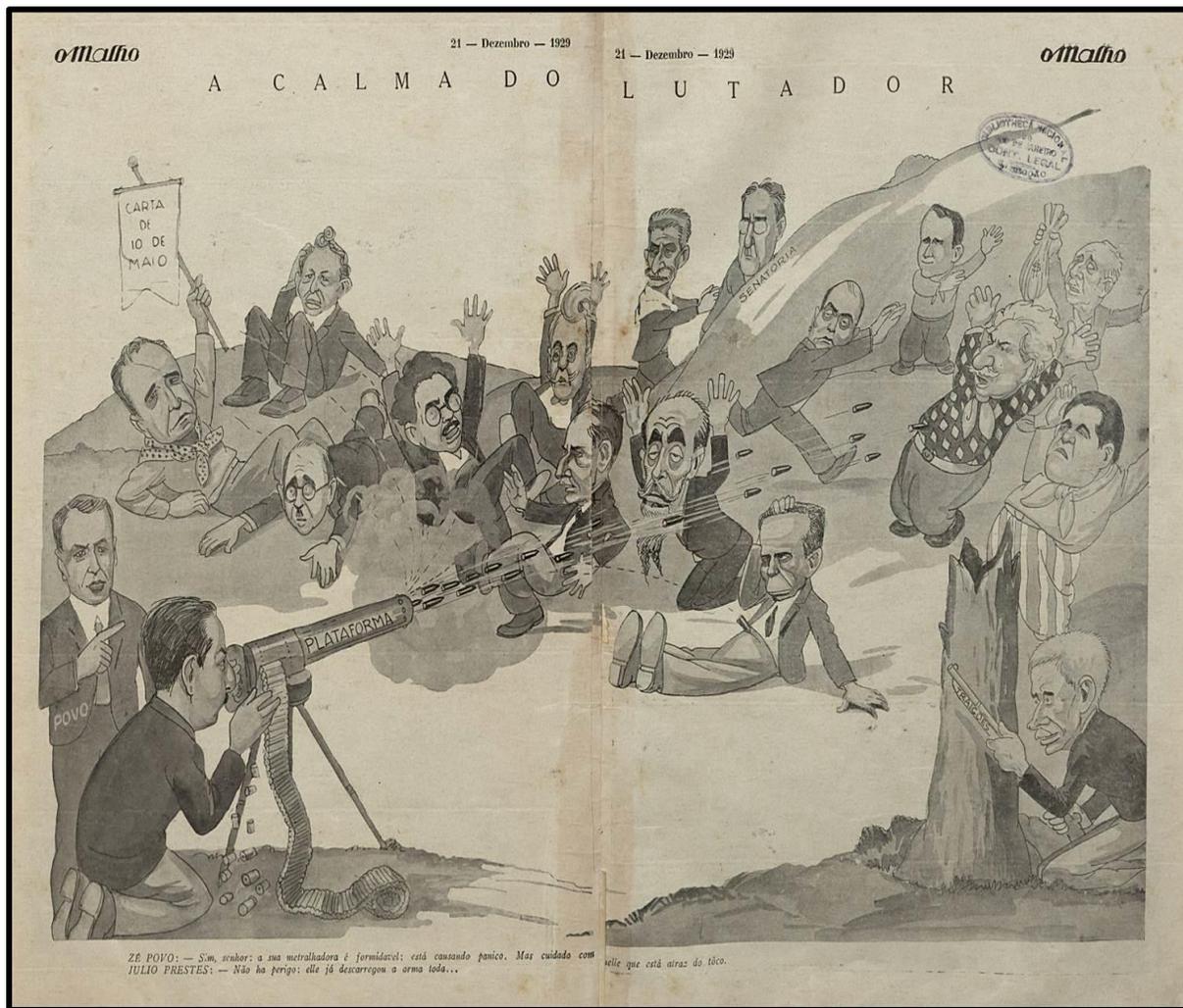


A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO





A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



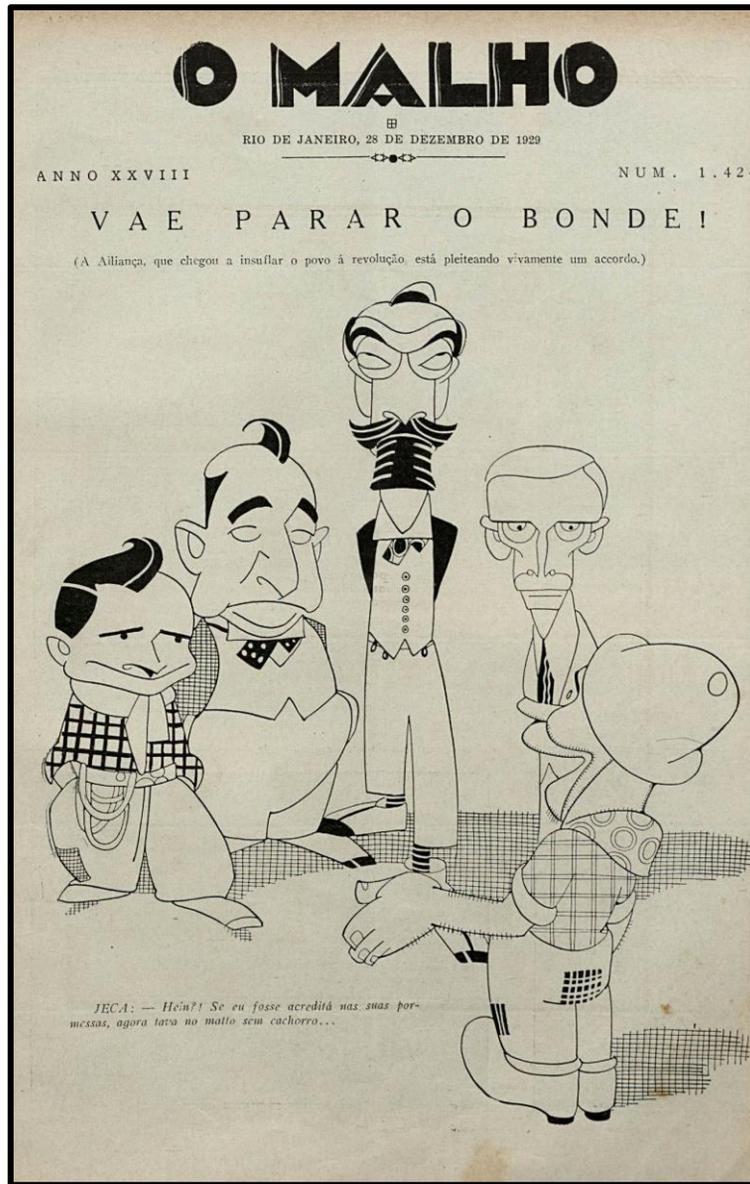
Na capa da última edição de 1929, o semanário trazia o Jeca entusiasmado com o crescimento político de Júlio Prestes, o qual esclarecia que, em verdade, ele permanecia “do mesmo tamanho”, ao contrário de seus adversários, que diminuía, com práticas como ameaças de distúrbios, escândalos, ruína de tesouro público, mentiras e esbanjamento. Na frente de Neves da Fontoura, Getúlio Vargas, José Bonifácio e Antônio Carlos, na concepção da folha caricata, o Jeca abria o coração, desacreditando-os ao dizer a eles que, “se fosse acreditar nas suas promessas”, estaria “no mato sem cachorro”. Mais uma vez brincando com a realização de entrevistas impossíveis, o periódico teria obtido uma entrevista na qual obtivera informações de “como o Sr. Antônio Carlos é visto de longe pelos seus ancestrais”, em completa desaprovação dos Andradas em relação ao seu descendente. Em referência ao natal de vários aliancistas, eram atribuídos presentes, de acordo com suas ambições ou limitações, em um quadro pelo qual Antônio Carlos reclamava que não recebera nada, ao que Washington Luís, fantasiado de Papai Noel, garantia-lhe o que lhe seria merecido, trazendo um porrete na mão. A plataforma de Júlio Prestes foi representada como uma águia, pronta a dar voos extremamente altos, enquanto Ribeiro de Andrada buscava caçá-la, com uma arma sem munição, restando-lhe apenas “atacar pelas costas”, com uma matilha de cães, identificados com temas desabonadores que estariam a caracterizar os aliancistas, como deslealdade, despeito, traição, boataria, inveja, desonestidade e injúria<sup>103</sup>.

---

<sup>103</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 28 dez. 1929.

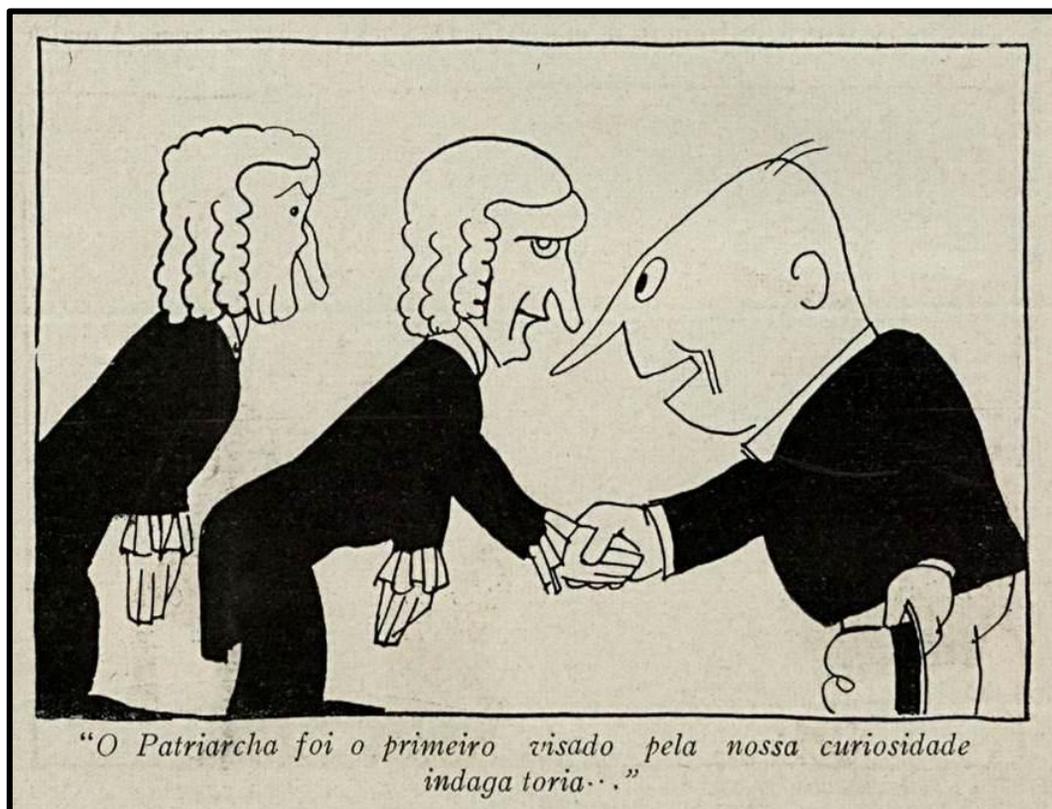
A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO

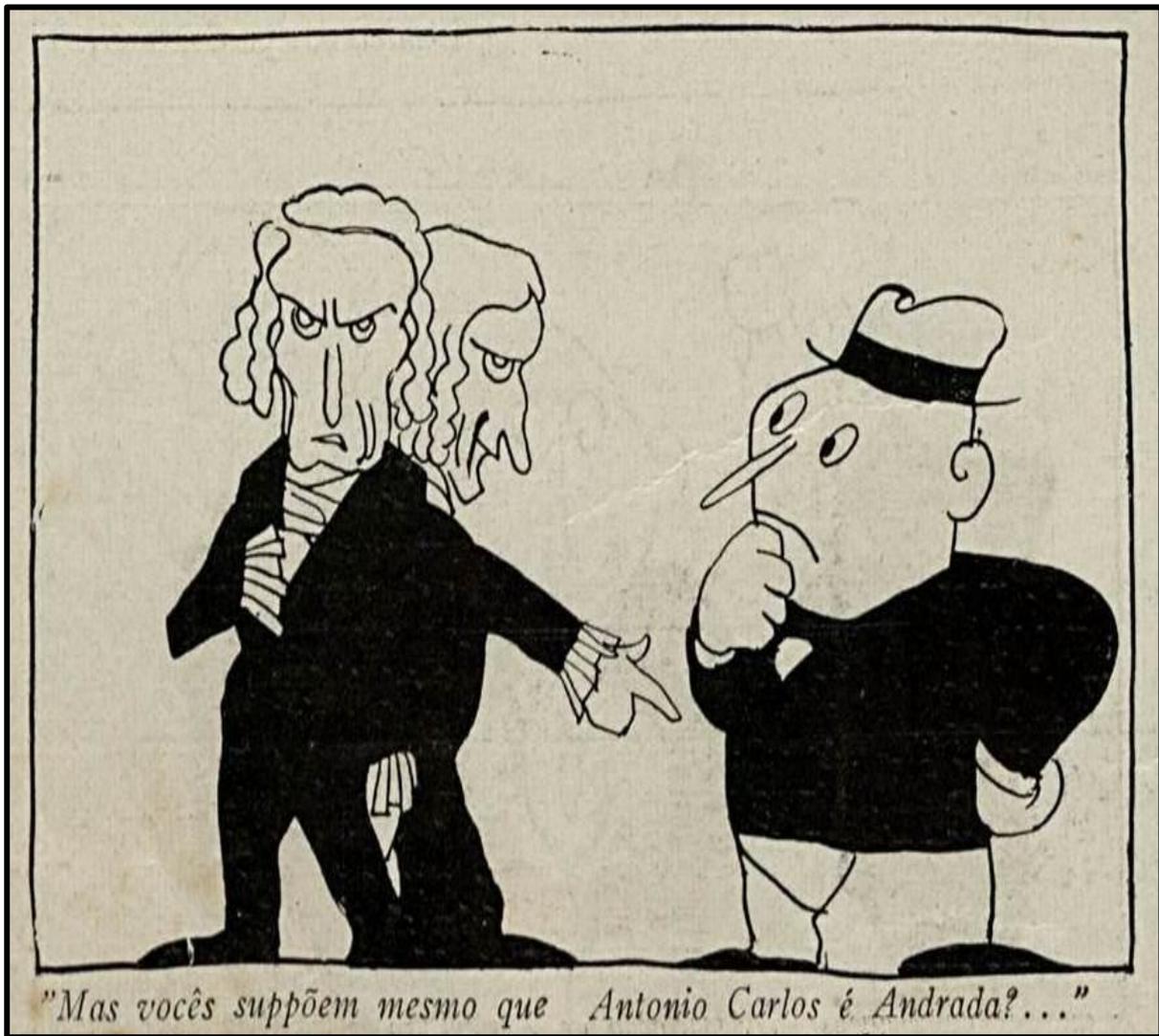


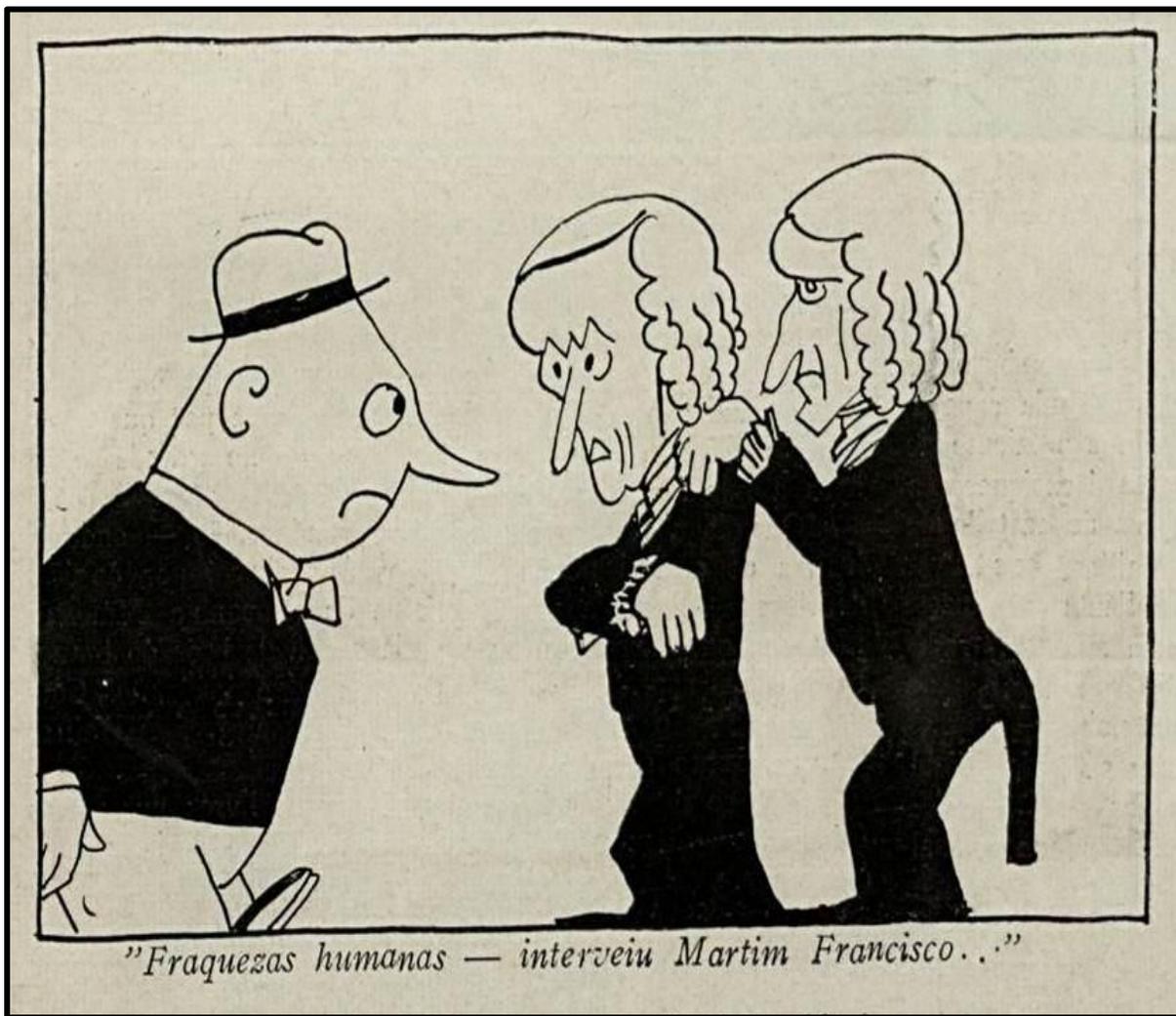


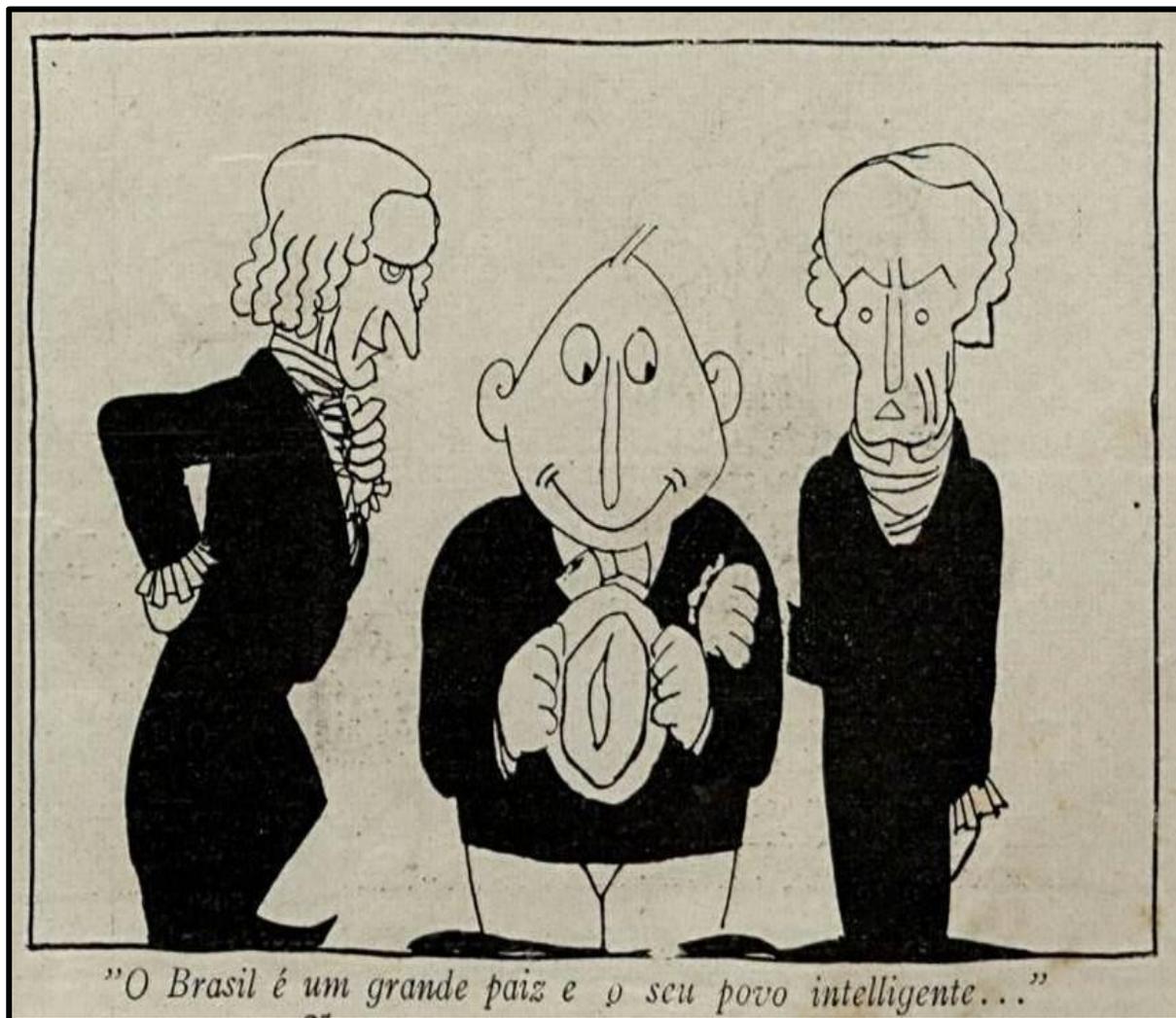
*o Malho* 28 — Dezembro — 1929

# COMO OS<sup>RS</sup> ANTONIO CARLOS É VISTO DE LONGE PELOS SEUS ANCESTRAES





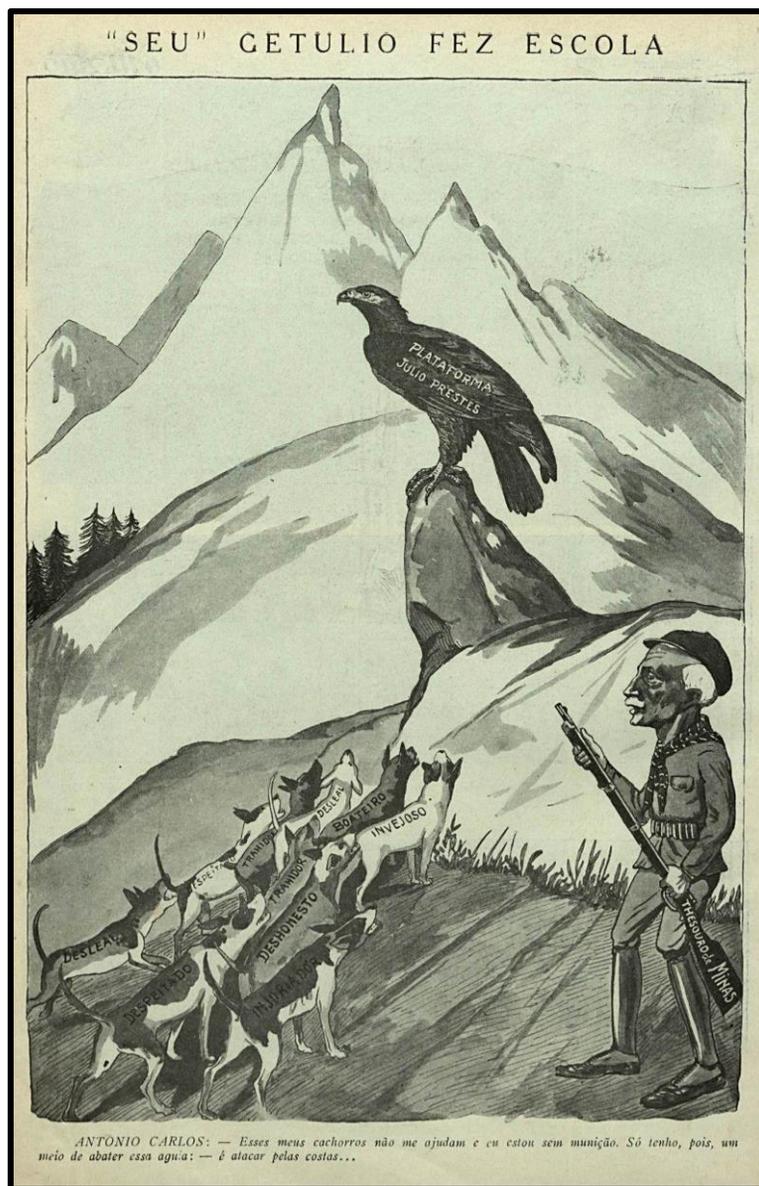




A ALIANÇA LIBERAL E O ANTAGONISMO DE PARTE DA REVISTA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
O MALHO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Assim, por ocasião da sucessão presidencial desencadeada no ano de 1929, a revista ilustrada e humorística carioca *O Malho* fez a opção por manter-se ao lado da candidatura situacionista e manifestar forte antagonismo para com os integrantes da Aliança Liberal. A alternância de poder entre paulistas e mineiros, vez ou outra sacudida pela existência de algum tipo de dissidência no campo oligárquico, notadamente entre as oligarquias periféricas e as centrais, encontrava naquele final de década a sua mais grave dissensão, marcada inclusive pela ruptura no seio das oligarquias centrais. Diante desse quadro político, o periódico fez campanha em prol do candidato oficial Júlio Prestes, buscando valorizar sua atuação, assim como a do Presidente que sugeriu seu nome, Washington Luís. Mas a publicação foi mais além, mantendo um ataque extremamente recorrente em direção aos aliancistas, não poupando esforços para desqualificá-los de deslegitimar suas formas de pensar e agir. Nesse sentido, mais que governista, a publicação orientou-se por uma postura de ampla incompatibilidade para com os oposicionistas. Ainda que a crítica política, inclusive quanto ao modelo vigente, fosse a marca registrada do semanário, a mesma era praticada em consonância com certos limites, pois, como empreendimento comercial, a empresa jornalística tinha interesse na estabilidade do país, de modo que via o acirramento da disputa partidária entre governo e oposição como um fator desestabilizador do país, o que poderia acarretar em crise e dificuldades econômicas. Dessa maneira, entre uma certa tranquilidade com a manutenção do status quo e os riscos de uma suposta mudança mais radical, *O Malho* escolheu o primeiro caminho, de modo que transformou suas páginas em verdadeira arma de combate à Aliança Liberal,

utilizando como munição todo o poder de fogo e de penetração popular da arte caricatural.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



# Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



[edicoesbibliotecariograndense.com](http://edicoesbibliotecariograndense.com)



9 786589 557968

ISBN: 978-65-89557-96-8